

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

POS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MBA'É PA REIPOTÁ?

me respondeu o povo guarani

Viviane Fernandes Silveira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do título de Doutora em Educação

Orientadora:

Dra. Maria Nestrovsky Folberg

Banca Examinadora:

Cacique José Cirilo Morinico (TEKOÁ ANHETENGUA)

Dra. Maria Aparecida Bergamaschi (UFRGS)

Dr. Mario Fleig (UNISINOS)

Dra. Martha Marlene Wankler Hoppe (UERGS)

Porto Alegre, janeiro de 2013

¿QUÉ HACE ESA INDIA HUICHOLA QUE ESTÁ POR PARIR? ELLA RECUERDA, RECUERDA INTENSAMENTE LA NOCHE DE AMOR DE DONDE VIENE EL NIÑO QUE VA A NACER, PIENSA EN ESO CON TODA LA FUERZA DE SU MEMORIA Y SU ALEGRÍA, ASÍ EL CUERPO SE ABRE, FELIZ DE LA FELICIDAD QUE TUVO, Y ENTONCES NACE EL BUEN HUICHOL, QUE SERÁ DIGNO DE AQUEL GOCE QUE LO HIZO.

UN BUEN HUICHOL CUIDA SU ALMA, SU ALUMBROSA FUERZA DE VIDA, PERO BIEN SE SABE QUE EL ALMA ES MÁS PEQUEÑA QUE UNA HORMIGA Y MÁS SUAVE QUE UN SUSURRO, UNA COSA DE NADA, UN AIRECITO, Y EN CUALQUIER DESCUIDO SE PUEDE PERDER.

UN MUCHACHO TROPIEZA Y RUEDA SIERRA ABAJO Y EL ALMA SE DESPRENDE Y CAE EN LA RODADA, ATADA COMO ESTABA NOMÁS QUE POR HILO DE SEDA DE ARAÑA. ENTONCES EL JOVEN HUICHOL SE ATURDE, SE ENFERMA, BALBUCEANDO LLAMA AL GUARDIÁN DE LOS CANTOS SAGRADOS, EL SACERDOTE HECHICERO.

¿QUÉ BUSCA ESE VIEJO INDIO ESCARBANDO LA SIERRA? RECORRE EL RASTRO POR DONDE EL ENFERMO ANDUVO, SUBE, MUY EN SILENCIO, POR ENTRE LAS ROCAS FILOSAS, EXPLORANDO LOS RAMAJES, HOJA POR HOJA, Y BAJO LAS PIEDRITAS. ¿DÓNDE SE CAYÓ LA VIDA? ¿DÓNDE QUEDÓ ASUSTADA? MARCHA LENTO Y CON LOS OÍDOS MUY ABIERTOS, PORQUE LAS ALMAS PERDIDAS LLORAN Y A VECES SILBAN COMO BRISA.

CUANDO ENCUENTRA EL ALMA ERRANTE, EL SACERDOTE HECHICERO LA LEVANTA EN LA PUNTA DE UNA PLUMA, LA ENVUELVE EN UN MINÚSCULO COPO DE ALGODÓN Y DENTRO DE UNA CAÑITA HUECA LA LLEVA DE VUELTA A SU DUEÑO, QUE NO MORIRÁ.

EDUARDO GALEANO

AGRADECIMENTOS

Ao Psicanalista e Prof^o Dr. Mario Fleig e à Escola de Estudos Psicanalíticos pela minha formação nos cuidados com a alma.

À Psicanalista e Prof^a Dra. Maria Nestrovsky Folberg, pela sabedoria, generosidade, acolhimento e ensinamentos.

À Prof^a Dra. Maria Aparecida Bergamaschi, pela via real para os meus sonhos.

À Psicanalista e Prof^a Dra. Martha Marlene Wankler Hoppe pelas apostas, trocas e construções.

À Prof^a Dra. Esther Sulzbacher Wondracek Beyer e ao GEMUS, pela música. E pela edificação dos primórdios.

Ao Dr. Ricardo Herbert Jones e sua equipe, verdadeiros profissionais do nascimento, inclusive deste trabalho.

À Prof^a Ma. Jacimara Machado Heckler, por ter reconhecido e viabilizado a importância da minha aproximação com os mbyá-guarani.

À Prof^a Dra. Ana Lúcia Tettahmanzy, pelas tão poéticas e humanas vivências de quando temos a palavra no lugar do sagrado.

Aos meus colegas de ambos os grupos de pesquisa, por terem sido sempre as alteridades mais benfazejas que eu poderia cogitar.

Aos alunos da graduação que me trouxeram tanta alegria profunda, como nomeiam os guarani.

Aos professores Jerônimo Franco, Hugo França e Jackson Alexandre Ramos e também Nélide Morinico e a todos da Tekoá Anhetengua que são o próprio coração e alma deste trabalho.

Ao Prof^o Cacique Vherá Poty, pelos caminhos da iniciação, no idioma e na força e magia de seu povo.

Ao Cacique José Cirilo Morinico, pela autorização, oportunidade e reconhecimento do que viabilizou que eu encontrasse meu caminho neste mundo.

Ao povo Guarani, pelo universo.

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS	9
CAPÍTULO 1- O ENCONTRO COM ESTHER BEYER E O GEMUS- GRUPO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MUSICAL	14
CAPÍTULO 2- O ENCONTRO COM RICARDO JONES E SUA EQUIPE E O PARTO DOMICILIAR	41
CAPÍTULO 3- O ENCONTRO COM A OBRA DE RODOLFO KUSCH	63
CAPÍTULO 4- O ENCONTRO COM GABRIEL BALBO E O TRAÇO DO CASO	72
CAPÍTULO 5- TEKOÁ ANHETENGUA- ALDEIA VERDADEIRA	106
CAPÍTULO 6- EDUCAÇÃO INDÍGENA E PSICANÁLISE: GRUPOS DE PESQUISA, GRADUAÇÃO, IDIOMA MBYÁ-GUARANI E PELA AMÉRICA AFORA	138
CAPÍTULO 7- QUANDO A DÍVIDA VIRA DÁDIVA: ENCAMINHAMENTOS FINAIS E PROJETOS	186

RESUMO

Este trabalho trata do encontro entre três campos: psicanálise, educação e povos indígenas. Parte de reflexões iniciais da autora em seus diálogos com educadores musicais, que se ocupavam da sensibilização musical de bebês, em seguida, com profissionais da área do nascimento e suas batalhas em meio ao tema da humanização do parto. Por fatores psíquicos e contingentes, assim como de escolhas de diversos níveis, feitas pela autora, o desdobramento, de fato, da pesquisa, termina se dando em meio à pergunta sobre a dimensão do retorno da ancestralidade, tanto do lado da prática clínica, quanto da educação. Por ter passado a interrogar este elemento, assim como ter realizado um mergulho em textos, cujos autores da área da filosofia e antropologia, estavam voltados para o pensamento ameríndio, parte crucial e reveladora do trabalho, passa a se dar, quando da imersão e trocas em uma comunidade guarani nas bordas de Porto Alegre. A experiência vem coroar as reflexões sobre ancestralidade e abrir para um novo e poderoso universo, não apenas da clínica e educação, como de lugares possíveis para a escuta e aprendizagem nas comunidades indígenas. O trabalho convida a pensar e sentir sobre o que as aproximações realizadas têm a nos ensinar nestes campos, junto ao tema da dimensão da ancestralidade e subjetividade, assim como nos interroga sobre a verdade de nossa posição e responsabilidades em nossas terras em sua pergunta título: que queres? Mba'é pa reipotá?

ABSTRACT

This work deals with the encounter between three fields: psychoanalysis, education and indigenous peoples. Part of the author's reflections on their initial dialogues with music educators, who took care of babies musical awareness, then with birth professionals and their battles amid the theme of the humanization of childbirth. By psychological factors and quotas, as well as several levels of choices made by the author, the unfolding, in fact, the research ends up giving amid questions about the size of the return of ancestry, both on the clinical practice, as education. Having spent interrogating this element, as well as having held a dip in texts whose authors in the area of philosophy and anthropology, were facing the Amerindian thought, revealing and crucial part of the work, shall be given, and when immersion changes Guarani community in the edges of Porto Alegre. Experience crowns reflections on ancestry and open to a powerful new universe, not just the clinic and education, as possible places for listening and learning in indigenous communities. The work invites us to think and feel about what they have made approaches to teaching in these fields, with the theme of the dimension of ancestry and subjectivity, as well as the question of the truth of our position and responsibilities in our lands in your title question: what do you want? Mba'é pa reipotá?

RÉSUMÉ

Ce travail traite de la rencontre entre trois domaines: la psychanalyse, de l'éducation et des peuples autochtones. Partie des réflexions de l'auteur sur leurs dialogues initiaux avec les professeurs de musique, qui ont pris soin de prise de conscience des bébés musicale, puis avec les professionnels de la naissance et de leurs batailles au milieu le thème de l'humanisation de l'accouchement. Par des facteurs psychologiques et des quotas, ainsi que plusieurs niveaux de choix faits par l'auteur, le déroulement, en fait, la recherche finit par donner au milieu des questions sur la taille de le retour de l'ascendance, à la fois sur la pratique clinique, l'éducation. Après avoir passé interroger cet élément, ainsi que d'avoir tenu un plongeon dans les textes dont les auteurs dans le domaine de la philosophie et de l'anthropologie, faisaient face à la pensée amérindienne, qui fait partie révélateur et crucial du travail, doit être donné, et lorsque des changements d'immersion communauté guarani dans les bords de Porto Alegre. L'expérience vient couronner réflexions sur l'ascendance et de s'ouvrir à un univers nouveau et puissant, et pas seulement de la clinique et de l'éducation, comme des lieux possibles pour l'écoute et l'apprentissage dans les communautés autochtones. Le travail nous invite à penser et ressentir ce qu'ils ont fait approches de l'enseignement dans ces domaines, avec le thème de la dimension de l'ascendance et de la subjectivité, ainsi que la question de la vérité de notre position et les responsabilités dans notre pays dans votre question Titre: Que voulez vous? Mba'é pa reipotá ?

Palavras iniciais

Lembro bem o que me fez saber que era a pesquisa psicanalítica o que me interessava. Foi a ideia de que neste método de investigação, consequência da ética, lógica e prática clínica, buscávamos a dimensão da surpresa, do intencionalmente acidental.

Disposta e exclusivamente interessada nesta questão, decidi caminhar ao longo do curso do doutorado, partindo de elementos da prática, formulações teóricas e encontros que se esboçavam em função das trocas na universidade e do campo de formação em psicanálise, a qual inclui diálogos também com outros setores do conhecimento.

A trajetória percorrida e constituída de descontinuidades, impasses, surpresas e achados que me descentraram bastante, resultou em uma nova proposta de atividades e possibilidades de intervenção. Acredito que apresentar, em alguns capítulos, como cheguei a estes achados, é o que possuo para responder à oportunidade deste período de formação que me foi oferecida também junto à universidade.

As interrogações que se colocavam no início da trajetória se reviraram muitas vezes. Hoje eu não teria mais como apontar o que é avesso ou direito do quê, mas sim que encontrei uma verdade que considero muito importante e que acredito deva ser encaminhada em um novo projeto, assim como compartilhada com mais pares.

O resultado, deste modo, que apresento aqui é fruto de cinco encontros cruciais que tive com temas, situações, autores, enfim, que me jogaram em questionamentos e ações de investigação, leitura e prática, e em consequência dos quais não posso não perguntar sobre as inevitáveis aproximações entre psicanálise, educação e povos indígenas na realidade cultural na qual estou inserida.

Parto das consequências, dos efeitos, das últimas surpresas com as quais me deparei neste percurso para então retornar aos encontros anteriores e então lê-los à luz desta posterioridade que define sentidos nos fatos prévios. O momento de corte que escolhi e diante do qual entendi que era momento de escrever, foi o momento em que se desenhou consistentemente uma possibilidade de trabalho com os elementos que situo aqui, assim como de um encaminhamento de uma nova formação e pesquisa na

universidade em função deste achado que fiz, sua relevância, assim como do desejo de me dedicar a ele por tempo indeterminado.

Para introduzir, em algumas palavras, no que consistirão estes momentos dos quais julgo ser importante tratar aqui, inicio com o tema da educação musical infantil. Durante uma década, como consequência das trocas ocorridas em minha pesquisa realizada no mestrado sobre a dimensão da voz e seu fundamental lugar no nascimento do humano, trabalhei com um grupo de investigadores musicistas. Em parte deste período acompanhei atividades práticas deles voltadas para o público de bebês e seus familiares.

Meu lugar no grupo se justificava pelo interesse de fazer dialogar psicanálise e educação musical, assim como pensarmos em conjunto sobre algumas situações de impasses e também muitas outras que se apresentavam de maneira tão criativa e curiosa quanto é capaz de produzir a subjetividade humana no cotidiano das aprendizagens e das trocas no social.

A extensão e riqueza desta vivência em minha formação teve consequências em minha prática clínica e, é claro, foi tão marcante no que tange a compreender a magnitude da relevância da interface psicanálise e educação, que iniciei uma nova caminhada de pesquisa, junto aos educadores. O trabalho com os musicistas se encerrou ainda no início do doutorado.

Em seguida começou em um novo grupo, com educadores também, uma aproximação com profissionais da área da obstetrícia e, com eles, ecoaram, por um período, vozes de pessoas que lutavam pela causa do nascimento humanizado. Tratava-se de profissionais e famílias que muito me ensinaram, ainda que nossa convivência tenha sido menos longa que a trajetória descrita anteriormente, sobre antropologia do nascimento, as aberrações que o sistema atual de saúde mundial, inclusive, produz quanto ao tema do parto, chamando atenção, é claro, a posição da realidade brasileira neste quadro em comparação com o resto do mundo.

Eles me trouxeram muitas preciosidades sobre o que nem se suspeita cogitar mais na atualidade dos cuidados com o nascimento sobre aspectos emocionais, sexuais, ancestrais e culturais envolvidos neste ato nada cirúrgico, se ato, de fato. Porque encontrei estas pessoas, inclusive, me lancei a investigar e buscar, formalmente, alguns

aspectos sociais e leituras subjetivas possíveis de algumas heranças culturais que temos em nosso país. Encorajei-me a demandar um novo diálogo para, inicialmente pensar o nascimento do humano no Brasil, experimentei uma forte convicção de que precisava muito de uma escuta e palavras de alguém da área da história e, mais especificamente, que fosse muito sensível à questão dos povos originários.

Os povos indígenas estavam em meu horizonte de forte interesse há algum tempo, mas os caminhos ainda não haviam se mostrado a ponto de poder percorrê-los. Foi em meio à andança do projeto de tese e minha obstinada ideia de que os historiadores me responderiam sobre que fragmento de verdade guardaria nossa cultura para colaborar com a tragédia do tema das cesarianas, que passei a visitar um novo grupo de pesquisadores e autores.

O impacto, descentramento e, é claro, o maravilhamento, começaram de pronto e estavam, mal sabia eu, nos segundos iniciais, mesmo, do mar de voltas ainda por vir.

O terceiro encontro que devo situar aqui é com o grupo de pesquisa coordenado pela Professora Dra. Maria Aparecida Bergamaschi, com o qual tive a oportunidade de dialogar sobre a obra de Rodolfo Kusch. Os integrantes do grupo possuíam já uma trajetória na temática ameríndia e muito tinham a ensinar. O autor sobre o qual nos debruçamos trazia, em sua vasta obra, uma nova proposta, mais especificamente, de uma teoria sobre a lógica de pensamento ameríndio e seus desdobramentos nos povos do nosso continente até a atualidade.

Se por alguns instantes talvez eu tenha tido alguma fantasia de aplicar os conceitos psicanalíticos na leitura desta outra realidade inscrita em outra lógica, a angústia que se apresentou em mim de imediato, logo nas primeiras discussões e leituras, não mentia no que dizia respeito à verdadeira inviabilidade de seguir por essa ideia. Em seguida foi aparecendo que alguma outra coisa precisaria acontecer.

As trocas sobre os elementos da subjetividade ancestral e atual americana me deslocaram, me levando, finalmente, a inevitável demanda pelo momento de uma iniciação, de fato, na realidade de uma comunidade indígena, uma aldeia. Na verdade, muito mais que isso, Kusch, nossa professora e os colegas desencadearam a abertura de algum dique ou quem sabe, quase uma usina de interesses, emoções, inquietudes e

movimentos que acabaram por surpreender mesmo a mim que tanto esperava pelas surpresas.

Entre a primeira ida à primeira comunidade e o reencontro com este grupo, transcorreu um ano.

O quarto encontro que trabalharei aqui será com a própria clínica e formação em psicanálise. Origem de toda a caminhada, a formação constituída de análise, análise de controle, estudo e prática clínica, me oportunizaram não apenas chegar à estrutura lógica, mítica, fantasmática, a qual devo a causa do desejo em questão, que me leva pelas trilhas nas quais me encontro, mas viabilizaram também compreender e construir possibilidades, aberturas e descentramentos que vieram a legitimar a relevância do que terminei por encontrar.

Situar algumas passagens da formação e principalmente do que venho podendo aprender com a prática clínica, penso que justificará, em muito, minha posição em toda esta busca e achados tão legítimos. Os fatos clínicos que trarei não serão relatos, mas construções, ficções minhas elaboradas em toda esta trajetória com os pares da psicanálise e, portanto, compreendo-os como eventos psíquicos, antes de qualquer coisa, meus. Trabalharei esta ideia com clareza, inclusive nas aprendizagens que fazem parte deste texto aqui e não são estritamente de consultório, de modo que o que proponho apresentar são formulações minhas, ao invés de qualquer tipo de descrição, entrevista, observação ou método investigativo em que possamos indicar quem é o pesquisado e quem é o pesquisador. Aliás, se for o caso de precisar esta questão, teria que afirmar que a pesquisada seria a própria pesquisadora.

O ponto alto do que vou articular aqui, do lado da prática clínica, especificamente, dirá respeito a passagens em que pude aprender sobre o lugar da dimensão da ancestralidade no psíquico, assim como encaminharei algumas provocações ou, ao menos, o que para mim funcionou como, sobre a manifestação do lado do que aparentemente seriam sintomas psíquicos, mas que fazem báscula com a questão do elemento das diferenças culturais.

Penso que será esta também uma parte da discussão muito importante não apenas para refletir sobre a clínica, mas porque ali aparecerão ingredientes que muito provavelmente podem nos fazer nos interrogar sobre questões ligadas à aprendizagem.

Também, neste trecho, algumas palavras sobre a lógica e ética da psicanálise provavelmente colaborarão para pensarmos, mais para frente, no texto, porque alguns achados aconteceram, mesmo que fora das paredes da clínica enquanto modalidade clássica de tratamento.

O quinto encontro que será retratado aqui será referente à minha aceitação na realidade indígena e uma abertura sem medida para trabalhos, surpresas, construções, incluindo trocas e formação com grupos de outros territórios.

O laço em uma comunidade indígena é algo muito sutil, cheio de delicadezas e mistérios. Sobre o que nos faz chegar até um lugar assim, é provável que possamos dizer algumas palavras, no entanto, é fácil entender que estamos em contato com elevados níveis de desconhecimento em nós mesmos, assim como próximos a tesouros multimilenares dos saberes humanos sobre o planeta.

Eu diria, de início, que o nível de cumplicidade e empatia, se entre humanos é sempre determinante de qualquer trabalho que envolva o sensível, aqui alguns elementos se exacerbariam em função da história cultural, realidade atual social e distâncias grandes como em relação ao idioma, os hábitos e as crenças. No entanto, trago comigo também a hipótese de que o desejo e as afinidades podem se apresentar de tal maneira, que surpresas importantes podem ocorrer como acredito ter sido neste caso.

O que eu sei hoje, é que eles coroaram a via real para o acesso a algo tão raro e precioso, quanto inimaginável. Entregaram-me nas mãos uma verdade sobre meu desejo por um trabalho, e quem sabe, até sobre alguma possível competência minha, que transcendeu o que eu, por ventura, já houvesse cogitado em sonho.

É fundamental salientar que toda esta caminhada foi possível porque contei com um analista, uma orientadora e mais uma professora, além de generosos pares, que suportaram quatro anos de mudanças de tema, angústias, desconhecimentos, ignorâncias, desejos e pedidos por vezes, no mínimo, estranhos, até que eu mesma conseguisse chegar a alguns desses resultados e saber um pouco sobre meu lugar profissional neste mundo.

Mba' é reipotá? Psicanálise, educação e povos indígenas: sobre que verdade este encontro nos ensina?

*Capítulo 1- O encontro com Esther Beyer e o GEMUS- Grupo de pesquisa em
Educação Musical*

Durante o mestrado pesquisei muito a questão da voz, a constituição de suas modulações na primeira infância e, sobretudo, como no cotidiano clínico com crianças ainda não falantes, poderíamos intervir de modo a viabilizar um tratamento, assim como o engendramento das vocalizações e da palavra. O diálogo com o grupo de pesquisa GEMUS, que estava sendo criado na época, começou inevitavelmente e por convite e contato com a Prof^a Dra. Esther Beyer que já há algum tempo havia trazido, de seus trabalhos na Alemanha, a proposta que recebeu aqui na UFRGS, mais especificamente no Instituto de Artes, o nome de “Projeto Música para bebês”. Passei a ser membro do grupo e a acompanhar o andamento de muitas pesquisas.

Lembro bem do impacto que experimentei ao ouvir a apresentação geral dos colegas a respeito do que investigavam. Como as crianças começam a representar o tempo? Como se organizam os primeiros balbucios e sua bifurcação em intenção musical e de fala? Como as crianças começavam a organizar os primeiros parâmetros estéticos musicais? Filosofia da música. Sintaxe musical e da linguagem falada. Corais, pianos, sopros, cordas, dança, teatro e música. Foram muitas, infinitas vivências e sensibilizações, ensinamentos sobre como lidar de modo lúdico, criativo e construtivo com a dimensão sonora do infantil de modo a colaborar com a produção sonora das crianças que, como dizia nossa coordenadora, cada uma tinha sua trilha sonora particular.

Mais para o final desta década passei a acompanhar presencialmente grupos de bebês que tinham aulas semanais de música. Isso durou mais dois anos. Não eram raros os intermináveis questionamentos das educadoras sobre as singularidades envolvidas na constituição sonora de cada bebê, impasses, progressos, desistências. Inicialmente fui inserida na equipe para dialogar sobre situações subjetivas que eventualmente inquietavam, mas igualmente porque, na época, já eu tinha planos de encaminhar um projeto de pesquisa possivelmente sobre a função do belo no nascimento do humano.

Aprendi tanto sobre os primeiros meses de vida de um bebê (visto que o projeto abarcava, por semestre, cerca de 250 bebês de 0 a 24 meses), quanto sobre os detalhes da estética sonora e suas decisivas consequências na subjetividade de um humano, que

essa travessia configurou, para mim, ensinamentos únicos e que ressurgem todos os dias, de algum modo, em minhas atividades.

A pergunta com a qual iniciei o percurso de doutorado era a respeito de como, na educação musical, os parâmetros estéticos são edificados psiquicamente e que tipo de ligações possuem com o surgimento do humano, o ordenamento corporal e suas possibilidades sociais. Esta é uma pergunta bastante inevitável quando se está imersa em uma realidade de musicalização com a faixa etária da primeira infância, porque o que cai a cada instante, diante de quem acompanha processos desse tipo, são provas mais que evidentes de que novas representações são formuladas sobre o objeto musical, no caso, a cada encontro e como isso se deu nas trocas com os pares, com a educadora, em meio às competências simbólicas de cada um além de que, dia após dia, cada humano ali em questão modifica visível e rapidamente suas habilidades corporais e, em pouco tempo, cria muito mais consistência.

Para início de conversa, o ambiente da musicalização infantil exige algumas posturas. Retirar os calçados, sentar em círculo e no chão com os bebês (que, não raramente, são amamentados durante as atividades). A coletividade constitui parte crucial das construções que, antes de qualquer coisa, ocorrem desde as trocas e ligações afetivas entre os próprios bebês e suas famílias, assim como com as educadoras que acompanhavam cada grupo destas famílias por anos.

Os trabalhos são feitos a partir de elementos absolutamente primordiais, tais como: o contato corporal com o piso, no caso (e não com objetos, como móveis), são priorizadas as possibilidades de mobilidade corporal (com a utilização de roupas confortáveis e a nudez dos pés), as atividades são feitas utilizando a voz, os gestos e ritmos corporais, o contato corporal, em geral da mãe com o bebê, mas também oportunizando estas trocas entre as crianças. Os objetos propriamente ditos, escolhidos para as atividades, invariavelmente são marcados pela simplicidade material, tais como: fraldas de pano, toalhas, bolinhas com guizo, balões, bolas grandes, brinquedos que produziam ruídos. Enorme parte destes objetos eram originalmente localizáveis nas lojas chamadas de “1,99” ou vendedores ambulantes. Também fundamentais, eram os afinadíssimos instrumentos de percussão e sopro que eram disponibilizados em determinados momentos, em geral, em madeira, metal e couro.

Quem teve alguma possibilidade de proximidade e convivência com o trabalho do “Projeto música para bebês”, tem certamente consigo a dimensão do quão minuciosamente ele era pensado e quanto cada detalhe era carregado de sabedoria, de experiência prática e consistência teórica rara.

Se o contato com o piso é fundamental para que uma criança possa, a seu tempo, ir construindo parâmetros espaciais, de equilíbrio, tato, ritmo, enfim, para ir exercendo domínio sobre as próprias possibilidades de movimento, quando os adultos e educadores se colocam na mesma posição que ela, isto tem implicações para a aprendizagem da criança. Neste caso as crianças tinham a possibilidade de verem-se niveladas em sua pequena comunidade de bebês e acompanhadas por adultos que alteravam sua postura corporal habitual para construir aprendizagens com elas.

O gesto, aparentemente banal e facilitador dos procedimentos, torna-se, assim, um gesto amoroso não apenas de colocar-se em uma posição como a da criança, mas, também, de um certo reconhecimento sobre a verdade da origem das coisas, das aprendizagens, do corpo, da condição humana.

O elemento do priorizar as movimentações corporais, além de aproximar a realidade dos adultos daquela das crianças, também acentua, em algum ponto, que o que fazemos na atividade de trocas, aprendizagens e construções sonoras é mais relevante que os objetos, no caso, as roupas, mais ou menos formais ou esteticamente elaboradas. Evidentemente que a relação de cada família, com cada aspecto que pudesse surgir aí, não poderia se dar fora de suas inserções culturais, heranças transgeracionais e produções psíquicas de cada um. Assim, o tema da discussão sobre esses valores, de algum modo, estava sempre presente, assim como a edificação detalhada, por vezes, podia ser acompanhada, de traços de personalidade e sintomas (que, eventualmente, problematizavam o aprender) em função do lugar psíquico que alguns desses detalhes ganhavam na constelação familiar de cada um.

Era assim, por exemplo, que a menina, excessivamente produzida esteticamente, quando chegava na faixa etária dos 2 anos e meio, se inibia para iniciar algumas atividades, aos 3 anos preocupava-se mais com os adornos no cabelo que com a atividade proposta pela educadora e em seguida, começava a pedir repetidamente para sair e ir ao banheiro. Diante da reação dos colegas sobre estar gradualmente se atrasando, reagia sacudindo os ombros como quem sugere estar indiferente e assim

seguia preservando habilidades corporais estéticas que se tornavam caras a ela, cada vez mais.

As atividades priorizavam, como mencionei, a disposição, também, do circular. Mais uma vez o nivelamento, exercia relevância, assim como as interações em endereçamentos de mensagens com o olhar, as vocalizações ou quaisquer intervenções que os próprios bebês desejassem realizar tendo a eles mesmos, muitas vezes, como espelhos, além dos pais.

Muito precocemente, deste modo, era possível testemunhar passagens de valor inestimável sobre, por exemplo, a constituição da noção de solidariedade. Quando um bebê começava a chorar muito, outros buscavam o olhar das respectivas mães e, por exemplo, encontravam uma maneira de encorajar o colega ressentido, oferecendo, por vezes, a própria chupeta ou algum objeto com o qual estavam muito entretidos até então. Não era raro que oferecessem algo que até então experimentavam com a boca.

Também presenciávamos muitos momentos em que, em função de que aquela convivência se dava de modo muito precoce e sempre entre mais ou menos as mesmas pessoas, as crianças já conheciam um pouco do que era desafiador, difícil ou importante para cada jovem colega. Assim, por exemplo, abrir mão da bola de cor favorita para que o colega pudesse ficar com aquela, sem a qual, ele entraria em pânico, acontecia também muitas vezes.

Intervenções um pouco mais verticais, partindo das crianças, também eram realidade! Algumas turmas tinham crianças com até 3 anos. Com um pouco mais que isso eram encaminhados para escolha de instrumentos individuais, muitas vezes. A partir dos 2 anos, já então, um pouco mais verticais, se um colega transbordava muita manha, podia acontecer de um outro atravessar a sala e perguntar-lhe com firmeza: “qual é o nome do teu pai?”

As crianças com dificuldades maiores de nivelamento e tendência maior a uma posição de exclusivismo, suportavam mal não ter a bola de cor mais forte, o instrumento de som mais vigoroso ou de tamanho maior. Os elementos e preferências estéticas, assim como as possibilidades de interação e aprendizagem, evidentemente, acabavam por acontecer na exata medida em que cada objeto, representação, significante, enfim, era situado em uma cadeia de outras representações, precisamente ordenadas por

posições subjetivas, discursivas, próprias dos encontros desses bebês com suas famílias e ambiente social.

De saída, deste modo, era possível entender que as representações em jogo, no caso, sobre os elementos estéticos, tais como: tamanho, cor, forma, altura, ritmo, texturas, timbres e intensidades, dentre outros, começavam a ser apresentados para as crianças a partir de uma realidade social, discursos familiares, lugar o qual cada criança ocupava subjetivamente. As construções das percepções, memória e invenções, eram visivelmente realizadas dentro da lógica simbólica que começava a ser articulada psiquicamente por cada aluno nas trocas com suas alteridades.

Ainda muito interessante, creio que é salientar o possível impacto que tanto este distanciamento dos “móveis”, das roupas formais e dos brinquedos muito elaborados podia trazer para a realidade em questão. A tônica, não rara na dimensão do consumo, dos objetos que fazem muitas coisas e das implicações financeiras deles, abre uma série particularidades para aspectos subjetivos, de produção e aprendizagem hoje em dia. O simples, o artesanal, o que podia ser utilizado e eventualmente, quebrado, situava as coisas em um determinado cenário. Seria demais não dizer que, sutilmente, colaboravam para que a criação, mobilidade e, porque não, uma certa, apreensão da dimensão do saber (sempre corporal), ganhasse mais luz.

Se na clínica infantil na atualidade de pesquisadores de ponta sobre o assunto, existe toda uma proposta de, inclusive, suprimir a utilização dos brinquedos e objetos ao máximo, para que a criança em tratamento trabalhe, exclusivamente, com a voz e as produções gráficas, neste caso, não eram de um todo erradicados os objetos, mas eles eram, por outra via, situados no devido lugar. E com isso, também o era a ideia de que naquele ambiente havia valores que em muito se distanciavam da dimensão do consumismo. Também frequentes eram as discussões sobre a confecção de objetos e situações que pudessem, em casa, por exemplo, ser interessantes para os jogos simbólicos das crianças.

O que será que, com isso, acabavam por demandar mais acentuadamente destes pais e crianças?

Lembro também que os cuidados com a higiene eram muito considerados, mas, no entanto, também sábios no que tange a limitar o excesso. Alguns pais esperneavam demandando mais esterilização.

Os elementos estéticos musicais e, é claro, outros padrões estéticos que inevitavelmente se articulam em associação com eles, faziam parte da edificação do mundo e, assim, da própria dimensão psíquica da criança. Falar mais detalhadamente sobre isto, se torna fundamental. Mas antes disso, cabe ressaltar que, de início, é bastante visível a ligação evidente entre estes valores estéticos sendo edificados, assim como aqueles da ordem da ética, enquanto parâmetros em torno dos quais as trocas ocorrem e constituem subjetivamente e também, com isso, a representação deles termina por ser parte estrutural da própria lógica simbólica que organiza o psíquico.

Se a posição de autores sobre o tema é de que estes parâmetros são o que fazem barreira contra a destruição, nos ligando à cultura, as nossas alteridades e em torno do que também construímos nossos interesses e buscas, compreender, mais detalhadamente como isso acontece era o que me impulsionava na caminhada em questão. Um retrato destes fatos psíquicos, ainda que em situação de aprendizagem e não da clínica, é o que proponho aqui.

Os acontecimentos que trago aqui são, portanto, recortes meus, breves ficções desde minha própria lente, em posição de quem estava incluída em uma equipe de profissionais que se ocupavam de construir com esses bebês e suas famílias suas primeiras modulações sonoras e corporais em situação de educação formal. São cenas que construo na memória e na escrita após muitos anos das passagens concretas e desde minha própria realidade, portanto, psíquica.

As passagens objetivas, as quais nem mesmo uma câmera poderia registrar, uma vez que o ângulo seria dado por um humano, serviram de infinitas inspirações para que alguma cena ou história pudesse ser contada aqui.

Um aspecto com o qual eu gostaria de iniciar esta discussão é a respeito de um tipo de fenômeno absolutamente frequente no ambiente de educação com atividades voltadas para bebês. Refiro-me ao fato de que a manutenção do estado de vigília e também de atenção e interação com alteridades e atividades, são elementos que se alteram muito em muito pouco tempo. Nos encontros mais iniciais com as famílias, não

era raro presenciarmos bebês suportarem alguns minutos de atividade e adormecerem. Em poucos dias passavam a permanecer mais tempo despertos e interessados. Além da questão do adormecimento, outros fenômenos que podiam surgir com alguma frequência era da demanda pela amamentação e, até mesmo, em casos de maior transbordamento, da saída do ambiente das atividades, em geral, o que ocorria quando a criança começava a chorar muito e permanecia em situação de difícil tranquilização por mais tempo.

Este tipo de recorte me é muito caro porque é um dos locais onde se pode testemunhar de modo mais material, impossível, a dimensão do surgimento, instauração de representações psíquicas em pouquíssimo tempo, que transformam a possibilidade de um humano passar de um estado subjetivo de quem nada pode fazer além de se fechar no sono, no contato corporal ou desorganizar-se em um choro de duração extensa, para uma posição de troca, atenção, produção e interesse.

É um tipo de passagem na qual também temos tudo a aprender sobre como é ser, digamos, “novo” em um ambiente, cultura, linguagem, demandas. A compreensão é pouca, o corpo pode perder a ordem, o desejo de proteger-se em um recolhimento do que já se sabe, não é surpreendente. Um tanto mais surpreendente, no entanto, pode ser vermos isso acontecer com um adulto já com muitos recursos constituídos, experimentar fenômenos psíquicos vizinhos a estes quando, por exemplo, depara-se com uma experiência com uma cultura absolutamente outra. Mas a isso, retorno mais tarde.

Era assim que em dois, três encontros, por exemplo, tínhamos a possibilidade de presenciar crianças já demonstrando algum tipo de reconhecimento do ambiente, olhando tranquilamente ao redor, dando sinais de preferências por algum objeto ou local da sala, atividade, cantiga. Mais tarde esses sinais ficavam mais estridentes, quando passavam claramente a pedir por algumas dessas coisas agitando as perninhas ou os braços, fazendo menção a alcançar algo com as mãos ou vocalizando.

Um bom exemplo é mencionar a abertura das atividades. Elas tinham rotinas que eram muito importantes para as crianças orientarem-se temporalmente e no que faziam ali. As aulas começavam com um cumprimento falado e depois cantado que diziam a cada bebê seu nome e lhe dava as boas vindas.

Nas primeiras vezes, dependendo da faixa etária podia acontecer de, aparentemente, o bebê nem dar sinais de que estava atento ao que estavam produzindo ou do que se tratava ou sequer se tinha alguma compreensão daquilo. No entanto, frequentemente, em seguida dava a ver que percebia que estavam todos lhe olhando, acenando e dizendo o seu nome. Uns dias depois acontecia até de demonstrar que estava aguardando que chegasse a sua vez de ser saudado. Depois, inclusive, passavam a acenar para os colegas ou fazer vocalizações.

Assim, se deslocavam de um estado de não orientação inicial para um outro em que já sabiam como e onde sentavam com suas mães, quem poderia estar ali, que tipo de coisa poderia vir a lhes acontecer e até, dominando um pouco mais o ambiente e o estilo das trocas, lançarem-se em aventuras. Eram todos estrangeiros chegando ao país alheio, de início, onde cada um falava uma língua particular com sua família e pensavam-se únicos no planeta. Mas aos poucos, iam tornando-se irmãos em uma comunidade que lhes pertencia.

Não era raro também que muitas famílias ali criassem vínculos fortes, para além das aulas de música e, deste modo, os bebês. Quando já articulavam algumas sílabas, pediam horas ou dias antes das aulas, para encontrar os colegas, fazendo entender que estavam aguardando para rever a todos. Os depoimentos eram muitos a cada aula, de que as crianças sabiam que naquele dia tinham aula de música, porque entoavam o nome da professora ou alguma sílaba ou formulação vocal que lembravam, a própria expressão, “aula de música”.

A aula de música que virava cumprimento, que virava olhares, nomes, pausas e expectativas, ia virando, assim também, algo que tinha registro verbal e este, por sua vez, o que autenticava que todos pudessem compreender o que a criança sabia, lembrava e estava querendo.

A aula de música invocava, assim, ou fazia parte do conjunto de vivências que invocava aquelas crianças a começarem a levar em consideração as linguagens próprias das trocas ordenadas por um código comum a todos. Por fazer isso em faixa etária ainda bem precoce, o trabalho por vezes, ficava conhecido no social como um lugar que operava tal efeito, que as crianças falavam muito cedo e muito bem. Também outras imagens eram comuns, tais como, que havia ganhos cognitivos importantes e, futuramente, reconhecíveis em áreas como da lógica matemática.

Mas a posição do grupo de profissionais, neste caso, era muito cuidadosa, inclusive neste quesito. Havia intermináveis discussões sobre ética envolvendo a linguagem musical, não apenas a questão do repertório, problema tão corrente atualmente nas escolas infantis atualmente, que confrontam os educadores diariamente em função das questões com a mídia, a erotização, dentre outras. A música era pensada como um fim em si. Ela não devia e não podia ser utilizada para gerar, garantir ou vender outras coisas, como aquisição de superdotação ou elemento que contribuiria com o marketing das escolas infantis.

As invocações musicais que iam, assim, sendo também respondidas, podiam ser visualizadas em infinitas passagens. Uma das mais tocantes, referia-se à rodada de balbucios. Como sempre, na lógica circular, cada dupla, geralmente de mãe e criança, era contemplada com uma canção que fazia uma pausa e cabia à mãe enunciar o balbucio favorito do seu bebê, ao que todos respondiam, reproduzindo-o. Em seguida, passavam para a dupla balbuciante ao lado e assim por diante. Com o passar dos meses, víamos crianças atentas, respondendo e, é claro, chegava o momento em que as mães davam lugar aos bebês, pois eles mesmos tomavam frente e balbuciavam o que lhes era de direito.

Alguém que desejava que seu bebê sonorizasse, sonorizava com ele, escutava, lia sua resposta e seguia articulando-a repetidamente nas trocas até concluir que aquele recorte agradava a aquele bebê e declarava-o parte de sua identidade vocal. A ficção sonora era passada adiante e reconhecida socialmente, articulada com mais outros bebês e pais. As coisas iam ao ponto em que a criança não apenas se dava conta que era com ela, mas que estavam pedindo que ela cantasse suas vocalizações, antes próprias das trocas privadas com a mãe. A criança ali começava a, inclusive, topar socializar, responder a uma regra comum aos balbuciantes e começava também, com isso, a ter satisfação nestas novas trocas niveladoras.

Do mesmo modo, em outras atividades como das dancinhas livres pela sala, em que as mães se movimentavam com os bebês e um pompom, víamos os mesmos começando a se interessar por olhar uns para os outros, usufruir das qualidades sonoras das canções escolhidas ou, até mesmo, do colorido ou movimentado andamento dos pompons tão almejados para irem à boca. Pouco a pouco iam deixando o sono, o colo, o

seio ou até mesmo o silêncio e substituindo-o pelo aceitar o semelhante, vários deles, no caso.

Aceitar o outro, perceber qualidades sonoras, visuais, gestuais. Interessar-se por trocar, suportar esperas, usufruir da presença alheia. Esses bebês iam, delicadamente tomando forma, ganhando voz, consistência, tônus, encorpando preferências e estilo.

As atividades musicais, e neste formato, operavam com uma linguagem que entra com elementos que se aproximam em muito da dimensão do corporal e do pulsional. A música, com sua estrutura tão equivalente àquela da voz humana e tão cheia de semelhanças com os sons do corpo, inclusive ouvidos durante a gestação, emplacava concomitantemente com a introdução de elementos estéticos, a entrada do semelhante e da cultura.

A audição de produções musicais eruditas da cultura ocidental e de outras, a audição da voz da mãe junto a um balão que era colocado próximo ao rosto do adulto e o ouvido da criança, audição de bolas que ao deslizarem produziam sons semelhantes aos balbucios humanos, dentre muitas outras possibilidades que priorizavam ora a melodia, ora ritmos, ora toda obra e assim por diante, eram frequentes a cada encontro. Exercitavam a posição da percepção dos sons, da postura do corpo, da audição do silêncio e seu preciosíssimo valor, conferindo, a cada vez, todo um respeito e reconhecimento no que tange ao universo sonoro e ao que se pode aprender a pensar sobre ele.

O momento da aula de música configurava não apenas um momento especial na semana em que pais e crianças percorriam todo um ritual juntos, desde o preparo para ir à atividade, passando por toda a vivência da própria e assim por diante, mas trabalhava extensamente o que é tão caro e essencial ao mundo da linguagem musical, para que se a possa ouvir e lidar com ela: o intervalo, tão ricamente metaforizado tanto nos trechos sonoros, quanto naqueles que o fazem ser ouvidos: as pausas.

Então, estas crianças, integrantes do Projeto, tinham a possibilidade, muito cedo, de vivenciarem uma rotina de horários, combinações, a dimensão da figura da educadora e de pares do mesmo nível deles, toda a riqueza da linguagem em questão, da cultura da qual faziam parte (que, aliás, era todo o tempo marcada como miscigenada). O trabalho era, em si, um gesto de hipótese de sujeito da aprendizagem e, também, o

que, não creio tão comum em nossa cultura atual, uma compreensão da dimensão das competências e responsabilidades destas pessoas que ali se educavam, ainda que muito jovens. Elas eram enormemente pensadas como pessoas.

Uma passagem das mais impressionantes era também a das histórias que eram contadas pela educadora com a leitura de um livro com letras e figuras que eram mostradas aos bebês. Também eram utilizados objetos (geralmente sonoros) ou outros para colaborarem na construção, assim como cantos e, em seguida, o acompanhamento com o piano.

Como era de costume, os bebês logo sentiam que ali havia algo para eles e prestavam atenção. No entanto, rapidamente, passava a acontecer bem mais que isso. Assim que conseguiam ter mínimas condições motoras para começar a tentar engatinhar, eles passavam em comitivas, a tentar se aproximar da professora e seu livro. Mais especificamente, eles paravam diante dela e seus olhos percorriam, sobretudo, dois espaços: o das frases escritas e o da boca que se mexia lendo o texto.

Eles liam a boca da educadora e não resistiam à atração pelas letras no livro. Interagiam, é verdade, de outras formas também, mas o detalhe que saliento, parecia-me escandalosamente evidente, para deixar de recortar. Eles pareciam declarar o momento exato em que, não apenas deflagravam a origem das letras, como sentir, misteriosamente que aquilo que era mostrado no corpo e no som, tinha, sabe-se lá como, ligação com as frases que eram lidas no papel e percorridas com o dedo.

A forma do gesto corporal, a forma sonora, a forma dos traços no papel, o tempo envolvido neles, o fato de serem mostrados concomitantemente, seria isso que os impulsionava a associar as possíveis e geniais ligações? Estas, assim como outras demonstrações muito precoces, como o detalhe de um hábito, por exemplo, de arquear uma das sobancelhas, exatamente como fazia um dos pais e, em algumas semanas, irem tornando-se assustadoramente semelhantes aos familiares, às vezes, chegava a ser algo assombroso de observar com alguma distância e em quantidade grande de situações.

Eles iam tomando forma, inclusive estética e moral, cultural e sexual. Eles iam nascendo ou criando alma, iam tornando-se humanos no sentido cultural do termo. Eles iam formando entusiasmo, opinião, estilo, sintoma, afinidades, eles iam se transformando naquilo que lhes era dito, que já eram pessoas.

Não penso ser surpreendente que estas crianças falassem mais cedo que outras. Elas respondiam antes. Eram muito impregnadas precocemente pelos endereçamentos que lhes autenticava constantemente que eram cidadãos em formação. Aliás, muito logo, era comum que um novo irmãozinho se colocasse a caminho e então, se podia ver a mesma criança começando a deslizar para outro lugar e, é claro, além de ter que lidar com a famigerada travessia do complexo fraterno, o que valerá certamente comentar, havia também a importância do exercício de um novo lugar: o da transmissão.

A respeito do complexo fraterno, duas eram as modalidades muito comuns de serem presenciadas nas atividades de musicalização. Uma era situação de um bebê cujos pais encaminhavam mais ou menos em seguida ao nascimento daquele filho, um outro. A outra situação, por algum motivo não rara nos grupos que eu acompanhava (curiosamente, em uma época, era muito numerosa) era a de diversos pares de gêmeos.

Nenhum ser humano que presenciasse algumas das passagens em detalhe desses fatos incorreria, certamente, no risco de negar que se trata de um feito, no mínimo, heroico. Bem, é provável que o acontecimento psíquico da entrada do terceiro, não seja nada mais, nada menos, que a travessia-salvação que todos precisam realizar. Mas quem disse que é fácil?

Os depoimentos em forma de pranto, ataques de ciúmes, inveja, abraços e beijos que, não se sabe como, não matavam o irmãozinho e muitos, mas muitos olhares oblíquos, eram o feijão com arroz das famílias que vinham com mais de um filho. Tanto era uma das tarefas mais importantes do ponto de vista subjetivo ali, que frequentes eram as negociações e estratégias que precisávamos discutir e criar envolvendo, evidentemente, a estética musical que, neste caso, entrava como ajudante, mais uma vez de valor inestimável.

Com os pares de gêmeos também havia muito trabalho. Era tocante, aqueles serezinhos que já haviam tido que dividir espaço toda a gestação, nasciam geralmente não muito grandes, precisavam dividir as mamadas, os olhares, os pais mais exigidos e, é claro, a aula de música, desde o começo.

De outro lado, eles pareciam entender, ao menos no que presenciei e aprendi, que precisavam caminhar, responder, dividir, sim e prosseguir. Eles me pareciam ter menos espaço em si para sofrer com a rivalidade que as crianças que haviam sido

destronadas tempos depois. E, talvez, o menino mais impressionante que eu tenha visto, do ponto de vista da construção dos parâmetros estéticos em musicalização, tenha sido, justamente, um menino de um casal de gêmeos. Era fálico e nivelado muito precocemente, de uma habilidade para provocação e chamado, em relação aos semelhantes, impressionante.

Ele utilizava a linguagem que lhe estava sendo transmitida com tanto entusiasmo que se fazia conhecer e admirar por todos. Em especial lembro bem que apreciava a música e atividade que era chamada de “Trá-la”. Resumidamente, era uma atividade em que cantávamos estas duas sílabas, marcando o ritmo das mesmas com movimentos giratórios das mãos e palmas. Cantávamos cinco vezes, com as cinco vogais do alfabeto.

A questão é que, o menino que menciono, fazia este exercício com tamanha empolgação, brilho no olhar, no rosto, nos gestos, do alto dos seus, no máximo, 70 centímetros de verticalidade, que era impossível pensar no “Trá-la”, sem lembrar desta criança. Ele maravilhava-se, imitava, oferecia ao outro o que fazia, supondo ser do interesse deste outro, confirmava este interesse e, é claro, repetia. Com o passar do tempo, não bastava vibrar com o exercício, ele chegava a caminhar pela sala, aproximando-se das professoras e demais presentes, tamanha a emoção que experimentava.

Naquele momento ele não dividia. Ele era a majestade da sala, ainda que simpática, respeitadora das regras, muito bem-humorada e muito risonha.

O interesse pelo ritmo, pela melodia, pelos gestos que acompanhavam a música, como uma pequena dança, certamente, construções tão estéticas, eram relação com o semelhante, com a cultura, novos elementos de si, construção de si. Eles eram resposta ao que supunha o menino do que seu semelhante esperava dele. Mas eram respostas particulares, apropriações e estilo únicos. Eram confirmações, a cada vez, de que interessavam ao semelhante, de que eram produções daquela criança, parte de suas formulações corporais, de ser humano com saber singular e reconhecido pelas alteridades.

O que este menino nos ensinava, a cada vez, era que não apenas era acalmado e assistido pelo semelhante, tampouco ficava às voltas unicamente com evocações de

imagem das experiências já vividas com ele e com o erotismo do próprio corpo. Ele lançava o que já trazia consigo das vivências de felicidade com o semelhante, das trocas bem-sucedidas, lançava os registros simbólicos em forma de provocação que, ao serem novamente respondidas, ratificavam seu lugar de sujeito e recontornavam a consistência representacional em jogo.

Outra passagem emblemática sobre momentos em que se via claramente que algo “caía” bem na nossa frente e a simbolização reinava, era o momento do jogo com o “túnel”. Como trilha sonora tínhamos, neste momento, a canção “Se esta rua fosse minha”. A atividade consistia em oportunizar que cada criança atravessasse um túnel de tecido que tinha, na entrada a professora encorajando a criança a engatinhar naquele espaço, do outro lado, a própria mãe que encorajava a criança a atravessar e vir na direção dela.

Não se tratava de uma manobra muito simples. A criança precisava topor distanciar-se da mãe, partir para a travessia com a autorização da professora, suportar a travessia solitariamente e que era em um espaço estreito e do qual não saía com muita facilidade e, por fim, aguentar a passagem sustentando a experiência com o olhar da mãe que deveria autorizar que a criança seria capaz de realizar o processo.

Muitas eram as vezes em que a criança ou não entrava ou recuava do início. No entanto, acompanhávamos intermináveis situações em que a constituição simbólica da criança, assim como as negociações em torno da atividade em questão iam, até que, um dia a criança abaixava a cabecinha, entrava no túnel e ia até o final. Atravessava. Por algum motivo, este era um momento extremamente tocante das aulas.

Ele envolvia um aceite à entrega a um fazer no qual a mãe se eclipsava em algum momento e de algum modo. Distância física, visual e por algum tempo precisavam ser suportadas, portanto, à base da pura representação e da confiança. A criança precisava ter condições de manter-se calma por si mesma e concluir a atividade sozinha ainda amparada pelas palavras e olhares.

O jogo com o túnel equivalia a uma experiência com a dimensão da sombra, do escuro ou do silêncio. Era um intervalo mais longo, um momento de solidão maior. Atravessar aquele túnel era cruzá-lo com a própria trama simbólica que cada um já possuía dentro de si.

Os que já estavam mais consistentes neste aspecto das construções simbólicas, digo, que já suportavam melhor os cortes, as regras, o dividir, o perder, acalmavam-se com mais facilidade, estes atravessavam o túnel primeiro. Outros precisavam de mais tempo e mais construção. Alguns chegavam a nunca querer realizar o jogo, mas era raro.

Claro que as edificações no que tange ao universo simbólico eram produto de um jogo de posições, dança em que mãe, pai, criança, irmãos, colegas, educadoras relançavam todo tempo apostas e possibilidades de enlace, investimento e ultrapassagens. No entanto, neste caminho todo também pude aprender com bastante evidência que neste jogo, como situam bem alguns autores, cada um entra com o seu gradiente e responsabilidades.

A criança vinha com menos, ou inicialmente, quase nenhum aparato para lidar com o mundo de si e do outro. A mãe, no caso, geralmente figura mais próxima do filho, neste primeiro momento, emprestava suas representações, percepções, saberes e também, como não poderia deixar de ser, excessos e eventuais dificuldades. Em parte é com isso que uma criança tem que se haver. Mas também com as intervenções paternas, do entorno e com as próprias competências.

De modo geral tínhamos acesso a uma quantidade grande de detalhes a respeito do modo dos pais lidarem com os bebês, o que na maioria dos casos explicava a hipersensibilidade da criança, cuja mãe tinha dificuldade de filtrar o mundo nas trocas com ela, a agitação do menino que frequentava as atividades sempre com uma babá desorientada, a tranquilidade daqueles que costumavam vir com pais tranquilos e bem situados em seus valores humanos.

Mas também tínhamos a possibilidade de nos depararmos com encantadores enigmas. Eram situações inexplicáveis, em princípio, tanto para o lado das dificuldades quanto dos desdobramentos felizes. Certamente em algum lugar talvez se encontrasse uma resposta quase última, mas o que me parecia interessante era justamente a apreensão desta dimensão da surpresa e da ausência de algumas respostas.

Havia um menino cuja mãe era muito afetiva, era adequada, ele era muito interessado e alegre, uma graça. Mas o pimpolho não adormecia. Foram muitos, mas muitos meses em que víamos aquela pobre mãe chegar luxuosa de investimentos e as

olheiras cada vez maiores. O rapazinho seguia firme em seu pique de desejo e ótimo nível de interação com os colegas e educadoras, assim como com as aquisições estético-musicais. Passaram-no em uma lista de exames neurológicos. Nada. A criança não apresentava anomalias. Mas, definitivamente, não apreciava muito dormir. Era uma dificuldade e, evidentemente, algo que nos primeiros semestres trouxe muito trabalho para a mãe dele, principalmente. Ela chegou a buscar um espaço de fala, mas acabou por concluir que iria lidar com a situação e que, em algum momento, o filho iria localizar uma maneira de lidar com a questão dele também.

Havia um caso de gêmeas em que uma delas tinha uma troca muito fácil e tranquila com a mãe. No caso de gêmeos não era raro que viessem para sala de aula as crianças, a mãe e uma babá para ajudar. Neste caso, a outra menina da dupla e sua mãe, apesar de estarem em um enquadre aparentemente de muito cuidado, afeto e tranquilidade, havia, sim, alguma dificuldade que se salientava principalmente em uma das atividades, ainda que não apenas. A criança tinha um impedimento para permitir que a mãe ou mesmo a babá e outros adultos, de modo geral, a colocassem sentadinha em uma bola grande, sobre a qual seria movimentada ao longo de uma música, de acordo com a pulsação rítmica desta.

Esta criança tinha alguns momentos em que se mostrava mais sensível. Ela era uma criança calma, realizava atividades bem, dormia e mamava bem, estava avançando absolutamente em aspectos motores, enfim, não era uma criança com dificuldades que preocupassem, de modo algum. Mas, às vezes, se angustiava com o toque, o ser colocada em algum lugar por um adulto.

No entanto, havia uma pessoa na equipe, com a qual esta menina estabeleceu um laço tamanho e, era fácil perceber que os sentimentos eram recíprocos, que uma novidade apareceu. Elas passaram juntas a ser capaz de encaminhar resoluções para as atividades que estavam difíceis. Então, quando chegava o momento de uma destas atividades, como a da bola, por exemplo, elas se olhavam, como quem fica feliz com o pretexto de se encontrar com alguém de quem se gosta muito e se organizavam e faziam a atividade acontecer bem. Nas palavras da equipe, a criança não deixava ninguém chegar perto dela, mas, se fosse a Vivi, esta podia fazer que quisesse com ela.

A passagem, que tinha tons de comicidade, da maneira como podíamos presenciar, parecia apontar para aquelas situações em que nos sentimos escolhidas,

únicas, dos laços amorosos mesmo. Acredito que alguns desses fenômenos eram mais comuns em casos de crianças que vinham com irmãozinhos e não tinham a aula de música e o olhar materno somente para si, nem mesmo naquele momento e, é claro, acontecia mais frequentemente nas situações que comentei, de crianças gêmeas. A criança em questão esperneou até encontrar uma solução, no caso, sem maiores combinações, estratégias ou até mesmo evidências da razão que justificaria o desdobramento que se deu. Um encontro, uma aliança, transformou o que era transbordamento, em amor.

Muitos eram os momentos que poderiam ser evocados, nos quais se via que uma ação, um detalhe facilitava a simbolização da tarefa, o enlace com os pares e aprendizagem. E assim os bebês, que chagavam, em alguns casos a iniciarem ali com quinze dias de vida, iam se enganchando e enganchando nas propostas e construções de si com o outros.

O momento do encerramento era sempre muito impressionante igualmente. Víamos as crianças chegarem ao final da aula, e também os adultos, em um tom psíquico diferente do que tinham ao entrar na sala, uma hora antes. Pareciam, com frequência, muito alimentados, mais alegres e fluentes. As crianças, no caso, passavam pelo mesmo ritual da abertura da aula, sentadas em círculo, dávamos adeus a cada uma, dizendo seu nome e quando nos reencontraríamos. Eles acenavam cheios de convicção sobre a seriedade do momento, muito atentos, às vezes encontravam uma maneira de estender um pouquinho mais o tempo ali, engatinhando até o banco do piano, apoiando-se nele para tentar ficar em pé, por vezes, alcançando com a ponta dos dedinhos as teclas, pediam para ganharem um colo e tocarem um pouco o tão admirado instrumento.

Não é raro que se saiba e veja que crianças não gostam de encerrar atividades, do corte, da interrupção. Eu poderia dizer que neste caso era unanimidade, as crianças conseguiam aceitar bem que precisavam parar, deixar aqueles objetos, dizer tchau para os colegas, ainda que tentassem espichar um pouco, eventualmente, é verdade. Elas conseguiam perder porque estavam devidamente situadas em um grupo, porque estavam fortemente alimentadas, porque saíam todos dali de alma tão renascida que me perguntaria de quantas situações no cotidiano temos possibilidade de sair assim.

Ali havia uma conexão com elementos muito essenciais ao nascimento psíquico e sua devida manutenção.

Em outubro de 2006, um jatinho norte-americano que circulava de maneira ilegal no território, causou a queda de um voo brasileiro na floresta Amazônica e a perda de todos seus passageiros e tripulantes. Dentre eles, tendo antecipado o voo em uma hora, para encontrar mais cedo o filho que iria viajar, Professor Dr. Hugo Beyer, esposo da Professora Dra. Esther Beyer que adoeceu em seguida, vindo a falecer em março de 2010. Neste período também se desfez nosso grupo de pesquisa e o Projeto Música para bebês.

A voz e alguns autores

Em função de ter sentido que seria mais apropriado situar primeiramente as formulações ficcionais sobre os encontros que apresento e, em seguida, posicionar os autores que foram os principais alicerces e inspirações para a construção das minhas lentes, decidi trazer do modo que faço aqui, este material. Gosto da imagem que, frequentemente, os cineastas utilizam nos filmes baseados, como chamam, em fatos reais. Após a história que contam, costumam apresentar dados sobre aqueles que inspiraram a história e desdobramentos destes no mundo, para além do filme.

Professora Esther Beyer, em seu texto *As aprendizagens no Projeto Música para Bebês*, de 2004, nos falava de sua preocupação com algumas dificuldades. Uma delas seria o que constatamos em relação à resistência encontrada para o devido reconhecimento da linguagem musical no âmbito das aprendizagens formais, assim como da legitimação do campo na arte, enquanto saber.

Em suas muitas produções nos trazia que localizava que a aprendizagem ocorre independentemente da faixa etária e campo do conhecimento. Os bebês, seu foco principal, ensinavam todo tempo, como nos mencionava, que suas construções de conhecimento ocorrem de modo muito particular em cada caso, dependendo do entorno, das vivências, gradientes e detalhes de estilo pessoal. Ela também nos dizia sempre, e assim como outros educadores musicais, de maneira implacável, que a linguagem musical era algo absolutamente construído no social e com as alteridades, os professores e demais pares. Eles opunham-se, a cada discussão, à ideia de que alguns nascem dotados em música, por exemplo. Nos marcavam todos os dias, que éramos fruto de construção em situações de troca e que, inclusive, a presença de pessoas de idades variadas, eram posição sábia para o coletivo das aprendizagens.

Ela declarava sempre e de muitos modos, sua preocupação em chegar aos bebês e seus pais, antes dos primeiros vinte e quatro meses de vida. Eles mereciam receber orientações precisas e cuidadosas sobre as aprendizagens em música e, de nada adiantaria, fazê-lo, tampouco, somente com as crianças. Os adultos de seu entorno tinham que saber daquelas minúcias, precisavam ter claro do quanto os bebês aprendiam precocemente, do quanto tudo aquilo operava coisas importantes em seus vínculos, podia ser experimentado com prazer, tinham consequências na estruturação cognitiva e emocional das crianças, lhes conferia chances valiosas para suas vidas.

Ainda neste texto, Professora Esther, investigando persistentemente as origens do universo sonoro no humano, nos oportunizava entender como a entonação, a melodia das vocalizações dos bebês, gorjeios, balbucios, lalações, eram o ponto de partida tanto da linguagem musical, quanto verbal. E mais, testemunhava, dentre muitos casos, alguns como o do menino cuja gestação foi em período concomitante com as aprendizagens musicais de seu irmãozinho. Ela conta que já na primeira aula de música deste segundo bebê, ao ouvir as músicas que eram comuns às aulas do primogênito, ele, ainda muito jovem, com 8 semanas, sério e com olhar ainda disperso, movimentava fortemente os braços e pernas (como jamais faziam os outros, tão inicialmente nas atividades), como se nadasse em uma piscina. Este menino, certamente, já havia aprendido bastante durante a gestação e reconhecia o que reencontrava.

Também defendia, todo o tempo, a importância das explorações sonoras para os bebês. Alertava para o problema de serem inviabilizadas, quando a família acredita que aquilo gera muito ruído ou quando localiza riscos demais nas movimentações da criança.

Em 2005, com o texto *Canta bebê, que eu estou ouvindo: do surgimento do balbucio musical*, vêm as formulações sobre a urgência do olharmos para o bebê, o sujeito e não nossos referenciais teóricos, que, apesar de tão inúmeros, complexos e valiosos, eram, por vezes, contraditórios em pensamentos demais, quando, o que precisávamos, efetivamente fazer, era estar atentos ao que cada bebê tinha a nos ensinar. Este era o ponto do qual não poderíamos abrir mão, do colocarmos-nos na posição de escuta e expectativa em relação as suas produções sonoras.

O choro, conforme nos ensina é o contorno sonoro inicial que a criança possui. Em seguida, as manifestações que faz, serão semelhantes a este primeiro contorno. No entanto, destaca que aparecem, principalmente, quando a mãe pausa e pára de falar com o bebê, levando-o a responder a ela. (Alaméda, apud Beyer, 2005).

A questão toda seria o quanto se oportunizaria que o bebê buscasse exercer sua ação sobre o som.

É impressionante pensarmos, como, nestas colocações, podemos visualizar algumas das dificuldades que a atualidade apresenta para lidar tanto com a dimensão do saber, quanto do sensível. Neste sentido, mais uma vez, o trabalho de sensibilização

musical tem muito a nos ensinar sobre a importância da perseverança nestes posicionamentos, por exemplo, em relação a como legitimar a dimensão da aprendizagem e sabedoria. Igualmente, nos traz a questão privilegiada do sujeito acima de qualquer outro assunto, assim como do desejo e respeito, enquanto sinônimos do sucesso dos encaminhamentos humanos para o pensar, fazer, criar.

Acredito que a aprendizagem musical, antes de qualquer coisa, era extensamente pensada em sua dimensão ética. Inclusive aspectos das diferenças culturais eram também muito presentes. Assim, nos diz Beyer (2011), a pluralidade cultural e a apreciação são assunto de muita importância no âmbito musical. Em um primeiro momento, quando nos deparamos com produções musicais de outros referenciais culturais que não o nosso, eles nos causam estranhamento. No entanto, se nos detivermos, avisa, ao modo como o outro pensa, perguntarmos, repetirmos, nos familiarizarmos, mesmo que, com nossas ferramentas precárias, inicialmente, mas passarmos aos poucos, a entender como o outro formulou aquilo, assim, construiremos novos esquemas para captar o evento, conforme nossas novas possibilidades.

O ambiente do Música para Bebês era cheio de perspectivismo. As competências, interesses e pontos de vista dos recém-nascidos, ali, eram tema principal e a diferença entre eles, também.

Outra autora muito importante para minhas interações, construções e leituras neste ambiente, é Marie-Christine Laznik. Há muitos anos, tratando das vicissitudes da dimensão vocal e suas ligações com a constituição psíquica, nos ensinava que cabia a aquele que se ocupava do bebê, a mãe, mais comumente, ter habilidade para flexibilizar sua cadeia sonora. Ela nos indica um dos pontos cruciais acerca do porque atividades como as mencionadas aqui, tinham tantas chances nas edificações simbólicas, assim como dos laços das famílias que frequentavam o Projeto.

Em seu livro *Rumo à palavra*, Laznik (1997) nos traz a psicanálise de crianças em situação de fechamento autístico e, como os procedimentos encaminhados pela analista, nas trocas mãe-criança, versando, sobretudo, nas questões sobre a linguagem, puderam contribuir definitivamente. A questão do poder tomar a massa sonora e sem sentido, produzida pelas crianças que pouco endereçavam a seus pais, uma vez que encontravam-se em grandes dificuldades quanto a seus recursos para trocas sociais e recortar, supor nela, mensagens com sentido, tratando-as como comumente as mães o

fazem com as crianças ainda em estado inicial de aprendizagem da fala, é o fio que conduz todo o trabalho. Como isso pôde se dar, em que posições psíquicas implica, que resultados encontramos, são os rumos deste texto.

Ela nos mostra como no lugar do que era puro organismo, vai surgindo cifra, imagem, furo, desejo, caminho que acontece quando os sons são acolhidos e lidos como algo que interessa e significa para alguém.

A autora pesquisou muitos anos sobre os formantes da voz humana e como, através da análise feita com recursos da área da fonoaudiologia, era possível isolar seus elementos e, em especial, detectar, ao longo de uma cena de fala e gestualidade, o momento, caso, houvesse, dos chamados picos prosódicos. Referem-se a momentos em que, juntamente com a afetação que se pode perceber, por vezes, a olho e ouvido nus, por vezes não, a curva em que os formantes fazem ficar arredondada e muito colorida, no gráfico digital, que o programa utilizado em questão, oportuniza enxergar.

Ela nos evidenciava o quanto, no caso de crianças em graves dificuldades psíquicas, geralmente, não víamos, no gráfico dos pais, a prosódia, o sinal de gozo com as trocas naquela cena com o bebê. Por algum tempo, a psicanalista atribuiu a esta deficiência de afetação do lado dos adultos, o que largava a criança em posição de não interessar-se, não enganchar-se na dimensão deste Outro.

No entanto, no decorrer de mais anos de pesquisa, encontrou outras direções. E como diz em *A voz da sereia*, o campo em questão exige muita humildade, uma vez que a cada situação em que novas hipóteses podem surgir, um novo caso já pode mudar os caminhos até então creditados, sendo, deste modo, preciso refazer toda a construção, desde o início, novamente, como uma mina que se abandona quando se mostrou estéril.

Ao demandar que famílias de toda Europa, que tivessem casos de crianças em situação de fechamento autístico, encaminhassem a ela vídeos caseiros, deparou-se com um dado crucial.

Lacan (1963) ressalta que o humano possui um aspecto, cuja introdução nas trocas com os cuidadores, faz aparecer uma estrutura que não amadurece, tampouco se desenvolve. Como diz Fleig (1998), trata-se daquilo que é proposto por Freud (1990) enquanto algo que se apoia no biológico e o subverte. É uma medida de exigência de conexão entre corpo e alma. A esta medida, Freud (1990) dá o nome de pulsão. Lacan

(1963) cria o conceito de *pulsão invocante*. Mas antes disto, retomemos alguns aspectos introduzidos por Freud (1990).

É um representante psíquico situado entre o mental e o somático. Provém do organismo e implica em um impacto constante do qual o sujeito não tem como fugir. Como nos explica Fleig (1998), graças ao aspecto pulsional, o corpo vira corpo, regulado. A partir das funções culturais, do encontro da criança com o semelhante, é que a linguagem se inscreve na função fisiológica, passando ao registro simbólico. A pulsão, como nos diz o autor, apoia-se no órgão, na sua função biológica e passa a subvertê-la, conectando corpo à alma.

Freud (1990) conceitua que a pulsão é composta por quatro elementos e pode assumir cinco destinos distintos. Os elementos são: pressão ou quantidade de força ritmada, nela implicada; o alvo, seu objetivo, a satisfação; o objeto, coisa através da qual pode vir a alcançar sua finalidade; e a fonte, zonas somáticas erógenas do corpo, de onde provem estes estímulos.

Quanto aos destinos possíveis teríamos: o recalçamento, a sublimação e a reversão em seu contrário, o retorno da pulsão em direção ao próprio eu, introversão e regressão libidinais.

Finalmente, o circuito pulsional possui três momentos. O primeiro consiste em alcançar algo no exterior do corpo. Depois, poder retornar ao corpo. Por último, ser testemunhado por um outro sujeito (Freud, 1990). Lacan (1988) diz que se fala em um percurso de um trajeto em forma de circuito que se fecha sobre seu ponto de partida, que vai e vem. Eis o caminho feito para a obtenção da satisfação. Cabe salientar que o terceiro momento é crucial, em que o sujeito vê o que ele mesmo faz, testemunhado por um outro. Neste âmbito, Lacan (1988) aponta que uma das pulsões essenciais, denomina, é a invocante, está ligada ao que o sujeito endereça ao outro com vistas a se fazer ouvir.

O que Laznik (1997) encontrou nos vídeos e que condizia com sua experiência clínica, foi que este terceiro tempo estava ausente nas crianças que fracassavam na constituição psíquica, mais especialmente naquelas que se encaminhavam para um fechamento autístico. O terceiro tempo, nos traz, é aquele do jogo de comer com a interdição do incorporar o objeto. O bebê se faz comer no jogo de faz-de-conta. Como

bem lembra, fraldas são vendidas nele, pelos publicitários. O bebê toca a boca da mãe com o pezinho e ela ri.

A autora coloca que no primeiro tempo, quando o bebê é amamentado, estamos tranquilos, no segundo, quando ele chupa o dedo ou a chupeta, também. O terceiro, se Freud, diz ela, propõe que é o tempo do passivo, Lacan, afirma que é o tempo do fazer-se. Tratar-se-ia de uma forma aparente de passividade. Alguém se deixa olhar, se deixa comer. É crucial para a estrutura simbólica. É Eros dentro, traz.

Então, do mesmo modo que a intensidade gástrica, cutânea ou de qualquer outra necessidade do bebê, transbordadas no choro, vão ser apaziguadas com cuidados e linguagem, estes vão instaurar contornos representacionais, situando a necessidade em um novo nível. A massa sonora produzida pelo bebê, também. Vai ser ouvida, significada, recortada, suposta, imitada e vai passando a um novo estado.

A autora localizou em seu trabalho, que deu origem a um protocolo que foi largamente implementado na rede de saúde pública com os pediatras na França e atualmente pelo mundo afora, pois dava condições de detectar detalhes destas dificuldades em aspectos banais do cotidiano do bebê em seus primeiros meses, que, por motivos diversos a criança ou a família fracassavam na construção e sustentação deste terceiro momento.

O ver-se como sujeito, objeto do desejo, o bebê repetiria seus jogos de oferecer-se, provocar, fazer-se, fazer de conta, com o pezinho, com a barriguinha, com a mãozinha, com a voz.

Caberia, assim, aos cuidadores, acima de tudo, no que tange ao ponto mais crucial da possibilidade do simbolizar e do campo mais ligado à linguagem, portanto, desejar que o bebê deseje se fazer ouvir.

As aulas de música eram um evento, um ritual poderoso que as famílias repetiam semanalmente em nome deste desejo. Ora, eis seus efeitos.

Castarède, psicanalista e cantora lírica, em *Vocalizações da paixão: Psicanálise da ópera*, em 2002, traz que a música esposa a temporalidade e suas flutuações, nos auxilia a compreendermos melhor as ambivalências. A voz seria sempre objeto de gozo, primeiro objeto de satisfação oral.

O bebê, no corpo a corpo amoroso com a mãe, a sensação da emoção ocuparia primeiro lugar. A sensorialidade seria vivida com toda a sua força e variedade. Os cinco sentidos seriam convocados para reger as trocas do bebê com seu entorno: audição, ouvido, toque, odor, gosto. A música, para a autora, é trazida como metáfora da intimidade, fazendo analogias com a cena do apaixonamento amoroso e aquela da fruição musical.

A música seria dialeto universal, caberia à mãe saber criar, no início da vida, uma intimidade psíquica que passasse pelas trocas, segundo as modalidades sensoriais idênticas e diferentes. Lembra Stern e seu termo, afinação afetiva, entre mãe e bebê.

Castarède (2000), em *A voz e seus sortilégios*, lembra que para a criança do homem, a entrada no mundo, é a entrada na voz. Nossas entonações exprimiriam nossa concepção da vida. Diga-me como falas e te direi quem és, propõe. Seria o eco particular da vida, do nascer, do modo de ser e de deixá-la.

Os espelhos vocais, as digitais acústicas, os estilos e possibilidades de cada bebê no trabalho aqui trazido, eram extensa e exclusivamente contemplados, considerados, a eles era dedicado. Eles eram olhados, ouvidos no mais pulsional de seu ser. Edificavam-se, fortaleciam-se, engrandeciam os semelhantes, não surpreendentemente.

Ainda sobre a educação, lembramos o que Lacan (1996) nos diz a respeito de Santo Agostinho. Quando se ensina, se en-signa, se faz signo. Serão os registros deste processo de aprendizagem que produzirão o enodamento entre simbólico, imaginário e real e organizarão o corpo, fazendo o recalque operar, colocando a criança mais e mais longe da possibilidade da destruição. Neste processo, traz Lajonquière (1993), ela se posiciona em uma filiação, identificação e tradição. Poderá constituir uma dívida simbólica com a questão da aprendizagem, da linguagem e da transmissão.

No caso das atividades aqui mencionadas, primordialmente, o ensino tocava a questão do belo. Lacan (1997) afirma que, de acordo com Aristóteles, temos duas grandes barreiras contra a putrefação: o bem e o belo. Didi-Hubermann (1999) em *Abrindo Vênus*, nos fala, sobretudo, da problemática das Vênus de Botticelli que se localizam no Museu do Prado. São figuras de mulheres sendo destruídas, devoradas por cães em banquetes, perseguidas e abertas com punhais. Ele também trata de alguns outros artistas como Da Vinci, que produzia com perfeição e, como se sabe,

originalmente retirava muito de sua produção, da experiência no trabalho com a anatomia. O que os autores apontam, é que a estética faz véu, barreira à questão da morte. Deste modo, o belo e a morte possuem proximidade importante.

Para Merleau-Ponty (1994), em *A fenomenologia da percepção*, o sensível, o que se percebe com os sentidos, é o que fundamenta o ser no mundo. Seria como a comunicação vital com este, o que o faria presente como lugar familiar da vida, sendo a ele que o objeto percebido e o sujeito, deveriam sua espessura.

Para ele, o sentir, representar uma qualidade, torna-se a passagem de uma impressão à outra, sendo a sensação, o ponto de partida e a percepção, a interpretação, uma hipótese que o espírito cria para explicar suas impressões. O sentir delimita, assim, uma zona de subjetividade ou de solidão.

Em sua opinião os domínios sensoriais integram-se em uma organização intersensorial. A tradução de todas as coisas vistas e tocadas seria o próprio corpo. Neste corpo a existência realizar-se-ia e nele estaríamos condenados a ser. O gesto e a palavra transfigurariam o corpo.

O campo perceptivo, para Merleau-Ponty (1994), é a superfície de contato com o mundo. Assim o frequentamos, encontramos significações. O texto do exterior não seria copiado, mas constituído. A percepção reuniria presente, passado e futuro. Por isso, propõe que apoiemos nossa memória em uma imensa memória do mundo, ao mesmo tempo, que perceber seria estranhar-se no passado e desenvolver perspectivas até reconhecer o novo.

Por fim, o conhecimento seria um sistema de subjetivações, onde uma impressão anuncia outras, sem jamais dar-lhes razão, onde palavras fazem esperar sensações, como o dia anuncia a noite.

Deste modo, no que concerne à questão do belo, o sensorial está intimamente ligado à apreensão do mundo, do corpo próprio e seu ordenamento, estando aí as maneiras como o novo sujeito lidaria com as noções do que é desejável, passível de ser reconhecido e oferecido, do que interessa ao meio cultural e está para além da pura curiosidade sexual. A realidade fantasmática do inconsciente de cada um dará as tintas e o lugar particular em cada caso a estas questões todas. Desta maneira, veríamos os

bebês com posições e sintomas absolutamente únicos em relação ao tema proposto, desde muito cedo.

O tema da voz, objeto modelo do inconsciente, o retomamos na discussão de Didier-Weill (1997) sobre *A nota azul*, no capítulo em que tratamos exclusivamente da clínica. Por ora, ficamos com a passagem do autor em *Invocações*, de 1999.

“Por que o homem não se contenta em falar, por que é preciso também que ele cante? Se há um parentesco entra a fala e o canto, qual será ele? A vocação para tornar-se humano é originalmente transmitida por uma voz que não nos passa a fala, sem nos passar ao mesmo tempo sua música: a música desta “sonata materna” é recebida pelo bebê como um canto, que de saída transmite uma dupla vocação: está ouvindo a continuidade vocal de minhas vogais e a descontinuidade significativa das minhas consoantes? Porque o bebê vai ouvir esta dupla vocação, o mundo que lhe será dado guardará a marca de um contínuo e de um descontínuo, no qual terá que se desenrolar sua vida” (Didier-Weill, 1999).

Capítulo 2- O encontro com Ricardo Jones e sua equipe e o parto domiciliar

No segundo ano do doutorado fiz uma mudança de rota e passei a estabelecer um diálogo com Dr. Ricardo Jones que, juntamente com sua equipe, vêm trabalhando com a temática da humanização do nascimento no Rio Grande do Sul em articulações em nível nacional e internacional com este assunto tão discutido na atualidade. O assunto das vivências gestacionais e o nascimento em si, já me faziam questão anteriormente e assim fui me encaminhando a ponto de desejar interrogá-lo de perto. Os dados, depoimentos e argumentações teóricas que me passaram a apresentar eram mesmo muito perturbadores e capazes de descentrar qualquer um que por ventura viesse a ter a oportunidade de entrar em contato com aquelas informações e posicionamentos.

Tive a oportunidade de ouvir posicionamentos do obstetra, da enfermeira obstétrica e doula que constituíam sua equipe. Também assisti a intermináveis vídeos das centenas de partos realizados por eles, assim como escutei muitas famílias que vinham participar dos grupos de pais que se preparavam para o nascimento dos seus bebês. Em sua imensa maioria já haviam feito ou tinham como escolha o parto domiciliar como maneira de sustentar radicalmente os cuidados humanizados com o nascimento.

Apreendi com as inúmeras falas e discussões, assim como o material em vídeo e literatura que me disponibilizaram que definitivamente algo ia muito mal com os cuidados oferecidos tanto na rede de saúde pública, quanto privada, as quais se ocupavam da questão do nascimento. Índices horrorizantes que situam o Brasil entre os campeões de intervenção cirúrgica no ato do nascimento, informações sobre o alto nível de medicalização do parto e razões que costumavam embasar as escolhas deste tipo de intervenção, do lado dos profissionais da saúde, me colocaram a perguntar o que fazia com que tão pouco fosse denunciado, falado e, sobretudo, com que uma maioria tão esmagadora da população simplesmente respondesse passivamente a uma visão específica da ciência que, antes de qualquer coisa e a cima de tudo, recusava o saber das mulheres e mães, assim como a absolutamente importante função da presença destas mães, famílias e dos próprios bebês, enquanto participantes do próprio nascimento enquanto momento inaugural, inclusive da vida psíquica e com consequências decisivas.

Da constituição dos parâmetros estéticos enquanto elementos do nascimento do humano, enquanto sujeito da cultura e que edifica barreiras simbólicas contra a destruição, passei a perguntar sobre o nascimento do brasileiro na atualidade. A proposta de trabalho, a qual revisito aqui, sustentou a pergunta até o ponto em que ficou claro que, na verdade, ali havia três estudos e eu precisava escolher um.

Para pensar sobre o tema, propus investigar aspectos da antropologia do nascimento, questões psíquicas deste ato e questões culturais do Brasil que poderiam ser também lidas do ponto de vista da subjetividade como aspectos que colaboram com os fenômenos atuais localizados neste campo.

Os autores e profissionais com os quais tive contato que se ocupam do tema da humanização do nascimento muito me ensinaram desde um ponto de vista crítico sobre o modo como a civilização vem encaminhando este assunto de tanta importância para o humano individualmente, socialmente e em termos, também, da própria preservação da espécie.

Jones (2010) trabalha largamente a ideia de que houve modificações enormes no entendimento do assunto desde a encefalização, nos últimos séculos, em função das novidades da tecnologia e ciência, sobretudo nas últimas cinco décadas. Ele nos explica como a tecnologia vem invadindo a cena do nascimento e destituindo as famílias da possibilidade de vivenciarem aspectos seríssimos deste momento.

Há dois bilhões de anos, nos ensina o autor, com a encefalização e a conquista da bipedalidade, tivemos também o crescimento cerebral e sua especialização, modificações em tarefas cotidianas, na dieta e também a criação do núcleo familiar. O ponto alto, em relação às trocas humanas, teria sido o do surgimento do que nomeia, “altricidade”.

Uma vez que o humano passou a ficar em pé, a parte superior do corpo passou a pressionar a bacia, inclusive em função da necessidade da locomoção mais rápida. A pélvis tornou-se mais constricta, a saída do bebê, menos facilitada, inclusive pelo fato deste possuir, agora, tamanho craniano duplicado. Com todas estas modificações, o nascimento do bebê começou a ocorrer mais precocemente e, com o amadurecimento neurosensorial em estado mais precário. Então, parte desta gestação, acaba por acontecer do lado de fora do corpo materno.

A expulsão mais precoce do bebê colocou-o em uma nova posição em relação ao grupo familiar, exigindo, inclusive, o reposicionamento deste, de modo a viabilizar a sobrevivência da criança, agora tão mais dependente, e, deste modo, a preservação da espécie. O bebê humano, agora precisando dos cuidados extensos de um semelhante, passaria, com isto a estar dependente, sobretudo, de um elemento específico, aquilo que viabiliza que esta prematuridade, esta fragilidade extrema, possa ser transformada em humanidade.

Ao longo da história das civilizações, nossos ancestrais teriam se especializado em criar maneiras de defender os bebês. No entanto, este caminho, também marcado de complexificação da racionalidade e da linguagem, teria sido concomitante feito com o afastamento da natureza e dominação desta. A diminuição de recursos naturais teria causado a busca pela domesticação dos animais e plantas, o domínio da terra. Com tudo isto viriam também a confecção de utensílios, ferramentas e armas para defender as terras.

O patriarcado, a moral, a religião e a subordinação das mulheres aos homens teria sido parte do fato de terem passado a ser companheiras dos guerreiros, que cuidavam das crianças e, em troca, recebiam proteção e segurança. O nascimento teria passado a ocupar um lugar ligado ao universo, ao divino, ao feminino e a algo que os homens não tinham acesso. O autor ainda situa que em rituais como da Couvade, poderíamos localizar bem mecanismos através dos quais os homens se apropriam da paternidade.

Com o transcorrer dos séculos, e principalmente a partir do século XVIII, com os avanços da ciência e os parâmetros filosóficos cartesianos, os homens passam a ocupar o lugar que era das parteiras, das curiosas, das bruxas e das cuidadoras das mulheres no momento do parto. Nesta andança as mulheres começaram se deslocar da posição de protagonistas a assistentes, auxiliares ou parturientes menos participantes. A sociedade teria começado a se afastar cada vez mais da natureza, das incertezas, dos mistérios, suplantados, agora, então e supostamente, pela razão.

O parto, lugar no qual os homens teriam passado a salvar a vida das mulheres com seus instrumentos, com isto teria iniciado a perder, e muito, do caráter feminino e de transmissão de elementos próprios das trocas em comunidade.

Algumas palavras, a partir das leituras de antropólogos do nascimento, são importantes para sublinharmos a relevância e delicadeza do tema. Trevathan (1987) nos traz que o trabalho implica nas contrações e dilatação, saída e expulsão do bebê e, por fim, a expulsão da placenta. Ela salienta que três sistemas amadurecem durante a gestação: o sistema materno, as membranas fetais e o feto. Uma vez todos eles tendo chegado a este amadurecimento, o trabalho começa. Ocorreria em torno das quarenta semanas ou dez ciclos após a concepção.

Os trabalhos de parto de duração extensa estariam relacionados com a ruptura precoce das membranas, sedação excessiva, podendo também ter ligação com a idade da mãe e o tamanho do bebê. A antropóloga afirma que poucos estudos naturalísticos teriam sido feitos sobre o tema, assim como que em nossa espécie um nascimento desassistido ocorreria apenas em situações raras ou acidentais. A grande diferença entre o nascimento dos humanos e dos não humanos seria o envolvimento das questões mentais no processo, assim como da cultura e da linguagem.

Em algumas linhas, a autora menciona que o desassossego, a dificuldade para dormir, o aumento da atividade e a construção do ninho são sinais de que a hora do nascimento está chegando. A ruptura das membranas poderiam ocorrer em um primeiro momento, assim como também veríamos a dor nas costas e o desprendimento do tampão cervical. As mulheres que não estão no primeiro parto ou as que estão mais preparadas experimentariam as primeiras contrações com tranquilidade e pouco poderiam inferir, de fora, sobre estarem em um trabalho de parto, a menos que os observadores atentassem para suas pausas.

Também poderíamos observar, quando aumentam as contrações para, a cada cinco minutos, que a mulher pára as ações, o ritmo respiratório muda, costumam massagear o abdômen. Muitas horas passam desde a primeira contração regular. Mais pessoas costumam estar por perto neste momento, como familiares e o pai da criança, assim como, atendentes. A mulher costuma fazer caretas, agarrar o que tiver nas proximidades, gemer. Entre as contrações, geralmente a mãe costumaria rir, falar, caminhar. Deitar e inclinar-se seria comum também durante as contrações, assim como o chorar, queixar-se e vocalizar alto. Exercícios respiratórios, o fechar os punhos, mostrar sinais de medo e dor seriam comuns principalmente no final do primeiro estágio.

A chegada das contrações mais fortes trariam alterações, sendo acompanhadas de agitação, vômito, dificuldade de falar, ansiedade e atordoamento. Seria o final do primeiro estágio e duraria de uma a duas horas para as primíparas. O descontrole também ocorreria e começariam os movimentos de empurrar o feto, entrando no segundo estágio. Posturas diferenciadas apareceriam também, como o agachamento, o ficar em pé, o deitar, a inclinação em posição semi-deitada.

As contrações deste segundo estágio são ditas expulsivas e são comuns os espasmos musculares e cólicas. São comuns gritos, gemidos e o prender a respiração no momento de empurrar. Neste estágio a dor seria menor e a força a ser feita, maior. A mulher estaria mais cansada, mas com maior controle sobre seu corpo. É comum neste momento que quem esteja atendendo a mãe, tenha as mãos no períneo e o marido, familiares e amigas na cabeça ou estejam ao redor, ajudando de algum modo a fazer força. São comuns os movimentos de empurrar com as pernas e puxar com os braços. Todos os músculos do corpo estariam voltados para a tarefa de expulsar o bebê. Se as membranas ainda não estiverem rompido, ocorre aí e toda questão consiste em guiar a cabeça do bebê para fora do canal do nascimento.

Após este período a mulher não permaneceria muito tempo empurrando. A expulsão sendo acompanhada pelas contrações, após o oclipício passar pela sínfise, a cabeça nasceria por extensão. Em alguns casos o períneo chegaria a rasgar, especialmente se a saída da cabeça for muito rápida. Esta costuma ser acompanhada das vocalizações da mãe. Após a rotação da cabeça do feto, para colocar os ombros na dimensão transversa da pelve, o ombro anterior emerge em uma próxima contração. O atendente ajudaria a mãe a completar o processo. O cordão seria cortado após parar de pulsar. O terceiro estágio terminaria com a expulsão da placenta, cerca de trinta minutos após o nascimento.

Ainda para sublinhar a enorme quantidade de fatos físicos e psíquicos envolvidos em um nascimento, Davis-Floyd (2009) nos traz que o parto é a cicatriz da evolução humana, havendo três grandes diferenças entre esta e a posição dos primatas. Os bebês saíam geralmente em posição cefálica vertical, a mãe teria dificuldade de segurar o bebê na saída, certificar-se da respiração e cortar o cordão. Os humanos, por nascerem muito indefesos, precisariam de muitos cuidados. Por fim, as emoções

presentes neste trabalho seriam muitas e muito poderosas, além dos infinitos aspectos culturais.

O entendimento cultural, como traz a autora, até 250 anos atrás, era muito diferente do atual e com práticas uniformes em relação ao que ocorreu ao longo da civilização. As mulheres, durante o trabalho de parto eram livres para se movimentar, se alimentar, beber. Contavam com a ajuda de mulheres próximas, familiares, utilizavam bastante a posição vertical, aproveitando tanto da gravidade quanto da eficácia dos músculos abdominais. São conhecidos inclusive artefatos que eram criados para auxiliarem no apoio nestes momentos. As parteiras se ajoelhavam diante das mães para receberem as crianças, os recém-nascidos permaneciam com suas mães para receber calor e serem amamentados.

A atualidade ocidental e, sobretudo brasileira, como nos traz Jones (2010), dos hospitais privados, é de altos índices de cesáreas (mais de noventa por cento), os dados da agência nacional de saúde suplementar são de setenta e nove vírgula oito por cento, na classe média. O índice geral do Brasil seria de quarenta e dois por cento. Em mais de oitenta por cento dos partos, seriam utilizadas medicações perigosas para o bebê e a analgesia tornou-se corrente. O fenômeno do nascimento, tão feminino, estaria submetido a pressupostos bastante masculinos.

Os efeitos, como nos mostra o autor, negativos, deste tecnicismo, seriam alguns tais como: epidemia das cesarianas, morbidade perinatal alta, insatisfação das usuárias custos estratosféricos, a medicina centrada no médico, na doença, nos hospitais, no masculino. O saber das mulheres experientes, das parteiras, de tanta importância social, teriam passado a uma condição de pouca dignidade.

Ele traz estudos em que podemos localizar que muitas destas práticas e escolhas atuais são de base insatisfatória em termos de evidências, sendo a maioria dos rituais estando mais atrelados a crenças e mitos do chefe de serviço. Hábitos, conveniências, medos, interesses estariam certamente por trás de muitas das posturas que originariam o modo como o nascimento seria conduzido nos dias de hoje.

O que causa muito espanto em relação a esta temática na atualidade é perceber que o que se produz em termos de distanciamento de valores fundamentais humanos, neste caso, não são exclusivamente preocupações com o bem-estar das famílias e com o

nascimento em si. Aliás, o que definitivamente causa impacto é pensar que, além de infinitos comportamentos e escolhas serem feitas neste campo em função de interesses outros e rituais que não são questionados, acima de tudo, o que impressiona é a questão da posição de tudo isto em relação ao assunto do saber e da ancestralidade.

A tecnologia, o desejo de proteção e domínio sobre a vida, os lucros financeiros e alguns supostos confortos estariam prevalecendo de modo inquestionável sobre tudo o que a espécie humana já haveria formulado antes destas últimas décadas, principalmente. De onde viriam tanta obstinação pelo controle, pela certeza, pelo acúmulo de bens materiais e, sobretudo, de onde viria tanto distanciamento de qualquer apego à sabedoria? A tradição, o saber, as vivências dos mais velhos, a importância das trocas, do comunitário e a questão dos sentimentos envolvidos em processos, inclusive como o do nascimento, estariam sendo extintas? Como seria mesmo que isso teria começado a ocorrer e, principalmente, por que?

Haveria uma ausência de noção de risco sobre o que acontece ao humano quando este perde as referências simbólicas e de pertencimento a linhagens e filiações? Se a cientifização esvaziaria o lugar das crenças, das trocas, do pessoal, do saber singular e sexual, da transmissão, esta lançaria o que é da dimensão do corporal em que nível? Será que estariam abrindo mão de ter alma em nome de uma vida mais higiênica e com maior controle?

Não há dúvida de que a objetualização estaria em jogo e um desconhecimento da dimensão do saber também. Isto, por sinal, não seria privilégio exclusivo brasileiro. No entanto, talvez pensar sobre algumas características nacionais em relação a escolhas sociais, pudesse servir de metáfora elucidativa para reflexões sobre o problema. Do mesmo modo, interrogarmos sobre o lugar do corpo, do saber, do sexual e da ancestralidade, assim como algumas de suas possíveis e inevitáveis consequências sobre a vida, o desejo e a aprendizagem, talvez situem, já neste momento, alguns elementos sobre a seriedade do assunto em termos de efeitos psíquicos.

O ordenamento do humano a partir do primeiro de todos os seus dicionários, como diz Bergès (2002), o corpo, não acontece porque os ossos crescem ou o sistema neuronal completa seu amadurecimento orgânico. O humano é concebido, gestado, parido e constituído em uma situação de troca com seus semelhantes e em posições muito específicas. Somos, certamente, mais que uma combinação de moléculas e código

genético. Temos preferências, precisamos cantar, dançar, criar, transgredir. E temos tanto medo de morrer que chegamos a nos distanciar da vida, por vezes, e incorremos em escolhas muito improváveis e absolutamente particulares que somente humanos conseguem inventar e acabam por provar o quão singulares, imaginários e simbólicos somos, além de cômicos, é claro.

A prematuridade, como foi mencionada anteriormente, do bebê humano, exige que ações específicas sejam realizadas. Ou melhor, qual seria a especificidade desta ação humana ao longo dos milênios que viria sendo tão bem-sucedida a ponto de preservar a espécie que não vive somente de instinto de sobrevivência, mas precisa também fazer rituais, cultuar deuses, transmitir tradições?

O que aprendemos com Freud, Lacan e também pesquisadores recentes sobre detalhes das trajetórias psíquicas do humano recém-nascido, é que existe a instauração de registros, funcionamentos e circuitos particulares e que são eles os responsáveis pelo milagre da existência de um tipo de ser, que tem como diferença essencial, a palavra. Um humano já dotado de um aparelho de sonhar precisaria incorrer em cuidados prolongados com o neonato de modo a não apenas fornecer-lhe comida, calor, líquido e proteção contra estímulos externos, tais como outros animais ou o que quer que seja nesse sentido.

O que faz com que o bebê conclua a saída do estado de imaturidade neuronal e coloque-se a caminho de um ordenamento consistente é a constituição de registros psíquicos. Ele precisará construir possibilidades de decodificação de estímulos externos e internos, de modo a passar a ser capaz de reconhecê-los quando em contato externo, perceber lembranças, entender sinais do próprio corpo e das intensidades emocionais. Terá que fazer tudo isto em meio às trocas com os familiares mais próximos, inicialmente, começando, em geral, pelo lidar com a própria mãe.

O bebê está entregue a um semelhante que, de início, tem que se posicionar de acordo com algumas premissas ou corremos o risco desta edificação psíquica não se dar. A criança precisa, evidentemente, de cuidados que incluem aspectos objetivos quanto à alimentação, higiene, segurança, coisas ligadas às funções orgânicas. No entanto, os mesmos somente operam a função da humanização ordenadora se forem feitos, regados com linguagem e gozo. A mãe precisa ocupar-se de seu bebê desde a posição de alguém que deseja que aquele ser humano venha a desejar.

Para tanto, para ser capaz de desejar, ela mesma precisa estar em posição de incompletude e desconhecimento. Ao deparar-se com o filho e seus muitos sinais, inclusive de desamparo, antes de qualquer coisa, precisa ser capaz de estar sensível a ele, colocar-se no lugar dele, surpreender-se com seus detalhes. Para fazer isto, recorre, necessariamente, aos próprios registros corporais. Empresta ao filho as próprias marcas.

A mãe pergunta a criança o que quer, do que precisa, por que está chorando ou rindo, conversa e também fala por ela. Coloca-a no lugar de um outro humano que sabe, tem opinião própria, preferências, memórias, dons e semelhanças com outros do seu entorno. Ao fazer isto, a mãe nega que o bebê ainda não possui tantos registros e muito menos tanta clareza sobre tudo.

Em meio a essa dança de posições subjetivas, a mãe ou quem se ocupa da criança, faz hipóteses sobre a resposta que a criança dá à pergunta que a própria mãe fez. Neste momento, golpeia, lança hipóteses sobre a criança desde seus registros inconscientes e de modo a afetar o bebê e não a formular em sua presença uma reflexão cognitiva. Ela dá forma aos transbordamentos do bebê, dá-lhe fome, sede, sensações cutâneas e muitos desejos.

Por fim ela deverá confirmar suas hipóteses, permitindo que a criança ultrapasse as teorias que ela mesma, mãe, fez. Então ela confirma ou não o que lançou como demanda da criança, assim como a apresentação de novos desejos, demandas, interesses. Ela desbrava caminhos com o bebê, supondo-lhe um saber que somente ele tem sobre si.

A esse jogo de posições subjetivas Bergès & Balbo (2002) deram o nome de transitivismo. Trabalharam o conceito longamente, tendo este sido originado de pesquisas da psiquiatria do século XIX e de formulações de psicólogos e do próprio Lacan.

Estas articulações subjetivas, lances, relances e reedições intermináveis fariam parte da instauração de marcas feitas desde elementos discursivos, languageiros, ainda que não exclusivamente verbais. A partir disto a criança iria, marca após marca, construindo uma posição para si no mundo, a partir de formulações sobre suas alteridades e sua posição na cultura. Estas formulações necessariamente partiriam das

noções corporais de bordas, prazeres, desprazeres, limites, riscos, diferenças, e, acima de tudo, origens.

Contornar objetos, colocá-los na boca, percorrer superfícies, fazer experiências com buracos e formas fálicas, são algumas das providências mais precoces que um bebê toma para começar a teorizar sobre a descontinuidade, a perspectiva, o desconhecimento. O silêncio, as sombras, os véus de modo geral e o que se passa no quarto dos pais, são certamente assuntos que de muitas maneiras começam a fazer questão e ser intuídos na posição discursiva de todo humano, desde os primeiros filetes de linguagem que nele aparecem.

A estas teorias que vão tomando consistência, chamamos de teorias sexuais infantis e elas buscariam dar conta da noção da cena de origem e seriam sempre construídas em função de metáforas acerca da realidade parental desde a compreensão da criança. Elas necessariamente partiriam da inscrição de marcas em decorrência do corporal e, evidentemente, teriam estreita ligação com as marcas psíquicas parentais e as próprias teorias destes e aquelas herdadas transgeracionalmente por eles.

Assim, os humanos inseridos em uma cultura e que conseguissem edificar algo nesse sentido, passariam a elaborar um mito, uma metáfora, uma construção simbólica que buscaria dar conta da origem, da diferença e da finitude. Pura ficção, por excelência construção absolutamente singular e subjetiva, a novela que cada um criaria para encenar dependendo das trocas precoces e transgeracionais, não poderia, em hipótese alguma, ser roteirizada e editada a partir de substâncias químicas ou de intervenções cirúrgicas e muito menos de saberes exclusivamente ou quase, situados de um lado que não o do próprio sujeito.

Por tudo isto, porque a subjetividade dependeria destes saberes e trocas sensíveis, porque a gestação e o nascimento são processos cheios de dobras e detalhes psíquicos, porque a espécie humana sobreviveu a maior parte do período de sua permanência sobre a terra, sustentando-se em rituais e saberes ancestrais, mais que tecnológicos, o fenômeno da epidemia das cesarianas no Brasil é desconcertante e horrorizante.

Ele não poderia ocorrer fora de uma realidade social que tem uma história. Como nos disse recentemente Balbo (2012), mencionando Freud, o social é uma

maneira de falar do psíquico e nele localizamos fragmentos de verdade histórica, assim como em outros fenômenos que o humano é capaz de produzir, mais ou menos coletivamente.

Diante desta perspectiva, ao me deparar com passagens como as situadas algumas páginas atrás, migrei para estudos e discussões sobre que tipo de coisa acontecia em nosso país, não tão diferentemente dos outros da América Latina, mas com diferenças também, em relação à posição da sociedade no que se refere à dimensão do saber.

Se não nos constituímos fora de uma coletividade, da maneira como nos contam nossas histórias e as transmitimos, que consequências podem existir em um território que não sendo suficientemente grave o fato de ter sido invadido e ter ocorrido a dizimação de um continente inteiro (cem milhões de mortos), em nosso país, especificamente, teríamos a ocupação de imigrantes que, na mesma posição dos que invadiram inicialmente, nada reconheciam do saber aqui existente, por conta dos grupos étnicos milenares que aqui estavam (e que, para nossa sorte, não desapareceram por completo). Como fenômeno, em seguida, a esta primeira parte da história, temos uma sociedade em que surpreendentemente ou não, o discurso em torno de quase nada evocar ou reconhecer estas origens ameríndias ancestrais, é o que se dá. Ao contrário disto, os posicionamentos de se dizer descendente de imigrantes, se comportar e criar, muitas vezes, atitudes, arquiteturas e produções intelectuais que buscam seguir os moldes dos povos do outro lado do Atlântico, são a regra.

Os fenômenos do culto ao objeto, ao corpo, à impessoalidade da ciência, o descartar a figura dos mais velhos como aqueles que nos têm a ensinar, a banalização do saber e da singularidade, seriam alguns dos horrores não raros em nossa atualidade. Sintomas e consequências no âmbito do individual da mais tenra infância à maturidade, estariam aí, a granel, para nos perguntarmos como foi que tudo isso começou e o que será da espécie em algumas décadas.

A gestação e o nascimento, portanto, em meio a todas as outras vivências humanas, precisam ser experiências devidamente presentificadas, subjetivadas, sentidas, apropriadas, faladas. Precisam ser parte do que é formulado e endereçado aos membros da família que recebe o novo humano e ao próprio. Como seria receber uma criança em cuja gestação a mãe tivesse estado ausente? É uma ausência no parto que geralmente é

proposta. A passagem do estado experimentado na gestação para o mundo externo é o que estaria sendo desconhecido como momento de importância para a criança compreender algo do que se passa, realizar alguns exercícios nesta passagem, fazer o seu trabalho no momento de nascer.

O que alguns autores trazem, assim como filmagens e depoimentos, é que o momento do nascimento pode vir a ser experimentado pelo casal como um momento de grande intimidade e, inclusive, de prazer. Eles situam o quanto este ato é atravessado, evidentemente, pelo que veio antes dele e norteia toda vida: o sexual. Por algum motivo, além dos aspectos já mencionados anteriormente, existe uma recusa ao elemento do sexual e do saber quanto a este momento, quando os procedimentos mais comumente escolhidos na atualidade, revelam uma rápida desistência da ideia de que ali existiria algo, de fato, de valor insubstituível e que estaria ligado às dimensões em questão.

Certamente que se o que colabora para a constituição de um saber do lado da criança, é que a mãe possa afetá-la com as próprias marcas psíquicas que presentifiquem as vivências corporais, então a gestação e o nascimento não poderiam ser excluídas deste processo. Aliás, nada mais corporal e ligado à dimensão da presentificação do risco, da dor, da importância de limitar simbolicamente o masoquismo, que este momento em que a mãe tem a criança no próprio corpo e em seguida participa da saída deste e sente dor, vivencia tantas sensações próximas até mesmo a aquelas do ato sexual.

A presentificação da gestação e nascimento marcaria para a criança a existência do corpo, dos seus limites e prazeres. A ausência disto recusaria à criança passagens que além de serem biológicas, a rigor, serviriam de substrato inicial para que formulações subjetivas fossem realizadas. Deixá-las, simplesmente de lado, se não é apenas um sintoma pessoal, é também um escândalo cultural.

A mãe e a família que se recusam a admitir algum saber sobre o parto, recusam ao bebê e possibilidade de contar com uma vivência importante que faz parte das teorias sobre a vida, a morte, o sexo. Amortecem uma experiência ligada à possibilidade da criança saber.

Uma questão seria indagarmos de onde provém, nestes jogos subjetivos mãe-criança, por exemplo, a dimensão que instaura a possibilidade da mãe saber, supor

saber, ser ultrapassada em seu saber, incompleto. O que faz com que, psiquicamente, uma adulta tenha a sua teoria sexual formulada e possa colaborar oportunizando espaço para que o filho também construa a sua.

Ora, o elemento por excelência que determina se uma troca humana ocorre ou não, enquanto verdadeiramente humanizada, é se nesta troca existe um referente para além da dupla. Isso quer dizer que a mãe não está referida em si mesma, ela tem um lugar porque outros a contemplaram desta forma anteriormente, ela não é filha de si mesma, ela antes de qualquer coisa, pertence a uma linhagem. Uma vez que tem como reconhecer-se como alguém dentro desta lógica, na medida em que deve seu lugar a ancestrais, quando se depara com as trocas com seu homem e a constituição de seu filho, ela será não-toda. Ela sabe, porque lhe conferiram um lugar, se deve isso a outros, há algo para além dela. Deste modo atualizará esta lógica em todas as suas trocas.

Quando se dirige ao filho não se dirige sozinha, mas com uma legião de outras referências e marcas. Em primeiro lugar com aquelas que lhes foram transmitidas, as da cultura, inicialmente passadas para ela em suas trocas familiares e primeiras vivências infantis com o entorno. Uma vez tendo estas primeiras vivências de amor atualizadas, possui, certamente, alguém que encarna a atualidade de seu amor e desejo, em princípio, na figura do pai de seu filho ou companheiro.

Então a mãe que joga subjetivamente com seu bebê, o faz devidamente atravessada pelas referências culturais e pelo desejo pelo seu homem. Fala com seu bebê, busca ler seus sinais e colocar-se em seu lugar, ajudá-lo, aprender com ele, incompleta e desejante. Sabe a partir das teorias que em seu encontro com sua família e entorno de origem, pôde elaborar porque ninguém sabia de tudo e supuseram nela algum saber. Assim, repete a receita e testemunha que o outro sabe, no caso o bebê, assim como, o pai da criança e mais tarde, os professores do filho, os amigos e assim por diante.

A criança pode saber porque sua mãe está referenciada a sua própria função paterna e possui um endereço para o qual dirige o olhar que está para além daquele da criança, o de seu homem. Por fim, deste modo, a criança chega a poder formular e usufruir de seu próprio saber porque tem situado seus ancestrais (Bergès, 2008).

Esta estrutura torna-se matriz de referência para o ordenamento da criança. Filiação e paternidade tornam-se, deste modo, elementos centrais nas trocas simbólicas, atravessada pela dimensão terceira das regras e transmissão da cultura. Esta instância terceira seria mítica duas vezes, inaugural da condição humana (Folberg, 2009).

A posição que alguém ocupa em relação à questão do saber vai orientar, evidentemente, seu lugar no mundo e em relação aos seus semelhantes e descendentes. A problemática da epidemia das cesarianas, ainda que estatisticamente mais aguda em terras brasileiras que no continente europeu, por exemplo, é algo atual e bastante presente em todo o mundo. Já seria, neste sentido, algo civilizatório destes tempos de hoje e marcaria, antes de qualquer coisa, um curioso distanciamento da questão da tradição.

Se o terror à morte foi o que iniciou, provavelmente, a busca por métodos de distanciamento do risco e domínio dos procedimentos que faziam parte da cena do nascimento, a recusa da posição dos ancestrais, o que praticavam os antepassados, as tradições, enquanto saídas que somente se exacerbam, certamente sinalizam mais que temor à morte. Elas já situam uma escolha que prioriza o esvaziamento de um determinado lugar: o do saber, sempre sexual.

Temos uma hipótese de que o esvaziamento do lugar do ancestral, esvazia, por consequência imediata, aquele do sexual e assim, o do saber de cada um. Esvazia-se assim a dimensão simbólica do corpo, fragilizando-se, deste modo, os próprios recursos corporais para dar conta de processos que seriam do âmbito deste. As dores são insuportáveis e ameaçadoras demais, o funcionamento em alguns aspectos fracassa com frequência, como quando supostamente as contrações e dilatação são insuficientes em escalas estatísticas altas. Para seguir colaborando com o esvaziamento, as equipes científicas lucram em muitos aspectos com a direção da cena para intervenções cirúrgicas e que, antes de qualquer coisa, eliminam o respeito ao saber e tempo que seriam fundamentais para que a situação se desenrolasse como ocorreu por milênios, inclusive gerando a preservação da espécie.

Então, se a força simbólica do corpo da mãe está diminuída, o testemunho das alteridades ratificam que pouco saber existe do outro lado que não o deles e pouco é valorizado também do saber e responsabilidades do próprio recém-nascido, assim como dos laços e relevância da participação dos familiares no processo, seria mesmo

surpreendente que um parto vaginal sem medicação e bisturis fosse tão raro quanto um remanescente de um grupo étnico originário do sul da América?

O nascimento enquanto ato está entrando em extinção!

Em meados de 2011, certa vez estava eu em uma reunião do Conselho do PPGEDU. Infelizmente não posso dizer que tenha sido uma aluna que pôde contribuir com as reuniões em questão. Aquele dia, como em outros encontros do mesmo formato, não me sentia muito pertencente ao grupo, ainda que julgue a Instituição como sendo do nível mais elevado que poderia encontrar e seja infinitamente grata a esta. Estavam, então, aquela tarde falando em algum momento, da questão das publicações, sobre o situar o nome do orientador como coautor de todas as publicações dos orientandos, creio. Algumas colegas por perto concordando inquestionavelmente com a ideia, teriam ficado um tanto surpresas quando eu, mais surpresa do que elas, mostrei-me horrorizada com a ideia.

Mantive que havia, por exemplo, a linha de trabalho da pesquisa psicanalítica, na qual não havia jamais ouvido falar que um caminho desses fosse sugerido, muito pelo contrário, um texto era algo absolutamente pessoal e jamais caberia “inserir” o nome de mais alguém além do sujeito pesquisador propriamente. Senti-me rapidamente como se tivesse falado algo, como diria, fora de tom? Inadequado? Ou talvez ainda um pouco além disto, ao menos para o pequeno grupo que me ouviu naquele instante.

Então surpresa mesmo tive quando escutei uma voz, vindo de algum lado, que não pude identificar, que afirmava que havia pessoas e modos diferentes, outros, de pensar uma pesquisa. Acordando do momento algo onírico, perguntei a alguém quem havia dito aquilo, pois a sala tinha umas cem pessoas e eu não conhecia nem a metade delas. Uma colega explicou delicadamente que havia sido a Prof^a Cida Bergamaschi, que trabalhava com povos indígenas.

Alguns dias depois decidi que me dirigiria a ela para pedir uma interlocução.

A discussão sobre este tema enquanto proposta de projeto de tese apresentada em abril de 2011, levantou possibilidades de caminhos: sobre aspectos psíquicos da gestação e parto, sobre o parto em si e questões da fantasmática nacional acerca da história cultural. No diálogo com a banca, quando então foram situadas estes aspectos e a importância de, possivelmente escolher um dos três, o diálogo com a Prof^a. Dra. Maria

Aparecida Bergamaschi abriu uma trajetória que, posteriormente mostrou-se ainda mais lógica e que trouxe infinitos retornos dos caminhos anteriores, no que surgiu então.

Nesta primeira conversa sobre povos indígenas, hábitos nacionais e práticas de educação e saúde, surgiu que em breve teríamos a possibilidade de mergulhar em um estudo sobre a obra do argentino Rodolfo Kusch. A questão giraria em torno de aspectos da ancestralidade.

Mais

O filme *Nascita statica*, mais conhecido como *Orgasmic birth*, é um documentário que traz o depoimento de profissionais da saúde e famílias sobre a questão do nascimento, da indústria, da tecnocracia, da violência, do absurdo dos métodos e práticas não questionadas nas décadas mais recentes. Mostram partos realizados nos lares, em sua maioria, junto à família, no jardim, em piscinas ou banheiras. Intimidade, beleza e prazer, trazidos a céu aberto, sem chance de serem negados em suas evidências. Os ambientes são acolhedores, escolhidos e planejados, detalhadamente, de acordo com a realidade subjetiva de cada casal. Tranquilidade, trilhas sonoras, apostas, confiança e um modo de lidar com o parto na medida de consideração que este demanda, a obra transforma radicalmente nossa leitura do cenário e imagens da atualidade.

É mostrado como o segredo mais bem guardado do universo feminino, viagem pelo nascimento não perturbado, íntimo e pessoal, este é revelado enquanto algo que incrementa a saúde da família e cria boas bases para a vida, afrontando os medos, leva a dor do nascimento ao êxtase.

Jones, sua equipe e famílias que conheci tratam todo o tempo da humanização do nascimento enquanto restituição do protagonismo à mulher. Em suas obras se pergunta se estas mulheres estão preparadas e se caberia a ele, empurrá-las para suas responsabilidades como a leoa faz com seus filhotes. Sua posição é de que o médico

tem que decidir muitas vezes, amparado no que sente, na sua intuição, estrela e demais percepções que possam colaborar.

Muitas são as situações discutidas em que as mulheres, poucas semanas antes do parto, ao se darem conta de que seus médicos estavam verdadeiramente pouco interessados em um parto vaginal, chegam com exames, indicações, diagnósticos, medicações, cabendo a eles, juntos escolher outro rumo. O autor nos diz que por acreditar que a mulher merece a oportunidade, por confiar na família, pelos sinais que demonstram e ele lê, por apostar, vai em frente. Nos conta de muitas destas situações em que as palavras, como quando afirma que falem com o bebê, pedindo a ele que aguarde mais um pouco para nascer, mostram-se decisivas nos desdobramentos. Nos relata situações em que pensamentos, inicialmente sem aparente sentido, em seguida revelando-se como importantes intuições, tornam-se ferramentas poderosas de atividade em seu fazer.

Ensina sobre a importância do ler nas entrelinhas da consciência mensagens, as quais, caso sejam difíceis de serem lidas, que, então, ao menos não fechemos os olhos para elas. Coloca que costuma expor riscos e benefícios, abraçar a escolha com a família, apostar e seguir. Assim dedica sua caminhada ao que localiza como *o encantamento que o nascimento é capaz de produzir no coração de quem se permitir sentir* (Jones, 2008, p. 24).

Conforme coloca, no mundo ocidental contemporâneo, o parto fora da situação hospitalar, a rigor, ocorreria, somente, se o hospital ou o transporte até ele falharem. Seria visto como “imundo” e inserido, deste modo, nas inúmeras sujeiras, assim concebidas, nos tempos atuais. Seria algo, hoje, sempre entendido enquanto algo medicamentoso e não mais ligado à natureza.

As discussões apontam, é claro, para a questão do saber. Um ponto alto, trazido pelo autor e sua importante interlocutora, Robbie, é a dimensão da intuição como forma de conhecimento, fonte autorizada e destacada deste, assim como de sua grande utilização entre as parteiras. Tratar-se-ia do ato de sentir ou saber, prescindindo de processos racionais. Desvalorizada no ocidente, do mesmo modo, situariam em primeiro plano a questão, como chama, enquanto pré-requisito, ou seja, vínculos psicológicos, emocionais e intelectuais, sobretudo na prática do parto domiciliar.

Em nome disto, as parteiras buscariam ampliar, na atualidade, os parâmetros dos protocolos. Teriam toda uma disposição para confiar na intuição como fonte central do conhecimento autorizado em uma sociedade que somente concede legitimidade conceitual e legal ao que pertence à racionalidade. A filosofia que regeria o ato das parteiras, conceberia, integralmente, a confiança ao conhecimento interior.

Ainda sobre a intuição, seu lugar e importância, nos diz Davis-Floyd (2009):

“La intuición, según estas parteras, surge de su propia capacidad de conexión interna con los aspectos corporales e espirituales más profundos de su ser así como de sus conexiones físicas e psíquicas con la madre y el bebé. Esta fiabilidad de la intuición está intrínsecamente relacionada con el hecho de surgir de esta matriz de la conexión física, emocional e espiritual- una matriz que da más poder y credibilidad a la intuición, en opinión de estas parteras, que la información que surge de las tecnologías de la separación. Que a pesar de todo las parteras llegan consigo e utilizan libremente tales tecnologías demuestra no solo que también valoran lo racional sino que se están volviendo expertas en equilibrar los protocolos y las exigencias de la información obtenida tecnológicamente con su adaptación intuitiva de la singularidad de las mujeres durante el trabajo de parto y el parto. Proponemos que sus redes profundas, conectivas, de mujer-a-mujer tejidas con tanto amor en una sociedad que no otorga a esas conexiones ninguna autoridad de conocimiento y poco valor a la realidad conceptual, tienen un gran potencial para restablecer el equilibrio de la intimidad a las múltiples alienaciones de la vida tecnocrática (p.152-153)” .

Absolutamente dentro da mesma realidade do que nos trazem as autoras mexicanas que trabalham com o tema dos povos indígenas e medicina tradicional, neste caso, as parteiras, assim como demais curandeiras e especialistas em ervas são portadoras de saberes distintos destes da lógica cartesiana.

Muitas das histórias destas mulheres apontam para realidades infantis e originárias familiares duras e difíceis, com situações econômicas escassas. Orfandade logo após o nascimento ou ainda na primeira infância não é rara, assim como o jamais terem ido à escola ou se alfabetizado, a necessidade de trabalhar cedo, ajudar, por exemplo, uma avó parteira, e, a maioria delas, ainda muito precocemente sabe de sua vocação e futuros fazeres como profissionais da medicina tradicional. Os sonhos iniciáticos também se repetem nestas trajetórias. Algumas contaram com ensinamentos

e transmissões familiares no assunto, outras, apenas com os sonhos e aprendizagens em conexões espirituais com entidades, almas de outros curandeiros e santos, como descrevem.

Cuidam do ato do nascimento, mas também de detalhes do acompanhamento da gestação, preparo para o nascimento, como inúmeras técnicas de deslocamento do bebê dentro do ventre para que se coloque na posição correta para a saída pelo canal vaginal. Também tratam o bebê e a mãe, e eventuais dificuldades que surjam após o parto. Geralmente, explica em todo seu material sobre o tema, Fagetti (2003), as mulheres vão até a casa da parteira quando o trabalho inicia e, ocorre muito de irem caminhando. Quando as dores estão muito fortes, a parteira se endereça a casa da gestante.

Nos conta a história de Doña Jovita. Ela atribui seu fazer a um dom:

“Yo pienso que mis conocimientos vinen del cielo porque cómo la Virgen Maria me ayuda. Porque yo no stoy preparada, no estudié nada y como Diosito me ayuda para haver todas las cosas? Yo le tengo mucha fe a la Virgen de Guadalupe, ella me va indicando” (p. 30).

Ela sabe bem a diferença dos partos com parteiras, em clínicas ou hospitais. Lamenta que os médicos desconheçam as tradições e modos de proteger a mãe e o bebê.

Madrinha de toda a comunidade, já tem tataranetos, de tantos partos que já atendeu.

Como nos explica a autora, estas mulheres são pilares de toda uma concepção sobre o humano, a natureza do corpo, ciclo da vida. Trazem consigo valiosos conhecimentos sobre doenças, cura e tratamentos que se sustentaram através dos tempos, desde a época pré-hispânica.

La sabiduría de una partera va más allá de la resolución de los problemas prácticos, contiene el punto de partida para el entendimiento del ciclo de vida e muerte que, a su vez, conforma las bases de la cosmovisión de un pueblo (p.51).

A história final apresentada no livro *Los que saben*, é de Doña Rubelia. Ela trata, inclusive, do que veio nos trazer a autora, quando esteve em Porto Alegre em 2012, a

respeito do que está se passando em seu país e que precisamos tanto nos inspirar para prosseguirmos por aqui em nossas lutas em ressituar-mos estas mesmas questões em nosso entorno e dentro de nós mesmos.

Também parteira e com caminhada semelhante às demais mencionadas na obra, D. Rubelia, com trinta e oito netos, nos conta que são todos muito bons com ela. Diz que se sente tranquila e satisfeita porque possui uma família. Inclusive antecipa ao marido. Chama-o de “meu filho” e afirma que, quando morrer, vai vir muita gente, além disso, que quer que noticiem o acontecimento no rádio, que venham suas amigas para se despedirem dela e também, gente de muito longe.

D. Rubelia trabalha em parceria com clínicas, médicos e enfermeiras. Recebe e dá ajuda. A passagem a seguir mostra sua chegada a um médico. Diz-lhe:

- Te traje esta paciente, está embarazada, tanto yo la voy a atender como ustedes también. Pero, en caso de que no pueda pasar, ya nos ayudamos a pasarla.

Ao que os médicos lhe respondem:

- Cuando comienzas a agarrar una paciente, la manda con nosotros, para que nosotros también la vamos a atender. En caso que no pueda parir nos la traes y aquí, si no la podemos pasar, la trasladamos con outro médico. Así, ya para que no se nos vaya la paciente (p. 275).

A instituição reconhece seu trabalho como seguro e confiável. Incorporou D. Rubelia às atividades da clínica. Também outras são incorporadas aos programas de atenção às mulheres grávidas. Elas igualmente participam dos cursos, como aqueles propostos pelo “Seguro social” e “Instituto nacional indigenista”.

Em seus, cerca de setenta anos, houve duas situações em que foi realmente necessário realizar cesarianas. Então, conta-nos a autora, forneceram à D. Rubelia as roupas e apetrechos para o bloco cirúrgico, que permaneceu junto à equipe, acompanhando o procedimento.

Também as parteiras passam, em seus cotidianos, a utilizar alguns materiais da cultura ocidental, como para alguma ascepcia, se ocupam das questões dos métodos contraceptivos, caminham e trocam com as equipes com outros saberes.

Para finalizarmos este trecho, voltamos a Jones (2008) e o caso de Madalena.

Ela o havia procurado porque desejava evitar o que havia se passado em suas últimas duas gestações. Conta-lhe que os filhos nascem como mágica, mistério divino. Em ambas as ocasiões, sem dores e ou maiores sinais, pediu, na primeira, que o marido buscasse um taxi para levá-la ao hospital. Quando voltou, já estava com o filho em seus braços. Na segunda, pediu que buscasse um copo d'água. O mesmo se deu. Avisa que não há tempo para chegar ao hospital.

No entanto, quando se dirigiu posteriormente, este realizou um encaminhamento para o conselho tutelar, além de tê-la separado dos filhos para que ficasse em observação, 24 horas, na primeira vez, uma semana, na segunda. Sua facilidade era vista como anomalia e ameaça.

O autor nos conta este caso, como a situação responsável pela sua alteração de rota e início dos trabalhos com partos domiciliares. Algo que não poderia ter mais volta em sua vida. Relata como havia sido apresentado a uma realidade específica e somente agora tinha como enxergar outros ângulos, os quais não poderia mais recusar. Descreve como, naquele momento deparava-se, pela primeira vez, com a dimensão de um nascimento de verdade. Nos alerta para o impacto que o nascimento desmedicalizado possui e da festa do nascimento da qual participou.

É então que detalha extensamente a história de Madalena. Os três partos seguintes, realizados após sua chegada ao autor, ocorreram do mesmo modo que os dois primeiros, sem dores ou contrações e em poucos minutos. Contava com a visita do obstetra após os nascimentos, sempre. Ele nos descreve o último destes momentos:

Alguns anos mais tarde Madalena novamente engravidou, talvez pela última vez. Novamente eu e Zeza fomos lhe auxiliar, agora no seu quinto filho. O cenário e os personagens mudaram muito pouco. As crianças, um pouquinho maiores, voltaram a se divertir com a chegada da irmãzinha. O chamado no meio da noite, a cena no pequeno e cálido banheiro, a amálgama de corpos entrelaçados, tudo se repetia com a mesma intensidade e a mesma energia. Enquanto Zeza cuidava da menina recém-nascida, batizada de Sara, sentei-me com Madalena na acanhada sala de seu apartamento e lhe perguntei:

- Esse é o último Madalena?

Ela sorriu e disse:

- Não sei. Gosto tanto de ter filhos que não seria justo dizer que não mais os terei.

-Madalena, disse-lhe eu fitando os doces olhos castanhos, você é uma mulher abençoada. Tem o dom da maternidade e a dádiva de ser mãe de tantos filhos e todos saudáveis. Seus partos são rápidos, indolores e belos. Você deveria doar seu corpo para a ciência, para que no futuro descubram qual o gene responsável por ter filhos com tamanha facilidade e tanta paz.

Madalena me encarou com aquele olhar maravilhosamente doce e me respondeu com um sorriso:

- Doutor, não vai adiantar procurarem no meu corpo. Aqui não vão encontrar nada. Melhor procurarem na minha alma (p.163-164).

Capítulo 3 – O encontro com a obra de Rodolfo Kusch

Tenho uma sensação física de calor e emoção até hoje quando lembro das primeiras obras com as quais iniciamos a caminhada nas teorias de Kusch: *Sedução da barbárie* e *América profunda*. O primeiro encontro lançou de imediato um desafio que faria parte dos sentimentos e questões dali por diante: o descentramento e a angústia não pediam licença para aparecer, já de saída.

Ainda que não saiba bem de onde viria esta pretensão, mas sei que estava, no começo comigo, uma convicção de que de algum modo eu seria capaz de transpor com alguma habilidade as minhas teorias para aquelas que encontraria ali. Talvez imaginasse uma espécie de retranscrição, algo assim. Então partimos de pronto, no primeiro encontro do qual participei, com uma discussão sobre a dimensão da natureza e seu lugar na lógica do pensamento ameríndio. E depois vieram as questões sobre a espiritualidade, o fedor, a contemplação, o estar aí.

Os colegas foram muito gentis com minha angústia e já no segundo encontro estava eu um pouco mais conformada com a ideia de que teria que vivenciar outras lógicas e mais nada. Seriam outros saberes, outras referências e eu, basicamente teria que topar o desconhecimento, a surpresa e um longo caminho fora de um monte de paradigmas nos quais eu havia construído toda a minha vida profissional, inclusive.

As pessoas com as quais comecei a caminhar naquele momento eram muito afetivas, simpáticas, em sua maioria já haviam tido experiências extensas de imersão e com o trabalho com povos indígenas. Elas tinham em si bastante saber, já, sobre dimensões que eu talvez sonhasse em vir conhecer em breve. Eu sentia que elas eram receptivas, mas estranhavam um pouco a minha presença, enquanto representante de uma teoria, supostamente, ali. Mais tarde eu comecei a entender porque, em parte, elas tinham razão e, em outra parte, não. Mas, certamente, cabia a mim construir e dizer algo que fizesse sentido.

As teorias judaico-cristãs freudo-lacanianas não eram familiares às discussões. Tampouco eu, em um primeiro momento sentia-me apta a dizer muita coisa. Mas, de acordo com o que aprendo na minha formação há quinze anos, posicionei-me para

ouvir, supondo que o saber de quem falava era valioso, único e sobre o qual eu devia estar precisando aprender, de outro modo, não estaria ali.

A primeira questão que saltava aos ouvidos eram as discussões sobre o *estar aí*, enquanto lógica do pensamento ameríndio que se diferenciava fundamentalmente da visão de mundo ocidental, na qual estaríamos, desde as diretrizes romanas, marcados pela lógica cristã que teria cada vez mais a característica do *ser alguém*, acumular bens, conquistar, dominar a natureza e qualquer tipo de risco.

O que passamos a discutir neste aspecto, dizia respeito ao fato de existirem outras realidades nas quais outros saberes e valores estariam em cena. Os males, a morte, a sorte, a fartura poderiam vir de outro lugar que não do controle ou falta dele. A conduta adequada poderia ser formulada desde outro lugar que não o da ciência. Os bichos não necessariamente poderiam não ser gente.

E para tudo isto, soava como fundamental o descentramento das verdades romanas, a final, sociedades ainda mais antigas que aquela se mantiveram e se mantém desde outros pontos de vista. Olhar para estas lógicas a partir delas mesmas seria um ato de respeito e honestidade.

A ligação com a natureza era muito falada enquanto lugar no qual as pessoas encontrariam um espelho e ideais. Ela serviria de fonte de alegria, empoderamento, embelezamento, lugar a partir do qual se poderia escutar, saber, ler, compreender. E também por aí não seriam necessários tantos afastamentos, proteções e rechaços. Lembro, por exemplo, de um depoimento forte em que comentavam que os indígenas diziam que os não indígenas precisavam de aparelhos de telefone móvel para avisarem uns aos outros que estavam se deslocando, chegando e assim por diante. O mesmo não seria necessário entre os indígenas, eles teriam outros meios de ler e entender o que estaria se passando.

As vivências religiosas, ritualísticas, oníricas seriam não apenas muito valorizadas, como encadeadas com toda a visão de mundo. O que era preciso ser transmitido, o era feito constantemente dos mais velhos para os mais jovens através de rituais, das práticas frequentes das conversas e aconselhamentos, o que situava o ancestral como a dimensão mais alta no que se refere ao saber. Também muito era ressaltado o fato de que as convivências, aprendizagens e momentos de integração

lúdica, não faziam distinção de idade. Aliás, nada era compartimentado. O valor das práticas orais e a contação de histórias era sempre sublinhado, igualmente.

Os colegas também, nestas discussões, começavam a me fazer pensar sobre outras realidades em termos de práticas de higiene, entendimentos da dimensão do odor, assim como dos bens materiais e de objetos de modo geral. O que traziam para dialogarmos com o texto de Kusch, era que a limpeza, por exemplo, como costumamos ver em nossa sociedade, também poderia ser algo muito estranho. Em um dos encontros, em que tratávamos do termo “pátio dos objetos”, como o autor chama nossa realidade atual, um dos colegas trouxe dezenas de imagens de objetos que tínhamos em nossa cultura, bugigangas do dia-a-dia ocidental, invenções intermináveis para tentar dar conta até do que não imaginamos. Lembro que aquela foi uma tarde inesquecível, deparar-nos com, até mesmo, o ridículo e insuportavelmente excessivo modo como dependemos das coisas, das mais plásticas, as mais elaboradas, para viver.

A dimensão da contemplação certamente, uma das mais fascinantes, também nos era apresentada todo o tempo. O quão sagrado era o silêncio, a palavra, o sentir, a afetividade cheia de lei e dignidade, desfilavam por nossas trocas em forma de relatos, tais como nos que tratavam da possibilidade de existir prescindindo, da quantidade que conhecemos, de palavras tantas vezes esvaziadas, indiferença à simplicidade, à sensibilidade, e, é claro, a questão do respeito à lei colocada pelos mais velhos. De um lado, vinham as falas sobre a tranquilidade das crianças e resposta ao que os mais velhos situavam como regra, de outro, a questão com a autonomia e autorização dada às crianças que desde os primeiros meses as inscreviam em uma realidade na qual começavam a saber de si, das necessidades corporais, tais como momento de buscar o alimento, abrigar-se da alteração de temperatura e ter cuidados para evitar acidentes.

As leituras e discussões muito rapidamente foram trazendo a ideia de que não apenas outros importantes saberes eram possíveis, como que estes outros eram muito valiosos, mas também que além de existir muito a repensar, que possivelmente tínhamos mais do que sonhávamos em termos de patrimônio subjetivo para revisitar. O que o autor que nos estava sendo apresentado propunha era justamente um retorno crítico às maneiras ameríndias de pensar a partir delas próprias. Propunha que o que passássemos a fazer em nossas terras, pudesse sê-lo feito levando em conta as lógicas ancestrais, ao invés de nos mantermos no eterno efeito de quem busca reproduzir

lógicas exteriores. Assim, passamos todos a nos sentir convidados, ali, a fazer educação sul-americana, psicanálise sul-americana, filosofia sul-americana e não as mesmas, mas em moldes apenas europeus, ainda que em outro continente (e sempre um pouquinho ressentidos por não estarmos do outro lado do Atlântico).

O que experimentamos ali, tenho certeza que absolutamente revolucionário, inesquecível e apaixonante, foi o mergulho em uma obra que transformava poderosamente o que costumava ser sentido, mesmo que, em apenas um ou outro momento, como de pouco valor, no que se refere às origens da América, em algo de uma sedução e cunho de tanta preciosidade, que jamais tínhamos podido experimentar antes. Kusch me parecia, de longe, um dos autores mais poderosos e capazes de operar uma subversão de pensamento, como até então eu somente havia vivenciado nos caminhos da psicanálise.

Não pude mais me afastar do que me afetou nestas trocas. Entendi que somente poderia ir em frente e me entregar a algo que sabia que não poderia por muito tempo sequer formular o que exatamente seria ou que desdobramentos poderiam ocorrer. Não tinha formação em história, jamais havia visitado uma comunidade indígena, minha teoria e prática de origem eram absolutamente ocidentais, pensava eu, e tinha notícias de que as questões psíquicas em povos originários em nada eram possíveis de se fazer analogia com o que possuíamos em nossa história sobre a subjetividade ocidental. Eu também tinha notícias de que as aproximações não eram fáceis.

Eu não fazia ideia do que esperar, tampouco do que oferecer e muito menos tinha comigo o que seria possível realizar.

Pedi então à Professora Cida Bergamaschi para pensarmos na ideia de eu fazer uma primeira visita a uma comunidade indígena.

Surgiu a possibilidade de duas visitas em dois dias seguidos. O segundo dia era com colegas que estavam ligados ao grupo que havia estudado Kusch naquele semestre. Iríamos juntos, de carro, para um encontro em que levaríamos lanche para compartilhar com as crianças e também para que algumas colegas, que trabalhavam com contação de histórias, realizassem uma atividade. Mas o primeiro dia não seria deste modo. Cida me sugeriu telefonar para uma pessoa que estava organizando uma atividade em uma comunidade guarani. Eu liguei, pedi para participar. Avisei que iria sozinha, fizemos

combinações sobre toda a trajetória necessária para acessar o local e inclusive para que eu avisasse após toda a viagem, quando chegasse às proximidades e alguém da comunidade viesse me buscar para fazer o percurso final até a aldeia.

Me perdi, cheguei três horas atrasada. Mas no caminho fiquei feliz porque dentro do próprio ônibus localizei um senhor e um menino, que mais tarde entendi que eram pessoas importantes da comunidade e, através de um diálogo silencioso, acabamos caminhando juntos até o local. Nos acompanhamos. De saída experimentei uma surpreendente confiança, uma vez que estava entre completos estranhos, que falavam uma língua absolutamente ininteligível e eu andava com eles em um local totalmente deserto, sem referências da minha geografia. Subimos uma estrada de terra extensa, absurdamente íngreme. Ríamos da minha exaustão e falta de condicionamento físico. E então, chegamos.

Eu havia chegado num outro mundo.

Tudo desconhecido, fortemente tocante, as cores, a luz, o ar, o silêncio, o guarani, e, principalmente, o que eu não sabia dizer o que era.

Levei um ano para ter coragem de lavar os tênis que vestia naquele dia e traziam aquela terra. Lembro também como fazia calor e após voltar para casa, surpreendentemente, eu não conseguia ir tomar banho.

Claro que eu conseguia dizer alguma coisa sobre a emoção, as diferenças, o que me agradava, o que parecia difícil, mas, o que me acompanharia a perder de vista, dali em diante, seriam mesmo, sobretudo, estas linguagens, lógicas, dimensões tão indescritíveis e ininteligíveis, nos primeiros tempos. Elas seriam, talvez, o melhor e o mais desafiador pelo meu caminho afora.

Eu não tinha registros, tecido psíquico, corpo, e isso é o que mais foi ficando claro, para decodificar, escoar, drenar um infinito de intensidades sem referência de qualquer tipo na minha cultura, anteriormente. Certamente este passou a ser um dos pontos mais altos para começar a trabalhar.

No entanto, após a chegada ao paraíso, avistei uma cena emblemática.

A atividade no local em questão girava em torno do aniversário de uma criança da comunidade. Pessoas ligadas aos trabalhos com povos indígenas haviam sido

convidadas. Além disso, o convite havia sido estendido a três turmas de escolas não indígenas, o que oportunizaria também uma troca transcultural entre as crianças.

Eis o primeiro choque.

As crianças não indígenas, como não é raro presenciar, estavam bastante agitadas. Talvez ali estivessem ainda mais. A diferença era mais gritante ainda porque as crianças guarani eram muito tranquilas e doces, afetivas, delicadas. Rapidamente as não indígenas mataram cruelmente três aves da comunidade, assim como vi um grupo de meninos cercando um menino guarani muito jovem, dizendo a ele para atacar os outros com o arco e flecha. Como ele não o fazia e parecia um pouco assustado (na verdade penso que ainda não falava português), os outros gritavam que ele era covarde.

A cena lembrava uma invasão e, é claro, barbárie. Mas nós, não indígenas, não estaríamos, por ventura, vindo ali, como representantes da civilização?

Sim, um dos capítulos duros da caminhada e que não terminaria, seria deparar-se, no detalhe, momento após momento de convivência nesta outra realidade, com algo do fracasso de uma civilização.

Fomos lindamente recebidos, as pessoas da comunidade sorriam, de modo que o sorriso era uma das maneiras de nos comunicarmos mais. De saída, deparei-me com a incomparável emoção e potência da dimensão que Kusch tanto, mas tanto descrevia, a da contemplação. Eu estava sem meu grupo de origem ali, e interessantemente isso era bom. O silêncio era um lugar maravilhoso e extremamente digno. Ali, como muitas vezes depois, o choro de emoção era comum, possível, razoável, necessário. Passei aquele dia inteiro entre absolutamente desconhecidos, sendo que a maioria deles falava outro idioma, tudo era diferente, como por exemplo, os lugares onde era possível nos acomodarmos, e eu estava acolhida e próxima a um êxtase que eu nem desejava tentar explicar.

Voltei para meu espaço urbano acompanhada, como nunca antes.

No dia seguinte fomos para a outra aldeia.

As crianças guarani, algumas muito pequenas ainda, todas faziam fila e respondiam em total tranquilidade e ordem à direção que lhes haviam dado, de que deveriam escolher, cada uma, apenas uma opção de doce ou salgado e um copo de suco,

dentre todos que estavam sobre as diversas mesas da sala. As mesinhas estavam cobertas de comida e bebidas.

Caminhamos pela comunidade, assistimos à contação de histórias de mitos indígenas. Uma canção foi apresentada com maracás e as crianças foram convidadas a colaborar com suas lindas vozes, uma vez que era uma canção guarani. Também havia um macaco enorme de brinquedo que havia sido levado para interagirmos. Ao final da atividade estavam todas as crianças em pé, cantando, macaco também, de um lado para o outro e os pés, os pés não conseguiam ficar calados. Eles cantavam fortemente nos movimentos junto a terra, como lhes é de costume.

A afetividade era ofuscante. Todos, mas principalmente as crianças, cedo aprendi, que tinham uma espécie de ritual de devoração amorosa dos que ali chegavam. Nos davam as mãos, abraços, sorrisos, exploravam a cor de nossas unhas e pele, ensaiavam o adorável ato de buscar piolhos em nossas cabeças, como as mães ali o fazem com os filhos deitados em seus colos. Também faziam cirandas em guarani por horas, as quais precisávamos suportar, digo, girar por muito, mas muito tempo junto ao canto hipnotizante.

Algo muito poderoso tomou conta de mim ali. Era uma espécie de autorização para agir de acordo com toda minha verdade e silêncio. Tenho a impressão de ter passado toda a experiência quase sem falar com ninguém e sentia uma intensa convicção de que eu podia fazer isto, podia exercitar radicalmente meu desejo de apenas *estar* ali, silenciosa e sentindo. Parecia que ali algo respondia pungentemente as minhas crenças mais últimas. E eu não precisava *ser* nada, menos ainda mostrar, eu podia *estar* ali. E novamente Kusch abria um caminho sem precedentes.

Nos segundos finais precisei falar. É que eu precisava voltar, então pedi. Fui autorizada e em seguida convidada para estar em uma oficina de tear que ocorreria em breve.

As fotos. As fotos feitas e também o vídeo das atividades realizadas eram muito impressionantes de rever depois. Além de eu ter aprendido, de cara, a cantar a canção guarani daquele dia. Mas as imagens gravadas eram loucamente vindas de outro mundo. As cores, a luz e aquelas vozes... eram muito carregadas de algo que vinha de muito longe, talvez milênios mesmo e de uma força e estética absolutamente indizíveis.

Muitos meses depois, quando já estava em imersão, trabalhando muito com eles e em atividades com antropólogos de outros países da América, tive a oportunidade de ver diversas imagens como aquelas, durante a apresentação de trabalhos. Não são raras as vezes em que fotos apresentadas trazem não apenas um colorido particular, mas luzes e fumaça de uma tal composição que temos facilmente a impressão de estarmos vendo algo, no mínimo, misterioso.

Custei um pouco, mas comecei a entender, o quanto o mistério e o topar o desconhecimento tão estranho a nossa contemporaneidade científica, eram a chave para a sabedoria, o desejo de aprender e, é claro, o amor.

Nesta época, apesar das experiências serem já tão fortes quanto importantes, eu não tinha muita ideia do tamanho do universo que estava se abrindo, mas possivelmente aqui já caberia situar uma pergunta: o que será que ali não falhava? Que resposta era essa que sempre vinha e sustentava a alegria do caminhar. Isso. Havia algo que, muito poderosamente, não cessava de se escrever. E por que todo este estado de graça?

Certamente que um ponto alto me parecia ser as ligações tão poderosas daquele povo com a dimensão do ancestral, do que vem antes de nós. Aliás, não apenas com a gente que vem antes e vive e tem sabedoria para transmitir, as belas palavras sem as quais não se vive. A relação deles com o que vem antes, com a origem, inicia verdadeira e certamente com o tomar, antes de qualquer coisa, como sagrado, a própria natureza.

Do pouco que era possível dizer, de início, percebia a questão do sagrado, do ancestral, do que está para além de mim e da minha dupla, o paterno. Deveria ser por isso, pensava eu, que diziam que os guarani eram os guardiões do planeta. Desde o começo era possível sentir que aquela gente ali tinha pai para o mundo inteiro. Não pude não construir ao longo da caminhada uma convicção de que seria uma grande ideia começar a abrir passagens pela cidade afora para que nossas veias guaranis não apenas pudessem pulsar silenciosa e invisivelmente, mas que começassem a ser devidamente ouvidas e passassem a repovoar terras, hoje florestas urbanas, universitárias, florestas de teatros e bares, escolas e das nossas próprias casas. Se, por estes séculos, mais recentes, os povos originários da América haviam sido forçados a permanecer restritos a pequenos espaços físicos, e apesar de toda a violência e destruição que foi provocada, algo tão poderoso os manteve, a ponto dos dados do IBGE trazerem claramente que a população está aumentando, e de termos o nível de experiência que relato aqui, então eu

estava certa em dizer que algo não cessava de se escrever. Então talvez estivesse mais do que na hora de começarmos a nos espelhar nos franceses e quem sabe, metaforicamente, irmos tomando poder, ocupando, guilhotinando o que não presta e que, inclusive, está acabando com os próprios brancos.

As cenas imediatamente seguintes a esta primeira visita nesta segunda aldeia foram respectivamente a da oficina de tear, da qual participei, que mais parecia gente tecendo no céu e, em seguida as movimentações para uma festa de final de ano que, nesta ocasião, começou a ser formulada. Deveria celebrar o final do ano escolar e a chegada do verão, uma vez que não seria o caso de festejar o calendário cristão.

Este foi também um dos episódios surpreendentes, dentre os seguintes, que começaram a ocorrer. Eu havia visto, há alguns dias, que uma ex-colega havia postado em um espaço de rede social que sua empresa gostaria de cogitar uma instituição para fazer uma doação de final de ano. Busquei fazer contato com vistas à festa da aldeia e o que se encaminhou foi que esta empresa, uma loja de moda para bebês, demandou a dez artistas plásticos que fizessem uma intervenção em tip-tops que foram a leilão. O valor arrecadado, ironicamente era praticamente o número do ano da data de chegada dos portugueses no Brasil. Sem dúvida alguma, estávamos falando de dívidas seculares.

A festa envolveu movimentações da comunidade que por aqueles dias recebeu visitas de guaranis de outros estados e países, com o perdão pela geografia a-crítica, de lançar mão deste termo. Foram comprados brinquedos que as crianças pudessem utilizar coletivamente (como nos foi pedido), uma vez que criança não joga sozinha, material para as *ravés* (violinos), tecido para a confecção das roupas para o grupo infantil de canto guarani e cinquenta quilos de peixe. Fui informada pelo chefe, na vez seguinte que retornei, que eu era muito bem-vinda, que nunca iriam se esquecer de mim, que o que eu havia encaminhado era muito importante e de ordem espiritual.

Depois disso fiz mais algumas visitas com a diretora da escola da comunidade, nas quais tentamos nos reunir com os jovens estudantes dali. A escola indígena é formada por professores mbyá-guarani e possui a coordenação também de uma profissional não indígena, mas de formação diferenciada. A ideia era de que nos encontrássemos para construir um espaço para que os jovens pudessem falar de seus horizontes e planos futuros, envolvendo trocas com a cidade. Decidimos, no entanto, em seguida, que eu encaminharia minha presença ali de outro modo, uma vez que esta

primeira ideia havia sido mais nossa, não indígena e sentimos que seria importante outro caminho para oportunizar demandas.

Uma pausa de algumas semanas ocorreu. Voltei então, após este período, para uma conversa com o chefe e pajé.

Capítulo 4- O encontro com Gabriel Balbo e o traço de um caso

Possuímos um projeto clínico chamado *Gradiva*, na Escola de Estudos Psicanalíticos, instituição da qual faço parte. Neste grupo trabalhamos desde o ano de 2011 um livro chamado *Les trait du cas*, O traço do caso. A instituição organizou em 2012 a vinda e os trabalhos com Gabriel Balbo. Datas estabelecidas e dias para as conferências, apresentações de casos e discussões confirmadas, fiquei responsável pela apresentação de um caso a partir do qual ele nos falaria da questão do traço do caso e o enodamento dos registros do Real, Simbólico e Imaginário.

Há anos estava eu enroscada com questões de um caso. Decidi por ele para a apresentação. O que me parecia fazer questão ali era o ponto com a ancestralidade. Parecia-me ser este o traço. Na verdade, na clínica, foi um caso precursor que me lançou a pensar tanto sobre aspectos da subjetividade ligadas à ancestralidade ameríndia, quanto sobre perguntas a respeito das maneiras como eu, enquanto psicanalista, poderia pensar as minhas intervenções e que tipo de mal-estar e angústias poderiam surgir.

Poucos dias antes da chegada dos franceses, colegas da instituição perguntavam sobre o que poderíamos comprar para presentear Balbo e houve a sugestão do artesanato guarani. Dei-me conta que a apresentação do meu caso seria precisamente no dezenove de abril. Haveria uma apresentação do grupo infantil da aldeia onde eu estava começando a trabalhar, no local em frente ao qual os colegas franceses estariam hospedados. Decidimos por realizar um encontro de todos. Foi um momento de muita emoção para mim, aquele dia. A final, eu estudava a obra de Balbo há muitos anos, um dos conceitos mais trabalhados por ele havia sido tema da minha dissertação, havíamos trabalhado por muito tempo para trazê-lo, eu trabalhava há muitos anos com o caso que me fazia questão e era muito difícil e iria apresentar, e estava absolutamente tomada pela comunidade daquela aldeia. Então, seguindo a linha dos encontros e coincidências que estavam começando (aprendi aos poucos que episódios assim faziam parte das questões com os guarani. Situações quase oníricas e também cômicas se repetem muitas vezes em locais totalmente improváveis e sempre com os membros da mesma comunidade). Com força impressionante, quando vi, estávamos todos juntos em plena catedral de Porto Alegre (em frente, aliás, ao local onde faço minha análise pessoal).

Gabriel Balbo e os colegas franceses que vieram com ele foram conosco, membros da EEP, assistir a uma fala do cacique da comunidade guarani e apresentação do coral infanto-juvenil por eles organizado. Supostamente deveria haver muitas outras pessoas da cidade para prestigiar o evento. No entanto, como se ouve na aldeia tantas vezes, “chega quem tem que chegar”. Os presentes éramos nós da EEP e os guarani, além da diretora da Escola da comunidade e uma pessoa da coordenação do evento. Os demais não chegaram.

A fala do chefe emocionou bastante a todos, assim como as traduções que ele fazia dos cantos em guarani para o português que, em seguida, eram traduzidos para o francês. Trocamos palavras, olhares, emoções, os colegas puderam levar com eles, para Paris, muitos artesanatos. Já sabíamos que Balbo, em seu consultório possuía, da vez que havia nos visitado anteriormente, algumas esculturas guarani. Um dos colegas franceses encaminhou jogos e trocas lúdicas com uma criança mbyá. Ele também me disse que sentiu algo com o cacique. Gostaríamos de ter ido visitar a aldeia todos juntos. Mas foi preciso adiar a visita para algum momento futuro. Ao final, havíamos combinado que nossa instituição presentearia Balbo com uma escultura grande. Foi trazido um enorme jacaré que havia sido feito por um dos intelectuais mais importantes da nossa região. Balbo, emocionado, tendo compreendido que os guarani lhe estavam presenteando, passou um longo tempo abraçado no jacaré, acariciando-lhe junto ao peito.

Horas depois nos reencontramos em um outro espaço para começar a trabalhar sobre o caso.

Considero que minhas primeiras experiências de formação começaram quando, ainda em época de estágio da graduação, escolhi trabalhar com a realidade do manicômio judiciário, depois dos bebês abrigados na antiga FEBEM, depois com a comunidade na Restinga Velha e finalmente no consultório, onde, durante muitos anos, dediquei minha atenção às questões da constituição psíquica, do arcaico, do primordial. Atualmente acredito que costumo receber pessoas no consultório que têm um cotidiano que seria socialmente lido como razoavelmente “comum” em nossa realidade urbana porto alegre.

Trago o que mencionei acima para situar que já vivenciei alguma coisa do que costuma e não tem como não assustar. No entanto, há vários anos, vinha percebendo a

alma assustada com algo que escapava a tudo isso que poderia categorizar como o já dito anteriormente. Eu recebi um caso, que evidentemente aqui serve de metáfora para falar sobre muitos outros e de todos, que não me deixava sossegar. A questão é que apesar de trazer elementos da dimensão da existência, dos problemas com o mortífero, com o abandono, com o que precisa se constituir e, por vezes fracassa, com as possibilidades de criação, com os laços dos tratamentos, com as habilidades para o humor e também para a inteligência, este caso declarava que havia algo ali que eu não conseguia captar. Sentia desde o começo que levaria anos para apreender algum mistério muito importante que aquela situação me trazia.

Recebi um pedido de atendimento para uma jovem, feito por sua família.

Quando comecei a receber a analisante, propriamente, de saída, vi que algum portal para novos mundos se abria. Nada de queixas, nada de choro, nada de falas sobre conflitos familiares, reminiscências traumáticas ou qualquer comentário sobre amigos ou situações amorosas mais ou menos interessantes. Nada sobre “quem sou eu?” e muito menos quero ser isto ou aquilo na vida. Também nada sobre “estou angustiada”, tristezas ou preocupações declaradas, sintomas ou desejos a realizar. Ah. Também nenhuma descrição sobre sonhos.

Bastante silêncio (e uma tranquilidade chocante a esse respeito), assim como atrasos (no relógio) e no que seria considerado um modo de vida ocidental. Tentei, juro que tentei decodificar desde o início o que estava ali de acordo com o que já havia estudado até aquele momento ou sentido em minhas práticas e com força impressionante, cada uma das minhas tentativas desfazia-se dentro de mim mesma e eu só conseguia saber que não era nada daquilo.

Ao invés, então, do que geralmente ouvimos no consultório das pessoas que buscam tratamento, ou seja, queixas, descrições do próprio estado e vida emocional, histórias sobre desacertos com os pares, cônjuges, familiares ou pessoas da comunidade do entorno, esta pessoa vinha falar de si de um modo muito diferente. Ela comentava sobre a paisagem, os bichos e também as árvores. Passagens breves ou comentários sobre situações curiosas do entorno também apareciam. Ela resistia com força multimilenar. E não adiantava tentar perguntar, insistir ou fazer algum som gutural para indicar que sugeria que seguisse uma associação. A resposta era taxativa. Ela não falava, em hipótese alguma, de conflitos pessoais de maneira declarada. Na verdade ela

deixava claro que não concordava com a possibilidade de estar naquele espaço para fazer outra coisa que não falar da paisagem, dos bichos, da natureza e de algumas situações curiosas.

Sua frequência era muito grande, insistindo em vir, inclusive em períodos em que geralmente fazemos recesso, férias ou algo do gênero. Ela realmente não estava nada importada com o calendário.

Seus familiares me haviam mencionado algum sintoma biológico dela, assim como situações de desistência e interrupção de atividades profissionais. A menina falava pouco disso, deixava a ver que era algo doloroso, mas não dizia muito mais do que comentar baixinho que era demitida, recusada, reprovada, chegava atrasada, se equivocava.

Era olhada desde o lugar da falta.

Evidentemente eu insistia com ela que precisávamos trabalhar para que ela localizasse algo que fosse afinado com seu estilo e desejo e que, muitas vezes, o que a maioria valoriza em nossa atualidade, nem sempre era interessante, sensível e assim por diante. Por vezes ela me trazia algum assunto sobre a história da América pré-colombiana.

Então foi que comecei a sentir que ali havia uma pista. Decidi seguir a pista das civilizações pré-colombianas. Sentia que ali havia uma teoria dela, uma reivindicação profunda e silenciosa. Com o passar dos meses foi sendo possível entender que ali estava uma lógica que sempre se repetia. Os ancestrais que haviam sido brutalmente atacados, grande injustiças, incompreensões, gente muito importante, valiosa e sábia dizimada e, sobretudo, uma verdade recusada.

Também escutava suas falas sobre o capitalismo, as estupidezes próprias da monstruosidade do homem, as bestialidades com a natureza, os sarcasmos e ironias finas dela com a maneira do homem ocidental viver. E sim, tenho certeza de que este recorte se deu em nosso encontro. Sentia que aquele trabalho era para mim e todo aquele silêncio e solidão aterradores que captava em sua existência, me tocavam muito.

Muitas vezes me perguntava o que ela vinha fazer ali, o que achava de eu aceitar sua fala sobre assuntos declaradamente externos, como e por que tanta coerência e

humor finos de um lado e tanta recusa de dizer sobre o que pensava de si, do outro. Que tipo de inimigo poderia parecer eu? Alguém que mereceria ser visto como idiota? Alguém de quem se ri porque não tem como compreender? Alguém que merece ser pago ou ficar sentado, não ser pago, esperar por alguém que chega muito depois e ouvir o silêncio da ausência de som ou de palavras sobre a verdadeira razão que traz aquela pessoa que vem se tratar ali?

Mas não se vai visitar um inimigo inclusive nas férias. Não se vai mesmo com sono, com tristeza (ainda que não desdobrada em queixas verbais objetivas) e muito menos não se insiste em um assunto com alguém por anos, a menos que aquilo ali seja um enigma. Eu não fazia ideia de que língua era aquela, não entendia que lógica seguia ela, mas entendia que a única saída era estar ali, receber o silêncio, as recusas, os outros ritmos e também os assuntos.

Foi assim que assinei um pacto, um aceite de ser alguém que recebia aquela pessoa, a qual, inclusive, parecia não me permitir exatamente exercer um lugar de analista como se esperaria em um tratamento clássico.

Não sei muito bem o que era mais desafiador transferencialmente, se a preocupação de que algo grave ocorresse, a sensação de não poder agir como estava habituada, ideia de que anos estavam se passando e eu parecia não estar conseguindo apreender algo que deveria ou a angústia sobre o que se daria.

Mas por que raios deveria eu resistir em ouvir sobre árvores, bichos, chuva, temperatura? Quem estaria me cobrando um discurso manifesto sobre o ser ou o ser alguém? Resisti bastante. Precisei de anos e algumas reviravoltas para que aquilo que era falta no discurso alheio, pudesse se transformar em tesouro da humanidade e mais tudo o que passei a começar a aprender.

A pesquisa psicanalítica ou o que deriva do tratamento pessoal do analista, assim como de sua prática clínica e análise de controle, somente ocorre dentro da lógica da própria psicanálise. A técnica psicanalítica envolve leitura, compreensão das leis do funcionamento do inconsciente e um posicionamento muito específico quanto ao lugar do analista e sua ética de trabalho.

Caminhamos na clínica de acordo com o que de surpreendente surge e, na qualidade, do que vem como evanescente e fragmento de verdade, próprios da condição

da dimensão do sujeito do inconsciente. O trabalho somente se dá dentro das particularidades transferenciais de cada encontro, ou seja, do que cada dupla analista/analisante, vetorizados pela linguagem e leis que regem a técnica psicanalítica, produz em termos de fala e audição/leitura.

Assim, do mesmo modo que cada analista vai ouvir cada analisante dentro de seus recursos representacionais, vai resistir igualmente de acordo com eles e, finalmente, vai contar a respeito do caso, como dizemos, que será “o caso do analista”. O que será trazido do traço do caso em cada trabalho de cada analista, formulado a partir de seu inconsciente, análise pessoal e de controle, será um fragmento de verdade seu.

Por mais incomum que eventualmente o recorte por mim trazido pareça a qualquer leitor, ele somente pôde ser feito enquanto exaustivamente trabalhado em meu próprio processo de análise e de formação, assim como de seus desdobramentos em outros ambientes de minha vida profissional, tais como nos diálogos com educadores, na universidade e na comunidade indígena que passei a frequentar.

Isto funciona como o que foi trazido recentemente na fala de Viveiros de Castro que esteve em Porto Alegre em outubro de 2012. Ele nos contava sobre sua obra em torno da questão do perspectivismo e do neologismo que faz, a partir da expressão levistraussiana “*La différence*”, quando escreve sobre a *diferOnça*. Nos mitos indígenas nos lembrava o autor, são bastante comuns as passagens em que, por exemplo, um guerreiro adentra a mata para caçar e ao deparar-se com uma onça e aproximar-se dela, subitamente ao invés desta permanecer em seu lugar de bicho da floresta, ela se vira e fala com ele.

O que o autor nos explicava era que faria uma equivalência entre esta imagem (com encaminhamentos extensos e complexos) e aquela do filme “Os outros”. Tratar-se-ia de um momento como aquele, em que após o desdobramento do roteiro inteiro, na cena final a protagonista depara-se com a verdade de que o que parecia ser do outro era, não obstante, ela mesma.

Quando chegamos a publicar um caso ou uma discussão importante sobre passagens clínicas, isso, primeiramente, jamais se refere a uma única situação sobre a qual nos indagamos poucas vezes. São certamente elementos de tramas longas e que

remetem a nossa própria cadeia significativa. Invariavelmente o tema em questão que é metaforizado nos detalhes clínicos escolhidos para serem trabalhados, é algo que retorna e atravessa toda nossa experiência clínica e que nos faz questão, provavelmente, de diferentes modos, ao longo de uma história, a nossa.

Creio que é assim que os analisantes sempre nos interrogam de maneira pungente sobre nossas verdades. E nos colocamos em xeque a cada sessão. Mas, é claro, há sempre aquelas passagens que nos brindam com a felicidade da oportunidade de tangenciarmos algo tão difícil, quanto precisamente e exatamente aquilo que precisávamos nomear em nós mesmos. Penso que é nesses momentos que alguns casos nos encurralam, nos angustiam, nos fazem sofrer significativamente por um tempo. Mas como na virada da onça, se tivermos a alegria de encontrar mais (e às vezes muito mais) do que sonhávamos encontrar, obramos como naquele filme *O lixo extraordinário* e daí, tudo o que não podia passar de um resto que nos causava transtorno, vira um dom.

Muitíssimas foram minhas próprias sessões de análise em que contava e recontava passagens dos casos que apontavam para o que trago aqui, se não todas, especialmente quando falava de meus próprios mitos e encruzilhadas, travessias que são o próprio tratamento. Conteí a Balbo também o quanto, neste caso hipotético, o estar ali escutando e acreditando estar cada vez mais defrontada com uma novidade magnífica, via minha analisante se deslocar e virar alguém que passava a encaminhar construções profissionais das mais invejáveis e sensíveis, assim como mudanças em seu cotidiano familiar, social, assim como questões estéticas, posturas e também de humor.

O que acabou acontecendo foi a abertura de um caminho pelo qual começaram a passar muitos outros analisantes, se não todos. Foi como uma artéria principal levando para muitos lugares da clínica, da educação, da cidade para as aldeias e destas comunidades indígenas para as florestas das cidades, dos textos de Kusch sobre os quíchua, para os mbyá-guarani, depois para as culturas ameríndias do México, Colômbia, do rio da Prata, Estados Unidos, Canadá, da sabedoria multimilenar da América, de volta para o divã das mentes mestiças.

Gabriel Balbo nos disse acreditar que o traço em questão do caso do qual eu lhe falava era, de fato, a ancestralidade. Esta remeteria sempre ao objeto voz, objeto primeiro e modelo para todos que fazem parte do ordenamento da organização pulsional. Parecia-lhe que a menina em questão, em sua opinião, sofria de uma

estranheiridade em sua própria família e para si mesma. Careceria de uma imagem de si, seria estrangeira ao próprio corpo e também por isso jamais falaria diretamente de si mesma.

Ele também ressaltou bastante que a posição de alguém na vida é sempre em relação à dimensão da dívida simbólica. Ou seja, ou a pessoa acredita ser devedora ou estarem em dívida com ela. Neste caso, disse-me diretamente que, em uma perspectiva de quem teve suas terras invadidas, roubadas, de quem tiraram tudo, inclusive a saúde, que se após tudo isso eu ainda desejasse que ela quisesse me pagar, ah, que neste caso eu estaria querendo demais! Ele chegou a cogitar que talvez pudéssemos pensar em algum pagamento que não fosse necessariamente em dinheiro, mas uma troca. Também sublinhou que não seria um modelo de tratamento clássico, neste caso.

Balbo nos marcou que este assunto é algo do qual sempre devemos lembrar. Disse que, com frequência, “nós, colonos” nos esquecemos disso. Salientou também que se tratava de uma discussão muitíssimo interessante e com encruzilhadas também muito difíceis.

Algumas das questões que este caso trazia e que me provocavam angústia, às vezes, ainda retornam. No entanto, passei a recebê-las com muita disposição. E gratidão.

As discussões com professores e colegas do campo da educação, história e antropologia que se dedicam exclusivamente ao tema das ancestralidades americanas problematizam, diariamente, a insurgência de significantes das diferentes origens culturais que formam a região onde se definiu o território brasileiro no cotidiano das práticas educacionais e profissionais.

Nosso diálogo é de absoluta imersão tanto nas cosmologias e lógicas de pensamento ameríndio, quanto sobre as diferenças desta em relação ao modo de pensar ocidental, as consequências destes modos em ambas as culturas e, sobretudo, no que se refere a tão importante dimensão das ditas “incompreensões” que não cessam de se colocar quando dos desencontros entre estas lógicas dentro de uma sociedade e, é claro, especialmente, quando pensamos no que ocorre com os conflitos que se produzem quando estão, na verdade, dentro de uma só pessoa que precisa dar conta das contradições que trazem as tramas de heranças com lógicas muito diferentes.

É assim que nos vemos sempre retornando aos temas da contemplação, das diferentes maneiras de lidar com o tempo, com a dimensão afetiva, da responsabilidade, desejo e alegria ou não de aprender, ligação com o espaço da natureza e o urbano, trocas, dinheiro, sentimento de ser respeitado ou não, o tema do coletivo, do corpo, das maneiras de pensar o que é a limpeza e também a saúde, assim com o resistir, as contradições abissais.

Se na realidade das aldeias, os relatos dos profissionais que vão até lá trabalhar são abarrotados de perplexidade com a disposição dos estudantes em sala de aula ou situações de aprendizagem outras, com sua alegria e afetividade, delicadeza e respeito com as coisas do universo (o que se localiza desde detalhes linguísticos até a dedicação amorosa com os trabalhos escolares), quando tratamos dos encontros (ou desencontros) destas realidades com aquelas não indígenas, surgem elementos sempre muito parecidos.

As pessoas nas aldeias valorizam mais o estar, o humor, a natureza, o sentimento coletivo, a higiene espiritual, do coração, se estão com um mal-estar ou têm um sonho que lhes sinaliza que devem permanecer em suas casas ou buscarem o espaço religioso da comunidade, isto é parte muito importante de sua formação como seres humanos. O trabalho e o conteúdo de lições em sala de aula ou atividade profissional são definitivamente secundários.

Já quando elementos como estes precisam ser defrontados com uma realidade de escola urbana ou mercado profissional de modo geral, os resultados costumam ser muito entristecedores. Pois os mesmos alunos que estão em uma escola que prioriza o conteúdo, a ação, a aquisição de conhecimento, muitas vezes, dissociado de valores espirituais ou de caráter, como quiserem nomear, é uma escola em que os alunos ou posteriormente, profissionais, possuem um determinado tipo de habilidade para acumular, agir rapidamente em seu território e manter os ambientes com as devidas ascepcias. Claro que estes ambientes não indígenas comumente mais eficientes, dentro de uma lógica específica, estranham os estudantes que lidam com o calendário, o tempo e a produção de pensamento em outra lógica.

Um exemplo muito importante para compreendermos esta dimensão é a questão da prática do *Poraró*.

Nos contam os mbyá-guarani que diariamente a mulher indígena ia em direção à floresta buscar alimentos e recursos para sua comunidade, uma vez que esta é uma das funções das mulheres nas sociedades indígenas. Certa vez, teria ela chegado ao local da floresta e ficado muito triste, pois ali chegando, não encontrou mais uma floresta, mas uma cidade. Então ela teria adentrado a floresta da cidade para realizar a prática que lhe cabia, em mbyá-guarani “estender a mão”, *poraró*. Este seria o mito de origem desta prática que temos a oportunidade de presenciar, por exemplo, no centro da cidade de Porto Alegre, onde comumente vemos mulheres e crianças mbyá-guarani sentadas no chão com seus artesanatos, prontos para uma atividade de troca.

Comumente também, do lado da cultura urbana, a leitura que é feita é que aquelas pessoas ali sentadas estão pedindo esmola, que são muito pobrezinhas, que estão no frio, com os pés nus e também costumamos ouvir considerações sobre a sujeira e o risco das doenças. Felizmente já houve um primeiro ato governamental que reconhece legalmente a prática do *Poraró* e, com isso, não apenas assegura a possibilidade de que ocorra sem que os indígenas sejam considerados vendedores ambulantes, pedintes, etc. Em função disto, receberam aqueles bonitos plásticos pintados sobre os quais os vemos sentados em cima com suas produções.

Se de um lado, os significantes que pululavam todo o tempo no caso que trouxe primeiramente aqui, remetiam a um mapa das questões ameríndias, de outro, ao entrar diretamente em contato com a vida dos indígenas e profissionais que se dedicam exclusivamente a isso, tive a oportunidade de começar a trabalhar a audição para as questões mais recorrentes no encontro dos povos indígenas com os urbanos.

O drama pessoal de cada analisante é exclusivo dele, de seu mito individual. Aliás, é bastante comum que em nossa sociedade mestiça a dimensão do individual seja priorizada e muito facilmente, inclusive, trazida para as situações de fala em análise. Do ponto ainda muito inicial, no qual me encontro nas realidades indígenas, arriscaria dizer que suas noções de sofrimento e realização individual são diferentes das dos outros. Estão mais juntos, trocam mais, dividem mais, possuem referentes diversos aos nossos. Por isso, por exemplo, começo a acreditar que a noção de trauma em outras culturas pode ser outra que não a nossa e, portanto, até mesmo mais atenuada. Ainda é cedo para dizer.

De qualquer modo, em situações em que estas características menos individualistas emergem e, por exemplo, a dimensão do grupo, do coletivo, da tradição estão ausentes, como era no caso que eu trazia aqui, haveria que se perguntar que consequências isso poderia ter em termos de dificuldades não apenas das interações sociais e trocas, mas de sofrimento propriamente. A mesma pergunta eu colocaria em relação aos riscos para os jovens das comunidades indígenas que não possuem recursos para uma interação ampla com a vida urbana e, ao mesmo tempo, enfrentam uma realidade de diminuição do espaço físico, possibilidade de busca do que precisam para se alimentar, criar, seduzir, existir e também, o que inevitavelmente acaba acontecendo com o enfraquecimento dos vetores da tradição, da língua e do reconhecimento.

No entanto, creio que tocar no ponto das heranças psíquicas americanas, nos remete a também muitos outros momentos não apenas das práticas profissionais na área da educação, mas também da saúde e, por que não, da saúde psíquica. As discussões no campo da filosofia ameríndia apontam que quanto mais no âmbito da dimensão do popular, mais nos defrontamos com a incidência do retorno da ancestralidade. No entanto, certamente não apenas no popular isso aparece. O que e como poderíamos pensar sobre este tema na clínica psicanalítica?

Na área da saúde pública e dos cuidados com o corpo “orgânico”, como se considera em nossa cultura dita não indígena, são comuns, por exemplo, conflitos em relação ao modo como as famílias, as mulheres veem e cuidam da gestação, da amamentação, de diversos acontecimentos que recebem, do lado da ciência atual, uma leitura muito específica. Não é raro que na realidade dos postos de saúde ou hospitais públicos, se ouça profissionais comentando, por vezes, de modo queixoso, que é difícil compreender que algumas mulheres cheguem ao médico somente no final da gestação ou que não sigam os passos do controle de natalidade indicado pela equipe ou mesmo que sejam descuidadas com questões de higiene e alimentação das crianças.

As comunidades na nossa civilização deram conta de todos esses temas e muitos outros, ao longo de milênios, sem frequentar postos de saúde. Haveria que se perguntar que tipo de resistência se coloca do lado do popular e, principalmente, que tipo de saber. Saliento este último aspecto porque invariavelmente o que é diferente é olhado desde, exclusivamente, o lugar da falta. É olhado de acordo com o que falta em relação a aquilo que, quem tem, vê no diferente que naquele outro não há o mesmo. No entanto, o

que invariavelmente aprendemos com a realidade multicultural ou simplesmente diversa à urbana, por exemplo, é que quando olhamos para alguém e pensamos que algo lhe falta, é urgente que nos perguntemos imediatamente o que pode estar nos faltando e que aquele outro possui e com quem poderíamos e devemos aprender. Muito comumente a falha está é em nós.

Claro que onde há diferença social, cultural em gradientes mais elevados, é mais fácil visualizarmos estes fenômenos de oposições, resistências, lógicas, práticas, conflitos. No entanto, acredito que tudo isto também pode chegar a nós cotidianamente de modo mais silencioso e invisível, por vezes. Alguém que não tolera trabalhar oito horas por dia, pois sente uma imensa necessidade de estar com seus afazeres domésticos ou com tempo para ler, contemplar, meditar, fazer rituais místicos, mesmo que social e financeiramente parecesse importante organizar-se para obter mais dinheiro com um trabalho fora de casa, corre o risco de não ser olhado do mesmo modo que outra pessoa que se movimenta muito, trabalha, faz estudos formais e acumula alguns bens.

Alguém que não limpa sua casa dentro de determinados parâmetros ou possui determinados utensílios ou mesmo aspectos estéticos na decoração de sua residência, não raramente pode ser visto de modo, se não crítico, menos valorizado em muitas situações.

Escutar o detalhe destas passagens em casos clínicos, por exemplo, pode, por vezes, nos levar por trilhas identificatórias e de pertencimento cultural muito diversos. Assim também pode ocorrer com o modo de alguém nos contar seus sonhos, entender como adoeceu emocional ou fisicamente, realizou desejos ou reencaminhou sua vida ao longo do tratamento.

O que penso que pretendo com tudo isto, é trazer para discussão, tornar mais audível, o que muitos profissionais já o fazem nas áreas da educação e antropologia, por exemplo. Uma bela metáfora seria o caso de uma pesquisa que está sendo feita na atualidade por um colega que nos mostra como em um determinado município do Rio Grande do Sul em sala de aula, na matéria de história, quando os alunos são indagados sobre suas origens étnicas, se dizem todos descendentes de europeus. No entanto, aponta nosso colega, os mitos desta cidade, assim como as placas com os nomes das ruas, empresas, hotéis, invariavelmente são de origem indígena. Assim, também o que nos traz um outro colega, neste caso, indígena, que nos lembra destas mesmas

evidências localizáveis, por exemplo, em cidades litorâneas do nosso estado, e da bizarrice da confrontação destes elementos com o modo como os indígenas são tratados nestes mesmos locais.

Então, que sabedorias podem estar mais ou menos presentes, mais ou menos soterradas, silenciosas, invisíveis em nossos discursos e, sobretudo, quantas vezes assumimos inconscientemente, como me nomeou Prof^a Cida, muitas destas histórias em forma de fracassos, dificuldades, sintomas, maneiras de pensar?

Como escutar pessoas na clínica, dos bebês e mães que lidam de modos diversos com a amamentação, aos adultos que invocam os espíritos e a natureza para seus momentos de sofrimento ou compreendem seus acontecimentos oníricos de maneira tão semelhante aos indígenas originários de nossas terras, por exemplo, sem fazermos de conta que as placas com os nomes das ruas não são nada além de fragilidade simbólica? Como se encharcar adequadamente destas origens culturais, a ponto de estar sensível e aprender a receber, psiquicamente, psíquicos mestiços com as características mestiças de nossas terras resistindo menos, recusando menos, sentindo mais?

É diferente também simplesmente reconhecermos que ali há um traço identificatório e fazê-lo desde um ponto de vista eurocêntrico ou mergulhar com o coração na possibilidade de sentir a grandiosidade das sabedorias que aquele elemento pode estar trazendo e pode nos ensinar. Talvez a questão more no além de reconhecer estes significantes, testemunhá-los, tomá-los como pontos de grande potencial para nos ensinar sobre mistérios e temas que muitas vezes desconhecemos.

Em que resistências podemos incorrer ou o que podemos deixar de reconhecer caso não trabalhemos em nós mesmos um olhar para as ancestralidades de nossa cultura tão cheia de diversidade? O que podemos deixar de escutar ou de abrir caminho em um trabalho com o psíquico? Que inferências talvez possamos começar a fazer sobre a incidência de traços emocionais que se apresentam frequentemente nos consultórios do sul da América ou da região platina, por exemplo? Que mitos, que expressões de linguagem, que origens de significantes, que estéticas, temporalidades talvez fossem importantes visitarmos para trazermos mais para a dimensão do dito, significantes que tão frequentemente são recusados nas ruas, nas escolas e nas falas?

Haverá alguma diferença entre trabalharmos espelhados por ideais europeus ou fagocitá-los, mirando nossas ancestrais xamãs, curandeiros, parteiras, guerreiros, as lindas vozes das crianças guarani, a força das mulheres indígenas silenciosas, o êxtase da contemplação, do comunicar-se menos com palavras e mais com olhares e risos, sutilezas, com sentimento do estar ou do estar junto?

Algo que os mbyá-guarani muito ensinam é sobre a dimensão da fagocitação. Eles nos mostram todos os dias, de um lado, sobre a alegria do encontro, do estar com, do trocar e aprender sobre tudo o que se desconhece ou é diferente: línguas, hábitos, curiosidades, jogos, maravilhados por natureza com a dimensão da vida, transbordam amor e emoção com as possibilidades de interação sincera das mais diversas. De outro lado, nos ensinam também como é possível entrar em contato com elementos, objetos, palavras, linguagens diferentes e comê-las, transformá-las, fazer delas uma invenção louca e lindamente nossa, a qual faz com que o que veio de fora literalmente suma, e reste uma invenção guarani, por exemplo, com uma cartolina colorida comprada em uma papelaria urbana, transformada em um objeto de intervenção estética e espiritual pendurado ao lado de dezenas de outros pintados, no teto da sala de aula. Mais para frente, detalho melhor esta passagem específica.

As maravilhas da atualidade podem e devem ser acessadas por todos. Os indígenas utilizam celular e relógio, o que não quer dizer que com isto percam a capacidade de ler na natureza e no cosmos que alguém esteja chegando sem que tenha avisado pelo telefone. Também não vão utilizar o calendário ou tempo do relógio para organizar suas refeições, as quais não ocorrem porque existem horários para comer, mas sim devem acontecer quando o desejo pelo alimento surge. Assim também é com as tecnologias e métodos de tratamento cujos elementos ou profissionais com formações nas mais diferentes áreas podem se aproximar e caminhar e construir junto com os povos indígenas.

Do lado dos profissionais, penso que podemos tomar estes povos de tradição forte e multimilenar como espelho para pensarmos muitas vezes como caminhar intelectualmente na América, seguindo a linha de pensamento de muitos autores na atualidade que, como nos perguntava, recentemente, Prof^a Dra. Cristina Muñoz, da Colômbia, “qual é nossa verdade?”. Como não fagocitar a psicanálise? Como não nos encharcarmos de nossas ancestralidades?

Há muitos anos tomei em tratamento um menino que veio me ver por quase uma década. Tinha um fechamento autístico em nível gravíssimo. Impressionante. Não falava, não fazia controle esfíncteriano, mal andava, inicialmente, balançava-se, batia-se, tentava comer qualquer tipo de coisa que encontrasse ao redor ou no chão, inclusive as próprias fraldas.

Nos encontramos por 9 anos. Nos olhamos e nos acostumamos a isto, construímos hábitos, rotinas de troca e trabalho, sabedorias sobre preferências, atitudes. As pessoas do seu entorno me diziam que ele tinha um maravilhamento com uma árvore em frente a sua casa, uma amoreira. E também que ele causava efeitos de amor. Ele fazia sons guturais. O último que fez ao sair do tratamento foi o meu nome.

Uma das últimas coisas que consegui enxergar é que era um indígena descendente dos pés à cabeça.

Tirava sempre os calçados.

Batia no peito como um primata e entoava sons. Em momentos que tentava se movimentar pelo espaço, ensaiava uma dança circular.

Balbo (2003) diz que o autismo não passa de uma melancolia infantil.

Ele parecia encarnar a alma da América recusada secularmente, a dor e arrefecimento para a troca do que sobra quando algo indizivelmente grave se dá. Mas permaneceu como uma placa, um vetor bem no meio da minha clínica, a representação mais pungente e extrema.

Sua dor era dele, ainda que pudesse ser metáfora e porta-voz de muitos outros, mas não era uma dor social. Também, é claro, fazia parte de questões da ordem social, a qual, aliás, como nos trouxe Balbo em nossa discussão do caso, é um modo de falarmos do psíquico, assim como na história se produziram fragmentos de verdade. Ali, no consultório, ele era um menino que havia sido deixado por uma família dizimada por problemas, na qual ninguém pôde seguir cuidando dele e, por isso, foi parar em uma instituição. Então ele arrefeceu, desistiu de aprender o que e como se alimentar, como sentar ou andar, não quis aprender a falar português como todo mundo. Interessantemente, apesar de tudo isto, era carregado de uma afetividade e tinha uma

alegria que transbordava que era um traço dele, junto com o fechamento, o silêncio, a amoreira e o amor.

O traço ou o intervalo no qual nos deparamos com a questão primordial de um caso e, é claro, sempre a partir da lente do analista que vem trazê-lo, revela a problemática da lógica que está em questão psicicamente ali. É o “X” da questão. E, evidentemente, é sempre exclusivo daquele caso. No entanto, também aprendemos que quando um elemento retorna muitas e muitas vezes diante de nosso olhar, isto quer dizer que devemos nos dedicar a pensar mais sobre aquilo, inclusive porque ele não nos deixa mais em paz. A partir disto, é provável que nos debrucemos sobre uma questão que nos caiu no colo, além de iluminarmos a escuridão da própria noite do pesquisador, como diz Caon (1999), pode ser que, ali, haja um particular que lance alguma luz sobre algo universal ou, no mínimo, que sirva a mais alguns profissionais, talvez.

O que tem me inquietado, então, desde os casos que trazem sabedorias que apontam para ancestralidades recusadas, os indígenas nas aldeias, os encontros e desencontros daqueles com a população urbana e toda a problemática mestiça, é, de que modo podem os profissionais da psicanálise nos consultórios e em diálogos com outros campos estar atentos a isto, que contribuições teremos a trazer, de que equívocos devemos cuidar, enfim, qual nossa responsabilidade diante deste tema?

Evidentemente não se trata de olharmos para todos os pacientes ou aprendentes como possíveis indígena-descendentes ou imaginar que exista uma matriz que recaia igualmente sobre todos eles ou nós. Não se trata de pensar que todos possuem o mesmo mito como norteador de suas questões ou mesmo que os problemas de invasão e saque do território onde convencionaram ser o Brasil, remeta a alguma questão importante para todos.

No entanto, absolutamente ninguém que faça parte de uma cultura, de uma língua, poderia se eximir de ser ouvido dentro das particularidades deste social. Sentirmos em que posição cada um que nos chega está em relação à cultura é, sim, parte do trabalho. Exatamente porque estes mitos individuais, traços, dificuldades apareceram muito em meu caminho clínico, inclusive, é que acredito que lhes dar a devida evidência, como dado de caso a caso, talvez possa me levar a fazer ligações importantes para a clínica, mas também enquanto algo que reconhece fenômenos que começam a ser discutidos em outros campos das trocas e produções humanas em nosso continente.

Termos conosco que, há milênios, havia civilizações nestas terras quando mais recentemente chegaram, há cinco séculos, os europeus, é algo importante. Mas acredito que possivelmente seja preciso mais do que isso. Considerar e dar atenção detalhada a, como esses elementos chegam em nossos consultórios e salas de aula, é trabalho importante. Que restos, que memórias, que entraves, que sintomas, que ensinamentos, casos e situações com pessoas que nos trazem esse tema, podem nos ajudar a pensar sobre todos e sobre o que não costumamos ouvir?

Elas podem nos ensinar sobre perspectivas através das quais podemos olhar nosso social, educação, particular, que tipo de problema e também que tipo de solução pode surgir quando nos deparamos com metáforas e sabedorias ameríndias. Penso, acima de tudo, que ainda que muito recusada, a força dos significantes que se tenta deixar para trás é grandíssima e que a sabedoria em cada detalhe destes elementos possa nos oferecer novas diretrizes para a clínica e para os outros campos.

Creio que os significantes e lógicas inconscientemente assumidas e que recebemos na clínica devem nos ajudar a nos assumirmos mais em nossa mestiçagem e enquanto descendentes de antepassados com formas de pensar e existir específicas. Acredito na sedução da América sobre os americanos.

Penso que esta é uma discussão cujos elementos recaem, principalmente, sobre a questão do saber. Quando alguém que não funciona tanto na lógica do acumular, do dar conta de muitos horários de trabalho formal por dia ou do falar sobre suas dificuldades diretamente como modo de aumentar a eficiência, faz movimentos significativos de alcançar importantes colocações no âmbito intelectual, aprendo sobre novos caminhos e lógicas para o sucesso do viver.

Quando alguém que resiste em fazer da sua moradia um ambiente com utensílios elétricos e cuidados estéticos comuns na sociedade ocidental, mas possui grandes recursos para se conectar com a natureza, escutar sensivelmente a si mesma e a questões familiares, além de muita sabedoria sobre o que lhe confere um exercício bem sucedido de sua sexualidade e trocas, aprendo sobre outras lógicas também.

Quando uma mãe com excelentes recursos psíquicos e dedicação mais que exemplar ao seu bebê leva mais de três anos para desmamar a criança e não tem como

não se deparar com algo implacável que retorna de sua ascendência indígena, aprendo sobre coisas que a medicina ocidental não prevê.

Que novas ou renovadas teorias podem começar a ingressar em nosso modo de pensar clínico, se passarmos a nos aproximar mais das teorias indígenas, por exemplo?

Aliás, arrisco dizer que para muito além das descendências evidentes que podemos localizar nos traços físicos ou até mesmo quando de posicionamentos mais explícitos de um pertencimento a uma linhagem ou tradição familiar específica, estes mitos, significantes, heranças mais ou menos sanguíneas, elas constroem nossa linguagem inconsciente. Elas são parte importantíssima das formas como percebemos, tememos, desejamos, acreditamos, desconfiamos e assim por diante, em nossa cultura. A origem propriamente pode ter seu peso, mas é seguramente ultrapassada pelo que representamos dela e por todo o social no qual estamos situados.

Levei muito tempo, como contei a Balbo, para enxergar com os olhos, naquele caso que lhe apresentei, que a menina tinha traços indígenas físicos, inclusive, importantes. E este é um relato absolutamente comum entre os profissionais que começam a ir para as aldeias. Eles dizem que começam a ser capazes de enxergar por toda a cidade, traços nos rostos de muitas pessoas, que antes não revelavam nada indígena. Não estamos habituados, esta percepção não é das mais trabalhadas em nossas construções educativas e subjetivas. No entanto, talvez aprimorar o olhar, os ouvidos e o coração para estes relevos, seja uma novidade que possa trazer grandes ganhos para nossas práticas e formações enquanto pessoas.

Ancestralidade

Nota azul é um conceito criado por Didier-Weill (1997). É a nota que acerta na mosca, veicula o sujeito no sentido e presença, preservando-o do monótono e do tédio. Tem como suporte material a onda sonora, mas não pode ser guardada em nossa discoteca. Desperta os sentidos, provoca uma abertura que para ele e em si, não é representável. O que há nela, torna o mundo um interlocutor, naquilo que existe, por exemplo, na voz do amado que, quando ouvimos, nos faz ganhar o dia.

“Ela só se dá a nós, uma vez que imediatamente nos escapa. Neste sentido, esta impossibilidade de mantê-la aprisionada, faz de nós, seus prisioneiros, como se o poder que ela tinha sobre nós estivesse ligado a sua inscricibilidade. Dessa nota direi que, se não é simbolizável, no sentido em que não podemos inscrevê-la, em que não poderemos reter em nós o efeito eminentemente fugaz que ela produz e cuja extinção é estritamente tributária do real das vibrações sonoras que a suportam, ela é em compensação, simbolizante. Simbolizante no sentido em que nos abre para o efeito de todos os outros significantes, como se fosse sua senha: efetivamente sob o impacto da “nota azul”, o mundo começa a falar conosco, as coisas a terem sentido: os significantes da cadeia inconsciente, de mudos que eram, despertam e começam, assim causados pela nota azul, a nos contar casos. Essa “nota azul” nos evoca, é claro, o que está em jogo no amor: se para o apaixonado o mundo inteiro, a menor folha tremendo, o menor reflexo, começam a fazer sentido é porque há, em algum lugar, para ele, um amado, cujo poder simbolizante, poder de criar um verdadeiro desencadeamento da cadeia inconsciente, está ligado, como a “nota azul”, ao fato de poder marcar sem apelo, o limite absoluto do sentido e de invocar a dimensão do mais além do sentido” (Didier-Weill, 1997, p.60-62).

Ela introduziria efeitos de amor, o sujeito que faz nascer o desejo, a humanidade. E é assim que o ouvinte se veria diante do músico como causa de sua produção, a quem a endereça e celebra este endereçamento. Não é que o ouvinte se reconheceria na nota. É ele que é reconhecido por ela. Seria a posição pivô do acesso à posição de sujeito. Convidaria para uma transmutação subjetiva.

A nota azul, metáfora poética e plástica para o *objeto a* de Lacan, o qual, no objeto voz teria seu modelo mais exemplar e próximo à dimensão do inconsciente, seria, igualmente, onde incidiria a dimensão da ancestralidade, nos disse Balbo (2012).

O conceito lacaniano, tratado ao longo de toda sua obra, não é um objeto do mundo, não podendo, deste modo, ser identificado como tal. Pode apenas ser localizado sob a forma de fragmentos parciais do corpo. Eles seriam: o objeto da sucção, da excreção, voz e olhar.

Se retornamos ao caso aqui tratado, temos a incidência da ausência da dimensão do olhar, como foi discutido. A menina jamais teria se visto no olhar de sua mãe. Isto a fazia inviabilizada para uma imagem de si e, deste modo, nos defrontaríamos com sua

estrangeiridade ao infinito. Era estrangeira na própria casa, no próprio corpo. Quem sabe, aqui nos caiba a expressão de Chico Buarque, ela *era o mapa de alguém* (Buarque, 2003).

No entanto, em algum lugar, algo a invocava, ou tinha potencial para tanto, nesta ancestralidade silenciosa e recusada. Mas estava lá. Em algum lugar havia algo que viria a operar como o que desencadeia a vida. A marca de um pertencimento que retornava tão crua quanto enigmática, inicialmente, insistia em se fazer ouvir com força de ancestral.

Chemama (1995) nos diz que o *objeto a* é criado no espaço que a linguagem abre para além da necessidade que a motiva. Assim ela surge na medida em que o sujeito sofre os efeitos da linguagem e da cultura. O desejo passaria a não poder ser saciado, unicamente, por exemplo, pelo alimento. Instaurar-se-ia, deste modo, uma relação de demanda com o objeto de sucção, o seio, a partir deste momento, tornando-se mais precioso que o alimento. Este objeto, torna-se, assim, condição absoluta para a existência do sujeito do desejo.

No engendramento deste objeto, começa a se dar a lógica de endereçamento ao mundo e formação de metas de cada um. Na queda deste objeto, o desejo passa a operar em uma existência que deixa de ser contínua, orgânica e passa a ser, humana. O sentimento de falta, decorrente desta perda, em inesgotável fonte de invenção, demandas e alternativas de busca dos caminhos da vida.

Se, cabe ao analista ouvir que invocações chamam o sujeito que ali aparece ao longo do tratamento, neste *que queres?* que remontaria ao que ele formula sobre o que esperariam dele e, deste modo, ter-se-ia dado sua constituição, se engendraria seu próprio desejo. O trabalho de uma audição psicanalítica seria exclusivamente tratar de operar para que a pessoa se coloque na trilha do que lhe convoca, desta nota que metaforiza um lugar fundante, de amor, de causa, e, assim, de pertencimento também.

Lacan (1967-1968) nos fala das pinturas japonesas utilizadas para separar ambientes. Nestas pinturas se vê o casal em ato de cópula. Em um canto da estampa há um terceiro personagem, um terceiro que olha a cena, parecendo, inclusive, uma criança. Segundo o autor, o erotismo estaria na presença deste olhar. Ele representaria o *objeto a*.

Na Odisseia de Homero, localizamos o elemento voz como de importância central. Enquanto as sereias seduzem, através de seu canto, Ulisses mantém-se amarrado ao mastro e não se lança no mar. Como nos disse Balbo sobre o caso, *isto não é o que parece*. E nunca o é:

Na única lição do seminário que ele tentou fazer sobre o nome do pai e que depois não aconteceu, é do lado do objeto voz que Lacan situa tudo que diz respeito a ancestralidade. E é uma voz que é inaudível. O objeto voz não é uma voz que a gente ouça. Quando Deus aparece para Moisés (..) não é de maneira alguma a voz de Deus que ele ouve. Ele está absorto. É uma voz que ele ouve mas que vem de alhures, de outro lugar. Por exemplo, nos sonhos a gente encontra o objeto voz se a gente procura, se agente quer encontrá-lo. Tudo que virou sonho não fala nada, de maneira nenhuma. Vocês tem o objeto voz apresentado por um detalhe de um objeto certamente não por quem fala. É preciso ouvir no nível inconsciente ao mesmo tempo que se diz, ao mesmo tempo por tudo que se diz e que se tornou surdo, que não é ouvido. Não é só o que é ouvido que conta, não só o que é visto e ouvido que conta, mas também o que não é nem visto nem ouvido que também conta. E que entretanto diz respeito ao objeto voz. Você toma o sonho da injeção feita a Irma ... que no sonho ele olha a sua boca, ela tem uma inflamação, ela está sofrendo de alguma coisa que é grave, ele ouve o que os médicos seus amigos dizem, que falam muito para lhe dizer que ele se enganou de diagnóstico que ele não viu nada, no sonho do jeito que ele conta isso fala enormemente, mas Irma não diz nada. O objeto voz ele está lá, é a boca da Irma que lhe reenvia certamente ao indizível do *rapport* sexual. Ela mesma, essa paciente, não diz muita coisa sobre sua sexualidade. Ela não diz nada de nada. Vocês vêm a sexualidade aqui não é o que a gente poderia crer, este silêncio da sua sexualidade isso é o objeto voz, então esse objeto voz já que ela não diz nada, você mesmo assim ouviu, já que o que interpelou você no silêncio dela, foi a ancestralidade. Se ancestralidade não é sexual então o que será que é ? É o objeto voz. Você ouviu bem isso (Balbo, 2012).

Nesta ciência do saber particular, do sexual, construído pelo sujeito da cultura, Lacan (1996) nos traz que a história do analisante não é passado, mas passado na medida em que é historiado no presente. O que contaria da existência, seria o que a pessoa disto reconstrói. Portanto, a questão recairia mais sobre a dimensão da reconstrução do que da revivência. Diz que Freud jamais abandonou isto e o ponto seria sempre reescrever a história.

Tomá-lo em sua singularidade, o que quer dizer isto? Quer dizer essencialmente que para ele, o interesse, a essência, o fundamento, a dimensão própria da análise é a reintegração, pelo sujeito, da sua história até seus últimos limites sensíveis, isto é; até uma dimensão que ultrapassa de muito os limites individuais. Fundá-lo, deduzi-lo demonstrá-lo a partir de mil pontos textuais em Freud, é o que fizemos juntos ao longo destes últimos anos (p. 21).

Neste caminho, da busca da alma, da verdade do sujeito, ela será destacada em sua originalidade, mesmo em relação à ideia de realidade. E tudo o que aparecer no sentido de dificultar o trabalho desta busca, desta análise, destruindo sua continuação, recebe o nome de *resistência*. O que o autor trata, é de isolar em que medida ela opera, porque e de que lado está.

A resistência seria inversamente proporcional à distância em que estivermos do núcleo chamado de patógeno. Eis o núcleo procurado e que repele o discurso. Ele seria constituído em um feixe de discursos justapostos que formariam como que um dossiê. E estaria ligado à noção de *eu*.

Uma vez esta dimensão passando a operar com mais força surgiria o fenômeno da *transferência* e com ela, sua função particular de seguir impedindo o trazer para a palavra, os elementos em questão. A transferência, após Lacan, é nomeada enquanto soma de preconceitos do analista.

A resistência, assim, passa a ser, sempre, resistência do analista.

A chance do analista em tratar seus próprios entraves para ouvir de modo que o analisante consiga avançar na nomeação do seu indizível, está em seu próprio tratamento pessoal, controle e demais trocas que colaboram com a construção de suas teorias. É um ir e vir que leva um tempo que pode ir, de anos, até o interminável. Como mencionei anteriormente, nestes casos que me fazem escrever este trabalho, ter podido ir abrindo caminho para localizar achados acerca de elementos da ancestralidade no social e no particular, é o que tem viabilizado que muitos dos fragmentos de verdade, de diversas, situações venham à tona na palavra.

De qualquer modo, não haveria como, cada analista, não possuir sua própria questão, a qual, uma vez auxiliada em sua audibilidade pela própria análise pessoal deste, confere-lhe mais condições de melhor receber as pessoas que lhe procuram. É também isto que oportuniza que alguns encontros e enlaces tão especiais aconteçam a ponto de um pessoa individualmente ou, por vezes, famílias, venham ao encontro de um profissional por tantos anos, sempre em nome do particular deste encontro.

Então, para além do espaço do encontro factual analista/ analisante:

Como nos traz Caon (1999), o método psicanalítico fundado por Freud, que abandona a neurologia em favor da alma humana, uma vez que constatou que o sistema nervoso não respondia sobre o desejo, o gozo, sobre a constituição das experiências para além delas mesmas. Método fundado e sustentado sobre o saber particular, sexual, constituído pelo sujeito da cultura, não poderia se propor objetivo, muito menos impessoal.

Neste caminho, o trabalho também da escrita é edificado desde a experiência do analista, análise pessoal, prática clínica, análise de controle e teorizações no seu encontro com teóricos que vieram antes. O autor nos traz que o que deste mesmo modo, surge para falarmos sobre a prática, não é desejável que ocorra em forma de relato, mas da particularidade do encontro. É nela que está a senha, inclusive para o que possa a vir a se tornar útil para demais casos e pares.

Dumézil (1989) nos diz que Freud, sua cultura, sua época, seus amigos, seu ideal científico, as históricas, aí estavam os ingredientes necessários para provocar a faísca. Ficção e dispositivo fariam parte dos meios necessários para que um psicanalista opere concretamente. Do lado do dispositivo teríamos o que não assina, *a priori*, um lugar regrado, antes dos sujeitos, preferível ao termo contrato, o que seria jurídico demais. Este seria o enquadre da situação material e técnica que coloca analista e analisante em um projeto de cura. Já a ficção seria o que sustentaria a psicanálise, declarando a regra fundamental. No entanto, não impediria o engajar-se no suportar até o fim, na transferência, as consequências.

Les cas n'est plus l'analysant, ce n'est pas la cure, ce n'est pas l'observation ni l'anamnèse, ce n'est pas non plus l'analyste. C'est tout cela un peu à la fois. Le trait fait lien, ou le brise, comme une interprétation, un trait d'esprit. Il fait lien entre l'histoire du sujet et les structures en cause dans la cure. Le trait unit donc, mais perce

aussi, coupe. Il souligne. Le trait tire, trace, écrit, il biffe, il barre. Il tue aussi bien et sépare. Le trait materialize la ligne du regard et celle du dessin. La mise en perspective du “Trait du cas” au séminaire Clinique et l’usage nécessairement timide que nous faisons de Ce signifiant tout neuf, ont eu plusieurs effets constatables (p. 29-30).

O caso não é o analisante, nem a cura, nem a anamnese, nem o analista. É tudo um pouco de cada vez. O traço faz ligação ou quebra, como uma interpretação, um traço de espírito. Ele faz ligação entre a história do sujeito e as estruturas em questão na cura. O traço une então, mas perfura também, corta. Ele sublinha, ele chama, traça, escreve, ele risca, ele barra. Ele mata, assim também e separa. O traço materializa a linha do olhar e aquela do desenho. A implementação da perspectiva do “Traço do caso” no seminário clínico e a utilização necessariamente tímida que fazemos deste signifiante, teve diversos efeitos constatáveis.

É assim que, o traço do caso se torna um dispositivo clínico e, conseqüentemente, de pesquisa.

Aguardar, deste modo, que, absolutamente, na particularidade do encontro os significantes, lugares e cena em questão para o analisante sejam posicionados, assim como os ecos destes, do lado do analista, é tarefa crucial e insubstituível. Não há o que fazer do lado de contratos e generalizações antecipadas, tampouco garantias de que quaisquer modelos ou intervenções ou mesmo leituras anteriores possam ter serventia. Um caso, uma sessão, são inexoravelmente sempre, na expressão de Caon (1999), em cima do lance e seus efeitos, sempre a *posteriori*. Neles encontramos a legitimação do que se deu, do que fizemos e sua efetividade.

Voltamos, agora, ao tema da ancestralidade.

Em *Totem e tabu*, *Mal-estar na civilização*, *Futuro de uma ilusão* e *Moisés e o Monoteísmo*, Freud nos instrumentaliza para pensarmos sobre diversos elementos da dimensão da ancestralidade e do social, cruciais.

O que ele nos diz é que uma aproximação entre a antropologia e a psicologia, muito pode nos trazer em termos de nos revelar sobre o psíquico, as relações com a família, a ciência e o próprio narcisismo. Seriam, assim, áreas destinadas a muitos pontos de encontro.

Sobre o totemismo, este estaria na base da organização social de todas as culturas. Nenhuma sociedade escaparia. Teria surgido pela necessidade prática dos homens de distinguirem-se por nomes, de possuírem uma insígnia. Ele estaria acima da filiação tribal e relações consanguíneas. Também teria sido a primeira forma em que uma religião se manifestou na história humana e vinculando aspectos sociais e morais. Trabalha a partir de situações, principalmente de tribos australianas, as quais eram nomeadas a partir de um totem, originalmente, um animal, vegetal ou fenômeno da natureza.

Originalmente, nos diz, os clãs eram dirigidos por homens, pais de vontade arbitrária e absoluta, os quais tinham todas as mulheres, matavam ou mutilavam os filhos que despertassem ciúme. Na melhor das hipóteses eram substituídos pelos mais novos. Então os filhos ter-se-iam unido para matar e devorar o pai cru. Assim o teriam odiado, temido e honrado como modelo. Cada um, também, teria desejado ocupar seu lugar na realidade. O canibalismo teria sido uma tentativa de incorporar a identidade pela incorporação. Em consequência, teríamos o contrato social que envolveria a renúncia pulsional, obrigações mútuas, instituições definidas, os primórdios da moralidade e da justiça, marca de origem de toda civilização. Todos e cada um, renunciando à posição paterna, tê-lo-iam feito, assim também, em relação a possuir a mãe e as irmãs, entrando em vigor, deste modo, o tabu do incesto, primeira lei de fundamento da sociedade e a exogamia. Um período de matriarcado teria surgido, em seguida e vicissitudes da questão com o pai teriam sido experimentadas na dimensão fraterna. Um animal poderoso e temido teria sido escolhido como substituto do pai. Também a proximidade com os animais ter-se-ia alterado. O ritual da refeição totêmica também teria passado a fazer parte da cultura nesta época. Posteriormente, os deuses teriam passado por um processo de humanização e teríamos também o retorno do patriarcado e um Deus, na sequência, com as características daquele primeiro pai, único e com poderes ilimitados. Igualmente a comunhão remeteria à cena originária. Aqui teríamos a incidência do surgimento do ideal que corporifica o poder ilimitado do pai, assim como a disposição de submeter-se a ele. Como desdobramentos, teríamos as instituições da religião e família.

Ele menciona que, interessante, nestas tribos australianas, haveria toda uma questão de um grande horror ao incesto, regulação, prevenção e costumes, através dos quais objetivavam proteção. Incurreriam, igualmente, em proibições arbitrárias que

não poderiam ser questionadas. Nos ensina que a base do tabu é uma ação proibida, para cuja realização, existe uma forte inclinação inconsciente. Os tabus também estariam em todas as sociedades.

O que Freud supõe é que o horror e a proteção em questão entrariam em vigor, uma vez que estes povos estariam mais próximos de realizar isto que os horrorizava. Por isso necessitariam recorrer tanto às restrições e evitações. Estariam mais próximos da primitividade de alguns desejos.

Ainda em relação ao nome, proveniente do totem, adorado, este se assemelharia a um pictograma, técnica primitiva de escrita. Ele nos assinala o quão importante é este elemento e, mesmo, parte da alma.

A sociedade que vive no nível do tabu seria anterior a dos deuses e espíritos. Além disso, que o que estaria em questão seria o desejo inconsciente de violá-lo. Também diz que no princípio foi o ato, substituído, depois pelo pensamento.

Novamente a civilização mbyá-guarani nos traz questões. Ainda que seja precoce inferir algo a este respeito, devo admitir que percebo muito pouco de comportamentos evitativos e menos ainda proibições arbitrárias. Ao contrário, os guarani esbanjam filosofia e pensamento poético. Sugerem altos níveis de mobilidade e, como menciono aqui, em diversos momentos, não fui capaz de localizar, uma única vez, comportamentos agressivos ou transbordantes. Não me parece que se horrorizem com facilidade. E, é evidente que o ordenamento opera, em muitos aspectos, mais que na sociedade ocidental.

Eles acreditam em deuses e espíritos. Há um Deus acima de todos. Têm a palavra como o que dá vida, alma, às coisas.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud trata do antagonismo intransponível entre as exigências da pulsão e aquelas da civilização. Esta última implicaria na renúncia da satisfação de uma cota da sexualidade e da agressividade. O indivíduo seria inimigo da civilização e esta, lutaria contra o homem, substituindo seu poder pelo da comunidade. Ele pergunta se haveria uma patologia das comunidades, se se tornariam neuróticas, assim como, até que ponto o cultural conseguiria dominar a pulsão de morte.

Na perspectiva freudiana, quando o homem descobriu que estava em suas mãos melhorar sua sorte através do trabalho, indiferentemente, se o outro homem trabalharia com ou contra ele, este teria virado seu companheiro útil no conviver. Na família teria encontrado seus primeiros auxiliares. Do mesmo modo a satisfação genital teria deixado de aparecer como hóspede que surge repentinamente e passado a ser inquilino que se alojou para sempre, como diz. Aí também teria adotado o hábito de formar famílias.

A vida comunitária teria um duplo fundamento: a compulsão para o trabalho e o poder do amor. O amor e a necessidade, assim, ter-se-iam tornado os pais da civilização humana. Esta última traria consigo a característica de uma indestrutibilidade.

No entanto, sublinha, a inclinação para a agressão.

Nos diz que a civilização imporia sacrifícios tão grandes à sexualidade e à agressividade que poderíamos, em função disto, compreender melhor porque é difícil ser feliz na civilização.

Teríamos trocados uma parcela da felicidade por uma de segurança.

Freud nos coloca a origem do bem e do mal, da beleza, da limpeza, do amor e assim por diante, no ocidente. Que universos teriam as civilizações ameríndias para nos ensinar acerca destas origens e como lidam e com que lógicas, acerca destes temas?

Ele aponta, igualmente, para o empobrecimento psicológico dos grupos.

A civilização seria um processo especial que a humanidade experimenta, constituindo um processo a serviço de Eros, cujo propósito seria agrupar os humanos, famílias, raças, povos, em uma unidade: a humanidade. O trabalho de Eros seria da reunião, da ligação. De um lado, teríamos as vantagens do trabalho, de outro, a tendência à destruição. Esta última, lado a lado com Eros, dividiria o domínio do mundo. A evolução da civilização se daria na luta entre estas duas forças, da espécie humana pela vida. Eis a batalha de gigantes que as babás tentariam apaziguar com a cantiga de ninar sobre o céu, menciona.

Em *O futuro de uma ilusão*, nos indica que apesar dos esforços da sociedade, sempre existirá uma parte da humanidade que permanecerá associal.

Do lado de cá do Atlântico, perguntaríamos: por que tamanha vitória de Eros entre os guarani?

De onde tirariam seu poder, sua raridade e sua elevação?

As renúncias, segundo Freud, à própria satisfação, ocorreriam por amor à autoridade. Ela criaria a consciência que, em seguida, exigiria mais renúncias.

Ele situa ainda a culpa como variedade topográfica da angústia em suas fases posteriores, assim como, a angústia estaria sempre presente por trás de todo sintoma.

Deste modo, pareceria-lhe que quase que a criação de uma grande comunidade humana seria mais bem sucedida se não tivesse que prestar atenção à felicidade do indivíduo.

Ele ainda aponta para importância da cautela em aplicar conceitos da psicanálise à cultura, lembrando que são sempre analogias, ao invés de conceitos arrancados de sua esfera de origem e desenvolvimento.

Indica, por fim, que acredita que dois encaminhamentos precisariam, talvez, ser pensados: a recompensa da virtude e uma mudança em relação ao tema da propriedade.

O que será que sugeriria um povo ordenado e tranquilo? Que ensinamentos os guarani nos trariam sobre sua maneira outra de lidar com os aspectos materiais do mundo? E o que dizer de sua forma de celebrar a alegria da vida?

Que heranças talvez ainda tenhamos para localizar, que sítios arqueológicos em nossos solos inconscientizados sobre modos, vieses e forças de vida ainda inexploradas?

Melman (2009) em *O que Freud contou sobre o sexo de um ângulo criminógeno*, pergunta por que Freud em 1935 teria se dedicado a escrever *Moisés e o monoteísmo* em meio a acontecimentos tão terríveis na Europa e, se considerarmos, que neste texto, a única verdade histórica, seria o nome de Moisés. Ele traria um texto de extraordinária falsidade histórica e aterrorizante verdade estrutural, diz.

O autor destaca que teria sido esta uma forma de Freud responder à loucura do que se operava na Europa e nos introduzindo que existe um corte entre as dimensões do sujeito, do ancestral, do objeto e do ideal.

Em *Moisés e o monoteísmo*, temos, então, um Moisés egípcio, assim colocado no nexos da história judaica. Freud trata de como na história das dinastias egípcias, marcadas pelo politeísmo e defesa da imortalidade, teria surgido a ideia de um monoteísmo que, em seguida, teria sido varrido. Na sequência, diz, o imperialismo egípcio, nesta época, mais acessível a estrangeiros, teria aberto um caminho para a entrada de um pensamento monoteísta. O monoteísmo de Moisés, teria sido, posteriormente, apresentado a um novo povo, enquanto religião que o Egito haveria desdenhado.

Assim, nos traz Freud, a história judaica, nos seria conhecida por suas dualidades: dois grupos de pessoas que se reúnem para formar uma nação, esta nação se divide em dois reinos, temos dois nomes de deuses. Além disso, ocorre a fundação de duas religiões (a primeira reprimida pela segunda, emergindo posteriormente), dois fundadores religiosos com o mesmo nome e personalidades diversas, uma parte do povo tendo tido uma experiência traumática e a outra, tendo escapado desta.

O Moisés egípcio dera a uma parte do povo uma noção mais altamente espiritualizada de deus, a ideia de uma divindade única a abranger o mundo inteiro, que era não menos amantíssimo do que todo-poderoso, com aversão a todo cerimonial e magia, e que apresentava aos homens, como seu objetivo mais elevado, uma vida na verdade e na justiça, pois, por incompletas que sejam as descrições que temos do lado ético da religião de Aten, não pode constituir fato sem importância que Akhenaten comumente se referisse a si mesmo, em suas inscrições, como vivendo em Ma'at' (Verdade, Justiça). A longo prazo, não fez diferença que o povo tivesse rejeitado ensinamento de Moisés (provavelmente pouco tempo depois) e o tivesse matado. A tradição desse ensinamento permaneceu e sua influência alcançou (apenas gradativamente, é verdade, no decorrer dos séculos) aquilo que fora negado ao próprio Moisés. O deus Javé conseguira honras imerecidas quando, a partir da época de Cades em diante, fora creditado com o feito da libertação realizada por Moisés, mas teve de pagar pesadamente por essa usurpação. A sombra do deus cujo lugar ele ocupara tornou-se mais forte do que ele próprio; ao final do processo de evolução, a natureza do deus esquecido de Moisés veio à luz por trás da sua própria. Ninguém pode duvidar de que foi apenas a ideia desse outro deus que capacitou o povo de Israel a sobreviver a todos os golpes do destino e o manteve vivo até nossos dias.

Freud pergunta onde está a natureza real de uma tradição, por que de seu poder especial, quão possível é discutir a influência pessoal sobre a história, que sacrilégio se comete ao olhar somente para os motivos que se originam das necessidades materiais, em detrimento da diversidade da vida humana. Também indaga de que fonte algumas ideias devem seu poder de submeter os homens. Finaliza nos dizendo que estudar como tudo isto operou na história judaica, seria tarefa sedutora, assim como descobrir seus vínculos com as afirmativas do texto *Totem e Tabu*.

Também situa que, o monoteísmo, tendo passado do solo para o povo, tendo fornecido-lhe orgulho de ser o povo escolhido, conferiria ao povo judeu um lugar invejado pelos demais, de filho primogênito e favorito. Isto, como os costumes, os teriam separado dos outros “mal-batizados”.

Pergunto em que dimensão a tradição tão forte entre os guarani, cuja existência, nômade, em nossas terras, datam de quatro a seis mil anos, tendo nos últimos cinco séculos, sobretudo, resistido, assim como o alto nível de espiritualidade, teria colaborado com os desdobramentos que temos. Também questiono em que ponto de sua ilegitimidade, estariam tocados os europeus que chegaram à América, assim como seus descendentes, cuja conduta incorreria em desreconhecer os filhos legítimos do território invadido, assim como seu saber e seu poder.

Después del dilúvio colonial, que arrasara com tantas lenguas y tantos modos de decir, de cantar y de profetizar, cuando ya se daba por perdida la esperanza de encontrar todavía una voz autentica en la que resonaran los ecos de la antigua tradición, surgia una nueva tierra, y su fundamento era la palabra: Ayvu rapyta (..)

Los Mbyá y, los Guaraní en general, entran a través de estos textos dentro de aquella categoría de personas de las que se puede decir que sin ellas el mundo del espíritu sería más pobre y menos luminoso. La literatura hoy retiene estos textos como una de las grandes expresiones de la poesía americana (P. 9).

O trecho acima, parte do prefácio da obra “Ayvũ rapyta”, As belas palavras, assinada por León Cadogan, traz textos míticos dos Mbyá-guaraní. Ele havia sido escolhido por eles para transmitir ao ocidente as palavras que utilizam, ao longo dos milênios, para falar com os deuses.

Aqui, o canto mais importante, assim nomeado: *O fundamento da linguagem humana*.

El fundamento del lenguaje humano

1. El verdadero Padre Ñamandú, el primero,
De una pequeña porción de su propia divinidad
De la sabiduría contenida em su propia divinidad,
Y em virtud de su sabiduría creadora
Hizo que se engendrasen llamas y tenue neblina.
2. Habiéndose erguido,
De la sabiduría contenida em su propia divinidad,
Y em virtud de su sabiduría creadora,
Concibió el origen del lenguaje humano
De la sabiduría contenida em su propia divinidad,
Y en virtud de su sabiduría creadora,
Creó nuestro Padre el fundamento del lenguaje humano
E hizo que formara parte de su propia divinidad.
Antes de existir la tierra,
Em médio de lãs tinieblas primigenias,
Antes de tenerse conocimiento de las cosas,
Creó aquello que seria el fundamento del lenguaje humano
E hizo el verdadero Primer Padre Ñamandú que formara parte de su propia divinidad.
3. Habiendo concebido el origen del futuro lenguaje humano,
De la sabiduría contenida em su propia divinidad,
Y en virtud de su sabiduría creadora,
Concibió el fundamento del amor.
Antes de existir la tierra,
Em médio de lãs tinieblas primigenias,

Antes de tenerse conocimiento de las cosas,
Y en virtud de su sabiduría creadora,
El origen del amor lo concibió.

4. Habiendo creado el fundamento del lenguaje humano,
Habiendo creado una pequeña porción de amor,
De la sabiduría contenida en su propia divinidad,
Y en virtud de su sabiduría creadora
El origen de un solo himno sagrado lo creó en su soledad.
Antes de existir la tierra
En medio de las tinieblas originarias,
Antes de conocerse las cosas
El origen de un himno sagrado lo creó en su soledad
5. Habiendo creado, en su soledad, el fundamento del lenguaje humano,
Habiendo creado, en su soledad, una pequeña porción de amor,
Habiendo creado, en su soledad, un corto himno sagrado,
Reflexiono profundamente
Sobre a quién hacer participe del fundamento del lenguaje humano;
Sobre a quién hacer participe del pequeño amor;
Sobre a quién hacer participe de las series de palabras que componían el himno
sagrado
Habiendo reflexionado profundamente,
De la sabiduría contenida en su propia divinidad,
Y en virtud de su sabiduría creadora
Creó a quienes serían compañeros de su divinidad.
6. Habiendo reflexionado profundamente,
De la sabiduría contenida en su propia divinidad,
Y en virtud de su sabiduría creadora,
Creó al (a los) Ñamandu de corazón grande.

Lo creó simultáneamente con el reflejo de su sabiduría.
Antes de existir la tierra,
En medio de las tinieblas originarias,
Creó al Ñamandu de corazón grande.
Para Padre de sus futuros numerosos hijos,
Para verdadero Padre de las almas de sus futuros numerosos hijos
Creó al Ñamandú de corazón grande.

7. A continuación,
De la sabiduría contenida en su propia divinidad,
Y en virtud de su sabiduría creadora
Al verdadero Padre de los futuros Karái
Al verdadero Padre de los futuros Jakairá
Al verdadero Padre de los Tupã
Les impartió conciencia de la divinidad.
Para verdaderos padres de sus futuros numerosos hijos,
Para verdaderos padres de las palabras-almas de sus futuros-numerosos hijos,
Les impartió conciencia de la divinidad

8. A continuación,
El verdadero Padre Ñamandú
Para situarse frente a su corazón
Hizo conocedora de la divinidad
A la futuraverdadera Madre de los Ñamandú; Karaí Ru Eté
Hizo conocedora de la divinidad
A quien se situaría frente a su corazón,
A la futura verdadera Madre de los Karaí,
Jakairá Ru Eté, em la misma manera,
Para situarse frente a su corazón
Hizo conocedora de la divinidad
A la verdadera Madre de los Jakairá.
Tupã Ru Eté en la misma manera,
A la que se situaría frente a su corazón,
Hizo conocedora de la divinidad
A la verdadera futura Madre de los Tupã

9. Por Haber ellos asimilado
La sabiduria divina de su próprio Primer Padre;
Después de Haber asimilado el lenguaje humano;
Después de haberse inspirado em el amor al prójimo;
Después de Haber asimilado las series de palabras del himno sagrado;
Después de haberse inspirado em los fundamentos de la sabiduria creadora,
A ellos tambien llamamos:
Excelsos verdaderos padres de lãs palabras-almas;
Excelsas verdaderas madres de lãs palabras-almas.

Para demostrar que el párrafo 6 de este capitulo se refiere a la creacion del sol,
transcribo a continuacion la plegaria matutina de todo Mbyá “ortodoxo”:

10. En tu tierra El Ñamandú de corazon grande
Se yergue simultáneamente
Con el reflejo de su divina sabiduria.
Em virtud de Haber tu dispuesto que aquellos a quienes tu proveiste de arcos
Nos irguiésemos,
Es que nosotros volvemos a erguirnos.
Em virtud de ello,
Palabras indestructibles
Que en ningún tiempo, sin excepción, se debilitarán,
Nosotros unos pocos huérfanos del paraíso,
Volvermos a pronunciarlas
Al levantarnos.
En virtud de ellas,
Séanos permitido levantarnos repetidas veces
Oh! Verdadero Padre Ñamandu, el primero

11. En virtud de su condición divina:

“Las llamas y la neblina del poder creador”, dicen.
Fue el primer Ñamandú
Quien hizo que se engendrarse, como parte de su ser,
Aquello que se convertiría em esta cosa.

12. En la morada terrenal,
Ni los mejores entre los que llevan la insígnia de la masculinidad,
Ni las mejores que llevan el emblema de la feminidad
La llegarán a conocer:
Ello es cosa inasequible.
13. De esta cosa, sin embargo,
a los que se dedican a orar con verdadero fervor,
les divulgarán (los dioses)
por qué es que dicen:
“las llamas y la neblina del poder creador”.
14. Fue em virtud de ello que nuestro Padre
Asentó em el mismísimo centro de su corazón
El origen de la excelsea palabra
Que originariamente engendro.
15. A esta cosa llaman
“las llamas y la neblina del poder creador”.
En virtud de Ella,
En virtud de haberla puesto en pie simultáneamente
Con la fuente de luz de su corazón y el Sol,
Para que en toda la extensión de la tierra
Y del firmamento
No hubiera absolutamente nada que escapasse a su vista
A aquello que creó como parte de si mismo
Y em virtud de su decir:
“Las llamas y la neblina del poder creador,
El Sol de la divinidad”,
Las llamó el verdadero Padre Ñamandú, el primero.

Capítulo 5 – Tekoa Anhetengua

Aldeia Verdadeira

Saudade.

Esta foi a palavra com a qual um dos intelectuais da comunidade me recebeu, após fazer dez dias que eu não ia até a aldeia, após um ano que estava convivendo com

eles. Havia feito um intervalo em função de compromissos que estava precisando cumprir do lado acadêmico e que eu havia postergado há muito. Sei que me endereçou esta palavra ao ver um gesto que fiz ao chegar e mirar o ponto mais alto do teto da escola e expressar emoção. De fato, dez dias longe da aldeia era algo inadmissível para mim. Certa vez, eu também havia escutado ali, que meu espírito estava sempre ali com eles, mesmo quando eu estava na cidade.

Este dia era o momento de uma festa de encerramento do ano letivo da escola da comunidade. Havíamos trabalhado para a organização de jogos olímpicos na parte da manhã e, em seguida, uma confraternização para todos, que incluía um almoço com culinária típica guarani. Nheovanga Mirim, nossa pequena brincadeira, ou Mini olimpíada guarani, foi o nome escolhido. Ela nos foi oportunizada por um colega do grupo de pesquisa do lado da psicanálise, Dr. Celso Mastrascusa, que trabalha com psicomotricidade relacional e nos trouxe alunos do curso onde é professor na graduação em Educação Física, que coordenaram junto com a comunidade, atividades de arco e flecha, futebol sete, peteca, dentre outros.

Vi a comunidade recebendo os convidados, em sua maioria não indígenas, que trabalham com eles, com a delicadeza que somente eles são capazes de ter. Ordem, respeito, cuidado. Não concebiam que jogos olímpicos precisassem de juiz, porque todos possuíam um juiz dentro de si, todos eram juízes de si mesmos. Como ouvi ali certa vez, “Se Deus fosse me dar uma nota hoje, estou me perguntando, que nota seria”. Organizamos apenas para que apitassem o jogo e anotassem as pontuações, no caso dos cinco times que participaram do futebol.

Quando chegou o momento da refeição, a qual as mulheres haviam passado bastante tempo preparando e era volumosa, havia sido comprada com os recursos da escola, além das doações, alinharam classes da sala de aula e formaram uma grande mesa. Convidaram os não indígenas para abrir o almoço. Após termos todos comido, inclusive a sobremesa, ordenaram que as crianças e em seguida os adultos da comunidade se encaminhassem. E como sempre, o fizeram com o polimento e verdade que lhes concerne.

Quando saí da comunidade aquele dia e nos dissemos, trocamos a palavra “saudade” várias vezes, soube que precisaria organizar minha vida profissional de modo a seguirmos juntos. Aquela momento de incerteza e alteração em nossa rotina, que até

esta ocasião consistia em nos encontrarmos de dois a quatro turnos por semana, uma vez que precisaria seguir ocupada por mais semanas, temporariamente, com compromissos da academia que me oportunizou chegar aos Mbyá, foi algo absolutamente indizível para mim.

Do início

Após as tratativas iniciais, acerca de ir para algumas atividades na comunidade, como a festa de final de ano, quando de minha primeira entrada na aldeia, em seguida a experiência com as oficinas de tear, fizemos uma tentativa de escutar os jovens da escola acerca de seus planos para o futuro. Mas as reuniões esvaziaram rapidamente e quem permaneceu conversando conosco foram os professores da comunidade. Concluímos, eu e a diretora da escola, que seria importante que eu buscasse um novo caminho para trocar com eles, que não partisse de uma demanda minha de que os jovens, por exemplo, falassem deste ou daquele assunto, mas que nossas conversas fossem efeito, consequência do encontro e desejo deles de estar comigo.

Deste modo começaram minhas negociações com o chefe da comunidade. Eu disse a ele que desejava realizar algum trabalho ali e que não sabia o que seria. Disse que na cidade ouvia pessoas falarem de suas questões emocionais. Ele me respondeu que ali eram todos muito tranquilos. Também me disse que tudo na vida precisava de esforço. Que teríamos que construir um trabalho para mim, assim como ele acreditava que seria necessário criarmos trabalho para guarani. Fez uma longa fala e concluímos que eu precisava estar ali com eles. Inicialmente eu iria uma vez por semana.

Então comecei a fazer o caminho da aldeia sozinha, uma vez que sentia que precisava eu mesma encontrar qual seria minha construção ali. Passei a pegar os ônibus que levavam até lá sozinha e também caminhar dos locais onde eles me deixavam até a entrada da comunidade, sozinha. Também ficava por lá sem nenhum agendamento específico, conforme havia entendido que seria adequado para o funcionamento da comunidade.

Nossas trocas se davam a cada vez de um modo. Às vezes vinham os professores ou outros integrantes da comunidade conversar. Às vezes eu permanecia em algum ponto, como numa pedra, às vezes eram as crianças, muitas crianças que vinham me mostrar coisas, pesquisar as diferenças no meu corpo, catar piolhos na minha cabeça,

me ensinar palavras em guarani e me mostrar, mas isso foi bem mais para frente, que todas sabiam o meu nome.

As trocas com os professores consistiam, muitas vezes, em permanecermos na sala de aula. Eles vinham me mostrar produções deles e dos alunos, contar sobre o cotidiano de sua educação, sobre a tradição. Também me transmitiram minhas primeiras noções no idioma e sistema de contagem, assim como hábitos e valores, questões espirituais e de história, organização temporal e caça, pesca, alimentação, a relação com a palavra e o silêncio.

Cedo comecei a entender como naquele local a dimensão do sagrado estava em tudo. Em tudo. Mais tarde, nas aulas formais de mbyá-guarani aprendi que este povo tem o hábito de acrescentar, preferencialmente, um sufixo nas palavras que conferiria a elas um caráter carinhoso, afetivo, o que implicaria para eles em tratar, através da linguagem, amorosamente as coisas do universo. O cuidado e a delicadeza com os aspectos mais sutis das trocas e da existência, eram visíveis de saída.

Sentia como se tratassem minha ida até eles como uma visita. Alguém que vinha lhes ver. Por isso, talvez, nada exatamente agendado, mas a improvisação de cada encontro era regado com a gentileza de virem sentar comigo por um tempo, contar algo, pedir algo, me receber. Eles vinham trocar. Intermináveis vezes em que, por exemplo, estava apenas um dos professores na comunidade ou apenas um deles estava disponível para vir me receber naquele momento, então este fazia as honras da casa, por um tempo, e mais tarde, quando do momento de começar sua atividade docente, me dizia baixinho, com muito jeito, “agora eu tenho que ir, vai começar minha aula”. Em seguida, eu tinha mais uma das visões divinas típicas daquele convívio, muitas crianças atravessando a aldeia, por vezes cruzando o espaço da sua casa até a escola com mochilinha nas costas, caderno nas mãos, comumente, cabelinhos molhados, chinelos ou pés descalços na terra, mesmo no inverno ou quando chovia, corriam, saltitavam, invadiam e tomavam a sala de aula em intenso estado de alegria.

Vale ressaltar que, por vezes, na mesma turma em que se encaminhavam para sala de aula crianças que estavam tendo as primeiras noções da língua portuguesa e alfabetização bilíngue, assim também se encaminhavam, para o mesmo grupo, mulheres, adultos, com os mesmos caderninhos nas mãos e a alegria emocionante no olhar.

Eu recebia pedidos, desejos de projetos.

Não é incomum ouvir dos professores mbyá que desejam ou estão fazendo ou já escreveram livros. Nos trazem materiais onde encontramos desenhos raros, histórias por eles criadas e formulações linguísticas, glossários com palavras em sua língua materna e tradução para o português, no caso, sua terceira língua, geralmente, uma vez que os grupos que vivem próximos a nós, atualmente, são originários do território onde os não indígenas convencionaram ser a Argentina.

Eles possuem infinitas discussões sobre as questões linguísticas de cada localidade, dialetos, diferenças, implicações. Certa vez, quando fomos à comunidade para uma discussão sobre o plano político pedagógico que estava sendo encaminhado com a coordenação da Prof^a Cida, ela levou para presentear-los um livro muito importante chamado “As belas palavras”, as palavras utilizadas pelos guarani para se dirigirem aos deuses. Prontamente, então, vimos um professor tomar o livro nas mãos, em estado de graça e curiosidade imerso nas diferenças e detalhes que localizava no texto, esqueceu-se rapidamente do entorno e passou horas diante de nós sem conseguir deixá-lo, enquanto dialogávamos sobre educação diferenciada, ele mudava, de tempos em tempos, de posição na cadeira, com os pés nus em cima de uma classe, lá permanecia, certamente em contato com algo muito superior, abraçado em seu novo livro.

Por isso, uma das primeiras demandas que me apresentaram foi sobre o desejo de confeccionarem um livro sobre a língua mbyá-guarani. Estavam preocupados, era preciso que publicassem uma gramática ou algo assim. Havia diferenças de uma localidade onde falavam o dialeto, para outra e até mesmo de uma comunidade para outra. Também estavam chateados porque os teclados dos computadores não contemplavam as particularidades linguísticas em questão. Foi quando começamos uma discussão sobre pedir a um especialista em informática que elaborasse um programa que oportunizasse, através do teclado, a escrita correta.

Igualmente, por um período, participei das atividades coordenadas pela Prof^a Ana Tettahmanzy, com seu grupo de contadoras de histórias. Foram muitas tardes em que levavam histórias, cantigas e jogos, brincadeiras tradicionais da cultura brasileira, para trocarmos com as pessoas da comunidade. Um de seus principais objetivos era também trabalhar mitos indígenas com eles e construir possibilidades para que, neste

encontro, começassem os próprios a escrever sobre seus mitos e também criar suas histórias desde sua cosmologia específica. Estas criações passariam a ser contadas por este grupo de contadoras em suas apresentações pelo mundo.

A disponibilidade, como sempre, que vinha com os tons do coração e da pureza, os quais sentimos tanto no estar junto com o povo guarani, assim como a alegria e o encanto também típicos, criavam a atmosfera mágica novamente, a cada vez que entrávamos na sala de aula ou permanecíamos na área externa em contato com a terra, realizando ou assistindo às atividades. Crianças, adolescentes e alguns adultos, especialmente os professores que vinham colaborar na coordenação e tradução das regras e comentários, configuravam a sensação de sempre de estarmos imersos em algo completamente fora do que nosso aparelho psíquico e sensorialidade estão habituados a vivenciar.

Houve um período em que, em todas as segundas-feiras nas quais essas atividades eram realizadas, no inverno, chovia copiosamente. Chegávamos e voltávamos encharcadas. Íamos densamente tomadas pelo desejo de repetir a experiência que eles nos oportunizavam, de nos depararmos com aquele extraordinário e surpreendente de uma poesia sem fim e voltarmos carregadas de emoção.

A sala de aula é um espaço em madeira, todo com frestas. Ali há mesas e cadeiras e também a cozinha, com um grande fogão antigo, pia e uma porta que é fechada com um pedaço de madeira também, uma tranca, a qual as crianças manobram poeticamente a cada uma que deseja entrar, colocando o braço através da fresta abrindo e fechando a engrenagem. Por ali também, frequentemente, espiam curiosas o que se passa dentro da escola e consultam se podem entrar ou não.

Permanecíamos, então, naqueles dias de inverno e muita chuva dentro da sala, em muitos, geralmente sentávamos no chão em um grande círculo. As frestas do chão nos deixavam ver as movimentações subterrâneas dos bichos, gatos, cachorros, galinhas, capivaras, embaixo da casa. Também a estrutura do piso “engolia” os materiais levados para os jogos com as cantigas, palmas e ritmos, tais como lápis ou objetos que eram utilizados para exercitarmos a pulsação da música, passando de um para outro, batendo no chão e deslizando em círculo. Era assim que “Escravos de Jó” era apresentado e fruído, pela primeira vez, por uma comunidade, em língua estrangeira, e todos, com o entusiasmo e agilidade que lhes cabe, aprendiam e se divertiam muito,

não apenas com o jogo sonoro e rítmico, mas com os recortes típicos do tão particular e fino humor guarani.

Os materiais que caíam pelas frestas, os chistes motores dos gestos e caretas que fazíamos, os detalhes das histórias e músicas, as facilidades, invenções ou impasses que eles sentiam com o que estávamos propondo, a graça das diferenças, o maravilhoso cheiro de fumaça da aldeia, aquele calor humano ou divino cheio de respeito e dignidade, rostos lindos, cabelos estilosos, olhares únicos, o guarani todo tempo se misturando com nosso português, o riso, os abraços de gratidão, reconhecimento e carinho, e em algum momento ... já nos recebiam cantando um refrão que haviam memorizado ou uma canção que havíamos aprendido em guarani. Esta, em especial, bucólica e delicadamente acompanhada pelos maracás, soa em minha memória como algo fora do tempo e do espaço ...

Deviam ser minhas primeiras inscrições psíquicas guarani, feitas do som das vozes, palavras, grafias, cheiros, ritmos específicos, cores e demais significantes que nos estruturam na lógica de uma linguagem. Que nos levam a pensar, sentir e ser em lógicas específicas. Se o que inicialmente experimentamos em uma realidade cultural tão diversa é, frequentemente difícil de nomear, formular, não temos representações muito contornadas para aquilo, aos poucos, nas trocas com o outro, vamos cifrando como que um novo espaço psíquico, efeito do encontro com outro aparelho psíquico estruturado naquela outra lógica. Por isso, não há como sentir o modo guarani em puro português. E muito menos há como entender aquela realidade lendo ou ouvindo falar. É preciso experimentar extensamente e com o corpo. Daí há, também, algo da presentificação das diferenças que vai se apagando.

As representações começam a emergir em palavras e percepções como plantas nascendo. E um dos momentos mais fortes da minha experiência foi quando comecei a me dar conta que não me chamavam mais de *juruá*/ branca, mas de Viviane. E emocionantemente foi, mais ou menos neste mesmo momento, em que eu já não conseguia mais vê-los como pessoas de um grupo étnico. Mas Jerônimo, Cirilo, Jackson, Hugo, Alex, Nélide, Cristina, Norma, Jéssica, Patrícia, Vanessa, Micaela.

E daí também eu percebia que começavam algumas incorporações, fagocitações, talvez. Eu começava a buscar hábitos em meu cotidiano, devidamente balizada pelos costumes da aldeia, mudava meu modo de vestir, de tocar os objetos, organizá-los,

mudava também seus valores e também via que eles, na aldeia, me diziam que queriam um cabelo como o meu ou diziam de desejos de possuir coisas ou maneiras, por vezes, como as minhas. As crianças começaram a fazer um jogo de virem até mim em grupo numeroso e entoar em forte coro: “Oi Viviane!” ou “Obrigada Viviane!” ou “Tchau Viviane!” e riam muito, saíam correndo, voltavam, me escreviam uma ou outra palavra em guarani e buscavam o correspondente em português ou me aplicavam pequenas provas e adivinhações linguísticas. Também insistiam para que eu melhorasse a pronúncia, achavam graça da minha enorme dificuldade com alguns fonemas.

As crianças, aliás, sempre foram um ponto forte das trocas com a aldeia, no meu caso. Os primeiros tempos, antes mesmo das conversas com os adultos e professores se tornarem mais frequentes, foram, principalmente, momentos em que eu era recebida e ciceroneada pelas crianças. Na primeira manhã em que permaneci ali, após a devida contratação com o chefe da comunidade, me sentei em um ponto próximo a uma pequena árvore na parte central externa. Fiquei ali em silêncio, me concentrando em meu *estar*. De repente, um gurizinho, Ramón, atirava algo perto de mim e vinha buscar. Depois, repetia novamente o gesto. Começamos um jogo de olhares, vocalizações e risos. Ele começou a fazer estrelinha. Foi seguido por outras crianças que faziam o mesmo. Estrelinhas guarani giravam ao meu redor. Em seguida algumas meninas começaram a colher uma ou outra frutinha da árvore e me oferecer. Saíam comigo caminhando, como é de praxe, em grupos abraçados. Várias caminhavam segurando em meus braços, mãos, pernas, se revezavam no meu colo, disputando abraços e atenção. Canibalismo amoroso. Jamais esquecerei as vezes em que me recebiam na trilha de entrada da comunidade, vinham correndo com os bracinhos abertos para me saudar e me levar aldeia a dentro, sendo que sempre e, ao menos, uma delas, tinha uma camiseta larga e esvoaçante toda amarela, escrita em verde e letras grandes: “Brasil”.

Também na primeira vez em que sentei com a comunidade em um círculo, foi em um momento ordenado pelo chefe. Sem que eu tenha entendido muito bem o que houve, as mulheres da comunidade sentaram ao meu redor. Ficamos ali. Elas em guarani, eu em silêncio e muita emoção. Na camiseta de uma delas, esposa do Cacique, ao meu lado, toda rosa, em vermelho se lia: “movidos a amor”.

Os momentos da saída da comunidade também eram sempre muito tocantes. Igualmente vinham as crianças como na cena da chegada, mas, desta vez, postergando a

despedida, sendo que, quando saímos de carro, era comum que trouxessem florzinhas nos vidros ou que víssemos a comunidade toda acenar amorosa e sorridentemente. As crianças, por vezes, confundiam a língua estrangeira e se despediam em espanhol.

Caminho, contemplação, corpo, natureza

Eu havia ouvido, algumas vezes, nas trocas com profissionais que se ocupavam do trabalho com o povo Mby-á que o caminho e o caminhar tinham um lugar muito importante. E este foi um dos primeiros significantes que comecei a perceber em sua dimensão aterradora, logo que passei a frequentar a aldeia. Ainda que o caminho que fazia com o ônibus Capororoca, da região central de Porto Alegre até a parada vinte e dois da Lomba do Pinheiro, representasse a encarnação desse trajeto e sempre foi fortíssimo, ele começava antes. Na noite anterior eu me sentia a caminho da aldeia. Tinha sonhos raros. Me preparava e entrava em um estado de espírito particular pela manhã e me dirigindo para o caminho do ônibus. Dentro do ônibus pensamentos e imagens muito importantes afloravam de maneira única e quando este, depois de andar bastante, virava numa determinada bifurcação da estrada, entrava à direita e começava a subir a Lomba, quando o ar mudava e a altitude aumentava, assim como a velocidade, sentia a efetividade da aproximação daquele lugar outro. Aliás, sempre em que entro ou saio de uma comunidade guarani, percebo algo que quase poderia dizer que tem materialidade. Tem elementos de uma dimensão de outra ordem.

Também não demorei nada a entender que outras possibilidades de funções mentais entravam em jogo ali. O estado que passei a compreender como contemplativo, que rapidamente passei a experimentar nas minhas vivências, uma vez que era este o termo do qual dispunha dos meus estudos tão valiosos da obra de Kusch, me tomava sem pedir licença. O autor nos fala muito na *contemplação* enquanto um dos elementos principais da lógica do pensamento ameríndio. Inicialmente o que eu apreendia, me parecia um nível diferenciado de atenção, alguma alteração no nível da consciência, algo que, em algum momento se assemelharia à atenção flutuante na clínica, mas não era bem isso. Remete realmente a um estado psíquico que se experimenta na realidade indígena, com os significantes que constituem esta realidade, esta lógica de pensamento, e que nos liga à dimensão da natureza de um modo particular, assim como a modos também específicos de estar atento e sensível ao outro e a si mesmo. Neste outro incluo

as manifestações da natureza. É algo que possui uma densidade importante. É como começar a se constituir em outras lógicas que passam, evidentemente, a integrar nosso psíquico e poder a ser utilizado, mesmo quando não estamos dentro da aldeia, concretamente.

É como aprender outra língua, novas formas de ler, colocar novas lentes. Aliás, não é algo tão difícil de imaginar que ocorra. Se a percepção, a memória, a rede simbólica que nos faz pensar é constituída dos significantes de nossa cultura, uma vez que mudamos para uma cultura tão diferente, os modos de sentir, construindo novos registros sensoriais, não teriam como não trazer novidades, inclusive, no campo da atenção e percepção, por exemplo.

Algumas imagens, de chegada, chamam muito a atenção desde nosso modo ocidental de posicionar o corpo e ocupar o espaço. Na área externa, das árvores, as quais quando avistamos ao ir nos aproximando da entrada da aldeia, por vezes, não sabemos o que é árvore e o que é criança (de cabeça para baixo). Assim também em sala de aula, são muito ágeis em passar por baixo das classes e até se deitam em cima de algumas. Estas são cenas que ocorrem com naturalidade e fazem parte da postura interessada nos conteúdos, respeitosa com o professor e colegas e no mesmo ambiente em que JAMAIS vemos um mestre precisando chamar atenção de um aluno, pedir silêncio ou concentração. Igualmente também, jamais vi alguém, em um ano inteiro de convivência com este grupo, alterar o tom de voz ou se desentender com um semelhante.

Não perdem a linha, o polimento, a calma. Parecem, muito mais dificilmente que nós, entrar em angústia. Bem, nunca os vi demonstrando angústia, ao menos nos modos como eu saberia enxergar e detectá-la. Como havia me dito Cirilo, de fato, ali todos são muito tranquilos. Claro que percebia nuances de caráter, mais ou menos entusiasmo, estilo, preferências absolutamente singulares, habilidades. Mas jamais qualquer coisa que infringisse qualquer limite em relação aquele modo elevado de estar e trocar.

E esta tranquilidade começa, me parece, ou é localizável, já, é claro, desde o nível do corpo. Por exemplo, a relação com a temperatura ou mesmo com eventuais acidentes, ferimentos. Honestamente, o que me diziam, que seus corpos eram feitos de terra e eram muito fortes, é de força simbólica que são feitos. Aprendi a perceber como nós, não indígenas, nos desesperamos com o frio, o calor. Nos angustiamos com isso. Nos desorganizamos e precisamos rapidamente buscar um lugar mais aquecido ou o

contrário, onde o controle sobre as intensidades, que chegam a nós, seja o mais contínuo possível.

Na época do inverno, eu estranhava bastante, me ressentia, mesmo com botas forradas, sofria com o frio. Então ia conversar com as mulheres e lhes perguntava como conseguiam lidar com isto, uma vez que estavam sempre bem abrigadas, exceto nos pés, sempre nus. Elas riam e me respondiam apenas: “fogo ...”. E eu entendia que o fogo do qual me falavam era absolutamente outro e além do que eu via nas casas e no centro da aldeia ou qualquer significado que pudesse alcançar. Sabia que falavam da vasta dimensão desta palavra em sua cosmologia.

Passei a começar a precisar caminhar mais e também a sentir mais os pés, a terra. Minhas percepções da região dos pés e pernas e sensibilidade nestas partes do corpo, se alterou bastante ao longo deste ano.

Assim também via e fui entendendo como lidavam com a dimensão do alimento, da sede. Os guarani não possuem horário de refeição. Lá comem quando sentem que desejam comer. Isto, vivenciado desde cedo pelas crianças, aliás, desde o esperar que o bebê busque o seio, assim como, que busquem abrigo ou ajuda quando estão feridos, é parte da tão diferenciada autonomia e modo responsável como lidam consigo mesmos e com o ambiente. Também durante todo tempo em que convivemos, nunca vi uma criança quebrando absolutamente nada e, é claro, ou qualquer atitude de agressividade que precisasse ser contida ou controlada.

Não se alimentam muitas vezes por dia e também não se servem de grande variedade. E são fortíssimos e belos. Delicados, poéticos. Movidos por uma lógica todo tempo ligada ao espiritual. Amam conversar, filosofar. Mas falam menos, tem no silêncio a dimensão do sagrado.

Nas representações como dos desenhos que tanto adoram fazer, inclusive os adultos, nos deparamos, assim como nos mitos, com dimensões oníricas. Por vezes, é bastante difícil de acompanhar suas lógicas, mas antes de qualquer coisa, sempre surpreendem. É que utilizam outros referenciais de pensamento e corte, do que é possível ou não. Então os desenhos ou maquetes, por exemplo, incluem dimensões e disposições espaciais muito outras, assim como o modo como distribuem as cores, os porquês estéticos, como os heróis das aventuras que criam se deparam com o mundo, o

que querem dele, como se saem de situações difíceis ou o que vetoriza quaisquer valores de comportamento, ética, entendimento e, logo, com isso, o que conduz o sentido e desdobramentos de qualquer história que pretenda transmitir sabedorias.

No entanto, ainda que nos deparemos com o inevitável estranhamento, desconfortos, descentramentos, ao mesmo tempo, quando devidamente posicionados com o coração e o interesse genuíno, é muito difícil que o encantamento não nos tome e logo algo começa a fazer efeito. Não conseguimos não nos sensibilizar e, muito menos, não perguntar que genialidades estão por trás de cada elemento enigmático que encontramos nesta convivência. Imediatamente nos vemos, então, já nos encaminhando para experimentar uma lógica nova de pensar. É assim que, por exemplo, a dimensão da natureza, já bastante distante de nosso cotidiano urbano, passa a ocupar outros lugares e ser tela para outras experiências.

Em meio ao convite guarani que recebemos de vivenciar o *estar*, modos diferentes de atenção e escuta e valorização dos integrantes do universo, a natureza ocupa espaço privilegiado. Ancestral, fonte de vida, de continuidade e fonte, principalmente, de lógicas das quais podemos aprender a nos servir para metáforas poderosas, para formularmos saberes sobre nossa existência e onde podemos apoiar o olhar para ler, tantas vezes, o que está em nós mesmos.

Confesso ter sido, no meu caso, este um dos elementos mais inesperados que passou a me atravessar. O canto das aves, as marcas na terra, as características atmosféricas, o vento, de elementos do cenário, deslizaram para posição de espelhos, telas onde era possível ler meus próprios sentimentos, seres de muito respeito e presença, misteriosos, portadores de saberes insondáveis. Também sua ligação com todo o entorno, nossos estados de alma, angústias, desejos, o quanto podem os seres da natureza ser devidamente reconhecidos enquanto responsivos, desde que tenhamos condições de enxergá-los deste modo.

Os animais e as plantas, assim como todo o ambiente natural são, evidentemente, muito presentes na vida da comunidade indígena. As casas são próximas à área verde, a terra é onde todos circulam, o fogo está em todas as casas, os cachorros, gatos, aves, capivaras e um macaco interagem de modo muito tocante não apenas com os moradores bípedes, mas com os demais também e muito harmoniosamente. Não apenas não é permitido que crianças disputem objetos ou brinquedos e se desentendam, como se os

cachorros se põem, por exemplo, a perseguir uma ave, a comunidade toda intervém e faz com que os animais voltem a conviver tranquilamente.

As crianças são habituadas, desde muito jovens, a estar com e cuidar da natureza como o fazem consigo mesmas. Por vezes localizamos animais que tiveram algum tipo de doença, como dermatológica, por exemplo. Nos dias subsequentes rapidamente encontramos os mesmos animais com alguma intervenção da comunidade e, em seguida, é frequente os vemos curados com uma rapidez que muitas vezes não ocorrem nos cuidados dos *pet shops* urbanos. Penso que devam ser as ervas.

A proximidade com a natureza, além de trazer esta dimensão do respeito denso por ela, parece também configurar um sentimento outro para a dimensão da vida e finitude e, quem sabe, também, do desconhecimento, do mistério, da limitação em relação à dimensão do controle e, é possível, de outros níveis de sensorialidade e funções mentais.

Assim também, uma vida longe, ou um pouco mais longe, da dimensão do consumo diário, dos objetos enquanto oferta e entorno constante, das coisas que fazem barreiras para o maior número de intensidades possíveis e, com isso, nos fazem mais frágeis para o clima e para os traumas, para os ódios e desorganizações emocionais, esta outra vida parece configurar aos indígenas, de fato, um corpo de terra, muita força e possibilidades de alma, raras.

Se, de um lado, os que não possuem acesso à realidade guarani, por exemplo, podem eventualmente cogitar que estes, enquanto indígenas, estão mais situados do lado da falta, da falta de bens materiais, de terras, de limpeza e saúde, quando passamos a ter um mínimo de compreensão e contato com as comunidades, rapidamente entendemos que quem está em apuros é a nossa civilização, supostamente ocidental. Aliás, um dos aspectos de difícil acomodação interna é que somos forçados, com isto, a nos deparar diariamente com a presentificação da noção do fracasso de toda uma civilização, a nossa.

Aprendemos segundo após segundo com eles a respeito de verdades sobre a origem da vida, os limites desta, incluindo a dimensão do imprevisível. Também aprendemos sobre a perenidade dos objetos, o quão prescindíveis podem ser quaisquer um deles, e também a lidar com a dimensão da impossibilidade, da falta, do quão

próximos estão o domínio, a evanescência e a verdade. Algumas vezes escutei ali que naquele local não era bem o caso de agendarmos atividades, hora para isso ou aquilo. Sublinhavam sempre a convivência, o *estar junto*. Eu segui à risca a direção que me deram, isso porque já acreditava na dimensão da verdade e do inconsciente enquanto instâncias que não se prestam para marcar hora e muito menos avisam ou pedem licença para chegar.

Tenho uma hipótese de que esse talvez tenha sido um dos principais ingredientes que colaboraram com a minha afinação com a realidade indígena. Aliás, tenho a impressão de que ali minhas verdades e crenças psicanalíticas eram colocadas à prova em nível agudo. O imprevisível, o suportar o silêncio, a insocorridade, o desconhecimento, a dimensão do desejo, do inefável, da verdade e suas faces tão infinitas quanto simbólicas, a lei, o valor do ancestral.

Bem depois de ter começado a viver muitas destas experiências foi que, em análise de controle, tive a oportunidade de entender e, a partir disto, escutar que esta questão já estava me sendo sinalizada de muitos modos, que apesar de ter me dirigido aquela comunidade, cogitando oferecer algo do cotidiano da minha cultura até então, a virada ocorrida foi devida ao fato de que me entreguei a aprender com eles.

Houve um aspecto, além do desconhecimento, principalmente de início daquela realidade, que me angustiava bastante e, em muitos momentos, retorna. Era, precisamente, o não ter noção sobre as consequências e desdobramentos exatos da minha presença ali, nossas trocas e, muito menos, acerca do que exatamente estava eu fazendo do ponto de vista conceitual. Sabia que não se tratava de clínica, também não consistia exatamente em uma experiência antropológica e muito menos educacional.

Então acabei escolhendo *estar* ali com eles, *estar* sensível ao que me traziam e seguir os caminhos e demandas que me apresentavam, levar em consideração seus sentimentos, preocupações, desejos e ponto final. Era uma psicanalista em uma aldeia guarani, disponível para ouvir, construir caminhos de enlace, trocas, projetos e assim também, com os profissionais que trabalhavam naquela comunidade, se aproximavam ou de outros espaços que se dedicavam à realidade dos povos indígenas e que, todos os dias, tratavam de assuntos radicalmente subjetivos em suas preocupações com alunos, professores, gente indígena e não indígena que se encontra e se desencontra.

Fui, aos poucos, me habituando com o estilo de questões que surgiam, o ritmo das conversas, o modo como alguns temas perduravam ou se evanesciam. As conversas ocorriam sempre, com exceção de uma única ocasião. Em uma das minhas primeiras idas sozinha à comunidade, eu tive alguns momentos em que me perguntava sobre a aproximação. Cheguei a ter algumas fantasias que me faziam sentir medo, porque tudo era muito desconhecido e eu sabia que havia algo que somente eu poderia viver e construir ali e tinha convicção de que precisava ser exclusivamente meu e ao meu modo. Então era preciso ir sozinha, caso contrário, estaria atrelada a lógicas e situações que me prenderiam um pouco. De um certo modo, desejava, sim, estar só para que aqueles outros me dissessem o que queriam ou o que poderíamos criar juntos. Sentia que tinha algo que precisava saber e que, como sempre, o saber é sempre solitário.

Dito isto, lá ia eu sozinha e, certa vez estava muito angustiada com isto. Eram muitas pessoas desconhecidas, uma cultura desconhecida, se aqueles que eu sabia que falavam em português, ali comigo, não estavam na aldeia quando eu chegava, eu não tinha a menor ideia se poderia me fazer entender por alguém. E, nesta época, eu não ensaiava nem bom dia em guarani.

Neste dia eu cheguei à aldeia e não tinha absolutamente ninguém com que eu estivesse acostumada a ter contato, nem professores, nem as crianças que eu estava habituada a ver, nem as lideranças. Mas havia vários moradores. Ninguém vinha falar comigo naquele banco de madeira entre a aldeia e a escola onde eu costumava permanecer. Então fui caminhando, escolhi uma pedra. Fiquei por lá. Por horas. E comecei a sentir. Foi uma das primeiras vezes em que tive um daqueles momentos em que algo muito inesperado, parecido com um pensamento, começava a aflorar sem eu saber muito bem de onde, como, ou o que era mesmo que estava me acontecendo.

Pois estava eu, então, sentada na pedra em meio a toda aquela terra, paisagem das casas guarani, área verde ao longe, animais e moradores no estado de contemplação e paz que lhes é peculiar e, de repente, me ocorreu uma expressão que em minha experiência inicial, na época, era ainda distante. Me ocorreu a expressão *Tierra sin mal*. De fato, neste período eu não tinha comigo ainda o que significava exatamente este conceito. Mas naquele momento ele me ocorreu como um saber. Era como se aquela expressão linguística e aquela paisagem, uma puxando a outra, tivessem me feito começar a gerar um novo saber. Palavras e imagens ligaram-se, por algum motivo

naquele momento, de um modo estarrecedor. E, considerando que ali sentimos as coisas de um modo um pouco mais guarani do que quando estamos imersos na cultura da cidade, aquele saber vinha de um jeito cheio de pureza e vastidão.

Permaneci por um certo tempo chocada com a dimensão inesperada, súbita mesmo, com que aquilo tinha vindo e tão à revelia. A sensação era ótima.

Então duas crianças também desconhecidas, na época, se aproximaram. Uma, mais velha se ocupava de limpar o nariz da menor. A menor, com cerca de dois anos, iniciou um jogo comigo. Linda, de uma alegria fosforescente, levava a mãozinha e a manga da roupinha à boca e depois me oferecia. Repetia mil vezes o jogo e ria muito. Eu aceitei a provocação e fazia caretas, ria também, dizia-lhe que aquela mãozinha devia estar muito deliciosa. Ela, como eu disse, encenou o gesto muitas vezes, era uma grande cena para ela. Mais tarde foi que me dei conta que ela tinha alguma questão congênita e, por isso, sua mãozinha era diferente. Mas aquela criança era tão mágica e tão sábia em seu jogo, que percebi, inclusive, em períodos posteriores e com outras pessoas presentes, que o detalhe físico costumava passar despercebido de todos.

Minutos depois chegou o cacique e sua família. Falamos um pouco, eu precisava ir voltando para a cidade. Me coloquei a caminho da estrada. Quando já havia andado um tanto, veio vindo um carro, vi a mesma família parar ao meu lado. “Entra, a gente te leva”.

Dentro de um carro. Em guarani. Com uma importante família guarani. Me senti muito especial, levando de volta para a cidade comigo, meu novo significante: *Tierra sin mal*.

Da evanescência

Uma das belas experiências que tive ao longo deste primeiro ano de permanência na aldeia foi habituar-me com a dimensão da evanescência, absolutamente misturada, presente e legitimada em meio a muitas ações e planos que se sustentam por muito tempo. Ela parece ser por eles tratada com muita familiaridade.

Muitas vezes temos a impressão de que talvez isso seja uma consequência das impossibilidades na comunicação, dos buracos mesmo, próprios das trocas

transculturais. No entanto, eu resistiria em atribuir a esse elemento toda justificativa do que se produz muitas vezes.

Creio que, por diversos aspectos, temos a apreensão desta dimensão da evanescência como um traço significativo no cotidiano em questão. Quando chegamos à comunidade é muito presente a dimensão do inesperado. Por mais que até tenhamos alguma combinação de atividade ou diálogo, é bastante material que aquilo será sempre transcendido em muito. Mais agendada que a atividade marcada ali, está sempre agendado o que ultrapassa, surpreende, a magia dos ensinamentos, a beleza e poesia únicas das diferenças com as quais vão tratar os acontecimentos dando a eles sacralidade, encantamento e, possivelmente, horas de filosofia a respeito de detalhes que, em nossa cultura urbana, passariam totalmente de lado.

Então, algumas vezes as pessoas que pensávamos que estariam lá, não estão. Várias vezes uma atividade está para ser realizada e, chegando lá, ocorre concomitantemente a outras. Pode acontecer também de não ocorrer. Mas, acima de tudo, e isso é perceptível em todos os momentos, inclusive naqueles em que algo, por exemplo, é marcado como atividade escolar ou uma hora específica para conversar com alguém, que o que, de fato, ocorre ali traz essa dimensão do aterrador e faz com que a dimensão objetiva seja completamente esquecida. Tudo vira evento de surpresa, magia e do sentir. Saímos sempre transformados e agradecidos, leves e emocionados.

Suponho que seja o fazer, a ação, a obrigação, o rendimento, a acumulação que estão de fora. Os valores fortes e multimilenares impedem que o que pesa na vida ocidental se presentifique. E digo mais. Eles trabalham e se esforçam e levam as coisas a sério e pagam seus preços em aguda experiência com a verdade, em um nível muito raro.

Sustentar a existência, a crença, a tradição, filosofia, língua e alegria como fazem esses grupos, em meio às condições sociais que lhes foram impostas, é tão surpreendente quanto inominável.

Alguns dos primeiros encontros que tive no ambiente da escola versaram sobre ideias e projetos que se esboçaram e desapareceram em seguida. A primeira ideia, da fala dos alunos sobre seus planos futuros, como mencionei antes, não se sustentou porque não era um pedido da comunidade propriamente, mas uma tentativa de

aproximação. A presença dos jovens, ao longo de três tentativas, foi escasseando e ficaram apenas os professores.

Em seguida houve um outro momento em que os professores começaram a tratar da relevância de terem materiais como câmera filmadora, microfone, caixas de som, computadores, impressora, equipamentos. Meu primeiro impulso foi de propor nos articularmos para algum projeto que obtivesse a verba necessária. Não consegui me movimentar o suficiente. Não aconteceu. Quando retornei na vez seguinte, recebi novos pedidos. Desta vez desejavam escrever um livro sobre o idioma mbyá, uma gramática ou dicionário. Eu não conseguia entender exatamente como seria ou como fazer. Muito tempo depois comecei a ter noções do porque era tão difícil compreender. O mbyá jamais foi sistematizado, as palavras isoladas muitas vezes não possuem significado e o modo como apreendem a dimensão da língua é absolutamente em outra lógica. Também há a questão de que a estrutura das palavras não é ocidental, a grafia é rediscutida infinitamente, há muitos sons que são diferentes e bastante difíceis, mas que foram grafados pelos ocidentais com letras do nosso alfabeto. A acentuação não é possível de ser feita em nossos equipamentos convencionais. Além disso, esta linguagem por ser compreendida em ligação direta com a dimensão espiritual, não é algo que nos seja oportunizado comumente estudar e a transmissão em situação formal é rara e complexa.

Como consequência deste primeiro momento que não foi adiante, objetivamente, em termos de cumprir a confecção imediata de um livro que sistematizasse o idioma, comecei a receber ensinamentos sobre os costumes. Os mbyá trazem que somente é possível aprender sua língua, vivendo a lógica cultural desta. Assim comecei a escutar e, como nomeiam, receber a transmissão de mais conhecimento. Para isto, combinamos que eu levaria erva e fumo.

No entanto, também não ocorreu de fazermos atividades semanais em que eu sentava em uma cadeira e ouvia sobre a tradição. Isso ocorreu mais extensamente uma vez. Nos meses seguintes esta transmissão se dava misturada com os projetos que daí íamos formulando e se sustentando.

Um dia Jackson, professor das séries iniciais e integrante da comunidade, como todos os mestres ali, me recebeu e tinha notícias muito vibrantes. A comunidade havia vencido um torneio de futebol sete, em uma competição, com diversas aldeias do

estado. Receberam medalhas, um lindo e enorme troféu, tinham muitas fotos com seus uniformes e momentos e detalhes poéticos.

Então surgiu a ideia de que uma foto do time, devidamente acompanhado pelo cacique, fosse transformada em um pôster nos moldes oficiais dos times de futebol. Começamos uma construção que durou alguns encontros. Mil andanças sobre a escolha das fotos, como arquivá-las, trabalhá-las, acrescentar os nomes, o tipo de escrita, detalhes sobre impressão, locais adequados, tamanho do material, como chegar ao resultado final do pôster imaginado.

Em um dos momentos, com meu computador na sala onde trabalhávamos, muitos da comunidade presente opinando, saboreando nossa obra, sugerindo, imaginando como ficaria, o computador apagou. Então me explicaram que as imagens ainda estavam muito carregadas de energia. Mais tarde conseguimos religar a máquina.

Dias depois, quando cheguei com o pôster, boa parte da comunidade entrou na sala para ver. Risos, comentários humorados e amorosos, olhares cintilantes. Andaram algum tempo, de um lado para o outro, escolhendo um lugar. Decidido, está lá, no alto de um armário, com o troféu, medalhas, parte importante da sala da escola.

No caminho para a aldeia neste dia, eu carregava o pôster comigo no ônibus. Como eventual e raramente ocorre, localizo ali, quando próxima ao local de desembarque, alguém da comunidade. Mais comum é encontrá-los no caminho de terra que leva da faixa até a entrada da área indígena. É sempre um momento alto, quando começamos a vê-los surgir no caminho. Não sei. Não é possível controlar a emoção e o desejo de sorrir, de celebrar o encontro. Mas, naquele dia, quem estava no ônibus era um casal de mais idade. E eis que ali estava a *Kunha karai*, a anciã, chefe espiritual da aldeia. Vínhamos no mesmo ônibus. Descemos, eu já conseguia articular uma saudação em guarani, nesta época, eu estava esfuziante com o que carregava comigo. A sagrada senhora ali perto de mim, me olhava, olhava para o pôster, ria, sorria. Reconhecia.

...

Eventualmente também recebia pedidos de colaborações e presentes. Como bem sabem aqueles que trabalham com a realidade e lógica indígena, estes são caminhos de estabelecer e consolidar as trocas. Os aniversários, no meu caso, foram as situações em que mais ocorreram pedidos como de um par de brincos que escolhi como presente e uma torta de morangos. Também quando chegou o dia das crianças ou datas festivas de final de ano ou mesmo outras do calendário ocidental, éramos, enquanto equipe que se ocupa dos cuidados com a comunidade, convidados a pensarmos algo em conjunto, como quando contratamos um casal de artistas que fez um delicado e poético espetáculo com a figura de dois palhaços. O riso, sagrado e baliza da eficácia de qualquer discussão ou decisão, era, neste caso, um dos elementos que desejávamos contemplar.

Por indicação da diretora da escola da comunidade, Professora Jacimara Heckler, primeira responsável pela possibilidade de negociações diretas com a aldeia e interlocutora central dos movimentos e articulações que ali encaminhamos, recebemos a visita dos artistas para uma conversa sobre o show. Na reunião de chegada um dos integrantes nos contava de sua experiência com a equipe de Cousteau da Sorbonne, com os Awá, na Amazônia, e as práticas de canibalismo que acompanharam presencialmente, além das muitas particularidades da vida deste grupo, como o mimetismo entre as árvores que fazia com que mesmo com aproximação da câmera que utilizavam para realizar um filme, o qual estava confeccionando na época, em um primeiro momento, fosse inviável localizá-los. Também falamos longamente sobre vivências de cada um com os animais, as plantas e também a ligação das doenças com aspectos emocionais e formas outras de cura que não da medicina tradicional ocidental.

O evento, como geralmente nestes casos, em um sábado, foi realizado em frente à escola onde organizaram um palco com um toldo. Os artistas, já devidamente caracterizados, vieram de dentro da aldeia até o lugar do espetáculo caminhando, tocando um bumbo e uma gaita e chamando os moradores que passavam, então, a acompanhá-los. Dezenas de crianças e adultos em frente ao palco, muitos assistiam à encenação desde a janela de suas casas. Muito riso e encantamento, era a primeira vez que viam a figura de um palhaço. Alguns ficaram tão comovidos, que causavam, nos não indígenas, como é comum ali, muita comoção também.

Todas estas trocas e construções criaram possibilidade para que mais trabalhos e projetos com prazos indeterminados de término, começassem a ser encaminhados.

Uma das situações em que, como convencionei chamar, compreendo que pude ser um ouvido sensível para uma demanda com muitos desdobramentos da comunidade, demonstraram interesse em estabelecermos trocas com elementos da língua inglesa. Respondi que me dispunha e planejei, inclusive, os colocando devidamente a par, que estava fazendo este gesto como parte do que compreendia ser meu trabalho, para que funcionasse como um primeiro acolhimento da demanda e escuta dos elementos que pudesse trazer. No entanto que, dependendo dos efeitos, poderíamos pensar em construir maneiras de estruturarmos o ensinamento de línguas estrangeiras na escola com a ajuda de profissionais especialistas no tema.

Confesso que cheguei a me assustar um pouco, logo no primeiro dia da atividade agendada. Marcamos horário correspondente ao início das práticas letivas. O professor me convidou para entrar e tomar meu lugar em frente ao quadro verde. Disse, também, como deveria proceder, organizar o quadro e meus horários com as três turmas das quais me ocuparia. Começamos e ele fechou a porta da sala.

Ao contrário dos professores guarani que cuidam enormemente da estética do quadro, tanto na simetria, quanto as letras e assim também acrescentam desenhos muito belos, meus quadros não saíam tão impressionantes quanto os deles. Também tínhamos diferenças em relação ao modo de apresentar os conteúdos e explicar o que ali era colocado. Isto causava um pouco de mal-estar, de início. Eles estranhavam.

Assumi uma postura de perguntar o que desejavam do inglês e da maneira mais delicada, lúdica e também recorrendo a aspectos cômicos e teatrais, eu ia trazendo palavras, expressões e conversando com eles sobre o que demandassem a partir daquele assunto. Tínhamos problemas para definir aspectos fonéticos. Então convenciamos que eu escreveria as palavras na língua inglesa e eles me conduziram para, ao lado das mesmas, acrescentássemos o som correspondente ao que se localiza no idioma mbyá. Como eu falava, principalmente, português, a maioria deles também falava espanhol e esta língua se prestava muito para associações e jogos, nossas atividades de inglês se davam em quatro idiomas, concomitantemente.

Em três encontros com os jovens, dentre os quais muito poucos já haviam tido algum contato com a língua inglesa, estávamos entrando em noções de conversação.

Recebiam-me e prestavam atenção no que trazia com tanta alegria quanto doce concentração. Maravilhavam-se a cada segundo com a possibilidade de aprender algo novo e imediatamente começavam a criar situações e propor mais atividades, a partir daquela. Em uma destas ocasiões pediram-me para levar cartolinas coloridas. Propus também levar tintas e purpurinas. Decidiram e confeccionaram um artesanato que pretendiam levar também como objetos para realizar suas trocas no centro de Porto Alegre.

Consistia em fazer, de cada uma delas, uma estrutura cilíndrica, pintá-las com desenhos e formas diversas, geralmente e evidentemente com o devido traço da cultura e artesanato deles, e escolher uma das palavras que o professor colocasse no quadro.

Esta palavra seria escrita em mbyá, inglês e português em cada trabalho. Cada uma delas consistia em pedidos e desejos que tinham. Sugeriram que, na que eu estava produzindo, eu escrevesse, “saúde”.

Em seguida, após uma manhã inteira de dedicação aos artesanatos, penduraram todos com barbantes no teto da escola, como lâmparinas. Hoje, se entramos na escola, além do pôster dos “campeões”, como eles chamam, temos acima de nossas cabeças aquelas instalações todas em inglês. Também há um dicionário grande que deixei na sala, ao qual frequentemente recorrem e pesquisam livremente, por puro desejo de saber.

Assim, aos poucos, fui me tornando parte do convívio e *estar* daquele mundo.

Comecei a negociar com eles para que pensássemos em buscar oficializar o ensino da língua inglesa e, já me anteciparam eles, desejam aprender francês, italiano, alemão e japonês. Quando da festa de final de ano, estava presente uma das coordenadoras do trabalho de língua inglesa para alunos indígenas, do curso de letras da UFRGS. Esboçamos encaminhamentos e, em 2013, um dos planos é que estagiários deste setor comecem a construir conosco a estrutura do curso.

Em meio às atividades e discussões sobre o tema, eu disse para um dos professores que estávamos edificando na universidade caminhos para convênios e intercâmbios com outras universidades da América, como do México, por exemplo, e que seria muito interessante que profissionais como ele participassem destas trocas. Jerônimo me respondeu rápida e humoradamente, como sempre: “eu quero ir pra França”.

Também outros trabalhos se iniciaram. Prof^a Andreia Kurroschi levou para a aldeia uma proposta de intervenção inspirada nos trabalhos do México, com o povo Nawa, onde as comunidades habitam as localidades próximas aos vulcões, para que as crianças possam falar com os deuses. Ela estabeleceu um contrato com sua turma de alunos não indígenas, de uma das séries iniciais e, igualmente com as crianças mbyá da mesma faixa etária. Em ambos os grupos seus integrantes receberam envelopes com os nomes dos alunos da outra turma e deveriam escrever cartas e agendar futuros encontros, visitas ao espaço de cada uma. Tive a oportunidade de ser convidada para

estar presente nas intervenções e escutar ou dialogar com o que as crianças guarani traziam.

Deslumbrantes e deslumbradas com aquela oportunidade de trocas, as mbyá respondiam emocionadas aos encaminhamentos do trabalho. Quando da escolha dos envelopes com os nomes dos colegas *Juruá* (não indígenas), rapidamente alguns se deram conta que algumas crianças da etnia alheia, ainda não tinham sido escolhidas e se puseram a pedir para receber mais e mais envelopes e acessar mais amigos. Não paravam mais de pedir. Faziam desenhos sobre sua realidade na aldeia e escreviam frases, como é de praxe nas produções gráficas deles, nas quais nos deparamos com apresentação de espaços e lógicas estéticas, em disposição absolutamente outra, mistura de dimensões e frases surpreendentes.

Uma criança, a qual tive a oportunidade de acompanhar mais de perto durante a construção de suas produções e que chamava atenção pela alta demanda de envelopes, assim como pela sensibilidade de se preocupar com o fato dos colegas não indígenas estarem todos contemplados com amizades, desenhava um helicóptero, resgatando alguém do mar. Uma outra criança entregou-me dobraduras suas, um barco e um chapéu. Ao ver que eu não sabia fazer uma dobradura como a dela, dedicou-se a me ensinar e, especialmente na que deixou comigo, escreveu em sua língua materna. Como eu não entendia totalmente a frase, pedi ao professor Jackson que me auxiliasse. Ele, após uma pausa densa me traduziu em tom bastante forte: “estudar para saber”.

Aliás, se há algo na realidade mbyá que chama muito a atenção é que, como diríamos em nossa cultura, eles “não se mixam”. Possuem tanto uma diferenciada forma de fazer hipótese de saber em relação às crianças, desde muitíssimo jovens, como, mais tarde e evidente consequência de todo um modo de construir o saber e o pensar, eles, com toda delicadeza e humildade de quem tem todo o universo enquanto lugar sagrado e endereçamento único quanto ao respeito aos ancestrais, *eles sabem*. Não deixam de saber ou de desejar saber ou de se autorizarem a saber. Realmente isto é algo muito forte nesta realidade.

Por vezes quando chegávamos à comunidade, como mencionei anteriormente, diversos acontecimentos inesperados, incluindo visitas surpreendentes, aconteciam. Por sinal, aquele é um lugar muito belo também de se ver, no que se refere ao modo como toda a gente reage a cada situação que surge, pessoas que chegam, agentes de saúde,

políticos em época de eleições, o entregador de gás, pesquisadores que desejam interlocução, malucos que vêm pretendendo oferecer propostas que alterem o cotidiano do território e seus costumes.

Presenciei, duas vezes a ida de um grupo quilombola que propunha trocas culturais. Na segunda delas, coordenados por um brilhante e muito conhecido mestre de capoeira que trazia seu recém lançado livro infantil *O menino mestre e o Rei Zumbi*, após contar a história da chegada dos africanos ao Brasil, do ponto de vista de uma criança, com as devidas tintas afetivas, o que vimos foi, dentro do espaço guarani em madeira e frestas, lotado pelo povo que ali vive, vinte crianças quilombola dançando, tocando, jogando e ensinando capoeira para vinte crianças mbyá. Ritmos, vocalizações e sons de arrepiar, incluindo os códigos que os africanos utilizavam em seus cantos para avisar o quilombo sobre riscos e acontecimentos, e uma cena que mais parecia uma alucinação. Forte.

Após as atividades compartilhamos todos de um lanche coletivo, palavras, projetos e muita afetividade.

Também acompanhei alguns momentos de trocas com os profissionais do posto de saúde que funciona uma vez na semana na comunidade.

Saídas e chegadas de carros levando moradores para exames e cuidados, negociações sobre profilaxia e tratamentos eram comumente temas do encontro desta equipe. Mais recentemente, a partir de uma situação específica ocorrida em função de um número elevado de resultados positivos de casos de tuberculose, combinamos eu, o cacique e o enfermeiro chefe, que eu passaria a participar das reuniões da equipe médica com a comunidade. Eis um diálogo que trará nos projetos do próximo ano, muita aprendizagem e possibilidades de discussão, uma vez que a questão da cura, do corpo, da história das doenças trazidas pelos brancos e também as compreensões acerca dos males emocionais, traumas e dificuldades fazem parte, neste caso, neste encontro, de uma cena de universos paralelos.

No entanto, arriscaria dizer que apesar das diferenças inconciliáveis em infinitos aspectos sobre o ponto de vista, acerca de cada uma das questões mencionadas, um diálogo devidamente atravessado por elementos transferenciais que incluam a confiança das trocas que vêm se dando, pode colaborar de algum modo. Afinal, lidar

com as doenças e os remédios trazidos pelos brancos não é assunto leve. É certamente preciso falar para poder negociar, sentir-se devidamente olhado e cuidado. Há uma frase dita pelo cacique, quando do final de uma das atividades deste ano, em que nós, não indígenas, não pudemos segurar a emoção. Ele, presenciando nosso transbordamento, concluiu: quem vem aqui, sente como nós.

Algo de importância sem medidas que pude começar a acompanhar ainda nestas estruturas iniciais, deste primeiro ano de trocas, foram os encontros sobre a construção do plano político pedagógico da educação diferenciada concernente à realidade da escola guarani. Prof^a Dra. Maria Aparecida Bergamaschi, responsável desde os primórdios desta construção há mais de uma década, em seu trabalho com as comunidades e lideranças mbyá, que partiu de sua tese de doutorado e de uma demanda do Cacique Cirilo, retorna neste momento à Anhetengua para discussões sobre este tema. Tive a oportunidade de estar na equipe presente desde a retomada das discussões.

Em um primeiro encontro falamos sobre como se daria a reunião que caberia ser com toda a comunidade para que esta, sendo devidamente escutada em suas teorias e demandas para o que concebem como educação, pudéssemos ir edificando o plano em questão a ser encaminhado para a Secretaria da Educação.

Houve um momento importante na elaboração das diretrizes desta reunião que foi a conversa sobre a possível presença feminina da comunidade, neste encontro. Geralmente são os homens que conduzem negociações com os não indígenas. São mais ou fluentes no português e/ ou declaram mais este fato. Os mbyá são bastante mais silenciosos que os ocidentais. As mulheres guarani são mais silenciosas que os homens. Falam pouco português. O cacique, em diversos momentos, já havia sinalizado sobre o desejo de que as mulheres pudessem exercer novas posições na sociedade guarani, como de lideranças, por exemplo, assim como, de que se dirigissem para formações e atuações profissionais e assim por diante. No entanto restava uma dúvida de como ficaria a questão da pouca familiaridade com o português, neste momento.

Tive a oportunidade, então, de lembrá-los da experiência de alguns psicanalistas na França, que relatam a importância de seus analisantes falarem, durante o tratamento, em sua língua materna, mesmo quando esta não é dominada pelo profissional, tanto no caso de crianças, quanto de adultos. Falei-lhes do percurso de Marie-Christine Laznik e

as crianças turcas e também de Gabriel Balbo e seu analisante alemão que lhe frequentava na Itália.

Coloquei, inclusive para a equipe, que acreditava que seria muito importante que as falas de construção deste plano, assim como todo o processo de apropriação subjetiva para aquele momento, em nossa presença, fossem feitas em mbyá-guarani e que pouco importava dominarmos o significado, uma vez que teríamos alguns momentos de tradução. Afirmei que a questão estava na dimensão significativa. Ali, todos nós, estamos em algum ponto do caminho das noções com idioma, mas geralmente sabemos pouco, para além disso, caberia intervirmos na hora de acordo com o inesperado que insurgisse.

Assim ficou convencionado. Uma semana depois retornamos em grupo para a atividade que incluiria a comunidade, as discussões e um almoço para o qual foram tomadas providências de organização.

Chegamos cedo e fomos convidados a nos acomodar em um círculo no centro da aldeia, em frente à casa tradicional da liderança. A comunidade foi se posicionando, sentamos em muitos nas cadeiras que formavam uma grande roda. Prof^a Cida retomou a história de seu trabalho com as comunidades mbyá e a questão da educação diferenciada. Também se posicionaram importantemente Prof^a Jacimara Heckler e o Cacique Cirilo. Este abriu as falas em guarani. Seguiram também os professores da comunidade e, em seguida, um a um dos moradores começaram a se manifestar para dizer o que compreendiam em sua cultura sobre o que era educação e o que desejavam para esta em sua comunidade e escola.

Estava um tanto frio. Começou a chover. Permanecemos nos mesmos lugares e as falas iam, junto ao fogo central da aldeia, aquecendo e criando consistência.

Algumas fotografias e começaram também as gravações.

Educação não é o mesmo que escola.

Educação diferenciada.

Educação para os mbyá não é sala de aula.

A importância dos mais velhos.

A importância da possibilidade das crianças fazerem suas aprendizagens em área aberta, verde, com os anciãos, poderem faltar à escola, por exemplo, caso estivessem com dor de cabeça, o que implicaria em se dirigirem à *Opy*, casa de reza, e infinitos outros detalhes.

Mais e exclusivamente falas no dialeto mbyá. Eles se levantavam e tomavam a palavra ou eram tomados por ela. Discursavam com o vento, emocionados. Sentíamos e recebíamos aquelas palavras todas com toda a densidade fantasmática, espiritual e multimilenar que traziam. Estávamos ali para ouvi-los pelo tempo que fosse preciso.

A chuva parou.

Também começaram a ser convocadas a falar, as mulheres. Muitas delas estavam com seus bebês no colo e desde esta posição, daquelas que sabem educar, assim como das curandeiras e chefes espirituais, se levantavam. As mais velhas eram uma imagem aterradora. Uma delas, levantou-se, na ventania, parecia falar para o universo. Eu tinha a sensação de suspensão de tempo e espaço e alguma irrealdade.

Chegaram pessoas da imprensa. Sem qualquer aviso ou agendamento, chegaram naquele dia e momento. O sol começou a brilhar enquanto o repórter filmava sua matéria entrevistando o cacique com seu bonito cocar. Saíram.

Mais algumas horas em guarani e fomos para o intervalo, compartilhar o alimento.

Retomamos e o sol estava queimando. Seguimos. Vieram mais mulheres, um dos professores permanecia ao lado de cada um que fazia sua fala, com o gravador próximo à boca, como um microfone. Os registros seriam transcritos em guarani para um documento a ser encaminhado aos órgãos governamentais. Mais tarde, foi indicado que entrássemos no espaço da escola. Os professores, como é o costume naquela cultura, puseram-se a desenhar no quadro o que mais parecia um afresco guarani. Detalhes, expressividade, o inesperado, sempre. Desenharam a escola e a casa de reza, um não indígena saindo da escola e um indígena, da *opy*, encontravam-se no meio do caminho.

Então o cacique retomou a fala. Disse-nos que, a partir daquele momento, as mulheres é que seriam responsáveis pela educação ali. Eram elas que sabiam educar.

Tinham sido muito delicadas e cuidadosas conosco ao começar a falar de seus saberes naquele dia, como o são com os bebês. Disse que devia o que era a sua mãe, ela o havia educado. Cabe situar que esta senhora, mãe do cacique, é a anciã chefe espiritual da aldeia.

Ele então finalizou marcando que estava muito feliz e que havia nascido naquele dia.

Controlar a emoção foi impossível. Então Cirilo, nos vendo nesta posição, mais uma vez, concluiu: “Quem está aqui conosco, sente como a gente”.

Retornamos para o centro urbano, após quase oito horas de fala guarani e um agendamento para a semana seguinte.

Nossas peles estavam muito vermelhas.

Ecoava em nossos corações a expressão formulada pela Professora Cida em meio a aqueles encontros. Nosso desejo de *guaranizar o mundo*.

Nos encontros seguintes continuamos com as negociações sobre as transcrições e outras discussões para o ano de 2013. Chegou o momento de começarmos a organizar o encerramento do ano escolar e formular o projeto de uma primeira experiência de olimpíadas.

O pedido havia sido feito há alguns meses. As atividades corporais, sabemos, são de alta importância na cultura indígena. No espaço das aldeias urbanas, mais restrito, a impossibilidade de realizarem jogos, caça, pesca e demais atividades próprias do espaço verde ou aquático, reduz aspectos importantes do que faz parte de sua formação enquanto pessoas.

A sugestão do Prof^o Jerônimo, idealizador da atividade, veio ao final de uma aula de língua inglesa, em que conversávamos sobre as particularidades ocorridas naquele dia e planos de encaminharmos ideias para o ensino de demais línguas ocidentais ou não, no cotidiano da educação indígena. Ele me dizia que seria interessante construirmos um primeiro projeto para jogos olímpicos naquela comunidade. Mais especificamente, a ideia era convidar profissionais da área da educação física para que auxiliassem a organizar o evento, trouxessem jogos e pudessem estabelecer trocas com os esportes indígenas, aprender e ensinar. Arco e

flecha, futebol sete, peteca e corrida foram algumas das hipóteses iniciais sobre o que poderíamos propor.

Em uma das semanas que precederam os graves acontecimentos divulgados sobre os guarani-kaiowá no Mato Grosso, em uma primeira atividade ocorrida na sala Redenção, diga-se de passagem, superlotada com cerca de trezentas pessoas, houve o debate, com a presença do cineasta, sobre o filme *Belo Monte. O anúncio de uma guerra*. Lá, encaminharam convites e combinações finais sobre o ato que mobilizou a cidade, de solidariedade aos guarani, no qual trouxeram alguns dos nossos das aldeias aqui próximas para a manifestação, além de todos as demais pessoas de nossa região que se sensibilizaram e aderiram, como também grupos de artistas, estudantes e pesquisadores que organizaram performances e intervenções. Foi bela a caminhada pela Avenida Borges.

Com o rosto ainda pintado, me dirigi ao IPA para encontrar com os alunos do Profº Dr. Celso Mastrascusa, que havia muito gentilmente oportunizado que nos reuníssemos, para conversar sobre os jogos olímpicos na Anhetengua. As negociações seguiram por semanas. No quinze de dezembro, nos dirigimos, equipe de profissionais daquela comunidade e alguns convidados, além dos professores de educação física, e começamos os trabalhos.

Um dos professores, medalha de ouro na competição de arco e flecha, ao final dos jogos solicitou-nos iniciar uma aproximação e encaminhar algum trabalho com as crianças da comunidade. No dia seguinte, fez diversos contatos ao longo daquele domingo. Havia ido com a família ao comércio e desejava saber se poderiam levar presentes, sessenta brinquedos e uma piscina para a comunidade. Na semana seguinte lá nos encontramos, Professor Daniel e alguns de seus familiares, com os brinquedos e a piscina de cinco mil litros. Foi um momento de muita alegria, formulação de ofertas de colaboração, planos para os jogos do próximo ano e a busca dos recursos para a construção da Vila Olímpica. Também me fez uma proposta para que uma criança da aldeia recebesse uma bolsa de estudos na escola pela qual são responsáveis este professor e sua esposa.

Retornamos para a cidade com muitas ideias, nos organizamos para estabelecermos contatos e diálogos. Percebi os novos visitantes muito sensibilizados e afetados pelo desejo de construir. Novas parcerias.

Três dias mais tarde, mais um ritual estava no horizonte.

Tratava-se de uma festa, também típica de final de ano entre os guarani que costumam receber até setecentos outros mbyá de comunidades de diversos lugares do Brasil e demais países da América, desta vez em Itapuã.

Organizada pelo cacique e Profº Vherá Poty, nós, seus alunos de idioma mbyá, nos preparamos para as atividades que incluíam o ritual de dançar a noite inteira juntos, até dia alto, com os guarani daquela comunidade e muitas outras aldeias.

Naquele dia houve uma série de dificuldades para acessar o local e começar a participar do evento. Felizmente, foi possível chegar antes da abertura oficial. Foi realizado em um espaço próximo à aldeia que contava com uma área verde e um salão, um galpão.

Éramos em cinco não indígenas e uma legião de guaranis.

Profº Vherá Poty chamou as cinco lideranças mbyá que ali estavam, de diversas localidades. Cada um fez sua fala. Em seguida chamou a nós, seus quatro alunos, para cada um fazer o pequeno discurso que havia preparado em guarani para se apresentar. Dei um passo à frente, aquela gente deslumbrante me olhava. Me apresentei:

XERERAMA VIVANE

MBYÁ PY MA XERENOIÁ YVÁ

XEEMA PSICANALISTA

HÁ'E UFRGS PY ANHEMBO'É

HÁ'E AMBA'APÓ TEKOÁ ANHETENGUA PY

Um guarani em língua espanhola me concedeu a honra de abirmos a dança de encontro entre nossa etnia e a deles, com uma rumba paraguaia. Demos as mãos, girávamos, ríamos e nos emocionávamos como num ato secular de reencontro e reconciliação inominável.

Adultos, jovens, crianças, homens com mulheres, homens com homens e mulheres com mulheres, guaranis e não indígenas dançamos todos juntos, amanhecemos e nos despedimos próximo ao meio-dia. Como sempre, ao final do

encontro com os guarani vemos uma mesma cena: indígenas e não indígenas se abraçando e agradecendo infinitas vezes.

Algumas mulheres guarani vieram falar comigo: “você dançou muito! A gente ficou muito feliz!”. Depois diziam várias outras frases com alegria. Mas infelizmente eu não conseguia compreender.

Sabíamos da sacralidade do ato da dança para aquele povo. Também pudemos sentir o poder daquele ritual.

Capítulo 6 – Educação indígena e Psicanálise: grupos de pesquisa, graduação, curso de idioma Mbyá-guarani e pela América afora

Parto da realidade do meu grupo de pesquisa em psicanálise, dirigido pela Prof^a Dra. Maria N. Folberg para situar os vértices do trabalho que se construiu ao longo deste percurso de doutorado e, ao qual, atribuo os elementos de maior responsabilidade pelas possibilidades que se abriram¹.

¹ Folberg (2009, 2010, 2011, 2012)

O método da pesquisa realizada pelo psicanalista parte, evidentemente, da realidade de sua própria análise pessoal. É neste lugar que elementos fantasmáticos do que concerne às questões do analista, são trabalhados tanto no âmbito de suas questões pessoais quanto profissionais. Uma vez estes pontos estando contemplados em um espaço de fala, uma das consequências é que o profissional pode buscar dedicar-se a pesquisar, não apenas seu próprio inconsciente, como também localizar aspectos de sua prática clínica e assim como em outros locais de trabalho, nos quais ou exista um diálogo possível com o campo da psicanálise ou no qual ocorra algo como o que se produziu no caso deste trabalho aqui.

O passo seguinte a esta direção de busca por um elemento de investigação é um lançar-se na vivência e teorizar com vistas a compartilhar com demais profissionais e comunidade de seu entorno, algo aprendido, saberes formulados e abrir espaços para que mais perguntas e produções possam surgir nestas trocas. A figura do profissional que dirige a direção do pesquisador, neste caso, precisa estar posicionada de acordo com a ética em questão na psicanálise.

As alteridades são figuras também fundamentais nesta caminhada, testemunhando de modo benfazejo as construções, silêncios, descobertas do pesquisador de maneira a auxiliá-lo a suportar o desamparo próprio da posição de quem está buscando sua questão.

O grupo de pesquisa em psicanálise com o qual tive a oportunidade de contar, assim como os espaços dos seminários, ligados a este mesmo grupo, trataram todo o tempo do estudo de conceitos e obras freudo-lacanianas, assim como da interlocução das mesmas com outros autores da cultura ocidental. Tínhamos, com isto, a oportunidade de tramar com as leituras, nossas diversas trajetórias profissionais. Educação, clínica, funcionamento psíquico, manifestações do social eram absolutamente todo o tempo trabalhados com as perguntas mais individuais de cada participante destes encontros. Éramos muito valorizados e ensinados a aprender, escutar, respeitar, escrever e também a falar em situações de aprendizagem como aquelas.

Diversos foram meus momentos de agradável surpresa ao encontrar nos meus textos, diálogos, experiências docentes e opiniões, assim como na clínica, os elementos do seminário do dia anterior, todo um estilo de organizar uma apresentação para um

público de educadoras ou mesmo ao reconhecer que a agilidade para formular e confeccionar meus textos, estava intimamente ligada aos exercícios semanais e, mais extensamente, semestrais, que fazíamos em torno da escrita de trabalhos.

No entanto, certamente, a contribuição mais decisiva, creio, além do acolhimento verdadeiro, olhar e escuta atentos e benfazejos, lugar de reconhecimento e cuidado, foi o espaço para a busca.

Profª Maria e minhas e meus colegas acolheram, ao longo destes quatro anos, todas as voltas da minha caminhada, foram testemunhos exclusivamente gentis e construtivos. De fato, exerceram um lugar de espelho com o melhor dos reflexos que se pode desejar. Não faziam barulho, não atrapalhavam, rede de pessoas-significantes para as quais eu pude olhar, ao final de oito semestres e, no mínimo, cinco mudanças de rumo e tema e confirmar que minha pesquisa aconteceu.

Sou comovida e eternamente grata e eles, gente que sabe de educação e psicanálise.

Penso que não por acaso, precisamente meu último momento nos trabalhos na aldeia, onde estive mais tempo este ano, e que abriu um dos caminhos para projetos para o próximo ano, foi precisamente coroado com a presença das atividades de um colega do meu grupo de pesquisa, em princípio, que não possui absolutamente nenhuma ligação com o tema dos povos indígenas. Uma destas coisas do universo ...

A psicanálise, de fato, chegou à aldeia e os mbyá-guarani, de fato, chegaram ao grupo de educação e psicanálise.

Aliás, muitas foram as ocasiões em que trançamos nossos textos com a pesquisa e pergunta de cada um de nós naquele grupo. A maternidade, o espiritual, a música, o corpo, a escrita, o conjugal, o lugar da escola, os textos de Lacan e Melman, Freud e Bergès e Balbo, com as questões do ancestral, dos povos originários, dos guarani como cada um dos temas que cada uma investigava, poderia ser visto na pesquisa da outra.

Minha caminhada e trocas com estes colegas, inicialmente, no espaço do seminário para orientandos e alunos especiais e, posteriormente também, naquele somente para orientandos, funcionou como ponto de referência e amparo do lado do vetor da psicanálise, posição de partida para todos os meus trabalhos.

Neste último ano do percurso do doutorado, quando as aproximações com, inclusive, os profissionais do trabalho com educação indígena, aumentaram, mais precisamente no último semestre, então começou a acontecer uma passagem.

Quando do início da minha entrada no ambiente das aldeias e mais especialmente na comunidade da Lomba do Pinheiro, dirigi-me a eles propondo construirmos algo em conjunto. Eu desejava oferecer algo. O que tinha a oferecer era o que trazia comigo acerca dos trabalhos e formação em psicanálise. No entanto, o formato de trabalho até então que eu conhecia, *stricto sensu*, era, evidentemente, incompatível com a realidade, uma vez que sempre psíquica, do funcionamento daquele grupo. Portanto e, como sempre, a única maneira de caminharmos com o outro, é, aprendendo com ele.

Neste caso, de um lado, a possibilidade de estar sensível a uma cultura tão diversa e magnífica, abriu um universo de experiências e aprendizagens. De outro lado, a entrega, distanciamento e dedicação que se fez necessária, subverteu tanto quanto o ato de aprender.

A urgência de passar, também, a estar mais com os colegas dos trabalhos com povos indígenas, fez com que demandasse frequentar um novo grupo de pesquisa e acompanhar seminários. Também, não por acaso, somente consegui encaminhar as negociações e efetivação de meu estágio docente na disciplina coordenada pela e junto aos trabalhos da Prof^a Cida Bergamaschi.

Do lado da minha presença na aldeia passei, evidentemente, a precisar de teoria, interlocução e figura de terceiros que marcassem um lugar oficial, por exemplo, junto à universidade, em relação a minha prática ali. Escutar a experiência e saberes de alteridades no tema, assim como acessar mais autores que dedicaram suas vidas ao assunto, tornou-se central, assim como falar do que eu estava construindo, ser reconhecida entre estes profissionais, mas também iniciar a pensar de que modo isto poderia se desdobrar em atividades junto a alunos em formação, também.

Do lado dos seminários, lancei-me a acompanhar situações como da vinda de profissionais e encontros nacionais e internacionais em torno da área da história e antropologia voltada para a realidade indígena.

Mais especificamente, creio que cabe situar três grandes momentos acerca destes encontros.

Em *Povos indígenas e o Estado*, atividade realizada ao longo de três dias no Memorial do Rio Grande do Sul, acompanhamos falas de intelectuais Mbyá-guarani, Kaingang, Charrua e Chocklen. Também se apresentaram profissionais que com estas etnias trabalham, dentre outros, como Prof^a Dra. Antonella Fagetti, de Puebla.

Eles nos trouxeram dados seculares e atuais, nos ensinaram sobre tradições, rituais, sobre a experiência dos estudantes indígenas na universidade e também, da relevância insubstituível destes, quando do retorno para suas comunidades e possibilidade de realizar atividades, lá, de um modo que, profissionais não indígenas, muito provavelmente, não teriam condições.

Um exemplo disto, são os profissionais indígenas que fazem formação na área da saúde, como medicina e enfermagem. Uma vez que estão disponíveis para realizar seus trabalhos nas aldeias, possuem também o conhecimento da língua, dos costumes e um determinado tipo de laço de confiança com a comunidade que lhes assegura entrar em contato, sustentar trocas e intervir desde um modo apropriado para a cultura em questão. Uma das estudantes nos relatou, por exemplo, uma de suas experiências, em que, chegando com a equipe de atendimento em uma comunidade em que havia uma urgência, aguardaram todo o tempo necessário para as providências da medicina ocidental, de acordo com o que a medicina tradicional da comunidade demandava, como, por exemplo, a permanência da criança que estava doente, no local no qual estava realizando o atendimento espiritual.

Aliás, um dos temas mais tratados durante este evento, foi a questão da cura.

Prof^a Antonella Fagetti nos trouxe seu trabalho em torno do tema dos xamãs, curandeiras e parteiras. Ou seja, apresentou lógicas referentes à medicina tradicional indígena na realidade mexicana. Explicou-nos extensamente que os vetores que organizam a higiene e a saúde nestes povos são bastante diversos em relação à situação ocidental.

A limpeza de uma casa não indígena, por exemplo, refere-se à dimensão das bactérias, ao que se liga ao controle e à ciência. A limpeza, para os indígenas, está ligada a aspectos espirituais, do invisível, do sensível, do universo, de outras leis e

crenças. Assim também, no que tange ao corpo, o qual é absolutamente outro corpo que não este puramente orgânico, máquina, cuja estrutura os livros de anatomia ocidentais supostamente compreendem, é lido, tratado, curado e suas doenças compreendidas, desde verdades multimilenares.

A autora nos mostrou muitas imagens e apresentou histórias de muitas mulheres que com suas ervas, sabedorias que lhes chegaram através dos sonhos e práticas culturais, se ocupam de seres humanos de todas as idades, assim como do tema do nascimento e de muitas possibilidades e compreensões do sofrimento.

Deste modo, nos disse dos especialistas em males corporais, emocionais e acontecimentos diversos. Em linhas principais, uma pessoa poderia adoecer por susto, mal olhado, inveja, maus ares, os quais poderiam ser adquiridos nas proximidades de um morto, assim como, de ervas que foram utilizadas para fazer a limpeza de uma casa ou de alguém. Também poderia ter problemas em função de passar perto, especialmente à noite, de lugares em que forças da natureza desejassem capturar a alma daquele humano. Para todas estas possibilidades existiriam métodos de tratamento e curandeiras especializadas que sabem, com seus materiais e rituais, tais como a utilização de ovos em copos com água, usados para diagnóstico e confirmação de diagnóstico, fotografias e roupas do doente, além de outras alternativas, no caso, por exemplo, de pessoas que tenham se perdido.

Assim também, pôde nos falar, por exemplo, da diversidade que existe entre o entendimento indígena e o ocidental, sobre a dimensão dos sonhos, do espiritual, da morte, dos riscos, e assim por diante, abriu-nos um universo para pensarmos, não apenas, no quanto nossas verdades são questionáveis, quanto um nível de violência pode ser operado, quando, em função das questões ligadas ao tema da colonização, os indígenas e seus descendentes podem sofrer intervenções que não lhes faça sentido, enfraqueça suas possibilidades simbólicas e ainda tenham pouca eficácia.

Alguns dias mais tarde, após este encontro, tivemos a oportunidade rara de contarmos com a presença do Prof^o Dr. Eduardo Viveiros de Castro que ministrou um seminário também de três dias, desta vez, na faculdade de Filosofia da PUCRS. Veio nos falar de sua teoria sobre o perspectivismo.

Ele, tendo vivido na Amazônia e dedicado sua vida ao pensamento indígena, nos explicava e fazia descentrar todo o tempo o modo de ver ocidental. Aliás, em todos estes encontros, um dos primeiros efeitos, é a apreensão desta dimensão, de que absolutamente qualquer coisa que se dê, é sempre vista em perspectivas diversas e que, apesar de não podermos entender isto sem termos uma posição cultural de origem, esta necessita ardentemente ser percebida como apenas um modo de ver as coisas.

Nos falava do jogo que faz com a expressão de Lévi-Strauss, *La différence*, escrevendo sobre *A diferOnça*, mais especificamente, acerca de momentos em que não tão raramente, nos mitos indígenas, o guerreiro, por exemplo, sai para caçar e, em meio à mata, prestes a capturar a presa, esta vira-se e ... fala com ele.

O autor evocava a cena do filme *Os outros*. Segundo ele, imagem análoga a do mito acima mencionado, em que comumente a alma do guerreiro é, então capturada, assim como nas imagens ocidentais em que alguém possui uma aparência humana, mas subitamente flagramos que traz uma cauda de demônio, ou quando surpreende por possuir apenas parte do corpo humano e outra parte, de um cavalo, por exemplo.

Salientava que, na lógica indígena, os animais possuem alma humana e, mais especificamente, toda uma vida secreta, cheia de sabedorias, que nós não acessamos em hipótese alguma. Os animais teriam infinitas perspectivas, os ocidentais, os indígenas, aliás, nos ensinou muito sobre o quanto para o mundo indígena, qualquer ponto no universo é um ponto de volição em potencial. Tudo tem alma. Tudo deseja.

Por sinal, de valor inestimável, foi também esta passagem, por nos dar condições de nomear um dos fenômenos psíquicos que, eu diria estar bastante presente nas percepções que formulamos na realidade das aldeias. Não raro experimentamos a sensação ou uma apreensão mais comum que na vida urbana, de um “algo misterioso” e “quase assustador”. É como se algo destas “viradas” que o autor apontava em sua fala, estivesse tão presente na lógica destes povos, que eles nos surpreendem enormemente todo o tempo, como quando alteram subitamente a condição da verticalidade do corpo, quando lidam com a higiene, dor ou sangue de modo inesperado, quando, por exemplo, sem que absolutamente nada estivesse sendo previsto, vemos um grupo de quinze crianças virem correndo em minha direção e começarem a fazer saudações envolvendo meu nome, com vozes muito fortes e em uníssono, correndo ao meu redor, rindo e me colocando objetos igualmente inesperados no colo.

Também, um pouco mais tarde, recebemos a Prof^a Dra. Cristina Muñoz, da Colômbia. Veio nos falar da educação em suas terras, das semelhanças, do que temos em comum, da dor de sobrevoar a Floresta Amazônica e enxergar tamanha destruição, da posição de que seu país deve negar-se a pagar a dívida externa e investir em formação intelectual, e, sobretudo, insistia de modo pungente e nos perguntava: *qual é a nossa verdade?*

A ideia que também nos trazem os antropólogos do México e igualmente muito forte na fala colombiana, é a de buscarmos, realizarmos, darmos formação em América. Construímos saberes mais afinados com estas ancestralidades tão violentamente recusadas, produzirmos autoria, filosofia, educação, práticas de saúde que respeitem outras perspectivas, que interroguem verdades radicalmente ocidentais.

Existiriam particularidades em fazermos psicanálise na realidade brasileira? Pergunto.

Que responsabilidades temos quanto a olharmos em nossas teorias para nossas ancestralidades?

Uma das falas da Prof^a Cristina foi no grupo de pesquisa coordenada pela Prof^a Cida, que conta com seus orientandos, todos envolvidos com a temática indígena e mais alguns convidados, também ligados ao tema, de algum modo.

Tive a possibilidade de passar a frequentar o espaço semanal e começar a ouvir as apresentações das produções dos colegas. Educação indígena desde a perspectiva dos acadêmicos indígenas, territórios etnoeducacionais, escolas dentro das comunidades indígenas, escolas não indígenas que recebem estudantes indígenas, características, narrativas e mitos urbanos, assim como declarações de identidade e a questão indígena no espaço do estudo de história nas escolas, a disciplina de história nas escolas repensada a partir de outros e, quem sabe, mais verdadeiros, pontos de vista, trabalhos com a questão ambiental, foram alguns dos momentos que pude acompanhar das discussões.

Nossos colegas indígenas, do pós-graduação, muito nos ensinam em nosso grupo. Eles também acompanham a confecção das pesquisas que realizamos, participam de bancas de avaliação. São representantes diretos da realidade e sabedoria indígena e, portanto, de valor insubstituível em nossos caminhos. Um primeiro elemento que

percebia em suas falas eram suas constantes menções ao significante “velhos”. A figura do ancião está o tempo todo em seus discursos, enquanto o lugar que vetoriza a dimensão do saber, da educação, dos conselhos, da lei.

Do mesmo modo, aprendemos todo o tempo sobre o quão absurda é a ideia, para realidades não ocidentais, como a indígena, que a aprendizagem esteja vinculada a um espaço físico específico e chamado “escola”. Deste modo, o “prédio” onde atividades de aprendizagem ocorrem, teria como maior serventia proteger da chuva ou excesso de temperatura baixa. Isto aprendemos frequentemente com os mbyá, também. Igualmente encontramos a mesma pergunta: *queremos a escola? Que consequências isto pode acarretar?* Originalmente a ideia seria descartada, obviamente. No entanto, dados os acontecimentos seculares, a possibilidade de dialogar e fundar um lugar de construções de conhecimento e trocas no universo que incluía estradas que também passam pelo mundo ocidental e urbano, possivelmente, torne-se pertinente para a perspectiva indígena.

Acreditamos, inclusive, que, neste caso, podemos nós, pessoas que vivem mais do lado urbano, ter oportunidades de aprendizagem e interlocuções muito poderosas. Um de nossos colegas indígenas nos falava, certa vez, de suas percepções e desejo de publicá-las, acerca do que via, sentia e pensava, quando de seus primeiros tempos na cidade, observando não indígenas. Quando o escutamos, tivemos todos a mesma reação, impressão de termos ouvido algo genial e inovador que, por sinal, caberia virar um livro.

Ele nos contava de seu mal-estar, por exemplo, com a falta de gentileza com os mais velhos, nos transportes coletivos. Disse-nos que as pessoas não davam lugar a ninguém, tendo passado ele mesmo, a ponderar, tempos mais tarde, seu gesto de cuidado com esta questão em relação às pessoas da cultura ocidental.

Nossa colega roraimense, sempre nos trazia também suas contribuições com sotaque amazônico e valioso. As palavras que mais me marcavam em seu discurso e, era a primeira vez que começava a escutar sobre este conceito, eram *territórios etnoeducacionais*.

Ela nos ensinava sobre a diversidade cultural de nossas terras e a inevitabilidade do fato de, para sermos algo coerentes nos processos educacionais, precisarmos levar

tudo isto em conta, de modo a considerarmos diferentes perspectivas e sabedorias. O que retorna em uma realidade indígena, quilombola, mestiça ou em uma região marcadamente de descendentes de europeus? Falamos, realmente, todos a mesma língua? Que referentes inconscientes não silenciam nos modos de sentir, pensar, expressar-se e ter dificuldades?

O que transmitir? Em que língua? O que exigir? Que normas impor? Que história contar? Que livros utilizar? Por acaso seriam as histórias ocidentais, sobre as histórias não ocidentais, a melhor escolha? Que geografia seguir? Que territórios?

No ano anterior a esta experiência, em uma outra disciplina, tivemos a oportunidade de assistir a um grupo de músicos porto alegrensenses que trabalham, como alguns outros artistas na atualidade, como Jorge Drexler e Vitor Ramil e, creio que, nesta perspectiva de pensarmos uma vida intelectual americana, música e geografia, identidade, história e lugares que não coincidem com os mapas da maioria dos livros.

Estes artistas nos apresentavam formulações importantes sobre nossa identidade platina. Ficou na memória, dentre outros trabalhos, um que nos trouxeram, esta canção aqui:

Americano

(Lucas Panitz)

Americano sou eu

Americano é todo mundo

Que vive na América

Americano sou eu

Americano é todo mundo

Que vive na América

América do ouro saqueado

Americano do Quebec

Americano do Serrado

América do índio guarani
Americano panamenho
Americano do Haiti
Não pode haver uma América
Que cante uma só língua
Não há de haver uma América
Que mande em toda América
Não pode haver uma América
Que diga lá de cima
Só pode haver uma América
Que seja toda América
Americano sou eu
Americano é todo mundo
Que vive na América
Americano sou eu
Americano é todo mundo
Que vive na América
América, Amazonas e Rio da Prata
Americano de la pampa
Americano casa de lata
America dreadlock e holandesa
Americana à castelhana
Americana à portuguesa
Não pode haver uma América
Que cante uma só língua
Não há de haver uma América
Que mande em toda América
Não pode haver uma América
Que diga lá de cima

Só pode haver uma América
Que seja toda América
America: La negra e Caetano
América do negro americano
America francófona do centro
America chicano deserto a dentro
Americano guerra civil
Americano arquivo fechado
Americano beira de rio
Americano samba dobrado
Americano Deus e o Diabo

As colegas que trabalham diretamente com escolas nos traziam os antagonismos e adversidades que fazem tanto parte de nosso tema em questão. De um lado, ouvia sempre todas aquelas formulações acerca de que as crianças indígenas possuem muita tranquilidade, que jamais se presencia um professor precisando chamar a atenção de uma delas, junto a isso que são contempladas com enorme autonomia e sabem se organizar brilhantemente com isto.

Um exemplo, do lado de uma escola Kaingang, é de um menino que se retira durante o período de aula, atividade e fala do professor, em um dia de calor e vai tomar um banho. Em seu retorno, sem que ninguém lhe enderece qualquer recomendação, permanece em sala de aula além do horário desta, quando as outras crianças dirigem-se para casa, fazendo as suas atividades. Também, um outro exemplo, é de um menino que falta às aulas ao longo de um mês. Quando o professor é interrogado sobre o assunto, sobre o que o aluno teria perdido neste período de afastamento dos conteúdos previstos para o ano letivo, teria respondido: “imagina tudo o que não deve ter aprendido ...”

Do outro lado, das escolas não indígenas que recebem crianças indígenas, a situação parece dura. Os depoimentos são de que os alunos indígenas são tomados como bodes expiatórios para os problemas da instituição. O que há de mau e errado é invariavelmente atribuído à presença deles. Pouco ou nenhum valor é atribuído a representabilidade de suas etnias ou mesmo a importância destas em termos de

ancestralidade em nossa cultura. Não ocupariam exatamente um lugar de desejo no olhar destes outros.

Graças a diálogos com as colegas sobre o tema, incluindo depoimentos da prática docente que acabei realizando e minha própria experiência nesta caminhada e transformações pessoais, alguns dos encaminhamentos finais de nossos encontros foram de planejarmos algo que poderia ter o nome de “sensibilização em América”, como um dos ramos de trabalho que desejaremos encaminhar a partir do próximo ano.

Construímos a compreensão de que, do modo como nos ensinam os professores do México, Colômbia e nosso próprio grupo de pesquisa e todo o movimento liderado por nossa coordenadora, nós, uma vez tendo tido a oportunidade de entender de tantas coisas tão valiosas, estamos com a responsabilidade em nossas mãos de também realizarmos movimentos que instrumentalizem outros seres humanos a olhar e sentir nossa história e cultura, assim como, que passem, quem sabe, a estar mais abertos para aprender com os alunos indígenas, por exemplo, além de, até mesmo, um dia concluírem o quão indígenas ainda somos.

Um outro grande tema, bastante tratado em nossos diálogos, foi a proposta de um dos professores de história do grupo que se interroga sobre elementos urbanos de uma cidade no interior do estado do Rio Grande do Sul, na qual infinitos dados como nomes de ruas, nomes de empresas, instituições, assim como, os mitos contados na região, são eminentemente, indígenas. No entanto, quando as crianças, alunas de sua disciplina, são perguntadas sobre suas origens, remontam sempre aos antepassados europeus.

Sua preocupação é de investigar, a fundo, como ocorreu o desaparecimento de dados históricos sobre os povos indígenas do local e, igualmente, como articular estes achados arqueológicos, dos quais toda a cidade é testemunha, com o ensino da história e as concepções de identidade e aprendizagem de maneira adequada e com apreensões que recusem menos elementos tão fundamentais.

Neste sentido, pudemos iniciar, ainda muito levemente, uma discussão sobre a gravidade disto em termos de aspectos psíquicos e, também, do que poderíamos começar a pensar sobre consequências de uma aprendizagem que fortifique más posições e entendimentos sobre esta destruição e desaparecimento ocorridos. Outra

questão também seria de que modo estes maus posicionamentos poderiam intervir em sintomas de aprendizagem, da infância e humanos, de modo geral.

Uma colega, também da área da história, já nos ensinava sobre suas preocupações sobre o ensino, exclusivamente, da disciplina de história, não somente entre os não indígenas, mas de quando ela é ensinada aos indígenas desde perspectivas ocidentais. Sua busca, voltada para a questão de que professores podem e de que modo, ministrar esta disciplina entre os alunos indígenas, me trouxe elementos, principalmente para refletir sobre a relevância da etnia do professor, ao menos até uma certa idade do aluno, assim como da seriedade da questão da formação dos professores ocidentais e, sobretudo, da insubstituível urgência acerca, tanto das intervenções que colaborem com a proteção das tradições e idioma das comunidades, como do ato de transmitir e publicarem suas leituras sobre a história secular, mitos e costumes.

Esta mesma colega também sempre nos pontuava uma determinada questão que igualmente muito circula nos meios que se ocupam do tema indígena. É a respeito das críticas comuns que são feitas no mundo ocidental aos gestos dos indígenas de, eventualmente, adquirirem objetos ou nomenclaturas que são ocidentais.

Como ela mesma dizia, desde que o planeta passou a contar com a presença de computadores, por exemplo, é comum que, mesmo em nosso país de língua portuguesa, chamemos *mouse* de *mouse*. Portanto, não haveria porque ocorrer tanto espanto quando os indígenas utilizam palavras tais como os dias da semana, meses, termos acadêmicos, em meio a suas línguas, exatamente idênticos aos nossos. Também haveríamos de nos perguntar por que deveria um indígena não poder utilizar um aparelho celular ou relógio, que o auxilie em seus trânsitos em sua cultura e toda esta outra, ao seu redor, sem que isto o descatacterize ou desqualifique diante do olhar dos brancos, enquanto integrante de uma outra cultura que merece o devido respeito.

Ninguém perde sua cultura ou valor por aprender com a cultura alheia e adquirir algo dela, e, quem sabe, até encaminhe trocas muito enriquecedoras e criativas.

Por fim, uma outra colega ainda nos trazia seu trabalho de alguns anos, em meio aos guarani, acerca de questões ambientais e de todos os conflitos tanto do lado dos indígenas, quanto dos não indígenas, para dialogar com os buracos transculturais do

outro e de si mesmos. Mais especificamente, nos falava do seu importante trabalho sobre a questão do lixo.

O mais interessante é que, na medida em que ia avançando em suas constatações sobre o fato de que os indígenas aceitavam as colaborações dos brancos sobre como lidar com o elemento do lixo, absolutamente ocidental, industrial, antes disto não existia plástico, papelão, vidro e assim por diante, o lixo é mesmo ocidental, ela testemunhava várias questões. Uma delas é de que os indígenas iam se apropriando com alma e sabedoria do que lhes ofereciam. Quantas vezes nas aldeias ouvimos que *os espíritos não gostam de lixo, é preciso limpar*. Mas também que, se de um lado, algumas dificuldades em operacionalizar a organização deste tema se dava por falhas dos brancos, como situarem uma composteira muitíssimo longe do local em que a comunidade circulava, ou questões com o tamanho e altura das construções, de outro, eram estes mesmos brancos que interrompiam a autorização para a continuidade de alguns trabalhos.

O que acabávamos compreendendo, ouvindo-a falar, era que as possibilidades de trocas, construções, aquisições e mudanças necessárias em função do que se deu em nossos territórios, eram muitas vezes aceitas e bem tratadas pelos indígenas, desde que introduzidas em um laço de confiança e afeto, assim como respeito pelo que para eles faz sentido. Neste caso, se saíam muito melhor que os outros.

Lembro que no dia deste debate, ocorreu-me muito firmemente a confirmação de que o segredo está sempre no particular e que generalizações jamais poderiam ser bem-vindas, inclusive, neste caso.

Também muito me ocorreu neste dia, em função dos sentimentos quanto aos conflitos com o lixo, sobre o filme *O lixo extraordinário*, em que um cineasta, por conta desta invenção, premiadíssimo, desloca-se para um aterro no Rio de Janeiro, um dos lugares mais insalubres do planeta, e se põe a filmar histórias de vida dos moradores do local, assim como a produzir loucamente lindos registros de imagem e intervenções estéticas em meio a tudo aquilo, até então, puro dejetos.

Estágio docente na disciplina A história da Educação na Europa e nas Américas

Como já mencionado anteriormente, solicitei à Profª Cida, um lugar para realizar meu estágio ligado ao ensino dela. De um lado, por não se tratar de uma disciplina em que a proposta era transmitir aos estudantes, conceitos ou temas ligados à Psicanálise, a situação envolvia um desafio novo para mim. De outro lado, o que estava sendo encaminhado no espaço em questão, era precisamente ligado ao que eu vinha vivenciando em minhas buscas e interlocuções. Fizemos uma série de combinações, preparei os assuntos a serem articulados e fomos em frente.

Meu primeiro contato com a turma foi ainda durante a vinda e fala da Profª Cristina Muñoz. Profª Cida havia me avisado que se tratava de um grupo de quarenta alunos, do primeiro semestre da graduação em Pedagogia, muito especial, delicado e sensível, heterogêneo e de excelentes condições para trabalho. Fiquei muito emocionada ao saber que também estariam ali, alunos cotistas.

Deste modo, escolhi iniciar com eles tratando do estudo da obra de Rodolfo Kusch e minha experiência nas aldeias. Introduzi os conceitos de *estar*, *contemplação*, *grande história*, *fagocitação*, também da ligação com o elemento da natureza, rituais, impressões, diferenças cruciais nos aspectos emocionais, questões ligadas ao cotidiano da educação e das minhas negociações e aproximações.

Relatei como ingressei naquele universo e um pouco de todas estas surpresas e aprendizagens que estava tendo a graça de experimentar. No primeiro encontro, os alunos avançaram quase uma hora após o momento que caberia ser o encerramento da aula e interrompemos por absoluta necessidade, em função de outros compromissos com o relógio.

De fato, de saída, muito sensíveis, grande parte deles deixavam-se tocar pelos relatos, perguntavam, queriam saber, opinavam, se espantavam. As interrogações que vieram, já neste momento, versavam sobre as condições e tratamento das crianças, uma vez que as viam no centro da nossa cidade de modo que pareciam, a alguns deles, sugerir descuido. Também ficaram muito interessados em descobrir como eu teria conseguido a aproximação, como era este tal estado de contemplação, se parecia com a meditação. Alguns lembraram de histórias e valores familiares para lidar com a natureza e com as condições climáticas de nossa região. Também traziam elogios à beleza e modo de enxergar a existência que estes povos possuíam, faziam críticas ao sistema em

que vivemos, se horrorizavam ao lembrar que já estaria na hora de mudarmos o modo de vermos a realidade indígena em nosso país.

Decidi, igualmente, ver com eles temas ligados à questão da limpeza, ciência, saúde e cura. Para isto, levei a comovente história de D. Cacilda, apresentada no tão belo livro, *Los que saben*. Doña Cacilda, como se chama no México, é uma curandeira, especialista em susto. Quando de sua gestação, seus pais viviam uma situação de violência familiar. As gestações anteriores a sua, comumente terminavam em abortos, uma vez que sua mãe apanhava de seu pai. Mas desta vez, a mãe desta mulher, buscou um curandeiro. Ele viu que o bebê a caminho se dedicaria também à cura e, por isso, precisava sobreviver. Após diversos rituais, antes e depois do nascimento, Doña Cacilda, que nasceu envolta na placenta, sinal de alguém que chega ao mundo com um grande dom, obteve sucesso em sua missão de viver.

Por volta dos dez anos, designaram-na em casamento, sem seu consentimento. Aos doze casou-se e foi feliz com o jovem, seu esposo. Bem mais para frente, algo que ela não compreende, ele morre, com uma garrafada na cabeça. D. Cacilda era de família católica e não possuía vínculos com pessoas que pudessem lhe ensinar a curar. Por isto, desde a infância têm sonhos, em que sua alma viaja e vai encontrar com a alma de curandeiros, por décadas, que a ensinavam a curar.

Após a morte do esposo e com o adoecimento de uma sobrinha muito importante, D. Cacilda, já com quarenta anos, tem um sonho com a Virgem. Ela a ensina a utilizar as ervas e como proceder para curar. Chega a hora de iniciar seu fazer. Consegue, não apenas, curar sua sobrinha, como se torna uma especialista, muitíssimo procurada. D. Cacilda, jamais foi à escola, não lê, sabe que dentro do corpo há sangue, coração, rins e pulmão. Nos diz que o leite, na amamentação, vem dos pulmões e que dentro do coração está a alma, albergada no corpo. Por isso, quando esta sai, ele pára e a pessoa morre.

Segundo as informações, tem sua casa cheia de pessoas, que buscam ser por ela curadas, de segunda a domingo, tanto da comunidade onde vive, quanto dos arredores. E o que eles dizem é *que ela sabe*.

Contei aos alunos esta história, falei-lhes do título em que Kusch discute o *fedor da América* e outras realidades em relação à higiene e saúde. Levei-lhes materiais e falei

sobre a antropologia do nascimento e a importante questão das parteiras, inclusive entre as curandeiras. Senti que se impactavam mais e mais. Senti que algo estava operando.

Mais tarde introduzi a discussão sobre a realidade da clínica psicanalítica e os retornos destas sabedorias e ancestralidades na subjetividade. Trabalhei com eles o caso apresentado aqui, quando da vinda do psicanalista francês. Desta vez, eles, com os olhinhos mais vidrados que antes, silêncio absoluto na sala, enxerguei que eu estava dizendo algo e que alguma verdade muito poderosa, estava sendo tocada neste meu caminho. Também entendi que infinitos projetos estariam por vir no âmbito da educação.

Em seguida, vieram eles com a apresentação de seus trabalhos. Atravessaram toda a América pesquisando dos E.U.A e Canadá até Suriname, Guiana, Belize, história e detalhes da América central e do sul. Sofriam com as dificuldades de encontrar dados sobre alguns locais, se empolgavam com a história das bandeiras, tantas com a cor vermelha, em nome do sangue das guerras. Se emocionavam contando uns para os outros sobre como os povos originários haviam resistido com seus arcos e flechas, vivido o inimaginável, do orgulho que sentiam em se reconhecer parte desta América.

No último encontro, após mais lindos trabalhos, muita sensibilidade e um vídeo sobre o tema das Américas que recebeu um *Grammy*, chamado, *Calle*, realizamos um lanche coletivo. Prof^a Cida havia pedido que todos escrevessem dedicatórias em um livro para me presentear. Era o livro escrito por ela e a colega Ana Luisa Teixeira de Menezes, *educação ameríndia, A DANÇA E A ESCOLA GUARANI*. Como se já não bastasse o nome, a imagem da capa, das crianças guarani dançando, tudo o que existe ali de sabedoria e beleza, ele vinha cheio de quarenta dedicatórias escritas com as mais diversas cores, versando sobre emoção, sensibilidade, aprendizagem e desejos em torno do encontro elevado que tivemos.

Aprendi muito com eles também. E finalizei a travessia, certa de que precisamos tomar esta experiência como modelo para trabalharmos a questão da sensibilização em América, na formação de professores nas escolas e universidades, de modo geral.

JAVY JU

Mais um amanhecer nos alcança

Esta foi a primeira expressão que aprendi no convívio com o mbyá, utilizada para a saudação matutina, como o nosso “bom dia”. Sempre que nos encontrávamos pela manhã, repetíamos muitas vezes esta expressão uns para os outros, enquanto nos cumprimentávamos um a um, com apertos de mão.

PO

Mão

Evidentemente, no ambiente das aldeias, raramente ouvimos o português, exceto quando alguém se dirige diretamente a nós. Frases mais numerosas em termos de quantidade de palavras, no caso dos homens e muitíssimo mais sucintas, no caso de algumas mulheres e crianças. Comumente, nesta segunda situação, dizem uma palavra, exclusivamente, que evoque o sentido do que estão desejando nos transmitir. Há também a particularidade de que falam muito baixinho. O volume da voz é assunto muito importante entre os guarani e, mesmo em sua língua materna, é regra fundamental, que se fale baixo. O silêncio é sagrado e a relação com ele, neste ambiente, é absolutamente outra. É igualmente misterioso e aterrador, prazeroso e cheio de poder.

A convivência, tal qual em terra estrangeira, é crucial para os efeitos de familiarização com o idioma. Vamos nos habituando às entonações, ao ritmo, modulações de modo geral, com o sotaque guarani no português. Raramente não adquirimos algumas destas marcas e não alteramos nosso sotaque em alguns momentos, também. Aliás, somos invadidos por algum sentimento de que nada poderia ser mais chique que nossa língua com sotaque guarani.

Um dos primeiros lugares no qual aprendemos mais duas palavras, o banheiro.

KUNHA

Mulher

AVA

Homem

Algumas semanas após passar a frequentar mais a Anhetengua, ofereceram-me uma apostila com termos em guarani. Levei para casa e estava disposta a aprender uma palavra nova por dia. Ao retornar à aldeia, dias depois, junto às crianças, abaixei-me para brincar com um cachorro e exclamei:

JAGUA!

Cachorro!

Uma criança me olhou assustada. Um professor me confirmou que eu havia dito corretamente.

AVAXI

Milho

KUARAY

Sol

ARAI

Nuvem

XO'O

Carne

PAKOVA

Banana

JAXY

Lua

O corpo também vai se transformando em guarani. Novos gestos, expressões motoras para demonstrar o que está se passando dentro de nós, para estarmos naquele ambiente, para compartilharmos, novos hábitos, limites, sensações.

TE TE

Corpo humano

AKÃ

Cabeça

JYVA

Braço

PY

Pé

TEXA

Olho

JURU

Boca

XI

Nariz

NAMBI

Orelha

A

Cabelo

TAI

Dente

No espaço escolar ouvimos muitas vezes palavras que definem o lugar, tanto da aprendizagem, quanto da vida.

ANHEMBO'É

Escola

TEKÓ

Vida ou pessoa

TEKOÁ

Aldeia

Lugar onde se constrói a vida. Lugar onde se pode ser quem se é.

TAPÉ

Estrada

TATÁ

Fogo

RAVÉ

Violino

MBARAKÁ

Violão

XIVI

Onça

OGA

Casa

AÓ

Roupa

Este ano tivemos a oportunidade de contar com o curso oferecido pelo Profº Cacique Vherá Poty.

Aprender um dialeto guarani não é algo que se possa realizar como um curso de língua pelo qual se pague, se faça inscrições e assistia às aulas com vistas à aquisição de conhecimento gramatical. Um curso de mbyá oferecido através da universidade é extremamente raro e, as pessoas as quais chegam a frequentá-lo, costumam possuir caminhada e trocas com o povo guarani, algo antigas. A língua, para os mbyá, é da ordem do espiritual e aprendê-la implica, necessariamente em viver em guarani.

Por alguns meses, este ano, e combinação para prosseguimento no ano seguinte (sem diferenciação de nível), nos encontramos semanalmente, por duas horas e meia, para trabalharmos termos, expressões e aspectos da cultura guarani. O percurso incluiu, igualmente, aulas com saída de campo, na comunidade de Itapuã, sempre aos sábados e de extensão oficial de mais de 24 horas cada uma delas.

Partíamos sempre do que ou já conhecíamos ou precisávamos para nossos trabalhos e desejávamos aprender. Em um grupo de quinze alunos, entre educadores, profissionais da área da letras, antropólogos, profissionais ligados à FUNAI ou outras instituições conectadas ao tema e eu, atravessamos encantados a chance que recebemos. De nível de dificuldade alta, a aprendizagem fonética e escrita foge, evidentemente a qualquer semelhança com padrões ocidentais e, até alcançarmos alguma experiência, em muitos momentos, tínhamos o sentimento do impossível.

Mas aí vinham as expressões cheias de poesia e elevada delicadeza, o relato dos costumes, as imagens que carregamos todos conosco daquela cultura que tanto muda nossas vidas e mais a densa responsabilidade que, frequentemente sentimos frente aos nossos fazeres, então retomávamos o fôlego e seguíamos.

XEÉ

Eu

NDEÉ

Você

HÁ'É

Ele

ORÉ

Nós dois, o terceiro está excluído

PENDÉ

Vocês dois

ORE KUÉRY

Nós todos, excluindo terceiros

PENDÉ KUÉRY

Vocês todos

HÁ' EKUÉRY

Eles

NHANDÉ

Eu e você

NHANDÉ KUÉRY

Todos nós, sem excluir ninguém

As palavras costumam terminar com som forte. O plural começa a ser contato a partir de três.

As expressões, de modo geral, das quais mais precisávamos, eram de aproximação, nomenclatura básica sobre as coisas do universo, perguntas e formulações inicial e supostamente simples. No entanto, além das diferenças estruturais, em guarani não é exatamente possível isolar termos, exceto em alguns casos. Jamais foi trabalhada extensamente por linguistas e, portanto, era preciso começar a aprender como fazem as crianças, ouvindo, apreendendo frases inteiras e/ou cheias de erros e dificuldades com os sons anasalados exclusivos deste idioma, sem pretender explicações e vivenciando a dimensão arbitrária de uma nova linguagem.

HÁ'Í

Mãe

XERÚ

Pai

A erva mate é a irmã mais velha de todas as árvores. A árvore desta erva é o pai de todas as árvores.

KA'Á

Erva

KA'Á-RÚ

Árvore da erva mate

Muitas explicações nos eram dadas ao longo dos encontros, tais como quanto à organização do calendário que gira em função do clima e plantio. Do modo como os indígenas deixam de nos chamar de *Juruá*, não indígenas, quando já sabem bem quem somos e passam a nos chamar pelo nome. Assim como nos foi colocado, que quando somos por eles nomeados, que este nome costuma ser em função da aparência ou atitude da pessoa. Na Anhetengué, me tornei, de acordo com, como um dos professores registrou meu nome por lá: Viviane Yvá.

YVÁ

Céu

Também tive a possibilidade de pedir, ao longo das aulas, que algum conhecimento nos fosse passado sobre a dimensão dos sonhos e da alma.

Os mbyá, cuja ligação com a linguagem, assim como com o silêncio, são de valores espirituais, têm o hábito de utilizar o sufixo “Y” ao final das expressões, ele é um diminutivo carinhoso, cuja função é, como nos foi dito, trabalhar de modo respeitoso, as coisas do universo.

A idade das pessoas, em sua cultura é contada de quinze em quinze anos: quinze, trinta, quarenta e cinco, sessenta, setenta e cinco, noventa anos. De fato, no ambiente da

aldeia, ficava eu intrigada, porque, quando perguntava a idade dos mais jovens, todos tinham sempre quinze anos. Também, nos explicava nosso professor, quando alguém nasce, é considerado bebê. A família passa quatro noites na cerimônia de revelação do nome, na

OPY

Casa de cerimônia

A revelação se dá através da leitura do milho, alimento sagrado. São as divindades que decidem os nomes. Eles se referem a características e funções daquela pessoa. Os pais são trabalhados, nesta cerimônia, a respeito da personalidade, qualidades do filho, assim como aconselhados sobre como lidar com os desafios e dificuldades que poderão ocorrer na educação daquela criança.

NHE'É

Alma palavra

Este é o principal elemento anímico, dentre outros, responsável pela personalidade. Ele é também o nome da pessoa, alma, voz, som que faz viver algo.

Então, este nome, decidido pelas divindades, revelado na cerimônia da leitura do milho, ele vem vindo durante a gestação e nascimento do bebê.

Ao longo do primeiro ano de vida, quando o ser é considerado um bebê, seu espírito ainda está muito ligado ao dos pais, por isso não podem se afastar, se separar e a criança ainda não é chamada pelo nome recebido na casa de reza. Após este primeiro ano, quando começa a caminhar, passa a ser chamada pelo nome e é considerada pessoa.

Fora isso, também utilizam, desde o nascimento, um nome não indígena, o qual nos revelam quando convivemos e algumas vezes trocam o nome, livremente. Eis, para os não indígenas, um daqueles momentos quase assustadores. Não costumam dizer seu nome guarani, exceto em situações especiais. Este nome não indígena é o mesmo que é utilizado quando da confecção de documentos na sociedade ocidental.

Portanto, quando

MITÁ

Criança

KYRINGUÉ

Crianças

São consideradas pessoas com responsabilidades.

Quando chega ao período que, na cultura ocidental, convencionamos adolescência, para os guarani, ao contrário, este é o momento, de maior concentração, em que o jovem mais precisa dar conta de se preparar para formar sua família e ser um bom exemplo, alguém que escuta e faz os bons conselhos. É uma fase de enorme responsabilidade para eles. Casam nesta época, já começam a ter seus filhos e muito se espantam com as particularidades temporais, neste quesito, na vida dos ocidentais.

AEXARA'Ú

Sonhei

Os mbyá possuem o hábito de começar seu dia com o nascer do sol, pois de outro modo, seria uma ofensa, tê-lo já brilhando e seguir dormindo. Batata doce assada e chimarrão são os alimentos da manhã. Também neste primeiro momento do dia é que se encontram para falar sobre os sonhos que tiveram durante a noite e, igualmente, quando os mais velhos vão conversar com as crianças sobre o que sonharam, pois, em sua sabedoria, é assim que se aprende a falar.

Você sonhou? Você tem um sonho a transmitir? É uma frase que ouço nas aldeias, que já me endereçaram e que é parte fundamental no cotidiano guarani. Evidentemente, como já mencionei, não há como não experimentar uma alteração na dimensão das produções oníricas, uma vez se estando imersa nesta realidade.

Ã

É a sombra. É o que temos quando nascemos e que, juntamente com

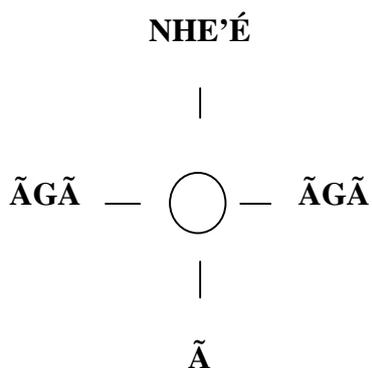
NHE'É

Alma palavra e

ÃGÃ

Parte anímica que pode pender para o lado positivo ou negativo, determina se a pessoa é destra ou canhota, trás elementos do passado ou do futuro, é a parte responsável pela parte do sonho e é viajante.

Então em um esquema, no qual teríamos ao centro um círculo, representando a pessoa, acima Nhe'é, abaixo, Ã e, de ambos os lados a Ãgã, assim representaríamos a dimensão sensível do humano, a alma, a personalidade e os sonhos.



Nhe'é, alma, está no coração. Se afasta com o susto.

AXY

Dor

TEKO AXY

Dificuldades da vida

Para os guarani são os conselhos que regulam os lados da personalidade e somos todos

TEKO AXY

seres imperfeitos

Como nos trouxe em sua tese Dra. Neide Friedrich, de acordo com as palavras de uma das

KUNHA KARAI

Chefe espiritual

Com quem dialogou para escrever sua tão importante pesquisa, a anciã lembrava: “todos os dias pego minha vassoura imperfeita e varro o chão imperfeito”.

VY'Á

Alegria profunda, alegria espiritual!

Ao retomar o material dos encontros do dialeto para escrever este capítulo, além das expressões que trouxe aqui e muitas outras, encontrei uma frase, em especial. Quando comecei a frequentar a realidade guarani e nada tinha ainda comigo sobre o que poderia acontecer, o que poderia eu oferecer ou o que seria possível, eu costumava dizer, quando me perguntavam o que eu estava fazendo, que levava comigo a única frase que, de fato, um psicanalista pode endereçar a alguém, vá onde vá, na língua que for. Inicialmente era somente nela que eu me amparava. Confiava nisto, desconhecido adentro. Localizei em mbyá, após a escrita de todo trabalho:

MBA'É REIPOTÁ?

Que queres?

Pensava que a levava comigo e acabei esquecendo, ao longo do caminho, com tantas imensidões, da minha própria frase. Foram eles que me a devolveram. Nas aulas com as professoras da América que nos perguntavam sobre qual era nossa verdade. Nos encontros nas comunidades em que o universo acontecia. Nos caminhos que se abriram e o inimaginável se rerepresentava. Em tantas vozes confirmando, o quão, tão indígenas ainda somos. Como na virada da Onça.

MBA'É REIPOTÁ?

Me respondeu o povo guarani.

Com Rodolfo Kusch

Cullen, no prólogo da obra de Kusch, nos antecipa que a civilização não seduz em nada. Suas promessas de bem-estar custariam sempre o mal-estar. Este repetiria a velha história da antinomia civilização/barbárie. O valor inestimável da obra kuschiana, diz, estaria em tratar da metafísica da América, vegetal, telúrica, sua realidade profunda e demoníaca, de possibilidades demiúrgicas, especialmente na medida em que a reconhecêssemos não como força sedutora, mas que impulsionaria para a vontade de ser nação, real, ao invés de abstrata e fictícia. Avisa que a obra é valente porque nos permite falar de nossos medos, dúvidas e frustrações, assim como de ser esperançosa por trazer possibilidades, das que têm que ver com as selvas e os pampas, na medida em que o vegetal define nelas a possibilidade e deixa aberta tantas outras.

Solero, em seguida, ainda coloca que é como se estivéssemos acordando de um sonho, do qual não tivéssemos ainda terminado de despertar, testemunhando ainda nesta parte de nosso continente vozes solitárias, ávidas de conhecer as singularidades de seus destinos, se interrogando por seu contorno e passado, o qual as teria condicionado na qualidade de criaturas prenhas de raízes e ímpetos, o que as transformaria em certeza de futuro.

Kusch (2000), em *Seducción de la barbárie*, parte do que chama de intuição de paisagem, para seguir rumo a definir o pensamento americano.

Ele situa que nada se mexe na cidade que não consuma a vida e a converta em cifra. Estaríamos em pleno continente mestiço. Uma América toda incidiria na verdade de fundo de sua natureza demoníaca e a verdade de ficção de suas cidades. O que chama de demonismo se esconderia na paisagem, em um inconsciente de formas invisíveis que refugiaria a forma e conteria um determinismo mágico. Explica. Uma árvore, por exemplo, carregada do estigma de ser árvore, poderia ter sido um peixe ou uma alga. Diz que a árvore, em sua simples forma, equivaleria ao ser, marionete fixo que brota da totalidade, de definição esquálida, criada desde a baixo, desde a terra, da terra até em cima, do demonismo e sua fixação de ser ser-na-paisagem. Sua forma definiria apenas parcelas diminutas da mesma. Esta árvore teria consigo como que uma auréola, sua

magia demoníaca de poder ter sido uma alga. É deste modo que a paisagem subverteria o sentido do ser, opondo-se a ele, ao seu mundo ordenado, a sem razão que o quebra, que traz consigo os vetores de infinitas possibilidades de existência. É esta possibilidade absoluta que colocaria uma tela de fundo à definição de paisagem na obra. É assim que situa como o *vegetal*, a paisagem que destrói e participa do ser, constituindo um esboço de lugar no caos bacântico da selva e lastro primeiro na solidão do pampa.

O problema estaria em como na cultura atual nas Américas, a tentativa de manutenção do formalismo europeu, relegaria este demonismo originário, fonte de saber, espelho de símbolos, ao segundo plano, e este assolaria a cidade. É assim que o autor nos situa a pura ambivalência na qual viveria o americano. A solução para a qual aponta, seria de nos reconectarmos com a paisagem, a verdade imóvel e estática do vegetal.

A *mente mestiça*, como introduz, ambivalente por natureza, oscilaria entre o vegetal e a suspeita de superá-lo. Caberia, ao mestiço, a conciliação de opostos e de desníveis. A sabedoria da América, seria, por excelência, tratar da contradição, como veremos neste e outros autores e localizamos nas passagens práticas já trazidas. Delicadeza, pensamento diverso e refinado e pobreza material, dizimação e resistência secular, tradição e ordem em meio a uma história de tanta violência, sabedoria multimilenar, pertencimento à terra e desreconhecimento profundo. Como nos ensina o autor, em uma imagem, a grandiosidade das visões divinas e a miséria de roubar um pão.

Os atributos ligados ao demoníaco e à natureza dominariam e revelariam a cosmologia originária do pensamento americano, a qual não cessaria de retornar na atualidade, estando nós habituados a assumi-la ou não.

Esta mestiçagem configuraria uma ponte entre o índio e o branco e adquiriria sua verdade carnal no homem e fora dele. A cidade jamais, neste caso, se libertaria desta outra lógica originária, demandando uma constante reconciliação.

El inconsciente de la acción, reforzado por un paisaje indomado, pesan desde la sombra sobre la conciencia mestiza y constituyen las raíces primigentes de su ambivalência. La pasividad vegetal, la modorra espiritual del americano, la raíz geográfica de su vida la receptividad feminoide de su cultura, no logran sino adosarse a la

acción europea. Obra em todo ello uma espécie de venganza del paisaje. La “vida espaciosa”, agigantada por este, carga sobre la acción, obstruyendo toda meta que pudiera afianzarla. La mente se escinde en el sentido de que la conciencia autóctona, la del paisaje, pesa- desde el inconsciente de la acción- sobre la conciencia activa, construtora pero foránea (p. 62-63).

É assim que nossa vegetalidade inconsciente, desde marcas ancestrais de outros níveis de convivência com a dimensão da natureza, parte importante do que engendrou lógicas complexas de pensamento, invadiria as esferas de nossa existência. Como diz o autor, ela se reintegraria ao semi-esquecimento dos arquivos. O estrangeiro teria invadido as estruturas raciais, sem, no entanto, ter, de fato tocado, na última delas, a verdade indígena, que permaneceria como inconfessável, às portas da cidade.

Ele compara nossa situação com a de pirâmides no deserto que nunca adquirem a firmeza de uma cultura nacional, se não sobre uma base movediça, de autoctonia indizível, falsificando o cidadão. Assim, seguiríamos, interminavelmente, na busca de definição da própria verdade diante do conquistador.

Na passagem *Ciência ou literatura*, o drama da América consistiria na participação simultânea do que chama de “ser europeu” e o pressentimento de uma onticidade americana. Seria uma existência bifurcada e flutuaria entre verdades parciais, somente se completando por excesso, adotando um extremo por vez. Divide a verdade pertencente à cidade, à ordem constitucional, ao ser legal que sempre se rasga (e que a política se encarregaria de remendar) e a outra que seria a da vivência, do psíquico, do emocional, da paisagem. Ele situa a paisagem do lado do inconsciente, da subjetividade, da particularidade e do saber, do que escapa ao controle, do devir e do noturno. Um estaria do lado do terreno do ser e o outro do não-ser.

Aponta para a inversão, de ser a terra que faz crescer o milho e não o oposto.

A paisagem de Kusch não é o Real lacaniano, ainda que, em um primeiro momento, do lado da psicanálise, o ímpeto de pensar nele, seja inevitável. No decorrer das leituras das obras, compreendemos que trata de um dimensão pertencente aos diversos registros da alma humana, representada ou não necessariamente neste nível, como quando fala do que escapa, não controlamos e está fora.

No entanto, o que nos traz é algo de importância única, ele diz que a dimensão da natureza, sua condição, seu poder, suas linguagens são lugar de aprendizagem e inspiração para o pensamento originário da América. Muita ou toda linguagem humana ter-se-ia construído a partir das trocas com ela, assim como a fidelidade a sua riqueza e força. Isto conferiria ao ameríndio uma proximidade maior com o aspecto do compreender a ineficácia do controle, do excesso de ordem, da previsão e o colocaria mais próximo da dimensão da subjetividade. Ainda que todas as nações do mundo tenham originalmente partido de sua relação com a natureza, os grupos americanos, ameríndios ou mestiços, teriam avançado em suas construções ao longo dos últimos séculos, levando consigo a devida carga desta sabedoria e dando a ela outros rumos que não exclusivamente do maior ou menor sucesso das verdades modernas.

Em *América Profunda*, o autor busca captar a definição exata do ameríndio, em sua dimensão humana, social e ética. Sua teoria é proveniente de uma convicção na continuidade dos significantes em questão do passado ao presente e nos diz que estaríamos mais comprometidos com a América do que acreditávamos, provavelmente, estar. É assim que lança os fundamentos para pensar o americano.

Após sua obra sobre a questão do vegetal e da paisagem, consagra a noção de *estar*, pura vida do sujeito, enquanto parte das raízes profundas de nossa mente mestiça, subsolo social, inconsciente, sabedoria, o oposto da tarefa, do intelectual e do político. Fala do temor pelas belas coisas que deixamos para trás entre a boa gente da nossa grande cidade. Diz que estaria faltando ar e espaço para chegarmos à meta, como se nos movimentássemos em um magma de antigas verdades. Afirma que ainda sentiríamos resvalar pela pele o olhar pesado dos índios e mestiços, em seu afã de segregados, como que se defendendo em sua impermeabilidade.

Revela-nos que temos medo de não saber como chamar tudo isto que nos acossa, que está fora, que nos faz sentir indefesos e atrapalhados.

O terror ante o divino. A vida, como coisa de astúcia. O aterrador. A razão que transcende o utilitarismo. O mistério que converte tudo em sagrado. O homem e seus fatos profundos por trás do utensílio. O poço onde se enterra uma humanidade concretada em torno do fazer e da monstruosidade do homem. O estilo de vida americano. Chaves da mentalidade indígena, por Kusch.

Nos ensina sobre a economia do desamparo. Os indígenas, como propõe, sempre expostos a grandes adversidades e mudanças, teriam meios próprios de resolver suas questões. Identificando-se com o ambiente, remediando-se na *contemplação* e na força da autonomia, sua estratégia não seria superar a natureza e ao invés disso, conjugá-la, no velho jogo do medo, com mágica, ritos e adorações.

O *pátio dos objetos* é mais uma das noções que introduz. O cristianismo, segundo ele, teria trazido mais que uma religião, uma moral, uma lógica de pensamento para o ocidente que, excetuando a Idade média e sua dimensão feminina, depois dela, teríamos a penetração masculina do mundo. Dominar, acumular, conquistar, cobrir de medo, proteger-se com as coisas, teriam passado a ser alguns dos recursos desta lógica.

O autor também faz uma distinção muito importante, quando nos aproxima das expressões *grande história* e *pequena história*. Ele diz que precisamos diferenciar aquilo que está nos livros, publicados pela cultura ocidental, limitada aos séculos mais recentes e amparado por estas lógicas acima mencionadas. Haveria uma história extensa, da ancestralidade, da preservação da espécie, do inconsciente, das verdades, do homem por trás do utensílio, da massa. Esta última conteria o legítimo ritmo da vida e da espécie, do imprevisível e enquanto resíduo à margem da elite.

A ideia não seria apenas valiosa para a dimensão do popular, assim como dos caminhos dos povos ameríndios, para a educação nas escolas deles, mas, antes de qualquer coisa, igualmente, nos oportunizaria repensar as dimensões históricas da educação ocidental ou mestiça, novos rumos que uma outra leitura oferecida às crianças e jovens em formação, poderia nos trazer em termos de outros compromissos com a ética e a verdade de uma nação, pelos caminhos que a subjetividade precisa trilhar para alcançar novos posicionamentos.

Um outro ponto que é ressaltado é referente à dimensão da objetividade. O autor aponta que no ocidente haveria uma tal relação com este elemento que haveria uma espécie de saída de si e uma fixação no mundo exterior. Assim, traz, haveria um culto ao mundo externo que permitiria um “distrair-se” da própria intimidade. A ciência, em sua opinião, consistiria em um culto ao objeto que cultivaria a natureza e suas leis, servindo ao homem para endurecer e mecanizar-se. É então que pergunta se a objetividade teria servido para cancelar a importância do sujeito. Afirma ser o ocidente o criador do objeto.

Também altamente significativo para nossas imersões nas realidades trazidas neste trabalho, é o que o autor nos coloca sobre a experiência do silêncio, do viver e do modo como sabem os indígenas. Segundo ele, para os ocidentais, silenciar é deixar de dizer coisas essenciais e serve para impedir a entrega nas trocas com o próximo. Em sua visão, isto impediria também que muitos dos frutos possíveis e necessários se dessem.

O modo ocidental, embrenhado no parque dos objetos, teria por objetivo dar consistência de coisa à vida, convertê-la em uma máquina de prazer, na festa da vida. Já na estrutura de pensamento de antiguidade milenar indígena, haveria o predomínio de uma atitude contemplativa e com uma relação muito diferenciada com o saber.

Em *El pensamiento indígena y popular en América* pergunta no que consiste o *saber* e de onde vem. Diz que seria um saber rítmico, neste caso. Não pareceria ter origem sensível ou exterior, como requer o nosso, mas participaria de uma reminiscência, que consistiria em um esteriótipo. Não daria ênfase a um conteúdo real, tampouco no material concreto que utilizam nos rituais, mas sim em aspectos fascinantes e numinosos do esteriótipo. Eles lançariam mão destes elementos, os quais serviriam como gavetas vazias, anteriores a qualquer experiência sensível e que recebem posteriormente conteúdos provenientes da realidade. É um saber amparado em um esteriótipo e que é revelado. Não seria um saber de porque ou de causas, mas do “como” e de “modalidades”. Não seria um saber que se poderia encerrar ou armazenar e menos ainda alienado do sujeito. Tudo se realizaria com todo o coração. Exigiria sempre o compromisso do sujeito que manipula o saber. Existiria também, uma estreita relação entre saber e rito.

O bruxo seria um depositário e promotor do ritual, o saber determinado e já existente. O ritual serviria para consumir a eficiência do saber. Apontaria para determinar coisas duradouras e multiplicar como sementeira. Então se relacionaria com o criar, o deixar efetuar, multiplica, um saber para viver, manipulando extremos invisíveis. Equilibraria o nefasto e o esplendor.

Se a Europa, segundo ele, veria o mundo como espetáculo, o indígena veria como um organismo, cujo equilíbrio depende pessoalmente de cada um. Por isso, o saber estaria sempre em um ritual voltado para manter um equilíbrio cósmico, revelado, segundo o qual, o não saber, seria uma ausência de revelação. A revelação seria descobrir o secreto, soltar-se a palavra sem querer, como diz, rebentar, brotar a árvore,

abrir-se em flor. Irrupção violenta do sagrado que somente pode lograr-se com o ritual e serviria para equilibrar dualidades.

Como na passagem em que me foi dito “nosso corpo é feito de terra”, e tantas outras todo o tempo de nossas convivências, as palavras utilizadas, sempre metafóricas e enigmáticas, abrem caminho para pensarmos infinitamente sobre aquela gaveta aberta que vem e retorna muitas vezes por tempo indeterminado. Este, é mais um ponto, em que a dimensão do inconsciente e da análise se encontram com a realidade indígena. Quando atribuem significados às passagens e coisas, geralmente nos enganamos, se pensamos que, de fato, signifiquem estritamente o que está sendo dito.

Com Darcy Ribeiro

Em sua obra, *Religião e Mitologia Kadiuéu*, sobre os remanescentes dos Mbayá, uma das linhagens dos Guaikurú, ele nos fala sobre as práticas de cura daquele povo.

As doenças eram atribuídas às diversas causas, de aspectos naturais a concepções elaboradas, como a fuga da alma e a intrusão. Se sagrada ou profana, a causa, diz, se legitimava mediante seu nível de gravidade. Assim, uma dor de cabeça, um acidente trivial, jamais receberiam atribuições de causas espirituais. No entanto, caso, por exemplo, aumentasse muito a dor, a gripe se alastrasse, então eram compreendidas de acordo com questões sobrenaturais. Um exemplo disto, seria a varíola. Ela era tomada enquanto um ente vivo e invisível.

Aos xamãs, que, como nos traz, eram ouvidos pelo povo em diversos graus de credulidade, cabia, então, reconstituir condições para que a alma voltasse a fixar-se no corpo do doente.

Ele nos descreve elementos destas passagens com a cura e seus métodos, dentre as muitas situações que teve oportunidade de acompanhar pormenorizadamente.

Os curandeiros se utilizavam de cantos, varredura com penacho, maracás, beberagens, o soprar, cuspir, apalpar e o chupar para realizar extrações. Também tinham hastes de madeira enroladas em cordão, enfeitadas com penas que são colocadas no cabelo durante os cantos ou no cabelo do doente. Eram usadas para exorcizar espíritos

malignos. Além disso, também nomeia os *Quid*: coisas que retiravam dos doentes por sucção e exibiam.

Nos oportuniza visualizar algumas destas sessões.

Em uma delas, um homem sofria de uma cólica violenta. O curandeiro precisava agir rápido. Lançando mão de todos os elementos acima citados, se pôs a chupar dois lugares próximos à inchação da hérnia. Após cada sucção se levantava e fazia grandes esforços, como se fosse vomitar. Depois, muito cansado, resfolegando e vermelho, com o sangue que lhe subia à cabeça, cuspiu algo na mão. Então mostrava o que havia extraído: algumas espinhas de peixe, muito pequenas e uma larva de pau podre, as quais ao sair, enterrou no quintal.

Na sequência, afirmava que iria curar o homem ao meio-dia do dia seguinte, com um espelho. Dizia que faria assim, porque seria quando teria muita gente lá em cima. E mostrava o céu. Explicava, então, que quando olha no espelho e enxerga gente com menino novo bem pequeno, seria bom. Já, quando olhava e via braço saindo, osso pra fora, aí era porque ia morrer, não poderia mais sarar.

Em um outro caso, nos conta que o curandeiro inicia uma sessão com cantos, maracás, assovios, vozes em diferentes línguas, gemidos, vociferações, como se mantivesse um diálogo desesperado com outras pessoas, realizava contorções, cuspes. Desta vez, na cura de uma moça, cospe um ovo de passarinho.

O autor nos relata que costumam ocorrer os cantos repetitivos, monótonos, até entrarem em êxtase e daí viria a cura, as invocações xamânicas, a possessão mediúnicamente pelo espírito, em uma comunhão direta com o sobrenatural. Aí localizaríamos o poder do xamã. Segundo ele, não se interessam pelos pormenores diagnósticos. Não são os xamãs que se ocupam disto. Cabe a outros da comunidade esclarecer.

Quando o xamã é contratado para um tratamento, marca o dia em que fará a sessão, na qual fará as invocações, podendo, neste caso, no mesmo momento, atender a vários doentes.

Um outro aspecto importante é que não haveria tratamento específico para qualquer doença. Todas seriam enfrentadas com as mesmas práticas, com excessão para

o caso das dores, feridas ou lesões localizadas. Nestas últimas, seriam realizadas as sucções.

Ainda, neste grupo, os curandeiros teriam alguns princípios específicos: não utilizariam vegetais. Também se oporiam ao uso de remédios. Na fala de um deles: *Dr. Brasileiro dá remédio. Não presta. É ruim, ruim. Eu chupo doença fora, sai do corpo* (p.129).

Eles chegariam a ser repreendidos quando optassem por tomar remédio de brasileiro. No entanto, ressaltam que isto não os impediria de tomar quando adoecessem ou conseguissem arranjar algum. Segundo ele, a busca por analgésicos era a mais comum. A busca pelo xamã se daria quando seus próprios recursos se esgotavam.

Também não utilizavam fumo ou alucinógenos. Bebiam cachaça. Também se serviam de roupas, pinturas no torso, no rosto e nos pés, com desenhos simples, nestas ocasiões.

O trecho trazido aponta para o pensamento, o saber e a dimensão da cura na mesma lógica, que encontramos em tantos outros relatos de outros povos ameríndios, sejam, por exemplo, do Peru, do México, como de diversos grupos no Brasil. Objetos, formas de conduzir o ritual, modos de compreender o que se passa são semelhantes.

O que gostaríamos de salientar aqui, mais especificamente, seria esta dimensão da não objetividade, do quando um mesmo ritual é utilizado para curar diversas doenças ou, ainda, quando a explicação diagnóstica é menos importante e, sobretudo, esta direção que é dada ao saber, no sentido de ser, como já vimos antes, uma “gaveta vazia”, os esteriótipos que se repetem, são trazidos, para servirem de estrutura para a operação e um nível rarefeito de significação é colocado em cena.

Isto, ao meu ver, muito parece se aproximar, tanto do que se passa na experiência com a linguagem musical e, portanto, seus efeitos de transmutação subjetiva, como dissemos, assim como dos caminhos de leitura e colocação em ato, do lado da psicanálise e do analista, acerca do, neste caso, significante não da voz, ou musical, mas da palavra, principalmente. Existindo, deste modo, nos três casos, uma estrutura que prioriza o pessoal e minimiza, ao extremo, a materialidade da posituação do saber, do significado estrito, do enclausuramento do conhecimento, mais uma vez, localizamos um ponto de encontro entre eles.

É o “fogo ...” como me diziam as mulheres guarani, quando eu lhes pedia socorro para o frio. Aliás, sabemos o quanto é comum, por exemplo, nas convivências com os indígenas, nos depararmos com cenas em que nós, “não indígenas”, dizemos longas e numerosas frases para nos explicarmos diante deles, para propormos, para refletirmos e, a direção, a resposta que vem, invariavelmente consiste em uma palavra apenas, às vezes, uma sílaba. Nas situações em que precisam indicar para a comunidade ou alunos o que fazer, igualmente, as diretrizes são dadas com frases curtas e, rapidamente, vemos todos se posicionarem. A maior incidência do silêncio, portanto, não é, como já vimos, para deixar de falar o que é importante ou por não ter o que dizer, mas uma dimensão que instaura a carga e densidade do valor da palavra e, abre, neste caso, tanto para a dimensão do ordenamento, quanto da subjetivação e saberes particulares.

Com Ana Luisa Teixeira de Menezes e Maria Aparecida Bergamaschi

Minha primeira impressão sobre a dança Guarani foi a de ser uma dança contida, com pouca intensidade e expressão, na qual o movimento é apenas demarcado pelo pé. Quando olhava a dança, logo olhava para o pé, como se este fosse descrevê-la e decifrá-la. Os meninos mexem os pés, num compasso ritmado entre o direito e o esquerdo; as meninas mexem os pés ininterruptamente, como se não existisse parada. Os pés arrastam-se e deslizam ao mesmo tempo, dando uma sensação de um caminhar constante, mas que não sai do lugar. Quando pude participar da dança, a sensação foi bem diferente: o que parecia não sair do lugar, dando uma sensação de monotonia, transformou-se numa sensação de estarmos indo juntos para algum lugar. Não dava vontade de parar, como um embalo, um ir e vir sem início nem fim. As meninas dançavam de mãos dadas ao lado dos meninos. A diferença dos passos demarca claramente a diferença de ser homem e mulher na cultura guarani. Quando indaguei sobre o fato dos meninos estarem na frente e as mulheres atrás, foi-me respondido que era uma atitude de respeito e proteção às mulheres (p. 9).

A obra *educação ameríndia. A DANÇA E A ESCOLA GUARANI*, trança o universo da educação e da dança, com a extensa experiência das autoras nas

comunidades guarani. Nos confere a chance de localizar os contornos das particularidades subjetivas presentes naquela sociedade. O respeito pela dimensão da curiosidade, os sentidos da inspiração, o modo como constroem o saber ao longo do tempo, a aprendizagem partindo da aposta na capacidade de cada um em seu modo de existir, a posição em relação às crianças que desde o início são olhadas como seres com saber próprio. A oralidade, afetividade e autonomia, como elementos centrais do singular e do coletivo. O entendimento de que para aprender, é preciso viver, do conhecimento válido enquanto experimentado e sua diferença da posição do “ensinar sobre”, são alguns dos principais vetores que norteiam o olhar das autoras sobre realidade Mbyá.

Ana Luisa, no universo da dança, salienta que as aprendizagens acontecem sempre vinculadas à dimensão do *estar junto* e do conhecimento sensível que se produz através da corporeidade. Nos conta de seus caminhos, do encantamento, do enfeitiçar-se, da magia, da paixão que arrasta preconceitos, move lugares e valores, redimensionando espaços e despertando a chama da vida. De como tudo na aldeia fica mais forte, assim como o amor pela vida. Nos fala sobre quando uma pesquisa se torna um caminho de vida e da noção guarani de que *a aprendizagem é pelo sentimento* (p. 20).

Em uma de suas passagens, nos traz sobre a dimensão da entrega, disponibilidade e doação que experimentava no ato de comer com os guarani: o partilhar, a intimidade, a confiança, as trocas afetivas, as aprendizagens que passam pelo corpo enquanto lugar de elaboração cultural, os canais sensoriais como fonte de conhecimento, o mistério, plenitude e intensidade do silêncio, como som maior da aldeia que possibilita escutar detalhes da natureza e do ambiente, como nomeia. Nos conta também sobre a sensação de estar em uma casa dentro da natureza, com se estivesse em uma árvore, completamente enraizada, como diz. Também trata do sentimento de bondade despertado, da possibilidade de poder viver em um estar genuíno, da sensação de expansão do tempo, das mensagens metafóricas dos conselhos que envolvem um tipo de enigma a ser desvendado, que depende do que a pessoa faz com a mensagem que recebe, das aprendizagens com a forma de conhecimento circular e giratório, das apreensões do que é similar e do que é diverso. Todo o tempo nos faz entender como os guarani são seres de profunda reflexão, sempre, em seus exercícios de pensamento e percepção.

Diz que a aspiração vertical guarani se dá na cena da dança. Eles dançariam até o máximo que podem dar e Deus recompensaria. A dança operaria como um desdobramento divino, central nos mitos em suas funções *mística* (relacionada ao segredo), *cosmológica* (relacionada à origem), *sociológica* (à ética) e *pedagógica* (sobre como viver o cotidiano e a circunstância).

O *Xondaro*, dançarino profissional guarani, não precisaria dançar por muito tempo, para alcançar a sensação de paraíso e conseguiria fazer isto somente ouvindo a palavra, falada no ritmo do tambor, da rebeca, do violão mbaraká, do pethenguá (cachinbo), do fogo e da escuridão. Os sons e a temperatura propiciariam um tônus mais sensível. As palavras chegariam como mensagem divina e penetrariam em um estado de consciência alterado (êxtase/transe) e seria quando, por exemplo, o dançarino se transformaria na dança, remetido à origem dos primeiros movimentos.

Ela nos explica que o transe é um estado auto-induzido por danças, cantos e orações, ocorreria uma diminuição da vigília e da atuação parassimpática colinérgica, do mesmo modo, alteração das sensações corporais, expansão da consciência e da percepção, assim como uma profunda mudança na vivência do tempo. Existiriam dois tipos de transe. No primeiro deles, o xamã “morre”, desloca-se para outro mundo e um segundo, um espírito animal assume o corpo humano, em um processo de identificação mútua.

A dança acontece quando se está com o corpo tremendo. Aí o Karaí veio e fez os gestos do leão e eu fui aprendendo a me defender de como o leão ataca. É o fogo divino, um estado, a gente chama de dança (p.78).

Não seria imitação, mas transformação ou interiorização da força daquele animal. A presença dos animais seria simbólica e transcendente, ordenadora da consciência. Crianças, jovens, adultos e velhos viveriam, assim, o esforço diário de sua humanização que implicaria em estar em transe na terra. Tratar-se-ia de um sistema de educação com leis próprias, de uma vivência de comunidade, em meio a uma educação que é xamânica e é praticada desde a infância. Como nos diz Maria Aparecida, é comum ouvirmos as crianças cantando os cantos de reza enquanto brincam e aprendem. Para eles seria incompatível um conhecimento, aprendido por intermédio de um outro

mortal, mas sim, ocorreria através da inspiração e revelação. Cada um seria responsável pela sua busca. Eles não ensinariam as crianças, diz. Mas aguardariam que recebessem.

O alto nível de ligação com a dimensão do sensível com que este povo possui e pratica ao longo dos milênios, assim como a sabedoria com que lidam com o nível da subjetividade, da curiosidade e do aprender, tenho a impressão de, em muitos aspectos, soterrar as alternativas e equívocos tão discutidos na atualidade ocidental. O que é mais impressionante é que tudo isto esteja sob os nossos pés, memórias, assim como nos interiores, periferias e campos onde se encontram estas comunidades e tão pouco sejam pensado e acessado. Estamos caminhando na contramão do que poderia nos trazer progressos e nem suspeitamos.

Mas o que predomina na natureza e no nosso ambiente é a nuvem, forma desesperadamente complexa, imprecisa, mutável, flutuante, sempre em movimento (p. 29)
(Menezes & Bergamaschi, apud Gruzinski)

Maria Aparecida contorna extensamente a dimensão da convivência com os guarani, tanto enquanto algo próprio da lógica deles, quanto do que acaba acontecendo quando pesquisadores tem a felicidade de se aproximar e trabalhar com eles. Nos fala do estar junto, das reuniões, das visitas, dos telefonemas e dos sonhos. Lembra que neste último caso, trata-se de um modo especial de comunicação para aquele povo e do quanto, caminhando com eles, diz, começamos a aprender a prescrutá-los. Nos ensina, como no ritmo de todos estes acontecimentos, vamos compreendendo, aos poucos e profundamente, o *Nhande reko*, o modo de ser guarani.

Nos fala da convivência alegre, da aceitação, do carinho, da amizade, do adentrar o universo desconhecido, como menciona, com a diferença que se impõe na paisagem, no cheiro, na língua, nas formas contundentes de dizer, que estamos em outro território, marcado por relações marcadas por incompreensões, próprias do encontro de pessoas situadas em cosmologias diversas. Nos traz a importância, então, necessária, do “olhar sem julgar”, em detrimento do “olhar o que é”.

Estar com os guarani, auxiliado pelos elevados níveis de existência que não cansam de nos apresentar, nos oportuniza um constante exercício do lembrar da posição da ética nas trocas com o semelhante, do antes de tudo, posicionar-se para receber o que

vem dele, enquanto algo misterioso, sábio e de alcances que jamais poderemos esgotar, cabendo somente ao outro situar no que consiste sua subjetividade para ele mesmo. Ter um encontro com este povo, bem poderia ser, um dos dispositivos mais extremos do que tanto precisamos aprender todos os dias para receber analisantes na clínica ou estarmos no ambiente da educação, como para absolutamente tudo que se desdobre em nossa condição de humanos sobre a terra.

Maria Aparecida sinaliza o quanto precisamos assumir uma posição de atitude de cuidado, da ética do cuidado, salientando como a delicadeza e este cuidado fazem com que, neste caso, consigamos nos aproximar dos guarani.

Ela traz muito uma imagem que nos instrumentaliza a nomear um dos fatos mais recorrentes entre os sentimentos que revivemos todos os dias nestas trocas. Diz da sensação de estarmos *encharcados de guarani*. De fato, é algo tão forte e tão verdadeiro e também de difícil comparação que temos a impressão, uma vez mergulhando neste universo e permanecendo nele, que nossa alma realmente vive neste estado. Inclusive, há algo da realidade destas vivências que nos submergem neste banho psíquico interminável, que, por vezes, quando retornamos às nossas paisagens urbanas, experimentamos algumas das reminiscências restantes na consciência recente como algo que se aproximasse de uma dimensão onírica. Às vezes parece que a gente sonhou.

Ela também nos fala do detalhe das vivências das conversas sobre os “nadas” da vida e a importância desses “nadas”, na aldeia.

O sabor da culinária psíquica que este povo opera em suas vidas e que tanto nos surpreende quanto nos aproximamos dele, não deixa a menor dúvida sobre no que consiste a verdade e o valor do sujeito neste mundo, assim como, do que faz seu sucesso último, nada científico. Eles são a prova, fato multimilenar e indestrutível do em que consiste a alma e a vida, a saúde, o desejo e o que realmente tem valor.

Lembra que quando não querem falar, eles riem. Que esta é uma das marcas fortes que mostram. Nos traz que no artigo de Pierre Clastres *De que riem os índios?* Explica que o pensamento indígena se eleva a partir do pensamento mítico e que muitas de suas narrativas tem como objetivo divertir os ouvintes, durante os quais, mesmo apesar das durezas da vida, propiciam-lhes verdadeiros momentos de distensão. Sublinha que possuem senso agudo do ridículo, caçoando, frequentemente, dos próprios

temores. Os mitos, não perderiam a seriedade quando fizessem rir, mas cumpririam tarefa, em suas palavras, de distrair, desdramatizar a existência. Ela também menciona ter, um dos caciques guarani, dito que guarani ri sempre e que não seria de nós, mas porque estão bem.

Eles teriam, como coloca, espaço para o pensamento intuitivo, natureza e cultura estariam em mesma condição de humanidade e origem comum entre todos.

Cada bichinho tem um segredo, tem uma história. Ele é humano, ele tem sentimento. (..) cada animal contém o bem e o mal, pois enquanto Deus criava alguma coisa, o mal também criava. Assim pra tudo, também pras plantas, pras frutas. (..) Pra vocês o bicho é só bicho e nada mais, para o Guarani tem segredo. (..) Cada um é um, entra em contato espiritual com os deuses, tem sabedoria. (p. 49-50).

A autora nos traz que a tradição é o texto que atualiza e sustenta o modo de ser guarani. Fala de suas preocupações com a sociedade, o fluxo das energias e a influência no bem-estar dos humanos. A pessoa guarani se formaria em sua experiência de vida na aldeia. Em meio a isto, a oralidade ocuparia lugar central. Exigiria todo o tempo uma rememoração e obedeceria a regras próprias. Como diz, as narrativas, a memória e as infinitas formas de contar o mesmo trariam a necessidade de cada um afirmar sua fala como única e verdadeira, dentre os muitos aspectos que reforçam a dimensão da palavra entre eles.

Diz que cada guarani é um xamã. Cada um a seu tempo e memória, recebe a sua palavra. A palavra e seu estatuto de revelação, seriam um dos fundamentos da educação tradicional.

A autora também sublinha, em seu texto, a elegância da língua guarani. A elegância, aliás, que tanto podemos localizar nas passagens práticas, é uma marca deste povo, que realmente se revela desde a infância. Sua etiqueta e hábitos, sempre embasados em suas reflexões intermináveis, os tornam detalhistas e cuidadosos, de escuta afinadíssima, sensibilidade invejável e preocupação com o aprimoramento de si, enquanto missão para a qual vivem aqui na terra, tão bem metaforizado no mito da *Terra sem mal*, segundo o qual buscariam alcançar este lugar de máxima elevação.

Maria Aparecida nos conta o caso do jovem que diz que aprendeu a ler, olhando para as letras e de acordo com o modo guarani. Observação atenta, vivacidade dos sentidos, assim como ao entorno, são marcas registradas deles. Também lembra da frase que dizem na aldeia: “aprendi pela minha cabeça”.

Coloca que se em outras etnias a escola serviria para afirmar a aprendizagem da língua, as práticas tradicionais, os motivos étnicos, em função do desmantelamento causado pela colonização que assedia as culturas indígenas, no caso da realidade guarani, como todos estes elementos são vigorosamente sustentados, então a escola correria o risco de simbolizar uma porta aberta para o contato com o desconhecido e que poderia lhes fugir ao controle, no que diz respeito à entrada de outros elementos e lógicas culturais. Por isso, a temeriam.

Então ela nos explica o que querem.

Eles querem os conhecimentos, as línguas, a escrita, diz. No entanto, não querem certificar ou profissionalizar, tampouco formar crianças e jovens guarani na escola. A querem, mas não querem se institucionalizar. A querem para se ocupar, mas permanecerem livres do que pode roubar a curiosidade, a autonomia, a observação, em suas palavras, o apreço pela palavra e escuta, o respeito pela sabedoria dos mais velhos. Querem poder manter a possibilidade de criar de modo particular, das crianças imitando os irmãos mais velhos, nos explica.

Mignolo (2005) nos fala da capotagem sem volta que experimentou o povo das Américas, como quando perdemos o controle do carro em uma guinada radical e ele segue até parar com as rodas viradas para o céu e o teto no chão. Nos traz:

Estou falando de sociedades sugadas da sua essência, culturas pisoteadas, instituições minadas, terras confiscadas, religiões arruinadas, magníficas criações artísticas destruídas, *possibilidades* extraordinárias aniquiladas ... Estou falando de milhares de [mulheres e] homens arrancados dos seus deuses, da sua terra, dos seus hábitos, da sua vida – da vida, da dança, da sabedoria.

Estou falando de milhares de [mulheres e] homens em quem foi astutamente incutido o medo, que foram ensinados a ter complexo de inferioridade, a tremer, a ajoelhar-se, a se desesperar e a comportar-se como bajuladores ...

Estou falando de *economias* naturais que foram destruídas – *economias* harmônicas e viáveis – adaptadas à população indígena – de plantações destruídas, da introdução da desnutrição permanente, do desenvolvimento agrícola direcionado somente em benefício dos países metropolitanos; da pilhagem de produtos, da pilhagem de matéria-prima. (Mignolo, apud Césaire, 1955).

Os guarani, em sua bravura e poder difícil de medir, resistentes ao nível do indestrutível, o que eles se recusam a entregar é a verdade, a alma, o que não mente e, quem sabe, após todos estes séculos, termine por ser o que nos retornará como possibilidade de abrir alternativas de reencontro com elementos da vida sensível, do próprio homem ocidental.

Ao final de sua tese de doutorado, Maria Aparecida, em 2005, nos traz em um recorte, o que serviria de símbolo que daria forma a alguns dos desejos mais importantes que se colocam no horizonte de todos nós. Trata-se da *metáfora do enxerto*, apresentada por Danielle Mitterand no Forum social mundial daquele mesmo ano. Maria Aparecida diz como vê em ato, a todo momento, as raízes da América com força e coragem, que seriam profundas e a terra as guardaria, com reconhecimento e cuidado, fecundando-a. Estas aguardariam o momento e as condições propícias e, então, novamente se visibilizariam. Nos oferece a metáfora do enxerto, como modo de rostificarmos o que desejamos que possa a vir acontecer com as culturas em nossas terras, que venham a ter condições de, florescer e frutificar, como diz, fortalecendo-se e respeitando-se lado a lado.

Danielle Mitterand conta que há trinta anos havia plantado uma pereira em seu jardim e que esta dava frutos todos os anos. Diz, então, que teria notado recentemente, que uma planta brotava junto ao tronco. Rapidamente teria feito uma hipótese de que algum passarinho teria colocado ali sementes, ocasionando o enxerto. Chamando um biólogo para estudar o caso cuidadosamente, este lhe teria revelado que se tratava das raízes de um marmeleiro, árvore forte, propícia ao solo e clima locais, tendo tido, assim condições de suportar às interpéries e sobreviver ao tempo. É assim, conta ela, que aquela árvore e a que ela mesma havia plantado, passaram, a crescer e conviver ambas em seu jardim.

Com Lévi-Strauss

Em *Tristes trópicos*, ele nos diz que na América algo da paisagem, se inverte. O céu passa a ser o lugar das formas e volumes. A terra, nos revela a imprecisão das primeiras eras. E nos conta como, em sua memória, o Brasil permanece, em pensamento, como cheiro de perfume queimado.

Das ideias de que aqui não teríamos mais índios, às estratégias de desmantelamento operadas pelos colonizadores e de efeitos ainda tão recentes, somos levados, assim como em *O pensamento selvagem*, ao cuidado de, nem sequer cogitarmos mais, a hipótese vulgar de que a magia, como diz, consistiria em uma forma tímida e balbuciante da ciência. Estaríamos, neste caso, perdendo a possibilidade de compreensão e nos entregando ao reducionismo.

De lógicas e formas independentes, caberia a nós perceber os diferentes modos de pensamento, enquanto paralelas e desiguais, passando, é claro, pela evidência da história ainda tão curta da ciência no horizonte das produções humanas do lado do sensível e da intuição. Deixa bem claro que no pensamento mítico, que trabalha por analogias e aproximações, os significados se transformariam em significantes e vice-versa.

Na passagem que nos traz de seu informante no povo Bororo, situa a genialidade da dimensão da verdade e sua impermeabilidade, quando tratada enquanto algo superficial e menos importante.

Seu tradutor bororo, de trinta e cinco anos, era fluente em português e já havia dominado a escrita, uma vez que havia sido instruído em uma missão. Conta, então, que os padres, orgulhosos de seu feito, decidiram enviar o homem a Roma e proposto a ele casar-se, em seu retorno, dentro da modalidade cristã, deixando de lado sua tradição. O resultado, gloriosamente à altura da intervenção, teria sido uma aguda crise espiritual. O sujeito, somente teria se recuperado, através de um velho ideal bororo. Tendo passado a residir em Quejara, com vida exemplar, totalmente nu, todo pintado de vermelho, nariz e lábio perfurado, emplumado. Conclui o autor. Ter-se-ia revelado, nos desdobramentos da história, um maravilhoso professor de sociologia bororo.

Em quantas dimensões, ainda que detalhes, sintomas, dificuldades de aprendizagem, equívocos em lidar com o semelhante e conosco mesmos, ainda

encerrariam, em nossa mente mestiça, resquícios de um bororo em crise? Estaríamos totalmente independentes do índio dentro de nós? Ou ele ainda nos traria algumas dores?

Em algumas passagens sobre estratégias de desarticulação cultural, nos traz: os bororo, assim como outras etnias, como a próxima a nossa realidade aqui platina, kaingang, trataria da exogamia através do sistema das “metades”. Um grupo possui duas linhagens, os integrantes de uma somente podendo casar-se com a oposta. Isto regularia as trocas. Esclarece que há ciúmes, rivalidade e orgulhos em meio as duas metades, no entanto, que funcionariam como se fossem dois times de futebol. Utilizariam suas estratégias, ao invés de buscar contrariá-las, para calcular o placar pelo grau de perfeição e generosidade que cada um conseguisse alcançar. A pergunta que gira em torno da obra é se seríamos ainda humanos o bastante para compreendê-los.

Dito isto, o aspecto seguinte se refere às táticas dos salesianos para captar a estrutura e lógica daquele povo, com vistas a localizar um modo de convertê-los. Uma das mais elementares, teria sido trocar a aldeia de lugar e enfileirar as casas. Desorientados nos pontos cardeais e na planta que lhes fornecia as direções, perdiam o sentido das tradições, sistema religioso e social.

O autor também nos faz recordar das estratégias de depositar roupas infectadas de varíola nas trilhas percorridas pelos indígenas, da quantidade dos mortos e dos tantos outros refugiados em suas invisibilidades. Lembra, igualmente, do que a rala experiência de civilização deixou para os kadiuú: roupas, machado, faca e agulha de costura. No mais, descreve, teríamos o fracasso. Diz que construíam-lhes casas e eles permaneciam fora delas, colocavam-nos em aldeias e eles seguiam nômades. Quebravam as camas para fazer lenha, dormiam no chão. Os rebanhos bovinos pastavam ao leu, tinham nojo da carne e do leite, estrangeiros aos seus hábitos. Deixavam os pilões de madeira mecânicos apodrecerem. Nos entregavam nas mãos, conta, além da poesia e imagens genuínas, a realidade de que após terem sido desconsiderados enquanto risco real, tornaram-se objetos de desinteresse.

Os esforços dos profissionais, também na atualidade, que tratam da realidade indígena, seriam de isolar em meio à destruição, sabedoria e resistência, pontos de diálogo, possibilidades de trânsito que realizassem alguma rota que não das intermináveis chances de reproduzir violências, talvez não mais com as roupas

infectadas, ou quem sabe, longe das lutas dos fazendeiros e políticos agressores, mas, por exemplo, de pensar o detalhe da sala de aula, do calendário, das possibilidades e sonhos dos jovens, do trazê-los para iluminar um pouco a noite das nossas violências urbanas tão, aparentemente, incontornáveis em tantos momentos.

LÉVIS-STRAUS (2007) nos ensina como tempo e espaço podem se confundir e as diversidades podem manter-se vivas em um mesmo instante, justapondo eras. Diz-se banhado, na realidade, indígena, em uma inteligibilidade densa em que as linguagens se reconciliam, afinal.

Quando comecei as teorias de Freud, pareceram-me, naturalmente, a aplicação ao homem, como indivíduo, de um método cujo cânone era representado pela geologia. Em ambos os casos, o pesquisador é posto, de saída, diante de fenômenos na sua aparência, impenetráveis; em ambos os casos, para inventariar e avaliar os elementos de uma situação complexa, ele deve lançar mão de qualidades delicadas: sensibilidade, faro e bom-gosto. E, no entanto, a ordem que se introduz num conjunto à primeira vista incoerente não é contingente nem arbitrária. À diferença da história dos historiadores, a do geólogo, assim como a do psicanalista, busca projetar no tempo, um pouco à maneira de um quadro vivo, certas propriedades fundamentais do universo físico ou psíquico (p.54-55).

Conta que a loucura da bebida entre os kadiuéu é bastante diversa. Eles, após um momento de excitação, entram em profundo estado de sobriedade e passam, em seguida, a um pranto desesperado. Neste momento, dois outros ajudam o alcoolizado a levantar-se, caminhar, dizendo-lhe coisas afetivas e confortando-lhe. Auxiliam-lhe a vomitar. Em seguida, retornam todos aos seus postos e continuam o ritual. Assinala o quanto a suposta decadência que presenciava em alguns momentos, fazia oposição à manutenção dos costumes.

Ele nos adverte que o conjunto de hábitos de um povo, forma um estilo e que estes, por sua vez, formam sistemas. Os quais seriam em número limitado. Seriam agrupáveis em categorias, como em uma tabela de elementos químicos. Assim, os sonhos, os delírios, os jogos, os mitos, as psicopatologias seriam organizáveis em classificações.

Certamente que dos sonhos, teorias e manifestações da alma dos indígenas, somente eles podem nos ensinar e quando lhes interessar. Sigo acreditando que, se de um lado, nunca foi o caso de terem precisado de teóricos fora de seus costumes para lidar com suas emoções, certamente, não seria agora que eles teriam papel fundamental. No entanto, do mesmo modo que os especialistas na educação em povos indígenas, historiadores, antropólogos e tantos outros, têm podido servir de intérpretes, pontes e trilhas para trocas entre as diversas culturas, não consigo imaginar como poderia a psicanálise, em algum momento, não fazer parte destas leituras e aprendizagens.

Lévi-Strauss nos confessa que os kadiuéu, os índios cavaleiros, pareciam a ele como as figuras do baralho de Lewis Carroll e sua Alice no país das maravilhas. Sua arte, tão rebuscada, pergunta-se, para que a produziam. Fala então da dignidade de seres humanos, da passagem da natureza à cultura, do seu modo de fazerem diferenciarem-se as castas, de sua sociedade complexa. Pois ela teria uma função sociológica. Eles teriam muitas preocupações com a etiqueta, sobretudo no âmbito dos casamentos e nascimentos, raros.

Elabora, assim, a comparação entre uma aldeia bororo, suas questões com a exogamia e a preocupação do desenho kadiuéu. Diz que, neste último caso, não tendo podido eles, resolver algumas de suas contradições sociológicas, se puseram a sonhá-las, em sua arte.

Não de forma direta que teria se chocado com seus preconceitos; de forma transposta e na aparência inofensiva: em sua arte. Pois esta análise é correta, teremos, em última instância que interpretar a arte gráfica das mulheres kadiuéu, explicar sua misteriosa sedução e sua complicação, à primeira vista gratuita, como o fantasma de uma sociedade que procura, com uma paixão insatisfeita, o meio de expressar simbolicamente as instituições que poderia ter, se os seus interesses e suas superstições não lhes impedissem. Adorável civilização, cujo sonho as rainhas contornam com suas pinturas faciais: hieróglifos que descrevem uma inacessível idade de ouro que, à falta de código, elas celebram em seus adereços, e cujos mistérios elas desvendam ao mesmo tempo que a própria nudez (p. 186).

Capítulo 7- Quando a dívida vira dádiva- encaminhamentos finais: projetos

Quando da vinda de José Zubermand à Escola de Estudos Psicanalíticos, em Porto Alegre, em julho de 2012, ele nos falava sobre a travessia do fantasma, missão de uma análise, por excelência. O fantasma, como convencionou Lacan (2008), é a estrutura mítica, cena, através da qual, o sujeito se organiza para tentar dar conta das questões maiores da existência: o sexual e a finitude. A travessia desta estrutura simbólica, em um tratamento, é seu objetivo maior, de modo que o analisante possa deparar-se com as bordas de suas possibilidades e desejo.

O autor, para nos situar em uma metáfora, o conceito, contou que Jorge Luis Borges escreveu que amava a língua inglesa. No entanto, seguindo, dizia que o que teria cabido a ele, teria sido, o espanhol do Rio da Prata.

A travessia do fantasma, implicaria em chegar nesta castração simbólica, que coincidiria, nas palavras de Zubermand, com o colocar em funcionamento a *usina do desejo*.

Uma das perguntas que situo aqui é sobre que engrenagens parecem ter colocado ao longo dos encontros trazidos, uma usina do porte da que se apresentou. Ou seja, o que estes encontros nos ensinam sobre o lugar da ancestralidade em nossa cultura e as consequências da possibilidade de tomar este tema e as aprendizagens com ele, no âmbito da clínica e da educação.

Como nos dizia Gabriel Balbo quando de sua vinda mais recente em nossa cidade, o elemento voz é, por excelência, o elemento da dimensão da ancestralidade, o mais arcaico, aquele do surgimento e representação do que se refere ao alheio e à aparição do si mesmo, de um lado. De outro lado, é também na voz grave que se tem notícias do paterno.

A possibilidade de ter caminhado tantos anos com profissionais da voz, da música e do ambiente das atividades com os primórdios da vida, dos bebês, trouxe instrumentalização algo interessante para as produções atuais. Pensar no detalhe a entrada em uma cultura tão nova, em uma língua, em novas vivências psíquicas, é algo que se beneficia de uma experiência como aquela do *Projeto Música para Bebês*.

Do mesmo modo, não apenas ter alguns recursos para pensar a entrada dos não indígenas nas aldeias, como dos indígenas em outra cultura e os desafios para ambos os lados, envolvendo diálogos, buracos transculturais, impossíveis e o que viabiliza que o possível também se dê, é algo que se refere bastante a compreendermos mais sobre as células mínimas que engendram a etiologia das trocas, as sementes e recursos necessários, assim como minúcias psíquicas cruciais para que estas construções ocorram.

Ter condições de pensar sobre o psíquico em constituição em novos encontros e linguagens, é assunto fundamental quando temos no entorno de um trabalho, seres humanos que passam a conviver com uma cultura tão diferente da sua, além do agravamento e delicadeza envolvidos na cena, tendo em vista as particularidades sócio-históricas. Deste modo, poder estar atento a como estes processos de aproximação se dão, que tipo de dificuldades se colocam e construir caminhos facilitadores, é assunto sério e para psicanalista.

Leituras das particularidades psíquicas tanto do lado dos indígenas, quanto dos impasses, desafios e resistências do lado dos não indígenas nos trabalhos, acreditamos que pode ter utilidade. Pensar, por exemplo, em como intervir a afetar os espaços urbanos com a cultura e sabedoria indígena, instrumentalizando colegas, professores e demais pessoas para trocas mais efetivas, é, por excelência, um trabalho de sensibilização, antes de qualquer coisa.

Novamente, as aprendizagens sobre o que, na experiência do novo humano, pode lançar lastro, raiz para que novas representações germinem, neste caso, conceitos e entendimentos, tornam-se, também, ferramentas valiosas. Do lado do espaço urbano, certamente, o que está em jogo é um *musicalizar* em América. É preciso formular planos de encontro em que se possa tocar pontos, para que lógicas seculares de olhar e compreensão se alterem em função de novas visões oferecidas. Para isto, não basta informação e muito menos campanha.

Informação é fundamental, mas o que opera efeito de aprendizagem, surpresa, sensibilidade, precisa passar por registros não apenas do papel, publicidade ou seminários. Afinal, será que algum sul-americano desconhece, cognitivamente, o que se deu com a chegada dos europeus? Então, por que a cegueira da reprodução de

violências nas aulas de história, nas declarações de identidade, no modo como tratam os povos originários?

O que faz marca psíquica, memória, sentimento, sensibilidade e chances para a empatia com o semelhante, precisa passar, para tanto, por processos específicos das trocas humanas, os quais, em minha opinião, necessitam ser pensados e planejados cuidadosamente, com vistas a maiores possibilidades de eficácia. Neste caso, os bebês e a clínica nos ensinam que, fora do fenômeno do transitivismo, das construções rítmicas e com particularidades de qualidade, pouco pode se alterar nos modos de olhar e pensar que um ser humano possui.

Há que se interrogar, neste caso, dada a gravidade social e histórica de alguns dos nossos problemas nos quais nos aproximamos aqui, como as equipes que possuem condições de entender bem e a fundo nossa memória cultural e consequências sociais, podem funcionar de modo a colaborar com as formações em educação dos profissionais e alunos.

Portanto, pensamos que leituras atentas das posições subjetivas, do modo como nossa história é tratada, assim como, sobre as possíveis consequências e riscos da reprodução indefinida das mesmas, no âmbito social e da aprendizagem, assim como da psíquica de modo geral, são o caso de considerarmos a colaboração do campo da psicanálise.

O trajeto pelos caminhos da *antropologia do nascimento*, tampouco poderia ter tido mais afinidade com as questões que se alinham no horizonte em seguida. A temática em questão, se em nível já grave, enquanto problema de saúde pública, transborda para diversas dimensões, incluindo aspectos com a ancestralidade, preservação da espécie, a questão da família e/ou trocas humanas e coletividade, constituição psíquica e devidas consequências no campo da aprendizagem, uma vez que também e, principalmente, está em questão o saber e a formulação das teorias sexuais infantis.

O que os profissionais e famílias envolvidas com a humanização do nascimento nos ensinam é que algo muito violento não apenas ocorre com a dimensão da ciência em termos mundiais, mas também que, em nossas terras, adquiriu portes assustadores. A substituição da dimensão do saber e das tradições, pela tecnologia e os interesses

financeiros, esvaziam, pouco a pouco, de substância humana, as vivências em torno dos temas da saúde, cura, compreensão do sofrimento e da alegria das trocas.

Eles trazem, também para o campo dos trabalhos com os diálogos entre povos originários e urbanos, mais uma justificativa sobre a importância das articulações dos profissionais da saúde e educação acerca destas dimensões do saber, tradição, construções no nível do corpo e sua ligação com os fragmentos de verdade histórica. São, inequivocamente, os povos com maior contato com a dimensão da ancestralidade que mais podem nos auxiliar a compreender sobre a sustentação destes lugares, nos quais o simbólico triunfa tão poderosamente, quanto podemos ver, no caso, por exemplo, da cultura mbyá-guarani e os desdobramentos explícitos nos modos de viver, comportamentos humanos, respeito à natureza, desejo de saber e maneira de lidar com a linguagem e a lei.

Os povos indígenas, são, neste caso, inclusive, referências em potencial, as quais, podemos e devemos recorrer, não apenas para nos socorrermos quanto aos nossos problemas com o saber, a ciência, as aprendizagens, os sintomas, como eles mesmos nos instrumentalizar para evitarmos de passar por cima de elementos tão sagrados quando do oferecer colaboração para estes mesmos povos e todos seus descendentes, nós.

Se eu pudesse arriscar, neste momento, uma primeira resposta à fala do Cacique que certa vez me dizia que teríamos que construir trabalho para mim naquela comunidade, assim como para os guarani, eu diria que uma das rotas para pensarmos em breve em percorrer, seria de trazermos integrantes das comunidades indígenas para ensinar sobre suas sabedorias em ambientes na cidade que tratem da educação e saúde. Consultores guarani, por exemplo, seriam elementos poderosos e geniais e que muito poderiam fazer pela vida urbana americana.

A riqueza das falas e vivências, experimentadas pelos poucos não indígenas que frequentam as comunidades indígenas, e que veem suas vidas tão transformadas por estas aproximações e aprendizagens, poderia, neste caso, ser algo ampliado, assim como edificariamos, deste modo, mais possibilidades de trocas e trabalho e produção de sabedoria.

Que consequências será que teríamos, se os profissionais da cura, da educação e das artes, por exemplo, tivessem possibilidade de ouvir os conselhos de ancestrais de nível de existência tão raro e elevado? E as crianças não indígenas, no que será que se modificariam, se algumas vezes na vida, tivessem a chance de escutar um sábio?

A experiência que apresento neste trabalho nos ensina, primeiramente, que o encontro com uma realidade diversa e multimilenar pode causar descentramentos, surpresas e, caso estejamos com disponibilidade para deixá-los marcar nossas trocas, corremos o risco de aprender de tal modo sobre outras lógicas e sensibilidades, que transformações no modo de viver e enxergar, podem ser irreversíveis.

Se a exposição a outra realidade de pensamento acerca da dimensão do corpo simbólico, saúde e higiene, são questões grandes quando refletimos sobre nossos impasses culturais atuais, contrapô-los no caso à realidade indígena, poderia ser um excelente dispositivo que, além do aspecto poderoso da dimensão da ancestralidade que este acarreta, pode, juntamente, dado o sucesso multimilenar de muitas destas perspectivas, nos interrogar sobre a importância e lugar de alguns dos métodos científicos ocidentais que temos.

Do lado dos cuidados com a saúde, por exemplo, a possibilidade de escutar e aprender com outros pontos de vista, pode trazer o risco, se não da alteração dos métodos, no mínimo de sensibilizar para aspectos humanos envolvidos nestes cuidados. A chance de evidenciar alguns dos efeitos destes outros modos de pensar, pode, por exemplo, oportunizar refletir sobre as consequências destes outros modos de ensinamento na constituição psíquica, inteligência, desejo de aprender, recursos para lidar com o semelhante e consigo mesmo.

Uma realidade não tão esterilizada, um corpo não tão conhecido, como nos mínimos detalhes de uma máquina, trocas humanas colocadas em primeiro plano, regadas à autonomia e coletividade, podem introduzir ou reintroduzir o valor, por exemplo, de aspectos já caídos em desuso, como do estar junto, do sucesso de muitas situações, graças aos laços de amor e confiança, do lembrarmos o poder que a hipótese e as palavras, assim como o modo como o profissional encaminha o processo com seu paciente, por exemplo, podem ter.

Acreditamos que aproximações dos profissionais da saúde da cultura urbana com a sabedoria indígena, poderiam interrogá-los em sua dimensão humana e, por tanto, simbólica.

Assim como os professores da área da educação física, através da disciplina da “história da educação física”, puderam estabelecer trocas e também se beneficiar deste encontro tão raro, em outros cursos ligados aos cuidados com o humano, poderíamos promover momentos de diálogo. Os indígenas só tem a nos ensinar. Além disso, os não indígenas também poderiam oferecer algo em troca.

Os fatos aqui trabalhados se, de um lado, nos trazem possibilidades para pensarmos a dimensão subjetiva, suas conexões constantes com o social e da circunstância, de outro nos parecem, por excelência, elementos para pensarmos as práticas de cuidado com o humano, incluindo a clínica psicanalítica, assim como a educação.

Podemos realizar diálogos, leituras e aproximações entre o campo da psicanálise e o dos povos indígenas, traz, para o lado clínico, a chance de testemunharmos outras lógicas de saber, que muito têm para lançar luz sobre as origens, por exemplo, dos impasses, sintomas, saídas psíquicas ocidentais, assim como, quem sabe, nos indicar outras.

Quando temos a oportunidade de entender que, na mesma realidade em que a tradição e respeito ao ancestral, praticado multimilenarmente, assim como toda uma valorização da dimensão das vivências corporais e de contato com a natureza, assim como da minimização do aspecto dos objetos, são o mesmo local em que as crianças são tranquilas, raramente se acidentam, cuidam dos animais, ouvem os mais velhos e desejam aprender e o fazem com alegria e doçura particulares, então, temos aí um achado sobre a dimensão psíquica.

Os indígenas nos mostram, de saída, que o distanciamento da cultura ocidental e industrial, destes elementos que eles sustentam em seus cotidianos, podem ter implicações severas em termos de ordenamento, constituição e funcionamento mental. Também, quando nos situam tanto a dimensão da coletividade, das crenças que passam por outros valores que não da ciência que se pretende imparcial, como do cuidado com a palavra e o silêncio, com o tom de voz, evidenciam que estes elementos estão repletos

de importância para a construção de um humano com recursos para bons níveis de formulações simbólicas.

No entanto, além de nos abrirem caminho para visitarmos este outro universo de valores e questões, situam, tão importantemente quanto neste caso, o fato de que toda esta cultura multimilenar e deslumbrante é também não somente origem em nossas terras, como interminável retorno, assumido ou não.

Deste modo, havendo, todos nós, este marco sobre estes antepassados, temos a oportunidade, não apenas de aprender, como é importante sempre, mas nos dedicarmos a retomá-lo, nos aprofundarmos em buscar capturá-lo, entender seus caminhos de eterna presença e crucial relevância no que se refere à possibilidade de reconhecê-lo em seus relevos no espaço, da língua, nos traços do corpo, hábitos, dificuldades e heranças de modo geral.

Estar atento a esta dimensão na realidade clínica, por exemplo, quando do surgimento destas outras lógicas de pensamento e manifestação psíquica, é assunto inquestionável. Poder construir modos de acolher, escutar e intervir diante disto, é da ordem do compromisso e responsabilidade. Estar sensível não apenas a esta possibilidade como abrir caminho para aprender com estas outras lógicas e criar maneiras clínicas de trabalhar com elas, é um dos convites que faço aqui, do aprendermos com o outro a partir da lógica que ele mesmo nos apresenta.

Explicar mitos indígenas pela lente dos brancos, tratar dificuldades de um indígena-descendente com o dinheiro pelo prisma europeu exclusivamente, aprender mbyá-guarani como se fosse aula de inglês, é o que jamais podemos cogitar fazer.

Este, evidentemente, é um viés de entendimento que muito serve para a clínica, se é que há outra posição tão radicalmente ética, que esta do aprender, reconhecer a diferença, testemunhar pontos de vista e legitimá-los, como modo, inclusive, de promover a cura.

Olhar para a genética psíquica indígena em todos nós, nos deslumbrarmos com a insurgência desta nos detalhes das pessoas que vêm nos falar, nos lançarmos a aprender com estes eternos ancestrais que nos retornam, inicialmente pareceria colaborar com o outro, mas a Onça vira, e encontramos a nós mesmos.

É muito diferente olhar para o semelhante, para as terras, para a clínica, com o vetor da ancestralidade fortemente posicionada ou fazê-lo vetorizado por outros equívocos.

No entanto, organizar a mistura de referências, de heranças, de paradigmas, como lançar mão de um referencial judaico-cristão para ouvir indígena-descendentes ou os próprios, por vezes, se não quase sempre, nos faz precisar recorrer urgentemente à sabedoria da América, para resolver tamanho conflito ou desafio de lidar com a contradição.

Os povos ameríndios, cujas habilidades mais altas envolvem aquela de lidar com a dimensão da contradição, podem nos estender a mão para colaborar com esta dificuldade também. Fagocitam a cultura dos que chegam, usam celulares, aprendem outras línguas, celebram com outros povos. Mantém suas tradições, preservam seu idioma, o lugar dos ancestrais e, muitas vezes ou todo tempo, sim, quando uma gravidade se coloca e a medicina ocidental pode ajudar, aceitam ser ajudados por ela, assim como vão ao supermercado na floresta da cidade e utilizam uma geladeira, uma vez que nos dias de hoje, a caça se dá de outros modos.

A particularidade do laço, das trocas, da confiança e do respeito por estas dimensões, o desejo de reverenciá-las, parece ser o segredo e a senha para que algumas destas portas se destranquem. Acredito que haverá sempre infinitas outras, cujo melhor destino é deixá-las misteriosamente desconhecidas.

Tenho um sentimento extremo diante dos que vêm me falar sobre suas vidas, em parte, próprio da estrangeiridade que não pode não nos exilar nos limites da insocorridade, desejo e finitude, os impossíveis de cada um. Para isto temos todas as formas da cultura, como nos situa Kristeva (1989) em relação à estética do sublime que teria dentre uma de suas intenções ou a principal delas, a de tentar dar conta da dor do estarmos para sempre separados do outro.

Neste sentido, todos que nos chegam à clínica são falantes de língua estrangeira e os buracos de diálogo transcultural são mais regra do que gostaríamos, muitas vezes. Resta-nos, como sempre, o significante, a cumplicidade, a confiança, a transferência, o estar junto, o respeito à autonomia acima de tudo, assim como, à dimensão terceira. Em

parte, somos todos aldeados em nossos indizíveis particulares, misteriosos e sábios, também se souberem nos ouvir.

As técnicas dos tratamentos que não possuem a dimensão do significativo bem posicionada no horizonte, a falta de tato ou as falhas humanas, podem muito bem funcionar como invasores, por vezes, dizimando possibilidades de subjetivação. Aliás, nossa história com os povos indígenas, absolutamente tem a nos ensinar sobre o que pode ser, no detalhe, a violência com o semelhante, que não é outra se não no elemento do saber.

Aliás, o que será que nos protege da catequese e aniquilamento da alma do outro e nos lança em uma experiência de sucesso do encontro? Que evidências, que fatos nos indicam que estamos bem posicionados em relação à subjetividade dos que nos chegam ou dos que visitamos em suas comunidades? E o que dizer, então, das vivências no campo da educação?

O psicanalista, na América, descendente direto do sacerdote feiticeiro de Eduardo Galeano, que é invocado quando a pessoa aturdida, que adoeceu, porque em um tropeço perdeu sua alma, e então balbucia e chama o guardião dos cantos sagrados, este, se põe a procurá-la para devolvê-la ao seu dono porque assim, novamente poderá viver. Com muita calma e ouvidos muito abertos às minúcias do choro e sussurros da alma perdida, o psicanalista atento e na imensidão da floresta, onde vaga a alma errante, percorre os rastros muito silenciosamente até cumprir sua missão.

Assombrosa força de vida, nos diz o autor, é isso que a alma nos confere. Fora isto, ou a perdemos em um susto ou com os maus ares, ou quem sabe, com um terrível olhar ou até desejos mortíferos, ou porque precisamos nos limpar. Em algum ponto destes a perdemos, então precisamos ser socorridos por alguém *que saiba* curar-nos, de modo a termos nossa força de vida de volta.

Quando a alegria profunda, o riso, a tranquilidade e a disposição brilham em nós, outra vez, somos capazes de dormir, comer e nosso corpo funciona, então, algo se encaminhou bem.

Infinitas são as teorizações do lado ocidental e indígena sobre como uma alma adoece e como se cura. Aprofundar e aproximar estas metáforas, é um dos desejos que se abrem no final deste trabalho e proposta de continuação para os próximos projetos.

Tenho certeza de que poder apreender expressões de linguagem, compreensões de rituais, práticas culturais e mitos ameríndios, são caminhos que podem trazer maravilhas para nomeações e diálogos no campo da clínica.

Sinto como se tivéssemos uma timidez em relação a nossa ancestralidade, mas que quando alguém a reapresenta com os devidos posicionamentos, não sei ... mas aposto que algo ecoa e retorna. Nesta experiência de um ano, as pessoas do meu entorno, das mais diversas, invariavelmente responderam com sensibilidade. Claro que em algumas a resposta vem com mais força, mas pareço sempre localizar, e ainda é cedo para arriscar falar disto, mas pareço sempre localizar um momento de intervalo, silêncio e olhar que muda de clave, quando falo no povo guarani, por exemplo, onde quer que eu esteja.

Certa vez, nas proximidades de uma das aldeias, eu aguardava um ônibus para retornar para a cidade. Um homem não indígena, vizinho à comunidade, quando me ouviu dizer que trabalhava com os guarani, se limitou ao comentário: “gente muito reta”. Em outras ocasiões, senhoras das proximidades dali também confirmavam sobre a tranquilidade e segurança da vizinhança. As crianças não indígenas, quando passam pela estrada, do mesmo local e encontram as crianças guarani, costumam acenar e exclamar: “amigo”.

Uma de minhas apostas é que todo este coração indígena que creio, temos um pouco encoberto, ainda possa engrandecer nossas almas ou trazer de volta partes dela que andaram se perdendo nos séculos mais recentes. Quem sabe então ... recobramos ainda mais nossa força vital.

No que se refere ao trabalho exclusivamente nas comunidades, temos propostas específicas já se encaminhando e algumas formulações sobre um lugar possível para um profissional da área da psicanálise, que sinaliza chances de construção. Costumo pensar e dizer que um psicanalista em uma comunidade indígena pode funcionar como um *ouvido sensível*. Participar do cotidiano da comunidade, como parte de seu contrato de trabalho, e respeito e coerência com as lógicas ali existentes, é, certamente, um recurso valioso.

Como encaminhei alguns capítulos atrás, o *estar*, *contemplar*, o *contato com a natureza*, são peças chave para começarmos a estabelecer laços de troca, afinidade e

cumplicidade uns com os outros, neste caso. Os diálogos tão atravessados pelas características culturais desta situação, como a do silêncio, das linguagens dos gestos e dos mistérios e invisíveis que fazem parte do modo de ver o mundo ameríndio, são dialetos que não apenas é preciso aprender, como, evidentemente, ter bastante em si para destinar-se a uma realidade com estes detalhes. Logo a questão do idioma se coloca e este, evidentemente, é um ponto crucial para avançar nas edificações e aprender.

Ainda que infinitos projetos possam ser criados, é claro, que, como no que se dá nas demais trocas humanas, da educação, da clínica, social e na intimidade, o que define que as portas se abram é a dimensão desta afinidade, do amor, pois como nos diz Ana Luisa Teixeira de Menezes, sobre a dança e o povo guarani, *a gente só vai com quem a gente ama*. É o particular, os detalhes de afinação em cada minuto das trocas que vão determinar se o laço continua ou não, se o diálogo vale a pena, se o desejo continua.

Dispor-se, ocupar algo deste lugar de alguém que está ali para sentir, ouvir, estar com eles, aprender e se engrandecer com aquela possibilidade rara e de transmissão também cultural, parece-me um primeiro passo determinante das chances de um profissional começar a pensar em um trabalho com uma comunidade. Em seguida, corações pulsando forte de ambos os lados, profissional e comunidade, é arregaçar as mangas e mil anos de trabalho!

Penso que algumas horas na semana para estar com a comunidade e estar disponível, para que os assuntos mais diversos, vindo radialmente de todo e qualquer lado possam surgir, é momento crucial para que alguns dos pedidos que depois viram mais laço ou projeto tenham espaço para se apresentar. Na minha experiência, é nestes momentos em que muitos ensinamentos culturais e aprendizagens se dão nos fazeres, silêncios, gestos e detalhes de convivência, e que temos grandes oportunidades de nos conectarmos com dimensões menos cognitivas uns com os outros e sabermos da existência própria de magníficas surpresas dos encontros de alma que nestas horas se exacerbam.

O ambiente da aldeia é extremamente sensível ao desejo e disponibilidade do profissional, assim como a clínica urbana também o é. Quando ali nos dizem que não se marca hora, é porque não concebem fazer nada que não venha do coração. Além disto, há momentos mesmo em que não é possível simplesmente interromper e se tornam

necessárias mais horas e sensibilidade para evitar que algumas quebras se deem em meio a atribuições culturais de sentido, por vezes, bastante diversas.

Os momentos de algum desencontro, incompreensões, ruídos e menor luminosidade podem acontecer e trazer angústia, principalmente quando estamos iniciando e nos habituando com as transferências, todo o universo em questão e também tudo o que dele repercute dentro de nós. E então, como logo de saída me disse o Cacique Cirilo e, me parece é ponto muito forte no modo de pensar guarani, é preciso se esforçar, para tudo é preciso fazer força, nada na vida é fácil. Invariavelmente quando retornamos na vez seguinte, mil outros universos se abrem, surpresas boas e caminhos novos se apresentam e, rapidamente aprendemos, que ali, como me perguntava sobre o que seria, há muitas páginas, há algo que não fracassa. Não sei realmente o quanto consigo transmitir com a escrita para quem não convive com a realidade guarani, por exemplo, mas existe esta dimensão, ali há um algo com a dimensão simbólica, da alegria, do encanto, do que se resolve, da invenção, que sempre acontece. Ali, acontece.

Tenho a impressão de que a civilização guarani, tão antiga, tão viva de lei e dignidade, tem muito pouco da dimensão do mal-estar que conhecemos no ocidente.

Aliás, já há intervenções sendo feitas em termos de levarem uma criança não indígena, por exemplo, com dificuldades emocionais, para viver algumas semanas em uma comunidade indígena, tendo tido como resultado, efeitos importantes.

Certa vez, em uma reunião com profissionais da área da saúde ocidental, ouvi um guarani sussurrar: *Juruá só fala de doença.*

Pois o diálogo entre estas culturas tão diferentes que dividem espaços tão próximos, por exemplo, no campo das teorias médicas, é um dos planos para os próximos encaminhamentos. Uma vez tendo tido a oportunidade e autorização para acompanhar as reuniões da comunidade com os médicos e enfermeiros que ali atendem, semanalmente, construir laços de trocas de ambos os lados, aprender, assim como pensar junto sobre os intermináveis impasses que surgem a cada linha, é, com certeza, um viés de trabalho que não pode ficar de lado.

O que fazemos com nossas diferenças e desejos de construir e colaborar, assim como compreender sobre os limites destes diálogos, aprendermos com ambas as lógicas e traçarmos caminhos, inclusive, quem sabe, para acessar, por exemplo, mais

profissionais da saúde ocidental, não apenas para que se engrandecem, mas para que se instrumentalizem para atender os indígenas que chegam aos hospitais e postos de saúde, eventualmente. Uma das ideias, neste ano de construções iniciais que tivemos, mais frequentes, foi de construir rotas de encontros e circulação, por exemplo, pela cidade.

Este plano, já existe, então, em diálogo com a diretora e professores da escola Anhetengua, para que pensemos em realizar atividades com membros da comunidade de visitas, por exemplo, aos lugares mais diversos, desejados ou úteis para seus cotidianos. Hospitais, lojas, centros de estética, espaços culturais são alguns dos já cogitados.

Uma das últimas ideias ocorridas no final de 2012, foi de estabelecermos um projeto com o SENAC Beleza e convidar as mulheres e jovens da comunidade para irem receber tratamentos para os cabelos e unhas. Ao fazer um primeiro contato com os profissionais, o efeito era impressionante. Mostravam-se extremamente alegres, surpresos e emocionados. Uma cabeleireira exclamava: *ah! Tem que ser!*

No entanto, meu plano rapidamente precisou se alterar e teremos que estruturar algo mais longo e com diversos grupos, uma vez que os homens e rapazes da comunidade se colocaram firmemente interessados, de pronto, a irem também, afirmando que desejavam muito fazer intervenções químicas com cores nos cabelos. Então, para 2013, o projeto *Estética, espaços urbanos e trocas nas aldeias*, já está agendado. Cabe salientar que os profissionais que consultei também se interessaram em ir fazer as intervenções na própria comunidade, caso não fossem todas na instituição de origem.

Confesso que esta ideia surgiu, inicialmente, em função dos meus pensamentos sobre a aproximação com a população feminina da aldeia. Realmente, para os tempos atuais, como bem marca o Cacique, é fundamental que as mulheres possam realizar mais movimentos e até mesmo se colocarem como lideranças. Para tanto, escutar esta demanda e encaminhar possibilidades de trocas é assunto sério.

Em algum momento algumas conversas já se iniciaram sobre assuntos femininos, ligados a questões gestacionais. Mas creio que serão necessários mais alguns semestres para que nossas conversas realmente tornem-se mais rotineiras. Tenho a impressão de que são as mulheres que ficam com a parte mais secreta e sagrada dos temas espirituais, ligados ao nascimento, o mistério, a morte. Então, evidentemente, se é

que algum dia poderei ser útil em alguma coisa neste sentido, no mínimo não posso pretender a mínima pressa ou demandar exatamente que me tragam este ou aquele assunto. No entanto, possibilidades de diálogos, acreditamos que sejam bem-vindas para estas questões das trocas, coisas ligadas à formação profissional e circulação urbana, sim podem ser propostas.

Um outro viés que, acredito, seja de interessantes possibilidades para as construções nas aldeias, é da organização de rituais, festas, momentos de celebração coletiva. Costumam envolver discussões sobre o significado daquele momento, modos de pensá-lo, alimentos e suas funções naquela cultura, tradições e formas de lidar com elementos da atualidade e assim por diante. São épocas sempre, também, de chances maiores de trocas com os não indígenas, de pedidos e bastante alegria. Comumente são momentos em que temos a possibilidade de convidar algumas pessoas de fora para compartilhar um pouco da cultura e, invariavelmente, daí surgem novas ideias e parcerias.

Assim o foi este ano, tanto com a questão dos jogos olímpicos, como das aulas de inglês. Em contato com mais colegas da área, tendo me sido indicado um indígena *Terena*, que possui um importante trabalho em sua região, junto, inclusive, evidentemente, aos *Kadiwéu*, deveremos, para este próximo ano, construirmos juntos diálogos e estratégias, dada a sua experiência neste tema específico, para não apenas incrementarmos as atividades esportivas em parceria com os profissionais da educação física, como buscarmos os recursos para uma futura construção de vila olímpica na comunidade, como já existe na comunidade deste profissional que se dispôs a vir nos ajudar nas organizações.

É claro que destas trocas, começam a surgir rotas para mais trocas, visitas e parcerias em locais mais distantes, como um convite, já feito para uma pequena expedição ao Xingu em alguns meses, o plano de visita aos *Kadiwéu*, nas proximidades de Dourados e outros convites para interlocução com educadores e educadores musicais em Roraima. Nesta perspectiva também estão os convites para trocas no México e Colômbia.

As atividades em língua inglesa demandarão estruturar no próximo semestre que estagiários, possivelmente, do curso de inglês para indígenas no Instituto de Letras da UFRGS, se desloquem e venham coordenar as aulas na comunidade. Enquanto isso ou

caso não seja possível, ficarei eu mesma responsável por estas trocas com estes conhecimentos. Do mesmo modo, como houve demanda de transmissão de conhecimentos de outras línguas que eu tivesse familiaridade, deveremos entrar em noções de francês e italiano. Não acredito que estas sejam atividades das quais eu deva me ocupar por tempo indeterminado, no entanto, como tenho comigo que são parte importante de nossos laços e a questão da língua pode sempre ser portadora de um universo único, imagino que traga seus benefícios sustentar a experiência. Também compreendo que nesta realidade, o que é absolutamente fantástico, os caminhos se construam muitas vezes assim, pelo informal, pela improvisação, pelo saber mais limitado. É sempre o mundo do artesanal, do particular, do caseiro.

Deve ser por isso que a frase, muito bem recortada pela Prof^a Cida, é uma das que as pessoas que vão à comunidade, por algum motivo, recorrem a ela e concluem com frequência: *parece que é sempre domingo*. E é impressionante como o sentimento é exatamente este, quando lá estamos. Não é fácil voltar para as poluições. Voltar dos distanciamentos. Existe um trabalho subjetivo grande para quem passa a se dedicar a este universo. E é importante pensar sobre isto, porque se isto tem peso para os não indígenas que começaram a frequentar comunidades ameríndias na idade adulta, o que diríamos então dos estudantes indígenas, que decidem ir à universidade urbana, por exemplo?

Participar de outros momentos, em que outros poucos profissionais são autorizados a estar lá para realizar atividades, é também bastante importante e pode ser um espaço para trocas com estes e mais aprendizagens sobre a cultura e as aproximações possíveis. Os momentos, como relatei, das atividades de contação de histórias e jogos com as crianças e jovens, estão igualmente entre os agendamentos para este próximo ano. Quando não é possível estar em todos os dias em que ocorrem, costumamos trocar impressões e conversarmos em outros locais ou mantermos contato sobre os fatos ocorridos de algum modo. Sinto que a possibilidade de contarmos com alteridades que estão vivenciando formatos de experiência semelhantes, colabora com todos. De um modo ou de outro acabamos sempre participando do que outros profissionais ou grupos estão realizando, ainda que, semanalmente, por exemplo, ocorra de não sermos capaz de acompanhar tudo.

A atividade de contação de histórias e trabalhos com a escrita de mitos é muito frutífera para minhas reflexões. A compreensão dos mitos enquanto estruturas que costumam apresentar a dimensão da origem das coisas do universo é, evidentemente, tema precioso para avançar mais na questão das lógicas de pensamento e, portanto, de tudo que ali acontece.

Temos invariavelmente o sentimento de que os mitos indígenas, com frequência, são de difícil compreensão e estrutura que, em nosso modo ocidental de ver, se assemelhariam à dimensão onírica. O que rege as condutas, os desejos, todos os acontecimentos são razões que não conseguimos alcançar, normalmente em nosso entendimento. Por isso, além das trocas e acontecimentos se darem entre pontos do universo de todos os formatos e igualmente desejantes e dotados de poder de ação, parece, mais uma vez, uma nova linguagem cheia de arbitrariedades para quem dela se aproxima. Aprender a receber e compreender os mitos indígenas, assim como os idiomas, é uma questão de imersão, deixar-se marcar e pensar em outras formas de estrutura de razão.

Certa vez, em uma conversa sobre estas diferenças, e o desejo de saber mais, surgiu a expressão, em tom de excitação e maravilhamento: *as histórias são todas muito loucas ...!*

Tenho certeza absoluta de que quando os indígenas nos veem correndo com o relógio, tomando remédios industrializados, estabelecendo metas uma vida inteira e buscando falar sobre elas para profissionais da área psíquica, porque estamos muito conflituados conosco mesmos, eles devem concluir coisas das quais eu nem sei se quero saber algum dia.

A possibilidade de seguir participando das atividades de construção do plano político pedagógico será ponto alto e vértice dos caminhos neste próximo ano. As discussões seguirão, as transcrições das falas do mbyá-guarani para o papel a serem encaminhadas para os devidos órgãos governamentais estão sendo confeccionadas pelos professores da comunidade. Temos um grande compromisso marcado, inclusive, como marcou o chefe da comunidade, uma vez que quem está ali, sente com eles, como eles. *Estamos juntos*, expressão cunhada, desde sempre, pela Prof^a Cida e de tanta importância para todos os momentos e travessias nestes trabalhos.

Do meu lado, evidentemente, o desejo é de aprender, ao máximo, sobre a *Educação diferenciada*, como pensá-la, como colaborar em suas intermináveis construções e também, quem sabe, poder retransmitir algo do que estou aprendendo para outros ambientes, uma vez que a diferença e a mistura, em nossas terras, são fato e motivo de força e orgulho. Quando estiver ao meu alcance, formular alguma leitura e sugestão, desde aspectos psíquicos e pertinentes a minha formação de origem, creio que a isto também se refere meu lugar no grupo. No entanto, de fato, além desta ser a posição que sempre nos cabe, no momento, a condição de quem tem bem mais a ouvir e aprender que cogitar falar, está bastante exacerbada, no meu caso.

Isto, evidentemente, remete a algo específico e claro, um pedido meu de formação e permanência junto ao grupo de profissionais pesquisadores e do cotidiano dos cuidados com o povo guarani. Trata-se de um fato psíquico e de encontro entre mim e eles todos, incluindo os profissionais, que, como bem nomeei recentemente, somente me resta assumir e prosseguir. Há quem diga que é um grande casamento. Eu não saberia localizar expressão melhor.

O acompanhamento de novas parcerias, especialmente daquelas que se derem em função de gestos meus na comunidade, é, de minha responsabilidade, igualmente. Deste modo, por exemplo, realizar o acolhimento dos profissionais interessados em encaminhar atividades esportivas com as crianças, assim como demais desdobramentos já apontados em capítulos anteriores, é parte importante deste lugar que construo neste momento. Acolher, amparar, escutar repercussões de ambos os lados, fazer mais projetos, dar ouvidos às demandas, sonhos, desejos, preocupações, ensinamentos destes todos que decidiram, tão desde o coração, *estar juntos*, inventar trabalho, compartilhar diferenças e maravilhamentos. Fazer outra história. Deixar de lado, um pouco, a *pequena história*, aquela que desreconhece e aniquila e retomar algo da *grande história*, da verdade, do instável, do inconsciente, do poder humano, por trás dos utensílios, como ensina Kusch (2000).

Por fim, um espaço semanal, paralelo às atividades de planejamento e equipes, acredito que é imprescindível um momento em que se possa eminentemente *estar* na comunidade para escutar, como desde o início o foi, as manifestações mais diversas, os sonhos mais surpreendentes, os ensinamentos imprevisíveis, para conviver. Para visitá-los, conversar com os professores e todos, levar algo que tenham pedido, levar erva

mate, fumo em corda e participar de uma roda de chimarrão. Trocar com a natureza, fazer ciranda com as crianças, aprender uma palavra nova, melhorar a pronúncia, rir, nos alegrarmos com o reencontro. Contemplar o universo de fora e de dentro, aprender, quem sabe, a ouvi-lo melhor, e para acima de tudo, e é claro, agradecer.

Em relação às atividades em conjunto com o grupo de pesquisa na universidade, há bastante, também, para encaminhar. Os diálogos já estabelecidos ao longo das convivências até aqui se colocaram com facilidade e tranquilidade. Apesar de uma certa novidade que a presença de um profissional da área da psicanálise possa causar, o grupo é, por excelência, sensível ao universo da subjetividade e, de fato, de excelentes recursos para trocas. É algo semelhante com o que se experimenta entre os indígenas, de modo geral. Há um traço de fina simplicidade, fidelidade à verdade, à ética e ao nivelamento.

Creio que a relevância para ambos os lados de possibilidades de interlocução já está dada. Do lado do que venho construindo, poder receber o conhecimento dos colegas que há muito exercitam seus pensamentos e práticas sobre a realidade dos povos indígenas, é condição fundamental para meu trabalho. Sem eles, costumo pensar e dizer que meus trilhamentos seriam impossíveis. Já, do lado dos professores que estão dia-a-dia com esta realidade tão atravessada por complexidades subjetivas tão severas, parece-me que alguma assistência e instrumentalização em relação ao que presenciam em seu cotidiano e como lê-lo e, por vezes em que pontos intervir e de que modo, é algo, junto ao qual, a área da psicanálise pode oferecer uma contribuição.

Uma das combinações existentes para o próximo semestre, dando prosseguimento aos caminhos das pesquisas e demais práticas, é de confeccionarmos em conjunto, uma estrutura de formação para professores indígenas. Alguns deles, na comunidade, já haviam me sinalizado que havia a incidência de muitas questões e a relevância de que eu pudesse passar a escutar a realidade do que se passa em seus processos de aprendizagem, incompreensões do sistema educacional ocidental para com o ameríndio e demais problemas que surgem, incluindo a pouca quantidade de professores e diversos outros conflitos em função de falhas no sistema governamental para reconhecer e agir legalmente, de modo a dar conta das particularidades fundamentais destas situações.

Passar a pensar em equipe com os colegas da história sobre como trabalhar estas formações, assim como intervir junto aos órgãos legais, é assunto da maior importância e grande campo de construção ainda muito pouco movimentado no sul do Brasil. Dar ouvidos aos professores em formação, testemunhar suas urgências, as dificuldades do sistema e precariedades impensáveis que ocorrem, é um dos vieses de proposta de intervenção.

Também junto aos colegas da educação indígena, surgiu a idéia de começarmos a formar um núcleo de trabalho que se articule com uma proposta de sensibilização em América. Inspirado nas práticas e pesquisas realizadas pela Prof^a Kátia Dickel, junto a escolas indígenas e não indígenas, assim como das adversidades encontradas em relação a professores lidarem com a realidade das crianças e jovens indígenas, passamos a pensar em um diálogo com minha prática com sensibilização, anterior.

Seria algo que convidaria todo o grupo a pensar e, na verdade, uma postura a ser multiplicada continente afora. Formular projetos de intervenção nas escolas e em meios de formação de professores não indígenas, com vistas a afetá-los, seduzí-los com estas tantas dimensões de nossa ancestralidade, levar elementos de nossas experiências, teorizações, filosofias, sabedorias, estéticas e sutilezas do modo de ser indígena, seriam as linhas principais desta primeira garatuja.

Claro que os espaços de sensibilização não precisariam ficar restritos a estes dois, anteriormente citados, no entanto, nos parecem os mais urgentes, neste momento. Trabalhar nossas terras para pensar educação indígena, os diálogos e futuros encaminhamentos ainda em formato de sonho no território do Rio Grande do Sul, como da universidade indígena, universidade nas aldeias, é questão básica e de primeira necessidade.

Acreditamos profundamente que, assim como nós, ao termos a oportunidade de nos aproximarmos destas realidades, conseguimos muito aprender e nos transformar, do mesmo modo que os relatos com os alunos da graduação falam por si, assim como sentimos que quando dialogamos sensivelmente com demais pares sobre o tema, a afetação se dá inevitavelmente, então, nossa conclusão é de que precisamos nos preparar e traçar estratégias de como realizar estas sensibilizações de modo a produzir bons efeitos.

Outra urgência que possuímos é de passarmos a estudar em conjunto, autores e temas ligados às necessidades de trabalho de cada integrante do grupo. A área de pesquisa é extensa, precisamos afinar conceitos, afiar olhares, palavras e compreensões sobre alternativas e subversões nas quais devemos incorrer em meio a um sistema que vai mal.

Do mesmo modo, pares já vêm se estabelecendo para escritas compartilhadas que possam expandir as trocas, as publicações, as divulgações e afirmação de lugares de pensamento e produções no meio acadêmico. Ainda há poucos espaços, especialmente em nossa região na universidade em que a educação indígena seja pensada. As práticas ainda são novidade ou desconhecidas para muitos dos professores. Acredito que há muitos quilômetros a inscrever para que possam ser mais familiares e reconhecidas em sua tamanha importância.

A abertura e interesse que vêm surgindo de espaços acadêmicos como nas universidades no México e Colômbia para intercâmbios, pesquisas e formações para estudantes não indígenas e indígenas, do Brasil, nesta área, é também, certamente, espaço de fortalecimento e da maior relevância. Aliás, locais cuja cultura de pensar os povos indígenas, até mesmo dentro do nosso país, são mais antigas e extensas, inclusive porque são locais em que esta população é muito mais numerosa, são sempre espaços com os quais contamos, já, como locais em potencial para interlocução, aos quais podemos recorrer às produções já existentes e modelos de funcionamento, assim como devemos, em breve, passar a incrementar as visitas e abrir mais túneis destes locais até o nosso, para que as vias permaneçam mais facilitadas e se consagrem.

Também muito ainda temos que produzir para pensar a ampliação das escolas nas comunidades dos arredores, uma vez que, na aldeia onde permaneci este ano, por exemplo, o ensino vai até a quinta série. Evidentemente, os ideais apontam para terceiro grau, nas aldeias. Durante este ano recebemos a visita de representantes do vestibular indígena da UFSM. A UFRGS também já possui esta modalidade.

Do mesmo modo, pensar mais extensamente sobre nossas responsabilidades enquanto colegas e pesquisadores em relação aos colegas indígenas que ingressam nos programas de graduação e pós-graduação, me parece tema para muito trabalho também. Que acolhimentos, que amparos, que diálogos com colegas e demais professores cabe a

nós estabelecer? Que pedidos também nós podemos fazer a eles em nossas pesquisas neste tema?

Nossos colegas kaingang, do pós-graduação, têm tido papel fundamental nas pesquisas dos não indígenas, orientam, supervisionam, ensinam, esclarecem, grandes parceiros nas discussões e excelentes colegas. Também a possibilidade de contar com a presença de intelectuais indígenas, por exemplo, nos momentos das apresentações das pesquisas, como no caso das bancas de mestrado e doutorado, é uma oportunidade de começarmos a fortalecer as práticas de trânsito, interlocuções, visibilidades e novos hábitos. Assim também, a iniciativa de reafirmar as possibilidades para o ensino dos idiomas indígenas, na universidade, é de grande importância e imensa ajuda para os profissionais que trabalham com esta realidade.

Muitas já são as aberturas que se deram, neste caminho, na realidade, em pouco tempo. Acreditamos que a escolha e dedicação a estas descobertas poderão contribuir de muitas formas e, do meu lado, consiste, neste momento, com evidência, na constatação de um desejo por algo, neste caso, particular, norteador e insubstituível. O caminho para as aldeias guarani assumiram a via real para a realização de muitas coerências. Esperamos que este achado ainda tenha consequências também raras, com muitas delicadezas e alguma resposta, é claro, à altura do que o povo mbyá e todos aqueles que participaram desta expedição, me oportunizaram encontrar.

REFERÊNCIAS

BALBO, Gabriel. **“O trançamento do caso - escrita e apresentação de um caso a partir do enodamento do Real, Simbolico e Imaginario”**. Porto Alegre, 2012. Comunicação oral.

BERGÈS, Jean & BALBO, Gabriel. **O jogo de posições mãe-criança. Ensaio sobre o transitivismo**. CMC. Porto Alegre, 2002.

BERGÈS, Jean & BALBO, Gabriel. **Psicose, autismo e falha cognitiva**. CMC. Porto Alegre, 2003.

BERGÈS, Jean; BERGÈS-BOUNES, Marika; CALMETTES-JEAN, Sandrine. **O que aprendemos com as crianças que não aprendem?** CMC. Porto Alegre, 2008.

BEYER, Esther S. W. Apreciação musical por músicos experientes. In. BEYER, Esther S. W.; KEBACH, Patrícia C. (Orgs). **Pedagogia Da música. Experiências de apreciação musical**. Porto Alegre. Mediação, 2011.

BEYER, Esther S. W. Cante, bebê, que eu estou ouvindo: do surgimento do balbucio musical. In. BEYER, Esther S. W.; (Org). **O som e a criatividade. Reflexões sobre experiências musicais**. Santa Maria. editoraufsm, 2005.

BEYER, Esther S. W. As aprendizagens no Projeto “Música para Bebês”. In. GOBBI, Valéria (Org). **Questões de Música**. Passo Fundo. UPF editora, 2004.

BERGAMASCHI, maria Aparecida. NHEMBOÉ! Enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias guarani. Tese de doutoramento apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação na UFRGS. Porto Alegre, 2005.

BUARQUE, Chico. **Budapeste**. Companhia das Letras. Rio de Janeiro, 2003.

CAGODAN, León. **Textos míticos de lós Mbyá-Guarani del Guairá**. Boletim nº 227 – Antropologia, nº 5. São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1992.

CASTARÈDE, Marie-France. **Les vocalises de la passion: psychanalyse de opera.** Paris. Armand Colin, 2002.

CASTARÈDE, Marie-France. **La voix et ses sortilèges.** Les Belles Lettres. Paris, 2000.

CAON, José Luiz. **O pesquisador psicanalítico e a pesquisa psicanalítica.** Em: Filosofia e psicanálise: um diálogo. EDIPUCRS. Porto Alegre, 1999.

CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise.** Artes Médica. Porto Alegre, 1995.

DAVIS-FLOYD, Robbie. **Perspectivas antropológicas del parto y el nacimiento humano.** Creavida. Buenos Aires, 2009.

DIDIER-WEILL, Alain. **Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud.** Companhia de Freud. Rio de Janeiro, 1999.

DIDIER-WEILL, Alain. **A nota azul. Freud, Lacan e a arte.** Contra Capa. Rio de Janeiro, 1997.

DIDI-HUBERMANN, Georges. **Ouvrir Venus.** Gallimard. Paris, 1999.

DUMÉZIL, Claude. **Le trait Du cas. Le psychanalyste a la trace.** Point hors ligne. Paris, 1989.

FAGETTI, Antonella. **Los que saben.** Puebla, 2003.

FLEIG, Mario. **Corpo, gozo e circuito pulsional.** Correio da APPOA, 58. Porto Alegre, 1998.

FOLBERG, Maria Nestrovsky; PAIM, Rose Maria de oliveira. **Educação desencantada.** Porto Alegre: EST, 2009.

FOLBERG, Maria Nestrovsky. **Seminário avançado: segundo Jean Bergès e Jacques Lacan: o que aprendemos com as crianças que não aprendem?** Porto Alegre: UFRGS, 2009. (Comunicação oral)

FOLBERG, Maria Nestrovsky. **Seminário avançado: continuando a lógica do fantasma: o ato psicanalítico em Lacan.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. (Comunicação oral)

FOLBERG, Maria Nestrovsky. Seminário avançado: continuando o ato psicanalítico em Lacan (Seminário 1967/1968). Porto Alegre: UFRGS, 2010. (Comunicação oral)

FOLBERG, Maria Nestrovsky. Seminário avançado: Seminário de Lacan sobre o livro 18: De um discurso que não fosse semblante. Porto Alegre: UFRGS, 2011. (Comunicação oral)

FOLBERG, Maria Nestrovsky. Seminário avançado: Seminário de Lacan sobre o livro 20: Mais ainda. Porto Alegre: UFRGS, 2012. (Comunicação oral).

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo**. In Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, V. XXIII. Imago. Rio de Janeiro, 1990.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. In Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, V. XVIII. Imago. Rio de Janeiro, 1990.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. In Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, V. XXI. Imago. Rio de Janeiro, 1990.

FREUD, Sigmund. **Pulsões e destinos da pulsão**. In Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, V. IX. Imago. Rio de Janeiro, 1990.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. In Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, V. XIII. Imago. Rio de Janeiro, 1990.

JONES, Ricardo H. **Memórias do homem de vidro. Reminiscências de um obstetra humanista**. Ideias a granel. Porto Alegre, 2008.

JONES, Ricardo H. **Curso de introdução à humanização do nascimento**. Espírito Santo, 2010, 32 f. (Texto digitado).

KUSCH, Rodolfo. **América Profunda**. Editorial Fundación Ross. Córdoba, 2000.

KUSCH, Rodolfo. **El pensamiento indígena y popular em América**. Editorial Fundación Ross. Córdoba, 2000.

- Kusch, Rodolfo. **La seducción de la barbárie**. Editorial Ross. Córdoba, 2000.
- LA NASCITA ESTATICA. IL SECRETO CELATO**. Debra Pacalli Bonaro. Bambini Nuovi per l'uomo del futuro edizione, 2011.
- LACAN, Jacques. **Seminário 7. A ética da psicanálise**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1997.
- LACAN, Jacques. **Seminário 1. Os escritos técnicos de Freud**. Jorge Zaher. Rio de Janeiro, 1996.
- LACAN, Jacques. **Seminário 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Jorge Zahar. Porto Alegre, 1988.
- LACAN, Jacques. Os nomes do pai. **Che vuoi? Psicanálise e cultura 1**, Coop. Jacques Lacan. Porto Alegre, 1963.
- LAJONQUIÈRE, Leandro. **Para repensar as aprendizagens**. Vozes. Rio de Janeiro, 1993.
- LAZNIK, Marie-Christine. **A voz da sereia. O autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Salvador. Ágalma, 2004.
- LAZNIK, Marie-Christine. **Rumo à palavra. Três crianças autistas em psicanálise**. São Paulo. Escuta, 1997.
- LÉVIS-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Companhia das Letras. São Paulo, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Papyrus. Campinas, 1997.
- MELMAN, Charles. **Para introduzi à Psicanálise nos dias de hoje**. CMC. Porto Alegre, 2009.
- MENEZES, Ana Luisa de & BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Educação ameríndia. A dança e a escola guarani**. Edunisc. Santa Cruz, 2009.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Martins Fontes. São Paulo, 1994.

MIGNOLO, Walter. **The Idea of Latin America**. Malden, MA: Blackwell Publishing 2005.

RIBEIRO, Darcy. **Religião e Mitologia Kadiuéu**. Serviço de proteção ao índio. Rio de Janeiro, 1950.